

Gladys M. Ghizoni Teive  
Biblioteca Particular

QUARTO LIVRO

— DE —

# Leituras Infantis

(APANHADOS E FACTOS HISTORICOS)

POR

Francisco Furtado Mendes Vianna

INSPECTOR ESCOLAR NO DISTRICTO FEDERAL  
EX-LENTE DO GYMNASIO ESTADUAL DE CAMPINAS, EX-PROFESSOR BA ESCOLA MODELO  
E DA 2.<sup>a</sup> ESCOLA COMPLEMENTAR DE S. PAULO

Approved e mandado ado-  
ptar nas escolas publicas do  
Districto Federal

5.<sup>a</sup> EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES  
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro  
SÃO PAULO | BELLO HORIZONTE  
129, Rua Libero Badaró | Rua da Bahia, 1052

1928

*Gladys M. Ghizoni Teive*  
Biblioteca Particular

*A' veneranda memoria de seu tio*

*Dr. GODOFREDO JOSÉ FURTADO*

*ao qual deve sua educação  
após os 12 annos de idade;*

*A seu professor*

*Snr. JOÃO MONTENEGRO CORDEIRO*

*que desde cedo lhe incutiu o prazer de co-  
nhecer os grandes typos da Humanidade,*

*Ao Dr. ALVARO BAPTISTA*

*a cuja espontanea escolha deve o cargo que ora  
occupa e que, como Director Geral de Instrucção  
Publica do Districto Federal, soube dar o melhor  
exemplo de dedicação e de inteireza de character,*

O. e D.

*O Autor.*

*Rio de Janeiro, 1918.*

**Gladys M. Ghizoni Teive**  
**Biblioteca Particular**

3784

FRANCISCO VIANNA

## LEITURAS INFANTIS

(Série de livros de leitura corrente)

**Cartilha** (pela sentencição subordinada á introdução gradual das consoantes). (\*)

**Primeiros Passos** (Cartilha que só differe da anterior por ter cada lição precedida por uma parte nova que permite applicar a syllabação, si assim o julgarem necessario os professores ainda não convencidos das vantagens da sentencição).

**Leitura Preparatoria**, para logo depois da Cartilha (de collaboração com Miguel Carneiro Junior).

**Primeiro Livro**

**Segundo** "

**Terceiro** "

**Quarto** " (Apanhados e factos historicos).

(\*) **Considerações geraes sobre a apprendizagem da leitura** (Folheto de distribuição gratuita).

**Pequena Historia do Brazil.**

**Caderno de Escripta**, auxiliar da Cartilha (unico).

**Novos cadernos de Linguagem**, série de 10 numeros, com gravuras para descripções e composições.

**Novo methodo de Calligraphia Vertical**, em 6 cadernos.

**Novo methodo de Calligraphia Americana (inclinada)**, em 6 cadernos.

**Elementos de Trigonometria.**

## PREFACIO DA 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Em 1908, na 1.<sup>a</sup> Edição da LEITURA PREPARATORIA, ao caracterizar o plano da serie "Leituras Infantis", dizia eu: "No 4.<sup>o</sup> Livro, finalmente, deverão ser cultivados os sentimentos civicos e de fraternidade universal em sua quasi plena generalidade, por meio de exemplos historicos bem caracteristicos".

Os trabalhos de revisão de edições, que se succediam rapidamente, levaram-me em 1911 á Europa com o fim de refundir e estereotypar esta serie. Pretendia, então, aproveitar minha longa estadia por lá, onde me não escasseariam as precisas fontes, para organizar este Quarto Livro. Circumstancias especiaes fizeram-me desistir de tal intento, para occupar-me com a Cartilha.

Algun tempo depois planejava inteiramente os detalhes deste livro, mas, não só varios trabalhos supervenientes, publicos e privados, que me absorviam os curtos lazeres de uma vida afanosa, como tambem perturbaciones de saude, não me permittiram cuidar de sua execução. Em Junho de 1917 iniciei-o na esperança de dal-o a lume no principio do anno que ora finda. Outras perturbaciones, em particular as péssimas disposições em que a guerra deixava a quantos têm preoccupações de ordem social, e trabalhos resultantes de haver sido forçado a voltar a imprimir todos os meus livrinhos no Brazil, obrigaram-me novamente a suspender a organização deste, a qual só pude reencetar agora, em fins de 1918.

Esta explicação tornava-se necessaria; poder-se-ia suppor que eu levára nove annos a escrevel-o e, em consequencia, não se me perdoariam as muitas faltas e os defeitos com que deve sahir este livro. De alguns sei eu muito bem, tanto que desaparecerão nas proximas edições; outros conseguirei dentro em breve perceber; boa parte, contudo, naturalmente dos que resultam de minha propria insufficiencia, precisará ser-me apontada, em especial pelos Snrs. Professores.

Do plano a que obedece ha indicação sufficiente e clara na primeira lição — *Aos pequenos leitores*. Presumo que o reputarão bom. Todavia é mister que se verifique si a execução acompanhou assás a concepção.

A proposito deste, como de outros livros da série, devo dizer que é de lastimar verem-se ainda as creanças constringidas a ler os livros usuaes, mesmo os dos paizes mais adeantados, em vez das obras primas da literatura universal no que ellas têm de accessivel. Infelizmente a situação actual ainda não nos permite adoptar as ultimas. Mas, é de

todo indispensavel para as leituras escolares quaesquer concorram sempre para a elevação, para a cultura moral, numa palavra, para a educação do espirito e do coração.

Ora, ao enfrentar a responsabilidade de escolher livros primarios de leitura, constatei que os existentes estavam exigindo duas modificações fundamentaes, uma referente aos assumptos e outra ao objectivo final que vizavam. Quanto aos assumptos, porque me parecia imprescindível dar-lhes um character mais accentuadamente educativo, moral, porém, de accôrdo com a indole, a comprehensão e as propensões infantis; quanto ao objectivo final, porque pareciam todos organizados, menos com o fim fundamental de educar o espirito e o coração do que com o de proporcionar directamente os recursos de expressão, encarada quasi que apenas quanto á correcção e á elegancia.

Sob o primeiro aspecto, fazia-se necessario crear na leitura um ambiente de moralidade, educativo, são, e não repetir phrases, definições, conselhos e maximas abstractas, de reacção assás problematica; sob o segundo, fazer predominar no principio a preocupação com a clareza na linguagem, evitando-se torturar as creanças com trechos incompreensíveis, impingidos a pretexto de habilital-as a bem falar e escrever, sendo que por isto se entendia, repitamol-o, quasi que sómente a expressão correcta e literaria.

Ninguem mais do que eu admira a fôrma bella, o estylo escorreito e elegante. Longe de mim, portanto, desprezar a aquisição do manejo integral e attrahente da mais bella das artes — a da palavra. Mas o que todos carecem antes de tudo é manejar a lingua para exprimirem com clareza os seus sentimentos e pensamentos; apenas uma minoria poderá aspirar ás honras de estylista ou de escriptor. Além disso não ha fôrmas bellas apreciaveis com pensamentos e sentimentos mediocres. O assumpto é, pois, em qualquer producção literaria, o elemento fundamental. Muito embora tal asserção possa ser taxada de *calinada*, vejo-me na contingencia de lembra-la, porquanto ha livros em que a preocupação do estylo foi absoluta, exclusiva, já porque fragmentaram elevadas bellezas de concepção, para exhibirem tão sómente a expressão, já porque não fizeram mais do que cobrir com pedaços de formosos ornamentos um assumpto pobre e mediocre.

O effeito de leituras dessa ordem é simplesmente desastroso, pois que, por um lado, a creança nem aproveita para a comprehensão do mundo, nem siquer adquire maior capacidade de traduzir as suas como as alheias idéas; por outro, vai creando verdadeiro rancor, ou ao menos indifferença, pelo mais extenso meio de enfronharmo-nos na vida da Humanidade, o qual, bem adquirido, nos proporciona prazer tão vivo que se torna habito imperioso. E, desgraçadamente, os que, por tão viciosa fôrma, tomam gosto pela leitura, são frequentemente ainda mais prejudicados e prejudiciaes; adquirem o vicio de encher papel com palavras mais ou menos sonoras ou peregrinas, periodos mais ou menos arredondados, imagens mais ou menos bellas ou audaciosas, sobre... cousa nenhuma ou puerilidades equivalentes. Essa perversão do incomparavel meio de communicação, privilegio exclusivo da especie humana,

quando o consideramos em todo o seu prodigioso surto, vem então a reflectir-se sobre boa parte da massa de seus contemporaneos.

O ideal é o assumpto nobre bellamente descripto. E' o que sabem fazer os grandes escriptores, conscios, porém, de que todo o instrumento se subordina ao uso. Em 1911, ao preconizar a sentencição para o ensino da leitura aos analfabetos, dizia eu, referindo-me ao papel da leitura: "Só ha verdadeiramente tal ensino quando estes sons vão corresponder em nosso cerebro a idéas, pensamentos e sentimentos bem nitidos. Tal é a funcção explicita da leitura. Mas, a esta funcção se associam muitas outras implicitas, quiçá mesmo de maior importancia para o individuo considerado em si. A primeira é a de desenvolver a linguagem, isto é, proporcionar aos nossos orgams de expressão maior numero de elementos, maior riqueza de construcção, maior clareza, correcção e elegancia na enunciação do que nos agita a alma; a segunda, a da aquisição de innumerados conhecimentos de toda a ordem, os quaes, não só enriquecem a nossa intelligencia, como, o que é de maior valor, a estimulam, robustecem e consolidam; a terceira, admittindo que as producções lidas não sejam mediocres, a de melhorar a nossa natureza moral, fazendo-nos participar das grandes e favoraveis emoções que têm agitado a Humanidade em geral, sobretudo em seus typos mais eminentes; a quarta, finalmente, pela reacção da linguagem sobre a concepção, a de tornar nossas idéas mais claras e consolidadas e até mesmo os nossos sentimentos mais intensos". (1)

Seja como fôr, uma vez que a expressão tem de estar sempre subordinada á concepção, é a esta que compete o papel de elemento coordenador. Ainda que se pretenda desenvolver a capacidade de expressão, não se poderá fazel-o attendendo apenas á forma: é mistér, ainda assim, cuidar mais da concepção, porque só as idéas elevadas e bellas podem ir permittindo a assimilação do estylo apropriado a realçal-as. Assim como todos já estão hoje convencidos de que a grammatica não é meio de adquirir a correcção, de que a creança não falaria com maior clareza si lhe dêssemos as regras de logica, assim tambem é preciso que todos se capacitem de que as fôrmas bellas em assumptos mediocres ou em excerptos, cortados a tesoura, tendo em vista sómente a linguagem, perdem toda a efficacia para a fecunda formação de um estylo util.

Eis porque cumpre consagrar ao assumpto a maior parte dos commentarios, que devem ser feitos na ordem seguinte: 1.º, quanto aos sentimentos, pensamentos e idéas; 2.º, quanto ás circumstancias de espaço e de tempo; 3.º, quanto ás imagens. Só depois se passará a considerar o estylo, no qual serão examinadas, de accôrdo com o valor decrescente, as tres qualidades — clareza, correcção e belleza.

Os commentarios sobre o estylo devem ser assás sobrios e nunca devem descahir em regras grammaticaes ou citações de trechos isolados. O tempo que os alumnos perderiam em decorar as primeiras (para dentro em pouco esquecel-as novamente), poderá com grande vantagem ser

(1) Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura (Distribuição gratuita.)

aproveitado no próprio lar, na leitura de algumas obras primas, nunca em trechos, pois que estes constituem quasi sempre a unica forma de tornar mediocres as maiores bellezas literarias. Um EURICO, um PAULO E VIRGINIA, um MARTYRES DO CHRISTIANISMO, um D. QUIXOTE, desenvolvem-nos muito mais a capacidade de expressão do que o conhecimento da mais perfeita das grammaticas (apenas uteis para os que sabem) ou da mais completa e variada das selectas.

Quanto ao assumpto, convem, pelo contrario, o mais largo commentario, uma exploração conscienciosa, completa, interessante e viva, para que de cada leitura se possam haurir todos os ensinamentos que comporta. Especialmente para com as poesias, já pela forma de construcção, já pelo vocabulario, já pelas imagens, faz-se mistér uma explicação do sentido muito bem feita, a qual é assás frequentemente substituida por fastidioso exercicio de synonymia. Sem esta exploração ficam por vezes inapercebidas gemmas preciosas; sem ella concorreremos fatalmente para que as creanças, que aliás revulam espontanea predilecção por essa forma literaria, se entediem com os versos que lhes damos.

Os poetas são ou precursores dos philosophos, ou propagadores das idéas, das theorias, das interpretações de cada época, ou idealizadores de eras que já se foram. Veja-se, por exemplo, o *Y-Juca-Pyrama*: que manancial abundante, bello, precioso, não é elle para o conhecimento e a explicação da alma fetichista! O seu commentario vale pela mais coordenada lição sobre habitos dos indigenas. Parte por parte, verso por verso, palavra por palavra, tudo nelle traduz admiravelmente a vida e as idéas fundamentaes dos nossos infelizes selvicolas.

As poesias que figuram neste livro foram escolhidas com o intuito de completar a concepção das épocas ás quaes se referem os capitulos correspondentes. Exigem, em consequencia, que o professor as aproveite como applicações estheticas dos themas já tratados. Assim, por exemplo, o soneto de Camões, *Sete annos de pastor Jacob servia*, permite um commentario sobre a organização da familia no governo patriarchal.

Si não fora mencionado explicitamente este criterio, a selecção ficaria passivel de acerbas criticas, visto como não curei de apresentar as nossas mais notaveis produções poeticas pelo estylo e pelo assumpto. As que figuram neste livro valem apenas como preciosas e agradaveis illuminuras para as épocas correspondentes.

Embora quasi todas as considerações acima feitas se achem no espirito da maioria dos professores, ainda assim precisam ser repetidas, pois algumas nem sempre são convenientemente attendidas na pratica.

Rio de Janeiro, Novembro de 1918.

FRANCISCO VIANNA.

## Aos pequenos leitores

E' ao rubro alvorecer do quarto anno da monstruosissima guerra em que o desconhecimento das leis do progresso humano lançou todo o mundo civilizado, que eu, meus caros meninos, inicio este trabalhinho, de ha muito planejado, mas que só agora me é dado escrever.

A Humanidade vinha evoluindo numa relativa paz; parecia que a guerra, cuja funcção progressista de ha muito se extinguiu, se havia tornado impossivel entre os nucleos mais adeantados na civilização. Pois exactamente a nação que, entre os desconhecedores do verdadeiro progresso, que comprehende sempre o gradativo aperfeiçoamento moral, que se reflecte sempre num augmento de bondade, e não apenas nas applicações da sciencia na industria, no commercio e na agricultura, era considerada como a mais adeantada, quando na realidade figurava apenas em ultimo lugar entre os cinco principaes povos europeus, desencadêa essa formidavel conflagração, julgando ser-lhe ainda licito reviver eras que se não podem repetir.

Pareceu a principio que todas as grandes conquistas sociaes iam sossobrar; pareceu que a civili-

zação era impotente para supprimir o maior flagello do mundo — a guerra; pareceu que a bondade crescente dos homens não se reflectia sobre as nações; pareceu que, ainda mesmo que os ultimos se tornassem incontestavelmente melhores, deixassem de ser lobos, aquellas tinham de dobrar-se ao duro destino de continuarem a ser pantheras, sempre promptas e dispostas a se lançarem sobre as mais fracas, dilacerarem-n'as, sugarem-lhes o sangue, a actividade, a vida. A confiança no progresso humano haqueou nos espiritos de convicções menos firmes e o scepticismo, isto é, a descrença de um melhor futuro, assentou novamente a tenda em muitos corações bem formados. A Humanidade estremecia attonita ante os monstruosos attentados commettidos; não era o sangue vertido, não eram os campos talados, não eram as cidades arrazadas, não eram a industria e o commercio paralyzados, não eram, em duas palavras, a perda de vidas e a anniquilação da riqueza humana o que mais sacudia de indignação e lançava o desanimo, o scepticismo; não, tres vezes não, mil vezes não.

O que assustava a todos os paizes, com excepção dos dois mais culpados que se haviam associado friamente para essa nefanda empreitada, era o naufragio apparente das conquistas mais difficeis para a natureza humana, as moraes, as relativas especialmente á bondade, e que já pareciam estar de facto incorporadas ao patrimonio da civilização, pelo menos da occidental ou européa.

Estar-se-ia, quanto á bondade, o mais nobre dos sentimentos altruistas, condemnado ao supplicio de

Tantalo? Pois, então, esta virtude, praticada entre os individuos, cada vez em maior escala e com maior apuro, não deveria prevalecer nas relações entre os povos? Toda ella parecia ruir...

Felizmente parecia apenas, porquanto, na realidade, isto não se dava, tanto assim que aquelles paizes ficaram quasi isolados, emquanto a maioria das nações civilizadas se organizava, se associava frateralmente contra o inesperado ataque, demonstrando, no caso da Belgica, com a mais assombrosa, extraordinaria e absoluta abnegação, que a bondade era um facto, uma realidade palpavel, uma conquista irrefutavel da civilização.

Desappareceu o scepticismo, refez-se a confiança, mesmo mergulhados na lucta, como estamos todos, comquanto tenha de permanecer uma profunda tristeza, por vermos a bondade ainda tão pouco desenvolvida, que não tenha impedido o retorno a meios tão cruéis e de ha muito quasi abandonados pela Humanidade.

Esta criminosissima guerra, pelas suas proporções, pelas suas consequencias, veio demonstrar que a Humanidade precisa assentar a organização do seu trabalho na sciencia e na industria, garantido cada vez mais por um inabalavel regimen de paz. E' preciso que ella feche, de uma vez para todas, o cyclo das criminosas guerras da idade moderna.

Dentro em breve, os nossos irmãos que mais concorreram para ella, hão de convencer-se de quanto estavam transviados no seu modo de encarar o progresso e de quanto tiveram embotados os seus senti-

mentos altruistas. Então, hão de comprehender que, em sua evolução, a Humanidade não pára nem retrograda. As gerações actuaes são melhores, mais conscientes e capazes de maior actividade do que as anteriores e a de nossos filhos será felizmente melhor do que a nossa. A virtude vai sendo cada vez mais facil e mais commum, em consequencia desse aperfeiçoamento geral da natureza humana e dos progressos materiaes realizados.

Talvez encontrareis alguns mais velhos e experientes que sorriam do que ora acabo de affirmar-vos, que o neguem, que o contraditem mesmo. Lêde este livro com attenção e sentireis, talvez mesmo vos convencereis, que a verdade está commigo.

O homem nasce com sentimentos egoistas e altruistas. Os primeiros, que impellem o individuo a cuidar de si ou dos outros para si, são muito intensos, emquanto que os segundos, que nos levam a cuidar dos outros por amor delles proprios, são, pelo contrario, bem fracos. Mas aquelles vão sendo regulados, contidos e comprimidos, sem desaparecerem, ao passo que o apego, a veneração e a bondade vão augmentando gradativamente. Estes sentimentos bons fazem parte integrante de nossa natureza moral e manifestam-se não só no homem, como até nos animaes superiores, os mammiferos e as aves.

Este livrinho propõe-se a mostrar ás creanças que a Humanidade se tem tornado cada vez menos imperfeita, tendendo para um regimen de felicidade relativa de que todos partilhem, que o homem sempre manifestou bons sentimentos e que a pratica das boas

acções, daquellas que redundam em beneficio de outrem, se vai tornando accessivel a um numero de homens progressivamente maior, de maneira que os bons se tornam cada vez melhores e os maus menos maus.

*Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és*, sentenciava o philosopho grego Socrates, ha 23 seculos. Pois bem, elle queria com isto significar que a imitação tem uma consideravel influencia na nossa formação moral e, portanto, na nossa conducta. Ora, em geral, nós tendemos a imitar os que nos são superiores, pois do contrario o progresso humano seria impossivel. Eis porque, em geral, tendemos a procurar a companhia dos entes que nos são realmente superiores ou que julgamos taes. A veneração vem a ser um incontestavel propulsor de acções dignas, pois quem admira é levado a imitar. Dahi a vantagem de convivermos com os mais dignos, com os typos mais elevados da nossa especie. Para com os que vivem a escolha nem sempre é possivel. Mesmo reconhecendo-lhes graves defeitos e imperfeições, somos forçados frequentemente a viver em companhia de parentes e extranhos e ainda a tolerarmos com paciencia e resignação todas as consequencias dessas imperfeições. Outrotanto, porém, já se não dá para com os typos que fornece o passado. A inflexivel Historia já examinou, já pêsou, já distribuiu os feitos de maior influencia, já appreciou quasi sempre com imparcialidade o merito das acções e o de seus orgams principaes, isto é, dos homens que se constituiram os interpretes das phases mais notaveis da evolução humana. Raramente, rarissimamente mesmo, os orgams desses

progressos capitaes foram mediocres. Na maioria dos casos elles se chamaram Moysés, Homero, Archimedes, Cesar, S. Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico, Bichat, Augusto Comte, para não citar sinão os mais notaveis, e caracterizaram-se por uma tal elevação que só lucraremos em conviver com elles pelo espirito, conhecendo-lhes a vida, estudando-lhes a grandeza de alma, a dedicação, os serviços, etc. Eis porque poderemos parodiar Socrates, da seguinte fórma: *Dize-me o que lês, dir-te-ei quem és.*

Pois bem, comquanto nesta obrinha não se encontrem biographias, acharão as creanças muitos factos relativos á vida de typos eminentes da nossa especie, os quaes demonstrarão de fórma irrefutavel que, em todas as épocas, os sentimentos nobres, altruistas, sempre existiram.

Mas, como estes sentimentos evoluíram, isto é, se desenvolveram, faz-se mistér, para bem comprehendel-os, conhecer a época, as idéas, a fórma de sentir, os habitos, etc., que prevaleciam então. E' claro que um mesmo homem, que de nascença seja muito bom, transportado ao ver a luz para uma tribu de selvagens e por elles educado, não póde manifestar a sua bondade da mesma fórma que entre os civilizados: a bondade neste ultimo caso será bem mais apurada.

Eis porque foi necessario fazer um rapido esboço do modo de pensar, sentir e agir para as phases mais caracteristicas da historia da Humanidade. E' claro que essas apreciações muito succintas da marcha da civilização atravez dos tempos não podem ser muito

faceis. Os meninos, porém, aos quaes este livro é destinado, já devem ter o habito de estudar, de meditar, de indagar, de solicitar de seus mestres a explicação das partes que não entenderem bem, mas que, no entanto, lhes são accessiveis na essencia. Por mais difficeis, e aparentemente mais aridos para as creanças, não são taes resumos menos necessarios do que os factos das vidas dos grandes homens. Estes agem directamente sobre o coração, concorrem, como exemplos, para a formação do character, pelo apuramento dos sentimentos; a parte puramente historica fala mais á intelligencia, fórma convicções, idéas mais claras, destinadas a reagir sobre a comprehensão; eis porque exigem leitura mais meditada e explicada. Não nos basta ser santos: é-nos preciso ser santos esclarecidos, intelligentes. Assim, comquanto a simples leitura dos factos referentes aos grandes typos seja sempre vantajosa, sua efficacia dobra quando, pela leitura da parte historica, convenientemente explicada e commentada pelo mestre, as creanças adquirem a convicção de que o aperfeiçoamento moral, intellectual e mesmo physico, é uma realidade. A confiança que o homem adquire então em suas forças multiplica estas e dá-lhe uma coragem e uma firmeza que de outra fórma não obtem. Porque, si os meninos não verificarem que, com o transcórre dos tempos, acções que em épocas remotas só eram praticadas pelas almas de elite, o são hoje pelas mais vulgares, como se hão de suppôr capazes de fazer mais do que as gerações de que provieram?

Talvez, meus pequenos leitores, me objectareis que a leitura da parte historica, por difficil, vos é penosa. Pois bem, vós todos vêdes vossas mães, vossos paes, vossos irmãos mais velhos, todos quantos vos rodeam, dando o exemplo, não apenas do amor ao trabalho, mas até de verdadeiro prazer por este. Ora, a historia prova que o homem primitivo detestava por tal fórma o trabalho, que tinha até a grosseria de lançal-o sobre a mulher, verdadeira escrava sua, por ser physicamente mais fraca.

Outrotanto vos succederá, ao entenderdes os resumos da parte historica: ireis sentindo a soberba magestade da evolução da especie humana, a principio apenas uma das innumeras especies animaes que povoavam o globo terraqueo. Sahida dessa obscura situação, não sómente pelo esforço de seus typos mais eminentes, mas por uma collaboração da quasi totalidade dos individuos que a compõem em cada época, ella se foi distanciando por tal fórma, que durante muito tempo a consideraram como constituindo um grupo inteiramente á parte da animalidade. Hoje, que a sciencia demonstra que somos apenas os mais elevados e perfeitos dos seres animaes, a nossa confiança deve augmentar, isto é, a certeza de que, por nossos proprios esforços, poderemos alcançar ainda uma organização social que nos permita uma existencia feliz. Veremos accrescido o nosso natural prazer de viver e nos tornaremos mais aptos para praticar o bem, sem sacrificios individuaes, e attenuar os males inevitaveis, uns resultantes do mundo (inundações, tempestades, terremotos, etc.) e outros da im-

perfeição de nossa natureza (molestias, accidentes de trabalho, crimes, etc.).

O que quer, pois, que tenhaes de vir a ser no futuro, meninas e meninos, tereis de collaborar para a felicidade geral, sem a qual a vossa não seria possível, visto como, na actualidade, ninguem mais póde julgar-se venturoso, vendo ou sabendo que ha, seja lá onde fôr, uma parte da especie humana soffrendo males sanaveis ou curaveis. A verdade é que já collaboraes, desde pequeninos, na proporção da bondade que ides manifestando, do aproveitamento que ides revelando em vossos estudos, do esforço que ides patenteando na actividade, nas obrigações, nos pequenos trabalhos domesticos de que fordes encarregados por vossos progenitores, porquanto a satisfação, o prazer, as alegrias que sentimos por vermos os nossos filhos a se tornarem cada vez melhores, estabelece em nossos lares um ambiente de tranquillidade, de ventura, de confiança e de esperança, que nos permite, quer nas funcções publicas, quer nas domesticas, agir com maior efficacia. Eis como qualquer menino ou menina pode servir á sua Familia e, indirectamente, á sua Patria e até á Humanidade.

Neste livro encontrareis, em primeiro lugar, apanhados geraes referentes ás principaes phases da historia da Humanidade; em segundo, resumos do papel de certos povos na antiguidade ou de certas épocas modernas; em terceiro, factos da vida dos grandes homens, e, em quarto, finalmente, poesias relativas ás concepções de cada época.

A authenticidade daquelles factos, ou, pelo menos, a provavel veracidade dos que se referem aos typos mais primitivos, deve ser não só um incentivo para vós, como tambem um meio de retel-os melhor.

Não vos esqueçaes do que foi dito atraz sobre o nosso continuo aperfeiçoamento. Assim como hoje os homens mais mediocres conseguem adquirir e applicar conhecimentos que exigiram por parte dos sabios as mais profundas observações e meditações, os mais dolorosos esforços, assim tambem quasi todos nós poderemos praticar hoje o bem, sem que esta pratica requiera de nós o gráo de elevada abnegação dos grandes santos, canonizados ou não. O meio em que vivemos, o progresso, numa palavra, facilita-nos tudo. E' indispensavel, entretanto, ter presente a maxima — *Chega-te aos bons e serás um delles.*

Que as lições deste livro vos despertem o enthusiasmo pelo que é nobre, a veneração e o desejo de imitar os typos mais notaveis da nossa especie; que ellas fomentem em todos vós o desejo de conhecel-os melhor, quer pelas respectivas biographias, quer através de suas obras, desde já, quando se tratar de escriptores que vos sejam accessiveis. Varias destas obras representam fantasias, porém fantasias uteis, porque elevam o homem, desenvolvem os seus sentimentos nobres e comprimem os grosseiros. As creanças de vossa idade não se devem limitar ao unico livro de leitura da escola: vossos paes deverão proporcionar-vos boas leituras, isto é, de obras que possaes entender e que, além de uteis para o vosso coração, para o vosso espirito e a vossa futura vida pratica, vos dêem

tambem prazer. E' na idade em que vos achaes que se adquirem o habito e o prazer da leitura. Si a deixardes passar, mais tarde difficilmente, pelo menos para a maioria, os obtereis.

Oxalá algum de vós possa, no porvir, em trabalho menos imperfeito do que ora vos ponho nas mãos com todo o carinho, applicar ao seu aquelles celebres versos com que o maior poeta de nossa lingua, Camões, abre a monumental epopéa dos feitos luzitanos:

As armas e os barões assignalados

.....  
Cantando espalharei por toda a parte  
Si a tanto me ajudar o engenho e arte,

Rio de Janeiro, Julho de 1917.

FRANCISCO VIANNA.

## Comparação entre o estado primitivo da Terra e o actual

Haverá quem, contemplando a Terra, não perceba desde logo que deve ter havido uma época em que ella não era como é hoje? Quem não notará desde logo que as cidades, as estradas, os caminhos de ferro, as pontes, os tunneis, os canaes, os portos, só poderiam ter sido construidos muito lentamente, com uma paciencia extrema, com um trabalho por demais arduo, após innumeradas pesquisas, á custa de grande dedicação e de innumeráveis e dolorosos sacrificios? O proprio sólo revela quanto a acção do homem modificou o seu aspecto, quer o consideremos quanto ao relevo, quer mesmo quanto á natureza de sua vegetação.

Comparaes os campos e as florestas que ainda hoje nos restam meio virgens com aquelles que a incessante actividade do homem já transformou: que extraordinaria differença entre uns e outros! Nestes é o trigo, é o arroz, é a batata, é o milho, é o centeio, que nos nutrem; é o canhamo, o linho, o algodão, que nos fornecem os elementos do vestuario; é o pinheiro, o carvalho, o cedro, a peroba, o jacarandá, com que construimos as casas, os moveis, as pontes, os vehi-

culos terrestres e as embarcações; sempre util, a sua vegetação, comquanto uniforme por trechos ou mesmo immensas extensões, não é menos bella do que aquella com que a natureza virgem veste o sólo não desbravado e ainda não aproveitado systematicamente pela Humanidade. Nuns é a ordem, a produção maxima, o util já escolhido, já destinado; nos outros, com a exuberancia e a mais prodigiosa variedade, é a desordem, o acaso, o util intimamente emaranhado ao inutil e mesmo ao prejudicial; é o vago, o indeterminado, o desconhecido.

Ora, si a Terra nos revela, num simples golpe de vista, quanto esforço, quanta intelligencia, quanta dedicação, em summa, que colossal acção continua, de todas as horas, de todos os minutos, de todos os instantes, foi necessaria a todas as aggremações humanas, para que seu solo fosse adaptado ao serviço da commodidade, da conveniencia e da facilidade da vida de nossa especie, afim de que esta só encontrasse elementos favoráveis á sua existencia, avaliae que maior esforço deve ter exigido a transformação do homem primitivo, ser que pouco differia dos animaes superiores, como os macacos, por exemplo, no que elle actualmente é, tão distanciado que tem até uma pronunciada tendencia em desconhecer que aquelles outros animaes são como que seus irmãos inferiores!

Imaginae o homem sem vestuario e sem casas; sem outras armas de defesa contra as feras do que um galho arrancado ás arvores ou uma pedra; caçando nos campos e nas florestas, á espreita da presa que passa; subindo pelas arvores para colher os fructos,

bebendo com o concavo da mão ou com o largo limbo de alguma folha, na mesma fonte em que os animaes estancam a sua sêde; curtindo o frio, supportando as intemperies, tendo apenas por abrigo a gruta natural ou a caverna que elle cavou com as mãos ou com uma lasca de páo ou de pedra na encosta da montanha; comendo com os animaes, dormindo após a satisfação de sua fome; não lavrando a terra, não fabricando o vestuario, não erguendo habitações, não sabendo curar-se quando doente! Eis o homem primitivo!

Sua vida, na realidade, pouco mais era então do que a de um carneiro, de um boi, de um gato, de um macaco!

No entanto, elle já possuia algumas qualidades em gráo mais elevado do que no resto da animalidade; pensava e, sobretudo, amava mais do que os outros animaes, e, com um orgam de linguagem mais desenvolvido e suas mãos mais adequadas ao exercicio da actividade, já ia procurando, dia a dia, melhorar a sua situação e a da sua prole. E, homem ou mulher, todo individuo da nossa especie foi sentindo e verificando que só poderia verdadeiramente melhorar as condições de sua existencia, associando-se aos seus semelhantes, collaborando, com os seus esforços em favor delles, constituindo a Familia, formando a Tribu, organizando, em uma palavra, as sociedades.

Esta vida, em commum, foi tornando o homem cada vez melhor, já apurando os seus instinctos, já robustecendo as suas faculdades intellectuaes com o enriquecimento das noções, não só adquiridas pelos contemporaneos, como accumuladas por seus ante-

passados e as quaes lhe iam sendo transmittidas pela linguagem, já desenvolvendo systematicamente as suas forças, de modo a empregal-as, em um gráo cada vez mais elevado, no aproveitamento de todos os elementos favoraveis á sua existencia, e de modo a remover, annullar e destruir os que a perturbam.

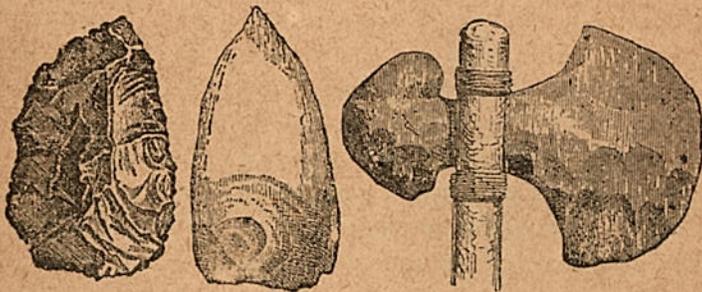
E, passo a passo, muita vez sem consciencia de seu trabalho, todos foram trazendo a sua pedrinha para essa prodigiosa construcção que é a vida moderna, de cujas vantagens todos usufruimos e na qual tambem collaboramos.

A Terra foi inteiramente explorada, na sua superficie e em suas entranhas, quer na sua crosta até uma certa profundidade, quer nos fluidos, oceanos ou atmosphaera.

Pois bem, vamos narrar-vos summaria e rapidamente quaes foram os passos mais notaveis dessa marcha triumphal, ainda que vagarosa, do homem sobre a Terra e principalmente do homem sobre si mesmo, emprehendida, nem sempre com consciencia nitida do fim, para que aquella venha a ser o nosso paraíso e que a Humanidade, sem ser toda constituída de anjos, possa viver nella verdadeiramente feliz.

## Tempos prehistoricos — Fetichismo

A principio o homem viu-se, entre os outros e innumerados animaes que existiam desde remotissimas idades sobre a superficie da Terra e que lhe disputavam a posse desta, nú e sem armas para defender-se. Mas, dentro em breve, um primeiro acaso mostrou-lhe como a sua força, a sua acção destruidora, ficava multiplicada com o auxilio de um ramo. Depois da



Machados de sílex

pedra, o seu primeiro projectil, foi o ramo de arvore a sua primeira arma. Mais tarde, conhecedor da dureza de certas pedras, entre ellas a de uma chamada sílex, que ainda hoje se usa no isqueiro, associou a pedra ao ramo, embutindo-a na extremidade deste e

formando assim um machado primitivo. Este, brandido com violencia, valia, e de sobra, pelos meios de defeza de que eram dotados os outros animaes. E, provavelmente, esta primeira arma se transformou desde logo em primeiro instrumento, si é que se não deu o inverso.

Um pouco mais tarde, a descoberta da flexibilidade do lenho de certos vegetaes levou-o á invenção do arco e da flexa. A associação da ponta de pedra á extremidade da flexa permittiu muito maior exito no ferir quer a preza, quer a fera.

Atraz do machado veio naturalmente, quasi sem intervallo, o martello e tambem a raspadeira, com que limpava as pelles, e depois a agulha com que as costurava, para formar vestes muito rudimentares.

Com estas armas e instrumentos muito simples, mais simples mesmo do que os que ora são usados pelas tribus mais selvagens das épocas contemporaneas, os homens primitivos sustentaram contra os abundantes animaes, alguns de grande porte e ferocidade, luctas titanicas. Sobretudo depois que um outro acaso lhes fez descobrir a fórmula de accender o fogo, de que algum cerebro mais intelligente dessas remotissimas eras soube tirar immediatamente partido evidente e notavel, começaram a esboçar realmente os primeiros especimens da industria humana.

A esta primeira idade dos homens primitivos, que se caracteriza por serem os instrumentos feitos de pedra apenas lascada, foi dada a denominação de *idade paleolithica*, ou da pedra velha.

Quanto observou, quanto aprendeu, quanto des-

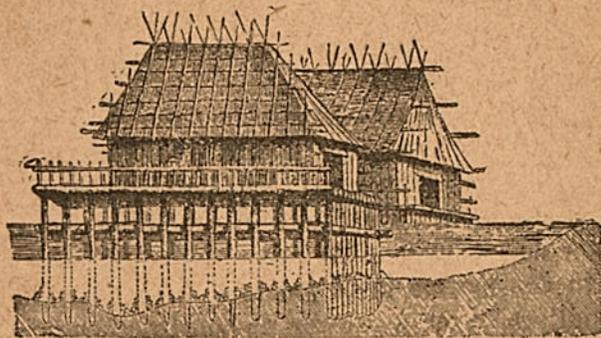
cobriu, quanto inventou e organizou o homem nesta época?

Sem poder determinar precisamente quaes todos os resultados do formidavel esforço que representa esta extensissima quadra, devemos, no emtanto, admitir que foi nella que o homem eliminou quasi completamente da superficie da Terra um certo numero de especies de animaes, cuja existencia era incompativel com a sua, e reduziu consideravelmente a abundancia de outros; que foi distinguindo quaes os vegetaes que mais se prestavam á sua alimentação e quaes os venenosos; que aprendeu a caçar e a pescar. Começou tambem a organização da familia e a formação de pequenos bandos, em torno de um chefe, naturalmente o mais forte e de mais vasta experiencia pessoal.

Mais tarde, num outro largo periodo, que recebeu no estudo da evolução humana, a designação de *idade neolithica* (da pedra nova), o homem aprende a polir a pedra com que fabricava as suas armas e os seus instrumentos, de fórmula que estes, assim aperfeiçoados, se tornam de maior efficacia. Já era um passo consideravel, a que o maior trato com o fogo permittiu juntar a industria da *ceramica*, isto é, a de cozer o barro moldado sob varias formas, como vasos, panellas, etc.

Nessa idade, provavelmente para com mais facilidade se subtrahirem á guerra que lhes moviam certos animaes, os homens construíram dentro dos lagos, proximo ás margens, as chamadas habitações lacustres

ou *palaffitas*, que se apoiavam sobre uma estacaria de troncos. O estudo dos objectos encontrados nas



Habitações lacustres

palaffitas revelam que os seus habitantes já conheciam a agricultura, pois dentro dos vasos têm sido achados grãos de cereaes, como trigo, cevada, centeio; que já tinham conseguido a domesticação de varios animaes e tambem iniciado a industria dos tecidos.

A domesticação dos animaes, permittindo ao homem utilizar-se delles para os serviços mais grosseiros, para obter a lã e productos de alimentação, constitue um extraordinario progresso de cuja importancia só nos damos inteiramente conta imaginando a falta que ainda hoje nos fariam o boi, o carneiro, o cavallo, o cão, o porco, etc.

E' preciso reconhecer que tal domesticação foi mais devida á propria natureza dos animaes, cujos sentimentos benignos, cujo bom natural os impellia

espontaneamente a associarem e subordinarem sua vida á dos homens, do que mesmo á habilidade e ao poder de que estes já dispunham sobre elles. Isto nos deve levar a sermos mais gratos e mais bondosos para com esses nossos primitivos e ainda hoje preciosísimos collaboradores.

A familia ia-se organizando melhor; os velhos começavam a ser venerados e seus conselhos já eram ouvidos; as mulheres, com a sua bondade superior á dos homens, iam abrandando a crueldade primitiva destes e desenvolvendo-lhes os sentimentos altruistas. O culto dos mortos já se patenteia com a instituição da sepultura, como o provam as construcções do typo *tumulus* encontradas em varias regiões.

De caçadores e pescadores, que eram, foram-se tornando agricultores, passando lentamente da vida nomada á vida sedentaria.

A agricultura, forçando o homem a arar o sólo, a revolver a terra, conduziu á descoberta dos metaes e á sua utilização, sobretudo depois que a experiencia lhe revelou que, fundindo-os, ou simplesmente aquecendo-os assás, podia dar-lhes as mais variadas formas. Da descoberta do cobre e do estanho, nasceu a liga dos dois, a que se denomina *bronze*. Este, além de outros empregos, substituiu, então, e com incalculáveis vantagens, a pedra, na maioria das armas e dos instrumentos. E, por largo espaço de tempo, usa o homem do bronze, até que, muito mais tarde, descobre o ferro, que só se funde numa temperatura muito elevada e que é bem mais difficil de trabalhar.

Foi nesse grande periodo que a linguagem humana,

preciosíssimo instrumento que ia permittindo a transmissão da experiencia e resultados adquiridos ás gerações futuras, teve a sua elaboração fundamental.

Depois de constituirem a familia, foram formando aggremações mais vastas, as tribus, que obedeciam a um chefe. As povoações ampliaram-se e passaram a formar cidades. De progresso em progresso, com um gradativo estreitamento de relações, motivadas pelo interesse, pelas necessidades, pelas affeições, as tribus e cidades de um mesmo territorio formaram os povos, que passaram a ser governados por um chefe geral, a que os demais prestavam obediencia e que se chamava rei.

Os homens destas épocas eram fetichistas. Não podendo explicar os phenomenos que se passavam em redor delles, attribuiam aos corpos inanimados as mesmas faculdades dos seres animados e a alguns daquelles, como destes, poderes superiores aos dos proprios homens, poderes que lhes permittiam dispôr dos destinos destes. Dahi a adoração, o culto, a primeira religião.

O facto dos homens primitivos, como os selvagens actuaes, serem fetichistas, levava-os a sympathizar com todos os seres, e, portanto, a desenvolver os seus sentimentos bons, apesar da intensidade natural dos instinctos egoistas, sempre mais fortes, e que tendiam então a dominal-os inteiramente. A propria adoração para com os fetiches malfazejos, obrigava os homens primitivos a desenvolverem, pelo respeitoso temor que aquelles lhes infundiam, o sentimento da veneração e o habito da subordinação.

## I

No meio das tabas de amenos verdores,  
 Cercadas de troncos — cobertas de flores,  
 Alteiam-se os tectos de altiva nação;  
 São muitos seus filhos, nos animos fortes,  
 Temiveis na guerra, que em densas cohortes,  
 Assombram das matias a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,  
 Já prélios incitam, já cantam victoria,  
 Já meigos attendem á voz do cantor:  
 São todos Tymbiras, guerreiros valentes!  
 Seu nome lá vòa na bocca das gentes,  
 Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus vizinhas, sem forças, sem brio,  
 As armas quebrando, lançando-as ao rio,  
 O incenso aspiraram dos seus maracás:  
 Medrosos das guerras que os fortes accendem,  
 Custosos tributos ignavos lá rendem,  
 Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,  
 Onde ora se aduna o concilio guerreiro  
 Da tribu senhora, das tribus servis;  
 Os velhos sentados praticam d'outr'ora,  
 E os moços inquietos, que a festa enamora,  
 Derramam-se em torno de um indio infeliz.

Quem é? — Ninguem sabe: seu nome é ignoto,  
 Sua tribu não diz: — mas de um povo remoto  
 Descende por certo — de um povo gentil;  
 Assim lá na Grecia, ao escravo insulano  
 Tornavam distincto do vil musulmano  
 As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahiu prisioneiro  
 Nas mãos dos Tymbiras; — no extenso terreiro  
 Assola-se o tecto, que o teve em prisão;  
 Convidam-se as tribus dos seus arredores,  
 Cuidosos se incumbem do vaso das cores,  
 Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,  
 Entesa-se a corda de embira ligeira,  
 Adorna-se a maça com pennas gentis:  
 A custo, entre as vagas do povo da aldeia  
 Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,  
 Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,  
 Affeitas ao rito da barbara usança,  
 O indio já querem captivo acabar:  
 A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,  
 Brilhante enduape no corpo lhe cingem,  
 Sombreira-lhe a frente gentil kanitar.

## II

Em fundos vasos de alvacenta argilla  
 Ferve o cauim;  
 Enchem-se as copas, o prazer começa,  
 Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte aneiam,  
Sentado está,  
O prisioneiro, que outro sol no occaso,  
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,  
Mostra-lhe o fim  
Da vida escura, que será mais breve  
Do que o festim!

Comtudo os olhos de ignobil pranto  
Seccos estão;  
Mudos os labios não descerram queixas  
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não pode,  
Em rugas faz  
A mentirosa placidez do rosto  
Na frente audaz!

Que tens guerreiro? Que temor te assalta  
No passo horrendo?  
Honra das tabas que nascer te viram,  
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes  
Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos  
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,  
Lá murcha e pende:  
Sómente ao tronco, que devassa os ares,  
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,  
Como viveu;  
E o caçador que o avistou prostrado  
Esmoreceu!

Que temes, oh guerreiro! Além dos Andes  
Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos  
Da fria morte.

## III

Em larga roda de novéis guerreiros  
Ledo caminha o festival Tymbira,  
A quem do sacrificio cabe a honra.  
Na frente o kanitar sacode em ondas,  
O enduape na cinta se embalança,  
Na dextra mão sopesa a iverapeme,  
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo  
Collar de alvo marfim, insignia de honra,  
Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,  
Como que por feitiço não sabido  
Encantadas ali as almas grandes  
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem  
Serem gloria e brazão de imigos ferros.  
“Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;  
“Pois que fraco e sem tribu, e sem familia,  
“As nossas mattas devassaste ousado,  
“Morrerás morte vil da mão de um forte.”  
Vem a terreiro o misero contrario;  
Do collo á cinta a musurana desce:  
“Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,  
“Ou, si te apraz, defende-te!” Começa  
O indio, que ao redor derrama os olhos,  
Com triste voz que os animos commove.

## IV

Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,  
Que agora anda errante,  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci:  
Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,  
De tribus imigas,  
E as duras fadigas  
Da guerra provei;  
Nas ondas mendaces  
Senti pelas faces  
Os silvos fugaces  
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,  
Lidei cruas guerras,  
Vaguei pelas serras  
Dos vis Aymorés;  
Vi luctas de bravos,  
Vi fortes — escravos!  
De estranhos ignavos  
Calcados aos pés.

E os campos talados,  
E os arcos quebrados,  
E os piagas coitados  
Já sem maracás;  
E os meigos cantores,  
Servindo a senhores,  
Que vinham trahidores,  
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo  
Meu ultimo amigo,  
Sem lar, sem abrigo,  
Cahi juncto a mi!  
Com placido rosto,  
Seren e composto,  
O acerbo desgosto  
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado  
Já cego e quebrado,  
De penas ralado,  
Firmava-se em mi:  
Nós ambos, mesquinhos,  
Por invios caminhos,  
Cobertos de espinhos  
Chegamos aqui!

O velho, no emtanto,  
Soffrendo já tanto  
De fome e quebranto,  
Só q'ria morrer!  
Não mais me contenho,  
Nas mattas me embrenho,  
Das frechas que tenho  
Me quero valer.

Então, forasteiro,  
Cahi prisioneiro  
De um troço guerreiro  
Com que me encontrei:  
O cru dessocego  
Do pae fraco e cego,  
Emquanto não chego,  
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia  
Na noite sombria,  
A só alegria  
Que Deus lhe deixou:  
Em mim se apoiava,  
Em mim se firmava,  
Em mim descanzava,  
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado,  
De penas ralado,  
Já cego e quebrado,  
Que resta? — Morrer.  
Emquanto descreve  
O gyro tão breve  
Da vida que teve,  
Deixae-me viver!

Não vil, não ignavo,  
Mas forte, mas bravo,  
Serei vosso escravo:  
Aqui virei ter.  
Guerreiros, não córo  
Do pranto que chóro,  
Si a vida deploro,  
Tambem sei morrer.

## V

Soltai-o! — diz' o chefe. Pasma a turba;  
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,  
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!  
Brada segunda vez com voz mais alta;  
Affrouxam-se as prisões, a embira cede,  
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.  
— Tymbira, diz o indio enternecido,  
Solto apenas dos nós que o seguravam;  
E's um guerreiro illustre, um grande chefe,  
Tu que assim do meu mal te commoveste,  
Nem soffres que, transposta a natureza,  
Com olhos onde a luz já não scintilla,  
Chore a morte do filho o pae cançado,  
Que sómente por seu na voz conhece.  
— E's livre; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pae.

— Não voltes!  
E' bem feliz, si existe, em que não veja,  
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!  
— Acaso tu suppões que me acobardo,  
Que receio morrer!

— E's livre; parte!  
— Ora não partirei; quero provar-te  
Que um filho dos Tupis vive com honra,  
E com honra maior si acaso o vencem,  
Da morte o passo glorioso affronta.  
— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,  
E tu choraste!... parte; não queremos  
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: arfando em ondas  
O rebater do coração se ouvia  
Precipite; do rosto afogueado  
Gelidas bagas de suor corriam:  
Talvez que o assaltava um pensamento...  
Já não... que na enlutada phantasia,  
Um pezar, um martyrio ao mesmo tempo,  
Do velho pae a moribunda imagem  
Quasi a bradar-lhe ouvia: — Ingrato! Ingrato! —  
Curvado o collo, taciturno e frio,  
Espectro de homem, penetrou no bosque!

## VI

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;  
Aqui vos trago provisões: tomae-as,  
As vossas forças restaurae perdidas,  
E a caminho, e já!

— Tardaste muito!  
Não era nado o sol, quando partiste  
E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,  
Perdi-me nessas mattas intrincadas,  
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;  
Convem partir, e já!

— Que novos males  
Nos resta de soffrer? que novas dores,  
Que outro fado peor Tupan nos guarda?  
— As settas da afflicção já se exgottaram,  
Nem para novo golpe espaço intacto  
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!  
— Talvez do afan da caça...

— O' filho caro!  
Um quê mysterioso aqui me fala,  
Aqui no coração; piedosa fraude  
Será por certo, que não mentes nunca!  
Não conheces temor, e agora temes?  
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,  
E contra o seu querer não valem brios.  
Partamos!...

E com mão tremula, incerta,  
Procura o filho, tacteando as trevas  
Da sua noite lugubre e medonha.  
Sentindo o acre odor das frescas tintas,  
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...  
Do filho os membros gelidos apalpa,  
E a dolorosa maciez das plumas  
Conhece estremecendo: foge, volta,  
Encontra sob as mãos o duro craneo,  
Despido então do natural ornato!...  
Recúa afflicto e pavido, cobrindo  
A's mãos ambas os olhos fulminados;  
Como que teme ainda o triste/velho  
De ver, não mais cruel, porém mais clara,  
Daquelle exicio grande a imagem viva  
Ante os olhos do corpo afigurada.  
Não era que a verdade conhecesse

Inteira e tão cruel qual tinha sido;  
 Mas que funesto azar correra o filho,  
 Elle o via; elle o tinha ali presente;  
 E era de repetir-se a cada instante,  
 A dor passada, a previsão futura  
 E o presente tão negro, ali os tinha;  
 Ali no coração se concentrava,  
 Era num ponto só, mas era a morte!  
 -- Tu prisioneiro, tu?

— Vós o dissestes.

— Dos indios?

— Sim.

• — De que nação?

— Tymbiras.

— E a musurana funeral rompeste,  
 Dos falsos manitós quebraste a maça..  
 — Nada fiz... aqui estou.

— Nada! —

Emmudecem;

Curto instante depois prosegue o velho:  
 — Tu és valente, bem o sei; confessa,  
 Fizeste-o. certo, ou já não fôras vivo!  
 — Nada fiz, mas souberam da existencia  
 De um pobre velho, que em mim só vivia. .  
 — E depois?...

— Eis-me aqui.

— Fica essa taba?

— Na direcção do sol, quando transmonta.

— Longe?

— Não muito.

— Tens razão: partamos.

— E quereis ir?... — Na direcção do occaso.

## VII

“Por amor de um triste velho,  
 Que ao termo fatal já chega,  
 Vós, guerreiros, concedestes  
 A vida a um prisioneiro.  
 Acção tão nobre vos honra,  
 Nem tão alta cortezia  
 Vi eu jamais praticada  
 Entre os Tupis, — e mais foram  
 Senhores em gentileza.

“Eu porém nunca vencido,  
 Nem nos combates por armas,  
 Nem por nobreza nos actos;  
 Aqui venho, e o filho trago.  
 Vós o dizeis prisioneiro,  
 Seja assim como dizeis;  
 Mandae vir a lenha, o fogo,  
 A massa do sacrificio  
 E a musurana ligeira;  
 Em tudo o rito se cumpra!  
 E quando eu fôr só na terra,  
 Certo acharei entre os vossos,  
 Que tão gentis se revelam,  
 Alguem que os meus passos guie,  
 Alguem, que vendo o meu peito  
 Coberto de cicatrizes,  
 Tomando a vez de meu filho,  
 De haver-me por pae se ufane!”

Mas o chefe dos Tymbiras,  
 Os sobrolhos encrespando,  
 Ao velho tupi guerreiro  
 Responde com torvo accento:

“— Nada farei do que dizes;  
E’ teu filho imbelle e fraco!  
Aviltaria o triumpho  
Da mais guerreira das tribus  
Derramar seu ignobil sangue:  
Elle chorou de cobarde;  
Nós outros, fortes Tymbiras,  
Só de heroes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro  
A surda voz na garganta  
Faz ouvir uns sons confusos,  
Como os rugidos de um tigre,  
Que pouco a pouco se assanha!

## VIII

“Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
Possas tu, descendente maldicto,  
De uma tribu de nobres guerreiros,  
Implorando cruéis forasteiros,  
Seres presa de vis Aymorés.

“Possas tu, isolado na terra,  
Sem arrimo e sem patria vagando,  
Rejeitado da morte na guerra,  
Rejeitado dos homens na paz,  
Ser das gentes o espectro execrado;  
Não encontres amor nas mulheres;  
Teus amigos, si amigos tiveres,  
Tenham alma inconstante e fallaz!

“Não encontres doçura no dia,  
Nem as cores da aurora te ameiguem,  
E entre as larvas da noite sombria  
Nunca possas descanso gozar:  
Não encontres um tronco, uma pedra,  
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a frente pousar.

“Que a teus passos a relva se torre,  
Murchem prados, a flor desfalleça,  
E o regato que limpido corre,  
Mais te accenda o vesano furor;  
Suas aguas depressa se tornem,  
Ao contacto dos labios sedentos,  
Lago impuro de vermes nojentos,  
Donde fujas com asco e terror!

“Sempre o céu, como um tecto incendiado,  
Creste e punja teus membros maldictos  
E o oceano de pó denegrado  
Seja a terra do ignavo Tupi!  
Miseravel, faminto, sedento,  
Manitós lhe não falem nos sonhos,  
E de horror os espectros medonhos  
Traga sempre o cobarde após si.

“Um amigo não tenhas piedoso/  
Que o teu corpo na terra embalsame,  
Pondo em vaso de argilla, cuidadoso,  
Arco e frecha e tacape a teus pés!  
Sê maldicto e sosinho na terra!  
Pois que a tanta vileza chegaste,  
Que em presença da morte choraste,  
Tu, cobarde, meu filho não és.”

## IX

Isto dizendo, o miserando velho,  
 A quem Tupan tamanha dor, tal fado  
 Já nos confins da vida reservára,  
 Vae com tremulo pé, com as mãos já frias  
 Da sua noite escura as densas trevas  
 Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára;  
 O grito que escutou é voz do filho,  
 Voz de guerra que ouviu já tantas vezes  
 Noutra quadra melhor. — Alarma! Alarma!  
 — Esse momento só vale apagar-lhe  
 Os tão compridos transes, as angustias,  
 Que o frio coração lhe atormentaram  
 De guerreiro e de pae: — vale, e de sobra.  
 Elle, que em tanta dor se contivera,  
 Tomado pelo subito contraste,  
 Desfaz-se agora em pranto copioso,  
 Que o exaurido coração remoça.  
 A taba se alvorota, os golpes descem,  
 Gritos, imprecações profundas soam,  
 Emmaranhada a multidão braveja,  
 Revolve-se, ennovela-se confusa,  
 E mais revolta em mór furor se accende.  
 E os sons dos golpes que incessantes fervem,  
 Vozes, gemidos, estertor de morte  
 Vão longe pelas ermas serranias  
 Da humana tempestade propagando  
 Quantas vagas de povo enfurecido  
 Contra um rochedo vivo se quebravam.  
 Era elle, o Tupi; nem fôra justo  
 Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,  
 Aturado labor de tantos annos,  
 Derradeiro brazão da raça extincta,  
 De um jacto e por um só se anniquilasse.

— Basta! Já clama o chefe dos Tymbiras,  
 — Basta, guerreiro illustre! assás luctaste.  
 — E para o sacrificio é mister forças! —  
 O guerreiro parou, cahiu nos braços  
 Do velho pae, que o cinge contra o peito,  
 Com lagrimas de jubilo bradando:  
 “Este, sim, que é meu filho muito amado!  
 E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,  
 Corram livres as lagrimas que choro,  
 Estas lagrimas, sim, que não deshonram.”

## X

Um velho Tymbira, coberto de gloria,  
 Guardou a memoria  
 Do moço guerreiro, do velho Tupi!  
 E á noite, nas tabas, si alguem duvidava  
 Do que elle contava,  
 Dizia prudente: — “Meninos, eu vi!

Eu vi o brioso no largo terreiro  
 Cantar prisioneiro  
 Seu canto de morte, que nunca esqueci:  
 Valente, como era, chorou sem ter pejo;  
 Parece que o vejo,  
 Que o tenho nest'hora deante de mi.

Eu disse commigo: Que infamia de escravo!  
 Pois não, era um bravo:  
 Valente e brioso, como elle não vi!  
 E a fé que vos digo: parece um encanto  
 Que quem chorou tanto,  
 Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Tymbira, coberto de gloria,  
 Guardava a memoria  
 Do moço guerreiro, do velho Tupi.  
 E á noite, nas tabas, si alguém duvidava  
 Do que elle contava,  
 Tornava prudente: "Meninos, eu vi!"

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

## O canto do piaga

### I

Oh guerreiros da taba sagrada,  
 Oh guerreiros da tribo Tupi,  
 Falam deuses nos cantos do piaga,  
 Oh guerreiros, meus cantos ouvi!

Esta noite — era a lua já morta —  
 Anhangá me vedava sonhar!  
 Eis na horrível caverna que habito,  
 Rouca voz começou-me a chamar!

Abro os olhos, inquieto, medroso,  
 Manitós! que prodigios que vi!  
 Arde o páo de resina fumosa,  
 Não fui eu, não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meus pés um phantasma,  
 Um phantasma de immensa extensão;  
 Liso craneo repousa a meu lado,  
 Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,  
 Todo inteiro — ossos, carne — tremi.  
 Frio horror me cõou pelos membros,  
 Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
 Oh guerreiros, o espectro que eu vi.  
 Falam deuses nos cantos do piaga,  
 Oh guerreiros, meus cantos ouvi.

### II

Porque dormes, oh piaga divino?  
 Começou-me a visão a falar:  
 Porque dormes? O sacro instrumento  
 De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume  
 Toda a face do sol offuscar;  
 Não ouviste a coruja, de dia,  
 Seus estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma,  
 Sem aragem — vergar-se e gemer,  
 Nem a lua de fogo, entre nuvens,  
 Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, o piaga divino!  
 E Anhangá te prohiibe sonhar!  
 E tu dormes, oh piaga, e não sabes,  
 E não podes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,  
 Ouve os sons do fiel maracá;  
 Manitós já fugiram da taba!  
 Oh desgraça! Oh ruina! Oh Tupá!

### III

Pelas ondas do mar sem limites  
 Basta selva, sem folhas, hi vem;  
 Hartos troncos, robustos, gigantes;  
 Vossas mattas taes monstros contêm.

Trazem embira dos cimos pendente  
 — Brenha espessa de vario cipó —  
 Dessas brenhas contêm vossas mattas,  
 Taes e quaes, mas com folhas, é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,  
 Brancas azas abrindo ao tufão,  
 Como um bando de candidas garças,  
 Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,  
 O marinho arcabouço arrancar?  
 Nossas terras demanda, fareja...  
 Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
 Não sabeis a que vem, o que quer?  
 Vem matar vossos bravos guerreiros,  
 Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos cruêza, impiedade,  
 Dons crueis do cruel Anhangá;  
 Vem quebrar-vos a maça valente,  
 Profanar manitós, maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
 Com que a tribu Tupi vae gemer;  
 Hão de os velhos servir-lhe de escravos,  
 Mesmo o piaga inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asylo,  
 Triste asylo, por invio sertão;  
 Anhangá de prazer ha de rir-se,  
 Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos deuses, oh piaga, conjura,  
 Susta as iras do fero Anhangá.  
 Manitós já fugiram da taba,  
 Oh desgraça! Oh ruina! Oh Tupá!

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

## Polytheismo

### I

Não ha povo algum que não tenha passado pelo periodo fetichista, isto é, que em sua phase inicial não haja explicado os factos, que se desenvolviam em torno d'elle, dotando todos os corpos de paixões, consciencia e vontades, analogas ás do homem. Assim como hoje a creança, ao esbarrar numa porta, por descuido proprio, vira-se muitas vezes contra a porta, zanga-se com esta, diz-lhe palavras desagradaveis e, por vezes mesmo, lança-se contra ella, dando-lhe um sôcco ou um ponta-pé, assim tambem o homem primitivo adulto suppunha que a pedra rolava pela encosta da montanha porque assim o queria, o rio deslizava pelas campinas porque isto lhe aprazia, a nuvem vagava pelos céos para satisfazer o seu desejo de deslocar-se. Emfim, elle assimilava os corpos inanimados e sem consciencia ao proprio homem.

Ora, como nestes phenomenos naturaes havia a manifestação de grandes forças, o homem começou a temer, a respeitar e depois a adorar um certo numero de seres e mesmo de phenomenos. Para semelhante adoração, esses seres foram representados em ma-

deira, em pedra, etc. e os phenomenos personificados; as representações materiaes dos seres constituíam os *fetiches*.

A adoração dos fetiches não exigia sacerdotes especiaes. Mas, a pouco e pouco, o homem foi percebendo que havia seres ou corpos de maior importancia, que dominavam os outros. Entre elles, em todos os povos, logo sobrelevaram os corpos e phenomenos celestes, que, em virtude de serem visiveis por vastas populações, deram lugar á *astrolatria*, modificação do fetichismo e que consistia em adorar os astros. Com effeito, quem poderia desconhecer, mesmo nessas épocas, a alta influencia do sol sobre a nossa vida, quem podia deixar de sentir a sua necessidade? Comquanto o sol assumisse sempre o papel mais importante, elle arrastou á adoração dos outros astros, da lua, dos planetas, do proprio céo, etc., adoração para a qual se tornou indispensavel a instituição de um sacerdocio.

Foi nesse estado que os portuguezes e hespanhóes, após o extraordinario empreendimento de Colombo, em 1492, vieram encontrar os selvagens das plagas americanas. Ainda nelle vivem alguns povos do globo. Na America, na Africa, na Oceania e até na propria Asia, ha ainda numerosos nucleos de populações que não sabem explicar os phenomenos de outra maneira. A propria China, com cerca de 400 milhões de almas, tem ainda uma religião astrolatrica.

Os povos da Europa Occidental e as antigas colonias desta na America acham-se hoje muito afastadas desse primitivo estado da Humanidade. Nem,

por isso, porém, devemos envaidecer-nos e desdenhar os povos ainda fetichistas, julgando-os incapazes de attingir aos esplendores da civilização moderna; não, visto que não sómente passamos pelo fetichismo e até mesmo pela anthropophagia, como, tambem, segundo ficou dito atraz, todos nós, apresentamos, em creança, essa phase de explicação fetichista. E mesmo, meus caros meninos, esta tendencia para a explicação primitiva nunca desaparece inteiramente de nossa natureza. Pois não é fetichismo quebrarmos por vezes violentamente uma penna, só porque ella, já estragada, está escrevendo mal? Pois tem ella consciencia, vontade, sentimento, para por elles ser culpada e punida? Que significa ainda, sinão puro fetichismo, julgar que o simples contacto de certas imagens póde curar molestias?

Com a adoração dos astros o homem preparou a transição para uma nova fórmula de explicar os phenomenos. De modificações em modificações, determinadas pela verificação de que existiam corpos des-tituídos de vontade, passaram os astros a ser tidos como deuses, isto é, como entidades acima dos seres naturaes, com os mesmos attributos essenciaes do homem, mas com uma capacidade de acção sobre os seres e os phenomenos que lhes permittia não só dominar-os, como tambem os proprios homens. Até então estes se sentiam inteiramente dominados pelos corpos materiaes. A criação das divindades, ás quaes elle julgava poder dirigir-se e dispôr a seu favor, especialmente pelos sacrificios, offerendas e homenagens, fez o homem sentir-se mais forte para reagir contra

esse dominio do mundo, para neutralizar a acção das forças brutas da natureza.

Ora, como os deuses eram concebidos ãmais perfeitos do que os homens, elles preferiam, na distribuição de suas graças e de seu amparo, os que se revelavam mais dignos. Eis como a crença nos entes sobrenaturaes concorria para aperfeiçoar o homem moral, intellectual e mesmo physicamente. Era preciso ser intelligente, ser forte, praticar grandes feitos, para agradar aos deuses, para merecer-lhes o auxilio contra a natureza e até contra os outros homens. Por outro lado, o reconhecimento de seres superiores desenvolveu na Humanidade o sentimento da veneração e o habito da subordinação.

A principio, taes divindades foram muitas. Havia deuses para tudo e deuses em toda parte: deus do raio, deus dos ventos, deus do mar, deus dos bosques, deus da guerra, deus do commercio, deusa da sciencia, deusa da belleza, etc. Mas, que era um deus para essa época? Um ser immortal, dotado de quasi illimitados poderes com relação a cada phenomeno ou a um certo numero de phenomenos, com os mesmos attributos que os homens, e, por isso, algumas vezes com os seus defeitos. Assim é que admittiam deuses vingativos. E' que então a vingança, sentimento hoje tão condemnado e condemnavel, era ainda muito vulgar. Alguns deuses presidiam mesmo á maldade, só aspiravam á desventura e ao desprazer para os homens. Pois ainda estes deuses, além de temidos, eram venerados e tinham altares, visto como o homem julgava necessario prestar-lhes seu preito,

para que elles não o perseguissem. Em algumas religiões, como acontecia com a dos persas, havia dois deuses principaes, um do bem e outro do mal.

Os povos fetichistas, que mais se desenvolveram a principio, foram, na Asia, a China, a India, a Chaldéa e a Persia, e, na Africa, o Egypto.

O Egypto e a Chaldéa deram ao fetichismo a forma astrolatrica, da qual passaram para o polytheismo, isto é, para a adoração de muitos deuses. Os dois povos, porém, em que o polytheismo attingiu ao seu grão de maximo desenvolvimento e de efficacia, foram o Grego, que habitava minusculo territorio no sul da Europa, e o Romano, que, na origem formado pela cidade de Roma, no Lacio, se estendeu primeiro por toda a Italia e depois pela Hespanha, pela França (nesse tempo Gallias), pelo sul da Allemanha e da Inglaterra, pelo norte da Africa e pela parte occidental da Asia.

Quer entre os gregos, quer entre os romanos, o deus principal era Jupiter, a mais poderosa das divindades, detentor do raio e ao qual os demais prestavam uma relativa obediencia; Apollo era o deus das artes e guia do Sol; Venus era deusa da belleza e do amor; Marte presidia á guerra; Mercurio era o do commercio e o mensageiro dos deuses; Saturno, o do tempo; Diana, a deusa da caça e a encarregada do curso da Lua; Neptuno, o deus do mar, etc.

Todos estes deuses, salvo o ultimo, Neptuno, estavam ligados a um astro, sol, lua ou planeta. Mas, além dos citados, muitos outros haviam sido instituidos, como Plutão, o dos Infernos, Minerva, a deusa

da sciencia, Vulcano, o do fogo, etc. Abaixo destes crearam ainda outros subalternos, como as musas, que presidiam ás artes (a dança, a musica, a poesia, etc.), as nymphas, que povoavam as montanhas, as florestas, os rios e os mares. Em uma palavra, para cada especie de phenomeno e, ás vezes mesmo, para cada lugar, havia um deus regulador ou protector.

Como as divindades foram instituidas por homens que se achavam num estado de atrazo relativamente consideravel, com os sentimentos e os instinctos ainda bem pouco apurados, a idealização dos deuses, a qual, em seu conjuncto constitue a *mythologia*, se reséntiu dessa situação, isto é, foi levada a represental-os com todas as qualidades e defeitos dos homens daquellas épocas. Com o transcorrer dos tempos, á medida que a natureza moral se ia aperfeiçoando, tambem a concepção dos deuses se ia modificando, de fórma que se lhes ia attribuindo uma notavel superioridade, mesmo moral, sobre os individuos da especie humana.

Com effeito, por tudo poder ser divinizado, os homens que se haviam notabilizado por uma acção relevante e util, ás vezes apenas por algum acto de suprema audacia, numa palavra, os heróes, eram respeitados, venerados e invocados como semi-deuses. Ora, quando examinamos os actos que lhes são attribuidos, constatamos que quasi todos redundaram em beneficio para a sociedade, o que leva a admitir que esses antigos e lendarios heróes eram bons e desinteressados. Para agradecer-lhes era indispensavel ser digno.

Além desse culto, havia sempre o dos antepassados ou mortos, o qual, pela circumstancia de esquecermos

facilmente os defeitos, para guardarmos a lembrança das virtudes dos que já desappareceram, muito concorria para melhorar os homens dessas épocas.

## II

Os povos, que se haviam tornado sedentarios durante o fetichismo, entraram em luctas frequentes. Os polytheistas mais adeantados, tendendo a formar aggremações mais vastas, foram dilatando os seus limites, mediante *guerras de conquista*, com as quaes, pela formação de um forte poder central, iam contendo a turbulencia dos vizinhos.

Os prisioneiros de guerra, que a principio eram exterminados, passaram a ser poupados e feitos escravos, já porque o desenvolvimento da bondade humana impellia os conquistadores a isto, já porque em outra guerra poderiam elles ser os vencidos, já, finalmente, porque a escravidão facilitava o progresso da industria. Esta, preparada pelo fetichismo, que se incumbira de desbravar o mundo das especies animaes e mesmo vegetaes mais nocivas, de domesticar os animaes e fazer prevalecer a existencia sedentaria, com a instituição da agricultura, só se tornou possivel verdadeiramente com o trabalho do escravo, porquanto o homem foi a principio, como tão bem o observamos com as creanças, rebelde ao exercicio regular e continuo da sua actividade; queria apenas exercer a sua actividade muscular, a seu bel prazer, de fórma irregular e intermittente. Ora, a vida do prisioneiro lhe era poupada para que elle,

tornando-se propriedade do vencedor ou do estado deste, servisse a um ou a outro. A instituição da escravidão representa de facto um progresso para essas éras.

Eis como, por toda parte, a sociedade se achava fundamentalmente constituída por homens livres e por escravos. A escravidão antiga, indispensavel para o progresso humano, não constituía nenhuma deshonra, pois igual sorte poderia estar reservada a qualquer homem livre até então. Todavia, não se deve concluir que a escravidão, mesmo na antiguidade, não apresentasse inconvenientes graves, os quaes se accentuaram com o evoluir da sociedade e levaram mais tarde, na Idade Média, á sua inteira supressão.

Seja dito de passagem que a diversidade das situações historicas não permite estabelecer nenhuma analogia entre tal instituição e a monstruosissima escravidão moderna, principalmente a dos africanos, a qual por tão longos annos ennodou os occidentaes, que a implantaram em suas colonias, especialmente nas americanas. Nossa patria, por infelicidade, só muito tarde, a 13 de Maio de 1888, se livrou dessa negregada mancha.

Os escravos antigos ficavam aggregados á familia. Podiam ser vendidos, doados e trocados por seus donos, que, ás vezes, os libertavam. Eram empregados em todos os mistéres, até mesmo nos de maiores responsabilidades, como de preceptores.

A vida civica, isto é, de serviço á cidade, á communhão, recebeu no polytheismo uma admiravel ex-

tensão e concorreu para que o homem desenvolvesse o sentimento de veneração, assim como o fetichismo determinára antes a cultura do apego. Basta attentar em que, pela insufficiencia de luzes por parte dos commandados, a direcção de massas consideraveis de homens na guerra exigia chefes cujos meritos e capacidades permittissem uma obediencia e acatamento quasi absolutos. A actividade era então essencialmente guerreira e offensiva, conquistadora. Por isso, quasi todo o homem, não escravo, era sempre um soldado combatente, dominado ainda por ardor bellicoso, não sopitado, que lhe proporcionava verdadeiro prazer.

No fetichismo, cada homem trabalha pela propria familia ou, melhor, pela sua propria posteridade; no polytheismo, não, elle se devota principalmente pela sua cidade, pela posteridade collectiva, por sua patria. Já é um ideal mais elevado, menos egoista, mais nobre, mais geral. Só mais tarde é que se multiplicam os exemplos de homens que se dedicam pela posteridade geral, pela Humanidade propriamente dita. Para esses, cujo alevantado escopo ainda não é comprehendido por muitos, todas as nossas acções, inclusive as politicas, têm de ser pesadas quanto ás consequencias que possam advir para a Humanidade em geral. E toda vez que ellas determinem apenas a satisfacção de conveniencias materiaes de cada Patria, prejudicando as outras ou compromettendo os principios moraes que devem regular a conducta das nações entre si, têm de ser condemnadas, repudiadas, até annulladas, si possível.

Roma, á custa dos mais tremendos sacrificios, sacrificios que não contavam ver compensados no decorrer da vida aquelles que os faziam, foi procurando estender o seu dominio atravez de todo o mundo então conhecido; a propria Grecia, ameaçada pela mais poderosa nação militar da época, cerca de 400 annos antes de Christo, prefere, á commodidade de dobrar-se ao jugo da Persia, reagir, e o sabe fazer por tal fórma, com tão admiravel energia, que, com Alexandre o Magno, os papeis se invertem e léva a guerra á Asia, vence quasi todos os povos que a haviam atacado e submete-os.

Vereis, por deante, exemplos do mais acrisolado civismo, não sómente entre os romanos, que foram os verdadeiros creadores da instituição da *Patria*, como da propria Grecia, apesar do estado de quasi continua turbulencia, em que, por lastimaveis rivalidades entre as suas cidades, sempre viveu, turbulencia tão perniciosa, que os romanos, mau grado toda a sua admiração pela sciencia e pela arte da Grecia, se viram constrangidos a conquistá-la e dominal-a.

No fetichismo, os orgams principaes para a disciplina eram os velhos. No polytheismo, comquanto a funcção destes não desaparecesse, como nunca desaparecerá, foram instituidos novos orgams, os sacerdotes, aos quaes não só competia esclarecer e aconselhar aos homens, como tambem manter a religião pelo culto.

Os reis em geral, afim de consolidarem melhor a sua autoridade, pretendiam descender dos deuses ou de herões deificados. Muitas vezes, porém, os pro-

prios chefes militares eram sagrados pelos sacerdotes. Isto tudo concorria para augmentar a veneração e instituir o habito da subordinação, bem difficil de se obter, como as creanças o devem sentir facilmente.

Nuns paizes, os sacerdotes ou foram os proprios governantes, ou prevaleceram sobre os reis, e, então, faziam a nação tender para uma actividade mais pacifica, como aconteceu no Egypto; noutros foram os reis, os chefes militares, como aconteceu na Grecia e em Roma, e os povos tenderam para a conquista.

A' Grecia coube principalmente o desenvolvimento da sciencia e das artes; a Roma, o da actividade, com as organizações politicas mais perfeitas da época; a primeira desenvolveu sobretudo a intelligencia; a segunda especialmente o caracter.

A historia grega começa cerca de 12 seculos antes de Christo e se estende até a conquista da Grecia pelos Romanos, no anno 146 A. C.; a de Roma, começa com a sua fundação, setecentos e tantos annos antes de Christo, até a quéda dessa gloriosa cidade em poder dos Hérulos, barbaros commandados por Odoacro, em 476 da era actual.

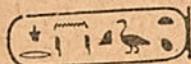
Não ha outros povos que tenham exercido uma influencia tão caracteristica quanto o Grego e o Romano, sobretudo quando consideramos a que vieram a ter, pelos seculos a dentro, em épocas nas quaes os povos occidentaes se achavam em situação relativamente inferior quanto á organização administrativa e quanto á cultura intellectual.

Vejamos de fórma muito succinta quaes as mais

notaveis conquistas da civilização realizadas no periodo polytheista.

A arithmetica do fetichismo não tinha ido além da multiplicação; no polytheismo pôde-se dizer que ella ficou essencialmente concluida e mesmo iniciada a algebra; fundaram-se a geometria e a astronomia, comquanto se continuasse a admittir que a Terra, cuja esphericidade ficou conhecida pela escola de Alexandria, era o centro do systema planetario; estabeleceram-se as primeiras noções de physica e até algumas de chimica; a historia natural foi iniciada com muitas e preciosas observações e ainda com rudimentares classificações dos animaes; tentaram-se os primeiros estudos sobre a sociedade, creou-se a Historia e, com os philosophos, a propria moral era abordada.

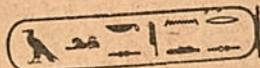
Para se communicarem graphicamente, os egypcios empregavam um systema chamado *hieroglyphico*,



Bérénice



Cléopâtre.



Alexandre

Escripta hieroglyphica

que era meio desenhado, meio escripto, isto é, em que havia objectos desenhados e signaes que representavam syllabas. Os Phenicios, que se caracterizaram pelo alto incremento dado ao seu commercio mari-

timo, e que, em consequencia, careciam de uma rapida e facil communicacão graphica, aperfeicoaram e simplificarão a escripta com a institucão do alphabeto, que entre elles contava 22 letras. Todos os outros povos, especialmente os de tendencias militares, foram adoptando esse aperfeicoamento da escripta, com ligeiras modificacões na fórma das letras e com a introducção de algumas novas.

Foi tambem nesse periodo que as leis, isto é, as regras a que se deviam sujeitar os cidadãos do mesmo paiz ou cidade, foram sendo estabelecidas. Alguns paizes eram monarchias, outros republicas. Na Grecia e em Roma, para a escolha das principaes autoridades politicas, adoptava-se a fórma electiva e, na maioria dos casos, a investidura se dava por prazos determinados.

Tambem as artes, como a pintura, a esculptura e a architectura, tomaram notavel impulso. Ainda hoje se conservam bellissimas estatuas e monumentos, muitos em ruinas, alguns quasi intactos, que, quer pela concepção, quer sobretudo pela execução, na Grecia especialmente e em suas colonias, e em geral por toda parte até onde os romanos foram, attestam quanto devemos a esse periodo de nossa evolução.

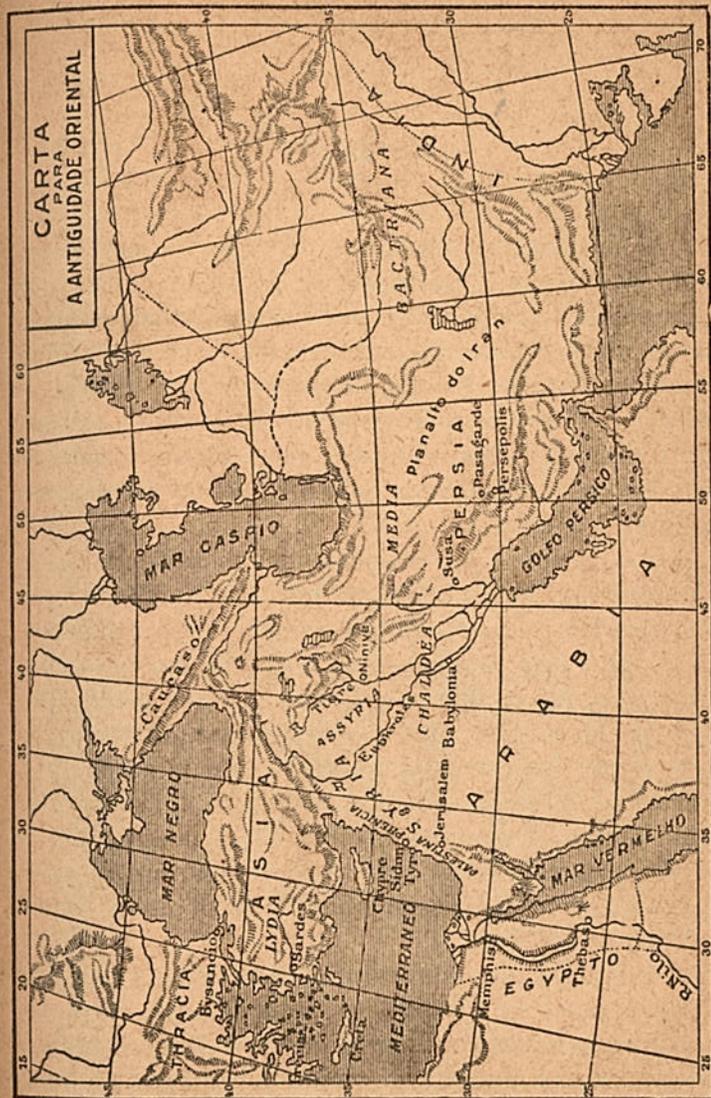
A industria do vestuario, a dos productos alimenticios, a da conducção terrestre e maritima, a das habitacões, comquanto menos celebradas, por mais vulgares, iam recebendo notavel incremento. A permuta dos productos agricolas e manufacturados, a qual constitue o commercio, com a formaçao dos grandes imperios, sobretudo depois que Roma incor-

porou a si quasi todo o mundo conhecido daquella época, que era então o civilizado, intensificou-se cada vez mais.

Todavia, a par dos impereciveis serviços e vantagens que o polytheismo trouxe á Humanidade, trouxe tambem varios vicios de origem e defeitos que se foram accentuando com o transcórre dos tempos e com o progresso dos pensamentos e dos sentimentos, a ponto de o tornarem inapto para continuar a reger a evolução humana. Era preciso substituir esse systema antigo de raciocinar por outro mais approximado da realidade.

Antes mesmo delle manifestar-se inteiramente exgottado para continuar a preencher a sua funcção, em alguns cerebros mais privilegiados e em condições de melhor sentir os defeitos do polytheismo, foi surgindo um novo meio de explicar o mundo e os seus phenomenos — o monotheismo, isto é, a concepção de que só havia um unico *deus*, que tudo dirige, superintende, domina, comquanto ainda de uma fôrma absoluta. Isto, porém, se deu lentamente, antes nuns povos do que em outros, primeiro nos typos individuaes mais elevados, dos quaes essa concepção foi passando para a massa da população, sempre menos culta.

Quando isto se deu, a Humanidade entrou em uma nova phase de sua historia, a Idade Media, na qual se operaram especialmente a cultura e o apuramento do sentimento.



## Egypcios

Os egypcios occupavam o estreito, porém longo valle do Nilo, que, ao lançar-se no Mediterraneo por numerosos braços, fórma um extenso delta. Annualmente o rio transborda, inundando o valle, e o paiz se transforma num lago, de que emergem, como ilhas, as pequenas elevações sobre as quaes se acham as aldeias. Ao retirar-se, a agua deposita sobre o sólo, desde remotissimas eras cultivado com o trigo, um fertilissimo nateiro.

Os egypcios eram essencialmente agricultores e apresentaram uma civilização que se notabilizou pelo seu character pacifico. Foram sempre muito religiosos. O seu deus principal chamava-se Osiris; era um deus-sol, com uma mulher e um filho divinos como elle. Representavam-n'os de quatro fórmas differentes: com fórma inteiramente humana, com o corpo humano e a cabeça de animal, e vice-versa, e, finalmente, como animal. Os animaes, como o boi, o crocodilo, o gavião, etc., com cujas fórmas representavam as suas divindades, tornaram-se sagrados. Destes o mais venerado era o boi *Apis*.

A principio, acreditavam que cada homem tem *um duplo* ou *outro eu*, que se desprendia de nosso corpo ao morrermos e que continuava a viver. Dahi o habito de construirem a sepultura como uma *camara*, na qual depositavam tudo quanto era necessario para a vida,

inclusive alimentos. Mais tarde, passaram a crer que, por occasião da morte, a alma se desprendia do corpo e ia ser julgada por Osiris, que a punia com tormentos antes de anniquilal-a ou a enviava, após multiplas provas, si houvesse sido virtuosa, para a companhia dos deuses. Ora, como em suas peregrinações a alma podia vir a desejar descançar no corpo, conservavam-n'ó, pelo embalsamamento, transformando-o em *mumia*.

Pacifico, virtuoso e submisso, o povo egypcio foi um grande propulsor não sómente da agricultura, mas tambem da industria e até das artes. Já nos desenhos de suas primeiras dynastias, isto é, de cerca de tres mil annos antes de nossa era, representavam com muita minucia a vida que então levavam. Desde esse



Vestuarios egypcios

longinquo passado já sabiam trabalhar os metaes, de que faziam armas, joias e varios objectos, fabricavam o vidro, a louça, o esmalte, teciam o linho e a lã.

Edificaram palacios, templos e tumulos monumentaes, muitos dos quaes, como as pyramides, ainda existem quasi intactos. As suas estatuas, comquanto singellas, se caracterizam por um extraordinario ar de vida.

Nas sciencias cultivaram a arithmetica, iniciaram a geometria e a astronomia. Tambem lançaram os fundamentos da hydraulica e da medicina.

Estes progressos foram devidos á sua casta sacerdotal, que de facto governou sempre o paiz. Todavia, sobretudo a partir de certa época, tiveram reis, considerados filhos do Sol e adorados como si fossem um deus — os pharaós — cujo poder se extendia por todo o Egypto. Desde então houve verdadeiras capitães, a principio Memphis (perto do Cairo) e, depois da 12ª dynastia, Thebas, no Alto Egypto.

Muito poucas guerrasprehenderam os egypcios. Em 525 A. C. cahiram sob o dominio dos Persas, do qual em 330 passaram para o de Alexandre, que ahi fundou Alexandria, famosa cidade que veiu a ser immediatamente de grande esplendor na evolução scientifica hellenica; finalmente, nas proximidades da era actual, foram incorporados ao Imperio Romano, por Cesar e Augusto.

O Egypto é o veneravel berço de toda a civilização, principalmente da occidental, pois delle provieram os progressos iniciaes da Grecia.

## A vida do campo

Oh lavradores bemaventurados!  
Si conhecessem seu contentamento,  
Como vivem no campo socegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento,  
Dá-lhes a fonte clara a agua pura,  
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Não veem o mar irado, a noite escura,  
Por ir buscar a pedra do Oriente;  
Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas arvores contente,  
Sem lhe quebrar o somno repousado  
A grão cobiça de ouro reluzente.

Si lhes falta o vestido perfumado,  
E da formosa côr da Assyria tinto,  
E dos torçaes Attalicos lavrado;

Si não tem as delicias de Corintho,  
E si de Pario os marmores lhe faltam,  
O pyropo, a esmeralda e o jacintho;

Si suas casas de ouro não se esmaltam,  
Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,  
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Ali lhe mostra o campo varias côres;  
Veem-se os ramos pender co'o fructo ameno;  
Ali se afina o canto dos pastores.

Ali cantará Tityro e Sileno;  
Em fim, por estas partes caminhou  
A sã justiça para o céu sereno.

Ditoso seja aquelle que alcançou  
Poder viver na doce companhia  
Das' mansas ovelhinhas que criou.

LUIZ DE CAMÕES.

## Assyrios e Babylonios

Na região da Asia, banhada pelo norte do Golfo Persico, ha dois rios, o Tigre e o Euphrates, cujas margens foram a séde de dois antiquissimos imperios, de civilização menos brilhante do que a do Egypto, mas que vêm logo depois na ordem dos tempos quanto aos povos que primeiro se desprenderam do fetichismo inicial da Humanidade, adoptando a astrolatria, e mesmo, nas castas sacerdotaes, um polytheismo já um tanto organizado, comquanto inferior ao greco-romano.

Esses imperios foram a Assyria e a Chaldéa. O Imperio Chaldeu, ou primeiro Imperio da Babylonia, occupou a fertilissima planicie, muito quente, cortada pelo curso inferior daquelles dois rios, que se incumbem de proporcionar-lhe a agua precisa para a cultura, pois as chuvas rarissimamente ahi cáem.

Os sacerdotes chaldeus pretendiam que o seu imperio remontava a 150 mil annos. Semelhante calculo, evidentemente fabuloso, serve apenas para se presumir da alta antiguidade do imperio que parece ter

atingido a notavel gráo de desenvolvimento. No entanto, restam apenas, como principaes attestados, innumerous monticulos, nos quaes se desfizeram os monumentos; por faltar pedra na região, suas cidades eram construidas com tijolos, quasi sempre crus. Parece que esse primeiro imperio babylonio se extinguiu cerca de 30 seculos antes de Christo.



Rei assyrio vasando os olhos dos prisioneiros

Treze seculos antes de C., os Assyrios, caçadores e guerreiros que occupavam a região montanhosa a NO. da Chaldéa, começaram a descer á conquista de seus vizinhos. Subjugados, eram estes tratados com uma dureza sem paralelo na historia. Os assyrios massacravam os povos que não queriam submeter-se ao seu dominio, queimavam-lhes as florestas, saqueavam e incendiavam-lhes as cidades. Para com os pri-

prisioneiros não se mostravam menos cruéis, pois lhes vasavam os olhos, lhes cortavam o nariz, as orelhas, os lábios e até os esfolavam vivos.

Em 625, uma revolta dos Chaldeus, aliados aos Medas, fez, com a destruição de sua capital Ninive, ruir o Imperio Assyrio. Fundou-se então o novo Imperio Babylonio, cuja capital, de nome identico, passou por ser uma das maiores e mais faustosas cidades da antiguidade oriental.

Em 538 (A. C.), Cyro incorporou a Babylonia ao Imperio Persa.

Os assyrios e babylonios adoravam o Sol, sob o nome de Belo, a sua principal divindade. Os reis governavam com o mais absoluto poder, mas já não eram, como no Egypto, considerados quasi deuses.

Os babylonios eram de indolê e costumes incomparavelmente mais pacificos do que os assyrios e davam-se principalmente á lavoura e á industria.

São-lhes attribuidos varios progressos na astronomia, taes como a instituição do zodiaco, a divisão da circumferencia em 360°, devida á observação da marcha annual do sol na esphera celeste, as divisões do tempo, etc.



AR-RI SU

NABU-KVDUB-UTSU

ANI-DI

Escripta cuneiforme

Usavam de escripta, denominada hoje *cuneiforme* e modernamente decifrada, pela qual se tem conseguido reconstituir muitos factos de sua historia.

Principalmente entre os babylonios, os artefactos destinados ás necessidades da vida, e até mesmo os de luxo, receberam grande desenvolvimento.

## Medas e Persas

A Media e a Persia constituíram o Iran, região da Asia, ao NE. da Chaldéa e da Assyria, a qual, se extendendo do Rio Tigre ao Rio Indo, do Mar Caspio ao Golfo Persico, forma um planalto, cercado por altas montanhas. O seu clima, pelas variações extremadas, de frios polares a calores senegalescos, é muito rude. Grande parte do territorio é arido, porém, os valles, ao longo dos rios, apresentam um sólo fertil.

Os povos iranianos eram da raça branca e são hoje chamados Aryas ou Indo-Europeus. Esta ultima denominação lhes foi dada, por suppor-se que os hindús, habitantes da India, pertencentes tambem á raça branca e os europeus (Gregos, Latinos, Gaulezes, Germanos e Slavos) são oriundos desses primitivos habitantes do Iran.

Entre o X e VII seculo A. C., um sabio, Zoroastro, modificando a religião primitiva, admittiu a existencia de duas divindades principaes, uma do bem, Ormuzd, e outra do mal, Ahriman, que, com os seus demonios, perseguia e pretendia destruir os homens. O Sol, o fogo que neutraliza as trevas da noite, as estrellas, a agua, as arvores, os animaes domesticos, a pureza, a verdade, o trabalho, em summa, tudo quanto é bom, é criação de Ormuzd; pelo contrario,

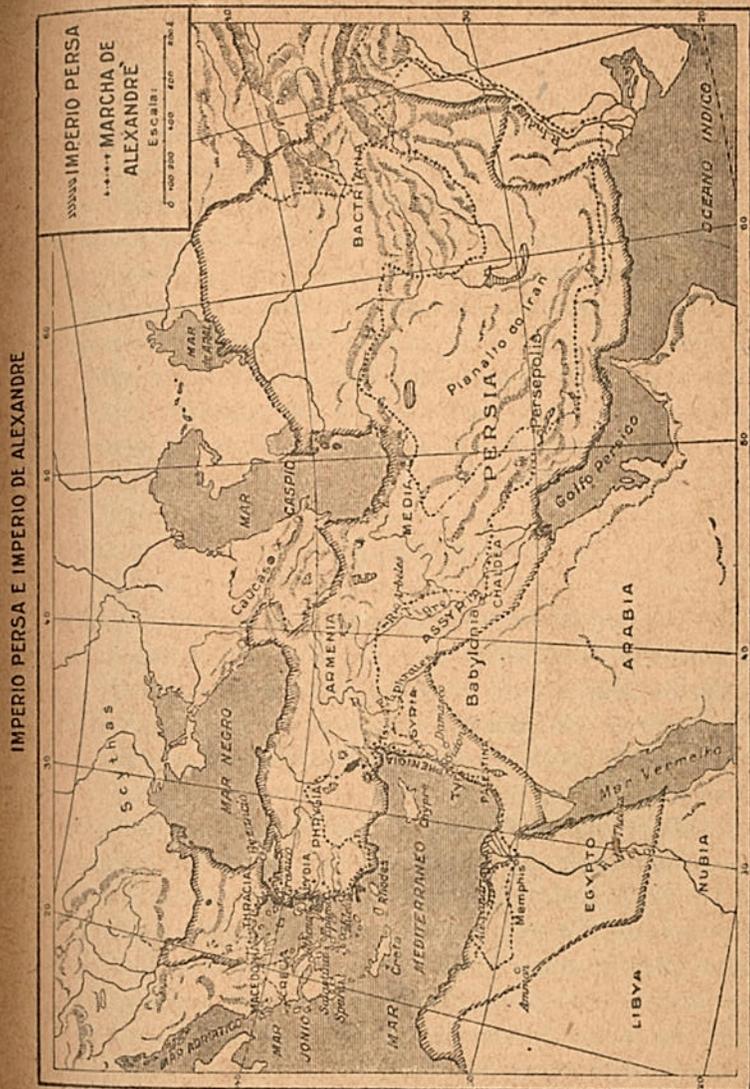
a noite, o frio, a secca, o deserto, as plantas e os animais nocivos, e a morte, a mentira, a preguiça, numa palavra, tudo quanto é mau, deve-se a Ahriman. Acreditavam na existencia de uma alma separada do corpo, que seria premiada ou punida, conforme houvesse em sua vida terrena praticado o bem ou o mal. O povo, porém, em sua maioria, havia guardado o fetichismo e adorava o fogo e os astros.

Os iranianos que primeiro apparecem na historia são os Medas, que auxiliaram os Chaldeus a derrocar o Imperio Assyrio, pelo seculo VII A. C., destruindo-lhe a capital Ninive, e dividindo-o.

Cyro, um dos mais notaveis reis da Persia, conquistou em 560 o reino dos Medas, bem como o da Babilonia, depois a Lydia e a Asia Menor, formando o Imperio Persa. Este foi ainda augmentado por seus successores, com a incorporação do Egypto, da Judéa, da Phenicia, etc. Surgiu assim o mais vasto imperio que se havia visto e cujo soberano era chamado o Grande Rei.

Na Asia Menor os persas encontraram cidades que eram colonias gregas e dahi prolongadas guerras, chamadas guerras medas, nas quaes os gregos repelliram, com as memoraveis batalhas de Salamina e de Platéa, os persas invasores da Grecia. Mais tarde, em 330 A. C., o rei do estado grego da Macedonia, Alexandre Magno, destroe o Imperio Persa, conquistando-o.

Os persas estabeleceram sobre os povos conquistados um dominio muito mais brando que o dos assyrios e babilonios, prova de que o homem se havia tornado menos cruel. Mas, não foi só nisso que se



distinguiram, porquanto já se observa um progresso consideravel pela relativa liberdade que concediam aos povos conquistados, de que exigiam principalmente os tributos sob a fôrma de impostos. Para isto, como para melhor administração das proprias provincias, dividiram o imperio em circumscripções, sob o governo de um sátrapa. Outros funcionarios assecuravam á organização uma estabilidade e um desenvolvimento maiores do que na dos povos anteriores. Este systema foi uma contribuição apreciavel para o progresso de todos os paizes na antiguidade.

Instituíram tambem em todo imperio um systema de correios officiaes.

### Hebreus

A um pequenissimo recanto da Asia, ao sul da Syria e ao norte da Arabia, no valle do Rio Jordão, e em torno do Mar Morto, veiu ter uma das muitas tribus de pastores nomadas que vagavam pelos desertos ao Norte da Chaldéa, a qual se fixou ali com o nome de Hebreus.

Essa região, a Palestina, cuja superficie não attingia á do menor dos Estados brasileiros, o de Sergipe, offerencia, comparada com os solos aridos de onde provinham os hebreus, um formoso contraste, pois era para elles de uma fertilidade extraordinaria. Chuvosa no inverno e secca no verão, estava sempre coberta de florestas pelos cimos, de figueiras, oliveiras e vinhas pelas encostas e de cereaes pelas planicies. Cedo, em remota antiguidade, passaram, por isso, os hebreus á

vida sedentaria de agricultores. Quem de tanta miseria viera, razão de sobra tinha para denominar-a *Terra Promettida*.

A multiplicação do povo hebreu nessa terra de abundancia trouxe como consequência a divisão em varias outras tribus, que continuaram governadas pela fôrma patriarchal, isto é, por aquella em que o povo é como uma grande familia, cujo chefe, o patriarcha, concentra em si todos os poderes, sobre as pessoas e os seus bens. Pae, juiz, sacerdote e general, só a sua vontade, supposta sempre inspirada pelos entes sobrenaturaes, regulava toda a vida da tribu.

Mais tarde, rezam as lendas do admiravel livro de sua historia, a Biblia, uma parte dos hebreus, que então se denominaram Israelitas, filhos de Israel ou Jacob, emigram para o Egypto, onde por tal fôrma se multiplicam seus descendentes, que os Pharaós commecam a perseguil-os. Então, um dos seus chefes, Moysés, apesar de creado na côrte do Pharaó, resolve conduzil-os de novo á primitiva terra, á Palestina, onde só vieram a entrar após vagarem quarenta annos pelo deserto. Pretende-se que nessa época, pelo seculo XIV antes de Christo, aquelle eminente legislador instituiu, com os celebres dez mandamentos, a religião hebraica, a mais elevada de quantas se conheciam, quer pela pureza de sua moral, quer pelo progresso intellectual quanto á explicação geral do mundo, pois o suppunha regido, não por muitos deuses, porém, por um só, Jehovah. Tal foi o mais relevante serviço que esse pequenissimo povo prestou á Humanidade. Emquanto os outros se achavam e continuariam mergulhados

durante seculos no polytheismo, endeusando a violencia, a crueldade, a guerra, a pirataria, o povo hebreu já erigia a bondade, a correção da vida privada, a fraternidade, a submissão, a justiça nas mais dignas aspirações da especie humana.

Depois de haverem derrotado os povos que então habitavam a Palestina, os descendentes de Jacob dividiram-se em 12 tribus, mais tarde fundidas em um unico reino, successivamente governado por Saul, David e Salomão, este ultimo o constructor do templo de Jerusalém. Por morte de Salomão, as 10 tribus do norte continuaram formando o reino de Israel, porém regressaram á idolatria primitiva; duas tribus, as do sul, constituiram o reino de Judá, que se conservou fiel ao ensino monotheista de Moysés e teve por capital Jerusalém.

Com o desenvolvimento militar das poderosas e grandes nações vizinhas, os Hebreus foram passando successivamente ao jugo dos Assyrios e Chaldeus, dos Persas, dos reinos hellenicos do Egypto, após Alexandre, para virem finalmente acabar ás mãos do Imperio Romano. Uma revolta contra este, no anno 70 da nossa era, levou-o a destruir Jerusalém, queimar o templo e exterminar-os ou dispersal-os como escravos.

Uma das classes espontaneas mais interessantes do povo hebreu foi a dos prophetas, individuos sahidos de todos os meios sociaes e que, julgando-se investidos por Deus da missão de antever o futuro, exhortavam o povo ao cumprimento das boas acções, afim de que com estas captasse elle as boas graças de Jehovah.

Com admiravel coragem, mau grado as perseguições, pregavam o bem e profligavam o mal, tanto aos pequenos como aos grandes, pastores miseraveis ou reis violentos. Todos elles entendiam que Deus só se satisfazia com a virtude, que os soffrimentos do povo hebreu eram a punição de suas faltas e tambem desenvolviam a esperança ardente de que um descendente de David — o Messias — ainda viria salvar o povo Judeu, ao qual, estavam elles convencidos, escolhera Deus para seu povo. No seculo de Augusto, nasce em Belém Jesus, que se apresentou como filho de Deus e Messias, salvador de sua terra. Não quizeram os judeus reconhecê-lo como tal e o crucificaram.

Os judeus, esparsos pelo mundo, conservam sua religião e ainda esperam o Messias.

Jesus de Nazareth, tornado Christo, ou Messias, isto é, unguido do Senhor, veio a ser considerado o fundador da religião monotheica que, graças principalmente a S. Paulo, tanto concorreu durante a Idade Media para o aperfeiçoamento moral ou affectivo de todo o Occidente.

Mas os próprios christãos, apesar de sua superior bondade, não perdoaram aos judeus terem desconhecido o papel de Jesus e quatro seculos depois começaram a perseguil-os, de fórmula que elles tiveram de refugiar-se entre os povos orientaes, de onde mais tarde de novo se espalharam pelo occidente.

Quer no ponto de vista das investigações scientificas, quer no ponto de vista pratico, isto é, commercial, industrial e agricola, nada de realmente notavel se lhes deve.

## Jacob

Sete annos de pastor Jacob servia  
Labão, pae de Rachel, serrana bella:  
Mas não servia ao pae, servia a ella,  
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia  
Passava, contentando-se com vel-a:  
Porém, o pae, usando de cautela,  
Em lugar de Rachel, lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso  
Assim lhe era negada a sua pastora,  
Como si a não tivera merecida;

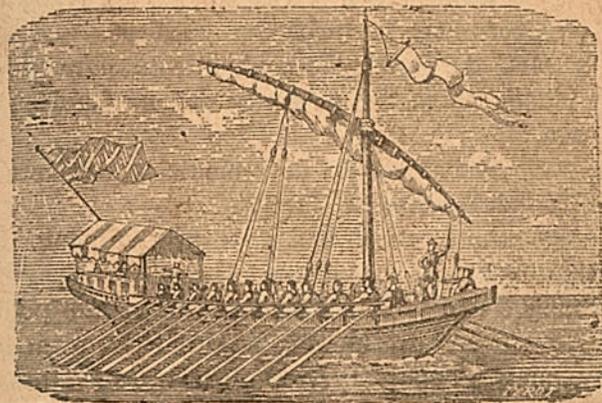
Começou a servir outros sete annos,  
Dizendo: "Mais servira, si não fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida!"

LUIZ DE CAMÕES.

## Phenicios

Apertado entre o mar Mediterraneo e os montes Libano, nas costas da Syria, viveu na antiguidade contemporanea dos hebreus, ao lado destes, um outro pequenissimo povo, o phenicio. As communações dos trechos de costa que habitava, quer com o continente, quer mesmo entre si, não eram faceis. Utilizavam-se para estas principalmente do mar. Isto explica porque permaneceram sempre os phenicios como po-

pulações, ou pequenas cidades independentes, e por outro, porque tenderam a lançar-se pelos mares, como negociantes, afim de se desafogarem do excesso de suas populações. Assim se originaram, pelas costas do Mediterraneo, que navegavam em todos os sentidos,



Galea phenicia

em geral não perdendo a terra de vista e orientando-se pela Estrella Polar, innumeradas colonias phenicias. Não se limitaram esses audazes navegadores á simples permuta dos productos; tambem fabricavam e manufacturavam em larga escala, abastecendo quasi todo o mundo antigo. Ficaram celebres na antiguidade os seus tecidos, especialmente os tingidos de purpura, os seus vidros transparentes, os bronzes, vasos e reproduções de estatuetas, comquanto taes productos não tivessem originalidade alguma.

O commercio activissimo, que entretinham, exigia entrepostos, verdadeiros emporios, que por seu turno só podiam ser formados com o auxilio de viagens terrestres, comprehendidas quasi sempre sob a fórma de caravanas, por todas as regiões, mesmo as mais desconhecidas para os povos civilizados de então.

Uma ou outra vez a fundação das colonias resultava de profundas perturbações politicas, que obrigavam parte da população a abandonar para sempre a sua cidade natal. Foi o que se deu na fundação de Carthago.

O periodo florescente dos phenicios decorreu do XI ao IV seculo antes de Christo.

Começaram como piratas, e seu procedimento habitual sempre trahiua semelhante origem. Egoistas, cúpidos, cruéis e sem unidade, exploravam quanto podiam os povos com que traficavam. Suas cidades principaes foram Sidon e depois Tyro. Os filhos desta ultima se aventuraram pelo Mediterraneo occidental, pois, pouco a pouco, os gregos, que então começavam o seu desenvolvimento, tinham substituido os phenicios no Mediterraneo oriental.

A mais importante de todas as cidades fundadas por elles foi Carthago, que, tendo adquirido um prodigioso desenvolvimento em relação ás capitaes, veiu a ser o centro, a verdadeira metropole, de um imperio, que, por algum tempo rival da gloriosa Roma, se extinguiu com as *guerras punicas*.

A religião dos phenicios pouco differia da dos assyrios e chaldeus, de que eram originarios. Desappareceram como polytheistas, legando a tradição de seu

culto cruel e barbaro, cheio de sacrificios de innocentes creanças, queimadas vivas por vezes, para aplacarem a colera de seus deuses.

Preocupados sempre com os lucros, os phenicios, mesmo em Carthago, entregaram a defeza de suas cidades a mercenarios. Um exercito nestas condições não podia oppôr-se aos de paizes cujos filhos, homens livres, se faziam soldados, quer para manterem a integridade de sua terra, quer para dilatarem os seus dominios. Assim, viveram quasi sempre como tributarios de diversos povos.

No emtanto, além do impulso que imprimiram á arte de navegação, e de haverem explorado o mundo, dois assignalados serviços contam a seu favor: indo de um a outro ponto, em trafico constante e bem amiudado entre os mais proximos, em trafico irregular e pouco frequente entre regiões muito remotas, foram concorrendo para a disseminação das idéas, dos habitos, das conquistas do progresso, dos productos da civilização de povos varios, e permittiram que o alphabeto, simplificado por elles para as suas necessidades commerciaes, fosse rapidamente assimilado pelos povos mais progressistas, para os quaes a escripta dos povos orientaes seria grande entrave.

## Gregos

A Grecia era um pequeno paiz, cuja superficie pouco excedia á do Estado do Rio de Janeiro, muito accidentado, de costas excessivamente recortadas e cercado por innumeras ilhas e archipelagos.

Seus habitantes, por ser o seu sólo de pequena fertilidade, tornaram-se naturalmente activos e, por ser o clima ameno e impor-lhes em consequencia poucas necessidades, muito sobrios. A natureza, sempre bella, inspirou-lhes o prazer pela vida e as tendencias para a arte. Podiam quasi sempre viver ao ar livre e, por isso, residiam em casas de grande singelleza.



Mulheres gregas

O accidentado do sólo concorreu sobremaneira para que se conservassem divididos em pequenos povos ou estados, alguns dos quaes apenas com cerca de trezentas mil almas. Infelizmente viviam em luctas continuas, ainda que tivessem a mesma lingua, pertencessem fundamentalmente a uma unica raça, adoptassem costumes identicos e identica religião, a polytheista, cujos deuses eram communs.

Cada especie de phenomeno natural era deificado em uma entidade que a regia. Davam-lhe a fórma humana, em geral bella, e todos os attributos desta.

Por isso, admittiam que os deuses formavam uma sociedade, na qual se punham de accôrdo, com um governo, cuja presidencia cabia ao mais poderoso, Zeus (Jupiter entre os Romanos), e cuja séde collocavam no Olympo, monte de que o cume, sempre coberto de neves, ainda não havia sido galgado pelos homens. Já dissemos que attribuiam aos deuses não sómente as virtudes, mas até os defeitos dos homens, por onde se verifica que os gregos os fizeram á sua imagem.

Da circumstancia de se conceberem todos os deuses como poderosos, resultou o culto, que consistia essencialmente em se tornarem os mortaes agradaveis aos deuses, pelas orações e pelas offerendas. Nessa pratica, mais do que na de boas acções, consistia a *piidade*.

Nas ceremonias cultuaes ou religiosas davam grandes festas, como sacrificios de animaes, espectaculos e jogos. Os sacerdotes, pela inspecção de varios phenomenos naturaes, taes como o vôo dos passaros, os meteoros, o estado e aspecto das visceras dos animaes sacrificados aos deuses, procuravam deduzir signaes divinos dos acontecimentos futuros, isto é, fazer *presagios*. Outras vezes, julgando-se inspirados, davam conselhos ou respostas nos santuarios, isto é, faziam-se *oraculos*, dos quaes o mais celebre e acatado foi o de Delphos.

Levado pela propria configuração de suas costas, que lhe permittia facilmente ir de ilha em ilha, o povo grego, tomou gosto pelas navegações. Emigrando em grupos, foram os gregos creando colonias na Asia Menor, nas ilhas, nas costas septentrionaes da

Africa, em todo o sul da Itália e na Sicilia e até nos remotos littoraes da França e da Hespanha. As colonias formavam estados independentes, mas continuavam ligadas, pelo espirito e pelo coração, com a Grecia.

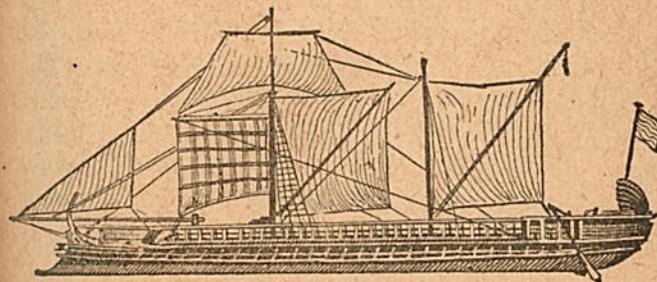
Já no seculo XII, antes de Christo, vemos surgir, naturalmente por causa da colonização dos gregos, uma memoravel lucta entre estes e a Asia Menor, a do celebre cerco de Troia ou Ilion, cantado mais tarde num dos maiores poemas, a *Iliada* de Homero. Parece que a união dos reis de todos os pequenos estados, durante essa guerra, muito concorreu para o sentimento de unidade entre os gregos.

Das suas cidades, ou estados, cedo menciona a historia duas como mais se havendo distinguido, Esparta e Athenas. A primeira quiz estabelecer principalmente o dominio da força e não só deu os melhores soldados, como tambem, pôde dizer-se, ensinou todos os gregos a combater. A segunda, Athenas, aspirou ao dominio pelo espirito, desenvolveu a arte, fundou a sciencia, creou a philosophia, incrementou o commercio e a industria. A ella principalmente são devidos os immensos progressos com que os gregos desenvolveram os rudimentos de civilização bebidos nos paizes theocraticos orientaes, muito particularmente no Egypto, berço incontestavel de toda a evolução occidental.

Com tendencias tão diversas, manifestaram-se entre as duas divergencias e rivalidades profundas, apenas sopitadas, tal qual se dava entre todas as outras cidades, por occasião dos graves perigos com-

muns, como nas guerras medas ou contra os persas. E' que os gregos nunca conseguiram elevar-se á concepção de uma patria, grande, unida e forte: tinham apenas o civismo, ou amor á cidade, que era aliás nesse caso um pequenissimo estado, formado por ella e pelas populações convizinhas e governado quasi sempre de fórma democratica.

A independencia de que gozavam, as idéas mais adeantadas, a tendência geral para discutir e a particular de apreciar a conducta de seus chefes, o amor pela liberdade, foram determinando, quando os persas vieram a ter, pela conquista da Asia Menor, contacto com as colonias gregas desta, conflictos entre a Grecia e a Persia. Dahi as tres memoraveis guerras medas, nas quaes sahiram vencedores os gregos, em Marathona com Milciades, na batalha naval de Sala-



Galera grega de guerra — trirème

mina, com Themistocles e no Eurymedonte com Cimon. Aos gregos estava cabendo então o desenvolvimento intellectual e artistico da Humanidade, para

o qual era indispensavel que os pensadores e poetas não soffressem a oppressão da theocracia persa, que nesse momento já dera quanto podia em beneficio da civilização. Especialmente a batalha naval de Salamina representa na historia uma dessas gloriosas jornadas, em que os destinos da Humanidade estavam em jogo e em que foram finalmente salvos.

Após a segunda victoria, os Espartanos se retiraram da lucta e os Athenienses tomaram a responsabilidade de dirigil-a. Terminada definitivamente, viu-se Athenas com um notavel poder, um merecido prestigio e um extraordinario esplendor. Sob a direcção de Péricles, que deu o nome ao seculo, tudo nella floresceu, em particular a arte.

Uma lucta incessante de 30 annos, entre Esparta e Athenas, a guerra do Peloponeso, enfraqueceu ambas, até que por fim, em Cheronéa (388 A. C.), Phelippe, rei da Macedonia, estado grego do norte, incorporou toda a Grecia aos seus dominios. Alexandre, seu filho, com um exercito de 35 mil homens, deliberou levar a guerra á propria Persia, que, apesar de dispor de exercito vinte vezes mais numeroso, não pode resistir e foi inteiramente derrotada em Granico, Issus e Arbelles. Formou assim Alexandre o mais vasto imperio que se vira até então, mas que não sobreviveu á sua morte, aos 33 annos, que occorreu, como diz Bosuet, "no meio dos mais vastos designios que um homem jamais concebeu e com as mais justas esperanças do exito". Desmembrou-se o imperio em tres reinos principaes, um dos quaes, o da Macedonia, continuou a comprehender a Grecia. Nos outros dois reinos, o da

Syria e o do Egypto, a civilização hellenica, em virtude da côrte ser essencialmente constituida por gregos, se disseminou e infiltrou. Por ser muito mais adeantada no ponto de vista intellectual e esthetico, essa disseminação constituiu um dos mais relevantes titulos de gloria para Alexandre e um immenso serviço para o mundo oriental.

Em 146 A. C., a Grecia, ainda parte integrante da Macedonia, viu-se reduzida á provincia romana.

Nenhum povo poude e jamais poderá offuscar o brilho incomparavel da Grecia, porque foi a ella que realmente competiu a fundação da sciencia e da philosophia e a eclosão da arte, esta mesmo entre o elemento popular.

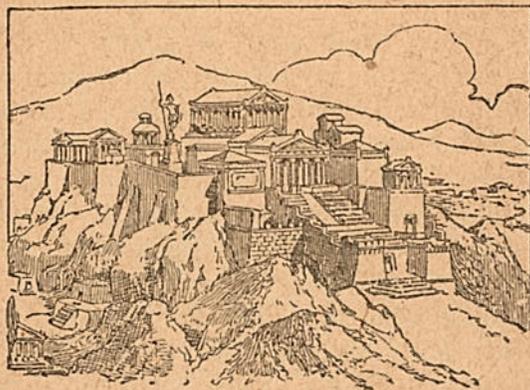
Na sciencia assentaram os gregos as primeiras theorias numericas, geometricas, astronomicas e mesmo physicas; na chimica estabeleceram o principio da pluralidade dos elementos e em biologia uma primeira classificação dos animaes, pela comparação dos seus orgams e funcções. Thales, Pythagoras, Euclides, Appolonio, Aristoteles, Hipparco, Archimedes e Hippocrates foram sabios do mais alto valor.

Na philosophia, que pretendia descobrir então as leis geraes que regem o mundo e o homem, houve typos eminentes como Thales, Pythagoras, Socrates, Platão, Aristoteles e outros, que já tendiam desde essas épocas para fundir os deuses num só deus, pois com este davam uma explicação mais satisfactoria do mundo. Prepararam assim o advento do catholicismo, fundado por S. Paulo. Todos elles pré-gavam uma moral não só mais elevada do que a das theocracias orien-

taes, como tambem da que adoptava a massa popular polytheista de seus contemporaneos.

Comtudo, apesar de todo o brilho de sua philosophia e da sua sciencia, não puderam os gregos apresentar o bellissimo exemplo de união que mais tarde nos legaram os romanos.

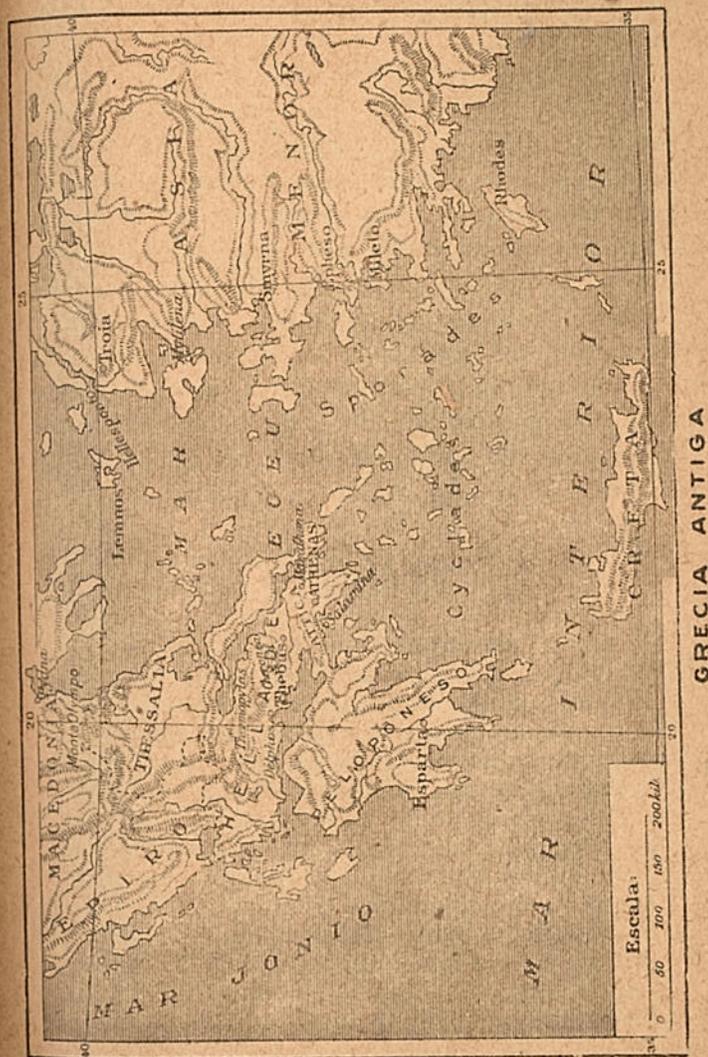
Na arte, contam poetas como Homero, Eschylo, Hesiodo, pintores como Apelles, Xeuxis, escultores como Phidias, oradores como Demosthenes e Themistocles, tão grandes, que tudo quanto delles resta nos impressiona e nos agrada ainda hoje pela soberba magestade e pela harmoniosa belleza.



Athenas — Acrópole

As suas cidades eram, pelos monumentos, verdadeiros museus de arte.

O progresso da existencia domestica foi pequeno e a mulher continuava a ser quasi uma escrava. Com-



tudo, os poetas esboçaram para as deusas admiráveis typos de mulher.

Foi, todavia, um povo sacrificado pela evolução intellectual e cujo estudo serve para demonstrar-nos que a cultura do espirito é por si só insufficiente para estabelecer a verdadeira solidariedade. E' que esta resulta essencialmente do sentimento e do character. Ainda assim, concorreram para que se fosse estabelecendo a substituição da escolha dos chefes segundo o nascimento pela escolha segundo o merito, o que só conseguiram os romanos, seus sinceros admiradores no ponto de vista da intelligencia, que vieram a ser os grandes disseminadores da sciencia grega pelo mundo occidental, mas que felizmente nunca os tomaram por modelo no ponto de vista politico.

### Tempestade

Neptuno fala assim. Toma o tridente,  
 Nuvens ajunta, o pélagos embravece;  
 E todos solta os ventos, e as procellas.  
 A um tempo terra e mar de nuvens cobre.  
 Tolda-se o céu de subita caligem;  
 O Euro, o Noto, o Zephiro mais rijo,  
 E o frio Bóreas, juntamente, irosos,  
 Se lançam sobre o mar, volveim, revolvem  
 Tumidas ondas desde o fundo pego.  
 Ulysses sente já no duro transe  
 Fallecer-lhe o vigor, minguar-lhe o alento,  
 Afflicto se lastima, e diz comsigo:  
 "Ai de mim, infeliz! que desventura  
 Preparada me está! Quanto eu receio  
 Que se cumpram da Diva os vaticínios!

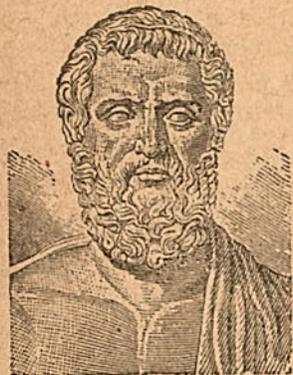
No mar, ella dizia, acerbas mágoas  
 Tens inda de curtir, antes que tornes  
 Ao patrio sólo. Certamente agora  
 Se cumpre a predicção! De quantas nuvens  
 Jupiter cobre a abobada celeste!  
 Que tão revoltos mar! quantas tormentas!  
 Quantos ventos em torno horridos, rugem  
 Aqui, aqui me aguarda indubio exicio.  
 Ditosos gregos, vezes mil ditosos,  
 Os que outr'ora valentes, pelejando  
 Dos agrades em prol, nos teucros campos  
 A morte arrebatou! Naquelle dia  
 Oxalá que eu tivera succumbido  
 Do meu fado no rigor, quando os troianos  
 Tantas de ferrea ponta me arrojavam  
 Lanças em torno do grande Achilles  
 Inanimado corpo! O meu cadaver  
 Solemnes honras funebres houvera,  
 E eu ganhára alta gloria entre os Archivos.  
 Agora ingloria morte é o meu destino."  
 Quando falava assim, eis repentina  
 Horrenda, immensa vaga o impelle do alto.  
 A jangada sossobra, e longe della  
 Caiu Ulysses, que das mãos, invicto,  
 Largado tinha o leme. Uma rajada  
 De oppostos ventos, pelo meio o mastro  
 Lhe quebrou com furor, e a grão distancia  
 No mar lançou, bramindo, antenna e vela.

HOMERO, *Odysséa*.

(Traducção de A. J. V. L.)

## Sólon

Solon, o verdadeiro legislador de Athenas, viveu no VII seculo antes da nossa era. A legislação anterior do povo atheniense, que veio a representar tão



Solon

brilhante papel na historia do progresso intellectual e esthetico da Humanidade, lhe fôra dada por Dracon. Era, porém, de tal severidade, como ainda hoje o attesta a expressão *leis draconianas* applicada ás leis de penalidade exaggerada, que, para todos os crimes, havia uma unica pena: a de morte.

Perguntaram a Dracon porque fôra tão extremado: respondeu que, a seu ver, merecendo o menor crime a pena capital, elle prescrevera esta para todos os outros, por falta de maior.

Solon, antes de ser encarregado de estatuir novas leis para Athenas, havia comprehendido numerosas viagens, as quaes, com o espirito de observação e o talento de que era dotado, muito haviam contribuido para que elle adquirisse larga e fecunda experiencia.

Sua terra atravessava, então, um periodo difficil, em virtude das luctas entre os ricos e os pobres, luctas que pareciam conduzi-la a uma revolução. Os devedores que, nessa epoca, não podiam saldar as suas dividas, para as quaes haviam dado como penhor as proprias pessoas e, ás vezes, as de seus filhos, podiam ser escravizados aos credores e por estes vendidos. Solon decretou, então, uma abolição das dividas, prohibiu que os proprios devedores se dêssem em penhor, estabeleceu várias outras leis, que melhoraram consideravelmente a condição dos pobres, que lhes permittiram voltar ás suas terras, tomar parte na direcção dos negocios e, finalmente, salvaguardarem-se de uma oppressão muito grande por parte da aristocracia. Solon, considerado como *um dos sete sabios da Grecia*, foi um cidadão que deu sempre provas do maior devotamento pela boa direcção dos negocios publicos, não só envolvendo-se activamente em todos elles, como até estabelecendo por lei que, em caso de dissensões politicas, todo cidadão formulasse o seu parecer e tomasse um partido.

Ha desta phase de sua vida um factio profundamente caracteristico. Ao ter de determinar a abolição das dividas até aquella data, achou prudente consultar tres amigos sobre a melhor fórma de justificar e redigir esse decreto, que ia ferir os interesses dos ricos, afim de que por estes fosse mais facilmente acceito. Abusando vergonhosamente da confiança de Solon, os tres tomaram emprestadas de alguns ricos avultadas sommas e as empregaram na aquisição de terras. Quando o decreto sahiu, esses tres indignos

amigos se negaram a saldar as dividas e conservaram as terras. Choveram, então, as mais duras accusações contra Solon, que muitos julgaram cúmplice delles em tamanha indignidade. O legislador, porém, pagou as suas dividas, assás avultadas, dissipando assim as desconfianças de que se utilizára das condições que seu decreto ia crear para servir os seus proprios interesses pessoases.

Plutarcho, na biographia deste eminente grego, conta o seguinte:

Dizem que Solon, tendo ido a Sardes por convite de Creso, passou por sensações semelhantes ás de um habitante do interior das terras que desceu pela primeira vez para o mar. Ao ver successivamente um rio, depois um outro, julgava sempre que era o mar. Solon, da mesma fórma, ao ver, quando atravessára o palacio, todos os cortezãos, magnificamente trajados e caminhando com sobranceira, cercados de pagens e de guardas, tomava cada um delles por Creso. Por fim é conduzido perante o rei. Tudo quanto possuía de pedrarias, de estofos ricamente tingidos, de joias artisticamente trabalhadas, compondo um traje sumptuoso e digno de inveja, Creso puzera sobre si, afim de mostrar-se em imponente e magnifico apparato. Mas, Solon, ao apparecer deante de Creso, não se deixa deslumbrar, nada diz do que o rei esperava, de fórma que patenteou claramente, a quantos tinham senso, que elle menosprezava estas vaidades e fatuidades. Creso, então, ordena que exhibam a Solon os seus thesouros, que lhe mostrem toda a riqueza e a pompa de seus mobiliarios. Solon não tinha necessi-

dade de semelhante exhibição: para julgar do caracter de Creso, bastava-lhe olhar para este.

Quando, depois de haverem feito Solon ver tudo, o reconduziram á sua presença, Creso perguntou-lhe si conhecia alguém mais feliz do que elle, o proprio Creso. "Sim, responde-lhe Solon, conheço Tellus, um dos meus concidadãos; Tellus, continuou elle, era um homem de bem; deixou filhos estimados, depois de haver vivido sempre acima da necessidade e de pe-recer gloriosamente combatendo por sua patria". Creso já estava inclinado a tomar por estúpido e grosseiro este homem que, em vez de medir a felicidade pela quantidade de ouro e de prata, preferia a vida e a morte de um homem do povo a tanto poder, a um tão vasto imperio. Comtudo, perguntou-lhe ainda si, depois desse Tellus, conhecera algum homem mais feliz do que elle Creso. "Mas, sim, tornou Solon; conheci Cleobis e Biton, dois irmãos, dois modelos de ternura fraternal e filial. Tendo visto sua mãe á espera dos bois que tardavam a vir, atrelam-se elles proprios ao jugo do carro e o puxam até o templo de Juno, no meio das felicitações de seus concidadãos, associados á alegria delles. Depois do sacrificio e do banquete, ambos se deitam e não se levantam no dia seguinte: encontram-n'os mortos, sem mal, nem dôr, no seio mesmo de sua gloria". "E, então, eu, exclamou Creso encolerizado, tu não me contas entre os homens felizes?".

Solon, então, não querendo nem lisongeal-o, nem tão pouco irrital-o mais, disse: "Os gregos, ó rei dos Lydios, receberam de Deus, como partilha, entre ou-

tros dons, o de guardar em tudo um justo termo; nós temos uma sabedoria firme, simples e, por assim dizer, popular, que nada tem de magestática, nem de brilhante, mas que resulta daquelle justo termo. Esta sabedoria nos leva a observar que a vida humana é agitada por continuas vicissitudes e nos impede de nos orgulharmos de nossos proprios bens e de admirarmos em outrem uma felicidade exposta aos azares da sorte. O porvir prepara mil accidentes imprevistos a todo homem. Aquelle, pois, a quem a divindade concede até o fim uma sorte prospera, nós consideramos como feliz. Mas a felicidade do homem que ainda vive e que está exposto a todos os perigos da vida é, comó a proclamação e a corôa para o athleta ainda em lucta, uma cousa incerta e de que não podemos dispôr". Ao concluir estas palavras, Solon retirou-se, deixando Creso aborrecido, porém não corrigido.

O fabulista Esopo achava-se então em Sardes, para onde Creso o attrahira e onde o tratava com honras e deferencia. Desgostoso por não ter Solon recebido melhor acolhimento, disse-lhe, sob a fórma de conselho: "Solon, é preciso ou não nos approximarmos jámais dos reis ou não lhes dizermos sinão o que lhes é agradável". Ao que Solon retrucou: "Dizei antes, por Jupiter, que é preciso ou não nos approximarmos delles ou não lhes dizermos sinão o que lhes é útil".

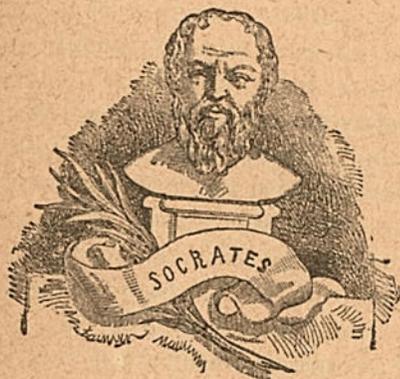
Na occasião Creso não fez o menor caso de Solon. Mas, quando, posteriormente, em guerra com Cyro, vencido em combate, despojado de sua capital, apri-

sionado vivo e condemnado a ser queimado numa fogueira, á qual era conduzido com as mãos atadas ás costas, deante de todos os Persas e em presença de Cyro, elle levantou a voz com todas as suas forças e exclamou tres vezes: "O' Solon!" Espantado, o rei dos Persas mandou perguntar-lhe quem era, homem ou deus, esse Solon, unico ente a quem implorava em circumstancia tão critica. Creso, então, sem nada occultar, disse: "Era um dos sabios da Grecia a quem fiz vir, não para escutal-o e apprender o que eu tinha necessidade de saber, mas para dar-me em espectáculo, para ter uma testemunha, um arauto desta felicidade, cuja perda me causa hoje maior mal do que o bem que a sua posse me fez. Com effeito, este bem era apenas uma palavra, um sonho, quando eu o possuia, ao passo que o reverso da sorte me lançou realmente num infortunio terrivel, numa desgraça sem remedio. E, entretanto, este homem, augurando durante a minha condição anterior o que me acontece hoje, aconselhava-me a considerar o fim da vida e a não me deixar encher de orgulho sem outra base do que a insolencia".

Transmittiram esta resposta a Cyro que, mais sensato do que Creso, vendo as palavras de Solon confirmadas pelo exemplo do que succedia ao seu vencido, não se contenta de restituir a este a liberdade, mas ainda lhe dispensa deferencias e honras durante o resto de seus dias. Eis como Solon teve, por suas palavras, a gloria de salvar a vida de um rei e de dar um ensinamento a outro." (Plutarcho, *Vida de Solon*)

## Sócrates

Socrates ficou, entre todos os puros philosophos da Grecia, o mais celebre. Antes d'elle, todos os philosophos, isto é, os amigos da sabedoria, haviam sido



Socrates

tambem cultivadores da sciencia e não apenas da moral. Pode-se dizer que Socrates não se preoccupava sinão com o que se referia á conducta do homem. Sua vida toda foi uma prègação continua, pela palavra e pelo exemplo, da necessidade do homem disciplinar a sua natureza, de desenvolver o seu altruismo, para o que, com razão, reputava imprescindivel que cada um se estudasse a si proprio, erigindo por isso o *Conhece-te a ti mesmo* em sua maxima principal. O valor desta é incontestavel e apenas necessitamos juntar-lhe o complemento *para melhorar-te*, que era aliás o objectivo do proprio Socrates.

Na época em que viveu, de 469 a 399 antes de Christo, Athenas, de onde quasi não se afastou,

tambem cultivadores da sciencia e não apenas da moral. Pode-se dizer que Socrates não se preoccupava sinão com o que se referia á conducta do homem. Sua vida toda foi uma prègação continua, pela palavra e pelo exemplo, da necessidade do homem disciplinar a sua natureza, de desenvolver o seu altruismo, para o que, com razão, reputava imprescindivel que cada um se estudasse a si proprio, erigindo por isso o *Conhece-te a ti mesmo* em sua maxima principal. O valor desta é incontestavel e apenas necessitamos juntar-lhe o complemento *para melhorar-te*, que era aliás o objectivo do proprio Socrates.

proporcionou, quer em virtude das agitações politicas, quer dos sentimentos grosseiros que ainda dominavam a maioria, a esse eminente philosopho a oportunidade de um ensino pratico de moral de que lhe ficaram discipulos como Platão e Xenophonte, os quaes lhe perpetuaram a memoria em suas obras, pois que elle proprio nada escreveu.

Ensinava, sem aceitar pagamento por suas lições, palestrando com os amigos e quantos o procuravam, por toda parte, nos lares, nas ruas, nos mercados, nos gymnasios, com a linguagem a mais familiar e a mais incorruptivel sinceridade. Esta ultima virtude concorreu sobremaneira para suscitar animosidades insopitaveis e que mais tarde determinaram, sob a accusação de ataques ás doutrinas religiosas, sua condemnação á morte.

Nesses longinquos tempos, as menores provas de desprezo, as mais ligeiras offensas, não eram toleradas; consideravam-se desculpaveis, por via de regra até dignos de elogios, os individuos que se vingavam dellas, pretendendo laval-as com o sangue dos offensores. Socrates, ao encontrar-se com um dos seus concidadãos, saudou-o. Este, porém, não correspondeu ao cumprimento e passou com arrogancia. O philosopho não manifestou o menor resentimento, dando lugar a que os amigos que o acompanhavam se espantassem da sua indifferença. "Si eu visse passar alguém, tornou-lhes elle, mais feio e mais desgracioso do que eu, deveria eu zangar-me? Porque, pois, quereis vós que me zangue contra esse ho-

niem, simplesmente porque sou mais polido do que elle?"

Hoje a maioria procede como Socrates, porque a bondade já augmentou e, ao contrario desses tempos antigos, a sociedade é que já não tolera mais que, por uma falta de polidez de outrem, pretendamos tirar desforço physico. Naquellas eras, com o ponto de vista da quasi totalidade dos homens, a conducta de Socrates poderia ser attribuida á covardia. Ora, foi exactamente a possibilidade dessa increpação que tornou o seu procedimento mais digno, comquanto a muitos não fosse licito attribuil-a ao medo, pois estavam a par da coragem, do sangue frio e da surpreendente resistencia, que Socrates tantas vezes soubera revelar, quando soldado de infantaria nas guerras do Peloponeso. E' que o moço de temperamento ardente e impetuoso soubera ir dominando a sua alma, a ponto de chegar a soffrer até maus tratos, accidentes e offensas, sem perder a tranquillidade. Por isso, elle, capaz de esforços physicos para outros impossiveis, soffria tudo com verdadeira resignação, como o attesta o facto de dizer, após violenta bofetada que lhe foi dada por um bruto: "E' bem desagradavel não sabermos quando é preciso sahirnos armados de capacete".

Ainda uma outra vez, sua mulher, que era de genio violentissimo e desigual, em plena rua, arrancou-lhe o manto de sobre os hombros e lançou-o á lama. Aconselharam-lhe os amigos que dêsse, a bastonadas, uma lição á sua insolente esposa, afim de que esta, de uma vez por todas, se emendasse: "Pelo que vejo,

um casal a brigar, observou Socrates, seria para vós espectáculo bem agradável; mas não estou disposto a proporcionar-vos uma comedia a minha custa".

Sua mulher exercitou-lhe a paciencia até os extremos limites.

Um dia, após ter ouvido della os maiores dispautérios, Socrates, com o fim de ver si, deixando-a só, ella se acalmaria, foi sentar-se á porta de sua casa. Ainda mais irritada com a fleugma do philosopho, a mulher, por uma janella, despejou-lhe um jarro de agua sobre a calva. Os transeuntes soltaram boas gargalhadas; Socrates, longe de encolerizar-se com elles e com a mulher, riu-se tambem e juntou com a maior serenidade: "Eu já esperava isto: após o raio, vem a chuva".

Convem attentar que isto se passava numa época em que o homem tinha sobre a mulher um poder absoluto. E, para que se não attribua á fraqueza exaggerada com sua esposa, lembraremos que elle solicitava a seus amigos que o advertissem toda vez que o vissem, com quem quer que fosse, em risco de encolerizar-se. Eis porque, de outra feita, ao irritar-se com um escravo, disse apenas: "Eu te bateria si não me sentisse agora em colera".

No fim da vida, ao setenta e dois annos de idade, foi accusado de corromper a mocidade, de atacar a crença nos deuses, pois que prégava ser mais necessario para a felicidade, na vida da terra e na futura, ter um procedimento virtuoso do que agradar aos deuses, para que estes fossem propicios aos homens. Por uma maioria de seis votos em quinhentos e tan-

tos, foi condemnado á morte, que teve de aguardar na prisão durante cerca de trinta dias.

Numa manhã, ao despertar, deu com seu amigo Criton, sentado ao lado do leito. "Porque vieste tão cedo, meu amigo?"

Informando-o Criton de que a sentença devia ser cumprida no dia immediato, limitou-se a dizer, com a sua habitual resignação: "Assim seja, si tal é a vontade de Deus!"

Criton, porém, que havia comprado o carcereiro e reparado um abrigo seguro na Thessalia, propoz-lhe que fugisse. O philosopho indagou si elle conhecia algum lugar, em que o homem se libertasse da morte e, apesar de toda a eloquencia de seu discipulo, que procurava demonstrar a iniquidade do supplicio que lhe era imposto, a necessidade de evitar aos gregos a dôr futura de haver commettido tão grande erro, a necessidade d'elle continuar a prégar a sua elevada moral, de cuidar da propria familia, recusou satisfazer a generosa amizade de Criton.

"Apesar de condemnado injustamente, não tenho o direito de ultrajar minha patria. Tem ella sobre mim todos os direitos e eu nenhum sobre ella. Fiz o juramento de obedecer ás leis; teria sido com o pensamento de desligar-me d'elle quando me aprouvesse? Não, não quebrarei o juramento feito."

E' que elle erigia a obediencia ás leis da patria como a primeira virtude de um cidadão.

Um dos seus discipulos, Apollodoro, fez-lhe sentir que o que mais lhe doia era vel-o condemnado injustamente. Como remate de uma vida cheia das mais

excelsas virtudes moraes, Socrates fez-lhe esta admiravel pergunta: "Ficarieis menos afflicto, Apollodoro, si eu tivesse merecido meu supplicio? Quererieis verme morrer culpado?"



Ultimos momentos de Socrates

Quando o escravo encarregado de ministrar-lhe o veneno lhe apresentou a taça de cicuta, o celebre moralista a tomou com mão firme e a bebeu sem hesitação.

## Resignação do sabio

Em sordida masmorra aferrolhado,  
Em cadeias asperrimas cingido,  
Por ferozes contrarios perseguido,  
Por linguas impostoras criminado;

Os membros quasi nús, o aspecto honrado,  
Por vil bocca e vil mão, rôto e cuspidado,  
Sem ver um só mortal compadecido  
Do seu funesto rigoroso estado:

O penetrante e barbaro instrumento,  
De atroz, violenta, inevitavel morte,  
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,  
Inda assim tem prazer, socego, alento,  
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

BOCAGE.

## Themístocles

Ao povo que habitou a minuscula península que se acha ao sul dos Balkans, a Grecia, coube, do IX seculo antes de Christo ao III da nossa era, a imperecivel gloria de elaborar a sciencia em seu inicio e o primeiro surto das artes estheticas. Tal foi o papel que competiu a esse povo na evolução da Humanidade e que então só elle preencheu, já no seu proprio solo, já nas innumeras colonias por elle estabelecidas em todas as costas do Mediterraneo. Algumas destas, exactamente das mais importantes e antigas, achavam-se sobre a costa occidental da Asia Menor, com cidades que se celebrizaram como Mileto, Epheso, Hali-carnasso, Metylena e outras.



Themistocles

Os gregos, muito mais adeantados do que os povos da Asia, queriam desfructar liberdade mais completa e mais ampla, tinham outras idéas mais avançadas, eram já verdadeiramente polytheistas, etc.; os orientaes sujeitavam-se a um governo mais absoluto e mais despotico, conservavam-se apegados a uma religião astrolatrica, menos desprendida de fetichismo.

A extensão do imperio dos Persas com Cyro levára os ultimos ao contacto dos gregos dessas colonias, as quaes não quizeram sujeitar-se ao dominio persa e pediram o soccorro da Grecia. Dahi as luctas entre o valoroso pygmeu que era este ultimo paiz e o gigantesco imperio dos Persas, luctas denominadas *guerras medas*, porque o povo *meda* se fundira com o persa.

A primeira dessas guerras teve o seu epilogo na famosa batalha de Marathona em que Milciades, com a sua consummada estrategia, dispondo apenas de cerca de 10.000 athenienses, desbaratou 50.000 persas, cobrindo-se da mais merecida e extraordinaria gloria. Nella tomaram parte notavel Eschylo, um grande escriptor dramatico, Aristides, cognominado o Justo, e Themistocles, que se devia immortalizar no segundo empreendimento dos persas contra os gregos.

Este ultimo, desde moço, revelára ardente desejo de illustrar-se, conquistando tambem a gloria. Dizem que, sobretudo depois da esplendorosa victoria de Milciades, elle se tornou pensativo e distrahido; passava as noites em claro e fugia dos banquetes; quando inquiriam d'elle que motivos haviam determinado alteração tão profunda em seu systema de vida, respondia: "A gloria de Milciades não me deixa dormir".

Desde logo percebeu que a Grecia precisava resistir a todo transe ao formidavel embate que lhe preparava a Persia. Preoccupado em salvar os gregos desse jugo que se lhe afigurava um desastre irreparavel, como de facto o seria, segundo hoje o de-

monstra a Historia, pois elle impediria o desenvolvimento da sciencia grega e por esta forma retardaria o progresso da civilização, Themistocles reputava imprescindivel a formação de uma poderosa esquadra, para bater o rei dos Persas, Xerxes. Teve contra si Aristides, cuja influencia era enorme e cujo *ostracismo* foi forçado a obter, para poder pôr em pratica suas idéas.

Com immenso tino e inquebrantavel tenacidade, conseguiu estabelecer entre os gregos, sempre divididos por dissensões intestinas, uma relativa união, sem a qual não poderiam oppôr-se efficazmente aos persas. Elle tornára a esquadra atheniense mais forte e maior do que as outras. Pois bem, chegado o momento de conferir-se o commando, que, por todos os motivos, deveria recahir sobre o proprio Themistocles, este, para evitar que os Espartanos abandonassem a lucta, desistiu, com a maior abnegação, em favor de um espartano, Eurybiades. Por outro lado, elle fazia revogar o banimento de quasi todos os gregos, entre os quaes fez questão de incluir o seu rival, Aristides. Desse critico momento, em que se jogavam os destinos da Humanidade, ha dois factos reveladores da superioridade de Themistocles, de seu espirito de concordia, oriundo de acrisolado civismo.

Themistocles procurava persuadir os gregos, de que deviam dar combate no Golfo de Salamina; a discussão tornou-se tempestuosa e Eurybiades, irritadissimo, levantou seu bastão para bater-lhe. Themistocles, sem perder a calma, e com a maior brandura, deu-lhe esta resposta, que ficou celebre na historia e

que permittiu o proseguimento da discussão: "Bate, mas escuta".

Com a sua prodigiosa força de vontade, conseguiu que os gregos não se afastassem e, comquanto tendo de lançar mão de um artil, obrigou-os a travar em Salamina a memorabilissima batalha naval, que levou Xerxes a fugir para a Persia, depois de vergonhosamente derrotado.

Ao ver regressar Aristides, que, magnanimo tambem, fôra espontaneamente procural-o, Themistocles, confiando no patriotismo de seu emulo, conta-lhe o que pretendia fazer para salvar a Grecia e obtem d'elle a approvação de seus planos. Já ao proprio Aristides, com o qual fôra anteriormente escolhido para importante embaixada, dissera elle, ao transporem os muros de Athenas: "Abandonemos aqui nossa inimidade: nós a retomaremos, si o quizerdes, em nosso regresso". Pode-se revelar de melhor fórma quanto os interesses collectivos devem estar em plano superior a quaesquer dissensões e antipathias pessoasas?

Pois bem, esse servidor emerito da Grecia, que a salvou do jugo persa, que reconstruiu e engrandeceu Athenas, que fortificou seu porto, o Pireu, tambem foi banido pelo ostracismo e mais do que isto, tão perseguido que se viu forçado, segundo a versão mais sympathica, á ousadia de procurar um asylo na propria Persia, onde o seu rei, Artaxerxes, o acolheu e tratou com as maiores honras. Mas, quando este, insistindo em incorporar a Grecia aos seus dominios, quiz que elle tomasse o commando da expedição, The-

mistocles, para não se cobrir de vergonha combatendo contra sua terra, o que aliás não era raro por aquelles tempos, preferiu eliminar-se do numero dos vivos, envenenando-se.

Tenha-se elle suicidado, ou não, como querem alguns historiadores, as suas incontestaveis virtudes e o imperecivel serviço de haver preparado e obtido a victoria de Salamina, fazem olvidar quaesquer erros seus contra uma patria que se fizera madrastra.

Não devia ser esta a ultima vez que a Grecia pagava com negra ingratidão os serviços de seus mais insignes filhos. Mais tarde encontraremos a bellissima figura do incorruptivel e honestissimo Phocion, condemnado á morte, após ter sido eleito quarenta e cinco vezes general, sem o pedir, e de ter prestado aos Athenienses os mais relevantes serviços; aos oitenta e cinco annos de idade, sem permittirem que elle se defendesse, condemnaram-n'o a morrer pela cicuta.

Perguntaram-lhe, quando ia bebel-a, si não desejava dizer alguma cousa a seu filho. Com soberba magnanimidade, disse a este: "Meu caro filho, recommendo-vos que sirvaes vossa Patria com tanta fidelidade e zelo quanto eu, e, sobretudo, que vos esqueçaes de que uma morte injusta foi o premio com que ella pagou os meus serviços".

## Péricles

Foi visto atraz que as tentativas dos persas para se apoderarem da Grecia, pequena de territorios para despertar-lhes a cubiça, porém prodigiosamente gran-



Péricles

de em sua civilização e fama para incitar-lhes a vaidade de subjugal-a, haviam tido como epilogo o desastre de Salamina. Comquanto os persas se houvessem retirado para seu Imperio, temiam os gregos que elles tornassem terceira vez e, por isso, deliberaram aniquillar-lhes a frota, para o que continuaram a guerra. Athenas, que se constituiu o centro e a alma da heroica resis-

tencia, foi incumbida por suas allia-das, mediante uma contribuição, a principio de homens, navios e dinheiro e depois só de dinheiro, de fazer a guerra.

Por occasião da segunda invasão persa, Xerxes incendiára Athenas. Esta cidade tinha então a ventura de contar entre os seus filhos um cidadão de peregrinas virtudes e de esclarecido espirito, Péricles, que a soube reger durante 40 annos do esplendido periodo que succedeu ás duas guerras medas.

Dependendo parte das contribuições, Péricles re-

construiu inteiramente Athenas, com um admiravel esplendor, ligando indissolavelmente seu nome, não só ás sublimes producções artisticas que a enriquece-ram então, como sobretudo á grande floração lite-raria e á evolução politica de toda a Grecia nessa era. Eis porque o seculo em que viveu, o V antes de Christo, ficou conhecido e celebrado como o seculo de Pé-ricles.

Muito contribuiu para fazel-o o cidadão apto a bem servir, um celebre philosopho, Anaxágoras. Este não o educou, como Aristoteles a Alexandre, mas, tendo sido, pelo espontaneo amor que Péricles dedi-cava aos estudos, seu mestre, infiltrou-lhe a alma dos sentimentos de uma moral elevada e pura e illustrou-lhe o espirito com todos os conhecimentos do tempo e com melhores explicações do mundo. Péricles man-teve sempre pelo philosopho a mais profunda venera-ção e ininterrupta e viva amizade. Diz Plutarcho que, "sem duvida" a elle devia Péricles "a nobreza de linguagem, extreme de qualquer trivialidade e de charlatanismo. Mas ao mesmo tempo a severidade de seus traços, que não era alterada pelo sorriso, a tran-quillidade do andar, a calma de sua acção oratoria, que a propria paixão não conseguia perturbar, o timbre de sua voz sempre bem emittida, todas estas quali-dades faziam Péricles o objecto da admiração geral". Era tão intensa tal admiração que o cognominaram o Olympico.

Certa vez, soube demonstrar quanto lhe haviam aproveitado as lições de moderação do philosopho. Um homem baixo e insolente levou durante o dia in-

teiro a perseguil-o com insultos e injurias. Péricles supportou tudo com inalteravel paciencia, sem lhe dizer uma unica palayra, continuando a cuidar dos negocios publicos urgentes na ágora. A' noite, regres-sou tranquillamente para seu lar, mas ainda perse-guido pelo mesmo individuo, que persistia em acabru-nhal-o com improperios. Vendo Péricles que a noite estava extremamente escura e receiando que seu inju-riador viesse a soffrer qualquer accidente pelo ca-minho, ordenou a um de seus escravos que tomasse archotes e o reconduzisse até á casa d'elle.

Ora, numa época em que a segurança pelos cami-nhos era tudo quanto havia de menos seguro, facil seria aproveitar-se da noite para castigal-o impune-mente. Pois Péricles soube ser tão magnanimo que, além de não pensar em vingar-se, ainda se preocupou de impedir que viesse a succeder mal ao seu impla-cavel insultador. Dir-se-ia talvez ter querido apenas pôr-se a coberto de qualquer increpação que pudesse decorrer de mal cuja responsabilidade lhe não cou-besse. Ainda assim sua conducta foi a mais nobre possivel.

Péricles contribuia mensalmente para a manu-tenção de seu eminente mestre. Todavia houve uma occasião em que, realmente absorvido por multiplos e intrincadissimos negocios publicos, succedeu esque-cer-se de acudir-lhe com regularidade. Dizem que Ana-xágoras, velho, alquebrado, se sentiu por tal fórma desse descuido de seu eminente discipulo, em vista de attribuil-o á perda da amizade deste, que deliberára deixar-se morrer de fome, e, por isto, deitara-se, en-

volvendo a cabeça em seu manto. Alguem, porém, tendo noticia do facto, apressa-se em leval-o ao conhe-cimento de Péricles, que, afflicto e por entender que a responsabilidade do caso lhe cabe, vóa em auxilio de seu pobre philosopho. Com as mais nobres sup-plicas, com tocantes demonstrações de quanto conti-nuava a querer-lhe e prezal-o, tendo os olhos marejados de lagrimas, appella, já não tanto por elle apenas Anaxágoras, mas pelos beneficios que de seus pre-ciosos conselhos e luzes adviriam para a adminis-tração publica. Anaxágoras, então, descobrindo ligei-ramente a cabeça, objectou-lhe apenas com brandura: "Quem tem necessidade da luz de uma lampada não se esquece de enche-la de azeite".

Desde então, nunca mais o grande Atheniense se descuidou daquelle que tão bem o instruiu e do qual se conservou sempre verdadeiro amigo, como o de-monstra a circumstancia de, já no fim de sua vida, terem querido feril-o, perseguindo o seu venerado mestre: accusaram este de blasphemar contra a reli-gião, em virtude de discorrer sobre os phenomenos celestes. Péricles não conseguiu evitar que conde-mnassem o philosopho ao ostracismo; mas, temendo pela vida deste, não o abandonou e só se tranquillizou quando, levando-o até ás portas da cidade, lhe faci-litou a fuga.

Filho da classe aristocratica, Péricles veio a assu-mir desde joven a chefia do partido popular. Por sua conducta, pois sempre consagrou seus immensos ren-dimentos para melhorar a situação de uma multidão de pobres, enquanto elle levava a vida a mais sim-

ples e sobria possível; e por sua eloquencia, da qual só se utilizava para orientar seus concidadãos no sentido que elle reputava mais proprio para a felicidade e o engrandecimento de sua patria, Péricles bem merece o conceito seguinte, devido ao seu conterraneo, o historiador Thucydides, autor de magistraes pinturas dos factos dessa época: “A autoridade resultava da reputação e da confiança de que gozava este homem, evidentemente incorruptivel e insensivel ás riquezas; que, achando sua patria grande, a tornou ainda maior e mais opulenta; que, tendo-se tornado mais poderoso que muitos reis e tyrannos e do que aquelles que transmittiram o poder aos proprios filhos, não augmentou, por pouco que fosse, a fortuna que lhe legára seu proprio pae”.

Sua eloquencia era de uma força esmagadora; todavia nunca elle transigiu em suas idéas, para arranjar applausos, nem tão pouco para augmentar a sua força politica. De que vastos recursos dispunha a sua arte oratoria, dá testemunho bastante um seu adversario, chamado Thucydides, não o historiador ha pouco citado, porém afamado orador, que, interpellido sobre qual dos dois era melhor combatente nas pugnas da tribuna, deu esta bella resposta: “Quando na lucta eu o derrubo, elle grita que não cahiu, que elle está por cima e consegue por fim persuadir os espectadores”. O poeta Aristophanes referia-se aos seus talentos oratorios nos seguintes termos: “E’ um raio, um trovão que agita a Grecia”.

Agitava apenas para o bem. Ouçamos ainda o historiador Thucydides: “Devendo seu poder apenas á

dignidade de seu character, á sua sabedoria e á sua incorruptibilidade, governou com as mãos livres. Foi o chefe real do povo, porque não se deixava conduzir por elle. Não procurando a influencia em fontes indignas, nunca falou aos Athenienses para agradar-lhes; mas tinha, pelo contrario, um sentimento elevado de sua dignidade para contradizel-os, ainda mesmo arrostando o risco de desgostar o povo. Assim, nominalmente Athenas era uma democracia e de facto um governo nas mãos do mais eminente dos seus cidadãos”.

Para chegar a seus fins, adoptava sempre meios rectos, irreprehensíveis, procurando conduzir o povo ao seu modo de pensar pela persuasão e pela razão. Havendo sido accusado de delapidar e dissipar os dinheiros publicos nas innumeraveis obras de arte dos monumentos com que embellezava Athenas, assomou á tribuna: “Achaes, perguntou elle, que são exaggeradas as despezas? — Exaggeradissimas, responderam-lhe. — Pois bem, Athenienses, eu me encarregarei de tudo; não partilhareis mais da despeza, porém, eu vos previno de que, nesses monumentos, que desde então me pertencerão, farei gravar apenas o meu nome!”

Arrebatada talvez pela generosidade de Péricles ou ciosa da imperecível gloria ligada aos grandiosos empreendimentos deste, a assembléa lhe pede que prosiga e que gaste o que quizer.

Athenas attingia então ao apogeu da época mais resplandecente de toda a sua evolução e a ella vi-nham ter, protegidos, animados e auxiliados por Pé-

ricles, os maiores poetas, pintores, esculptores, architectos, numa exuberancia de producção sem paralelo na Historia. Phidias, o grande esculptor, seu intimo amigo, foi o director das obras.

O nobre character e a bella acção de Péricles estão retracados por elle proprio, com fidelidade, segundo a Historia o reconhece, num dos seus mais memoraveis discursos, uma oração funebre em honra de Athenienses tombados pela Patria no campo de batalha. "A consideração entre nós não é concedida sinão ao que se distingue por algum merito; e si a republica concede honras, é pelas virtudes e não por um privilegio. Quem pôde prestar serviços ao Estado, não se vê repellido, por ser obscuro ou pobre. Todos nós manifestamos com liberdade nosso parecer sobre os interesses publicos e, no commercio diario da vida, procedemos sem desconfiança sobre as acções dos outros; nós não lhes fazemos um crime de seus prazeres; nós não lhes apresentamos uma physionomia severa que, quando não offende, pelo menos aborrece. Sem constrangimento em nossas relações, um salutar temor nos impede de prevaricar no que concerne á Patria; acatamos sempre os magistrados e as leis, sobretudo as que favorecem os opprimidos, e todas as que, sem serem escriptas, infligem ao transgressor o desprezo universal". "Não são estes apenas", acrescenta adeante, "os nossos unicos titulos á admiração dos homens. Temos o gosto do bello, mas com economia; entregamo-nos á philosophia, sem perdermos a energia; possuímos riquezas, para empregal-as com senso e não para nos envaidecermos". E mais

longe ainda, antevendo com consciencia o conceito do Porvir: "admirados na idade presente, nós o sere-mos ainda pela posteridade".

Assim é, e muito principalmente para com elle, a quem se podem applicar as suas proprias e soberbas palavras: "Os grandes homens têm o universo inteiro por tumba; não é sómente a inscripção das columnas erigidas em sua patria, que os torna famosos; até no estrangeiro a memoria de seu devotamento, mais ainda do que seus feitos, permanece imperecível".

## Alexandre

Após as victorias dos gregos sobre os persas, em Salamina e depois nas margens do Eurymedonte, Athenas havia attingido um extraordinario poder, o qual mais exarcebou a rivalidade de Esparta, cuja conducta naquella memoravel luta fôra bem pouco nobre. Reben-tou, por esse motivo, em 431, A. C., uma guerra implacavel entre as duas, denominada guerra do Peloponeso, por se achar Esparta sobre esta parte peninsular da Grecia, guerra que se prolongou por quasi trinta annos e que deixou as duas cidades exgottadas e toda a Grecia inteiramente enfraquecida. Philippe, rei de um pequeno estado grego do Norte, a Macedonia, aproveitou-se dessa cir-



Alexandre Magno

cumstancia para dilatar seus domínios, tornando-se com a celebre victoria de Cheronéa, senhor da Grecia. O sonho que Philippe mais afagava era o de atacar os persas, com o auxilio dos gregos, e conquistar-lhes o immenso imperio. Coube, porém, este gigantesco empreendimento a Alexandre Magno, seu filho, que o levou a effeito de fórma surprehendente, tal a rapidez, a segurança, a audacia e a relativa facilidade com que se desenvolveu essa conquista.

Convem vêr que, para a segurança da Grecia, tal expedição já se não justificava como a que conduziu Cimon á victoria do Eurymedonte. Comtudo, para os destinos ulteriores da Humanidade, fizera-se necessario garantir uma sufficiente extensão e propagação da cultura intellectual e artistica da Grecia pelos paizes orientaes. Alexandre desde moço acalentou o projecto de seu pae e soube realizal-o soberbamente, comquanto o povo grego nada haja lucrado quanto ao seu proprio progresso; em contacto com esses povos orientaes, mais atrazados do que elle, porém, de uma prodigiosa riqueza accumulada por seculos e séculos, viu a desordem aggravar-se mais em seu proprio paiz.

Philippe, que já foi um eminente estadista, teve a fortuna de ver nascer seu filho ao tempo de Aristoteles. A este, a mais portentosa cerebração da antiguidade, escreveu elle: "Communico-vos que o céo acaba de dar-me um filho. Rendo graças aos deuses, não tanto pelo presente que me fazem, quanto de m'ó terem feito em vida de Aristoteles. Nutro a esperança

de que vós fareis d'elle um successor digno de nós, digno de governar os Macedonios".

O celebre philosopho instruiu Alexandre, cuja intelligencia profunda e brilhante foi um campo fecundo que recebeu admiravelmente a vasta cultura scientifica e literaria daquelle genio, do qual nunca se esqueceu, mesmo nas suas mais longinquas expedições; remettia-lhe farta copia de documentos, especimens, obras, producções de toda ordem, da natureza e do homem, porque elle bem sabia que a cabeça de Aristoteles tudo abarcava, tudo estudava, a tudo dava interesse, para tudo pesquisava explicações e architectava theorias. Eis como Alexandre collaborava para que a Humanidade pudesse, durante cerca de 15 seculos, abeberar-se nas gigantescas obras do Principe dos Philosophos.

Alexandre, que não foi isento de alguns defeitos assás graves, dos quaes partilhavam aliás quasi todos os seus contemporaneos, soffreu tão notavel influencia por parte de seu preceptor mental, que declarava "não o amar menos do que a seu pae, pois, si a este devia a vida, a Aristoteles devia o viver com virtude".

E' bem de presumir que seu temperamento fozoso e arrebatado se houvesse abrandado com as lições de moderação dadas pelo philosopho. Tributo sempre extraordinaria admiração pelos grandes poetas e artistas, mau grado deixar transparecer, desde sua infancia, o sentimento de sua propria superioridade real, segundo se verifica por varios factos.

E' assás conhecido o caso do seu cavallo Bucephalo, cuja aquisição se deu nas condições narradas

por Plutarcho nos seguintes termos: "Um thessalio offereceu, por enorme preço, um cavallo a Philippe. Desceram ao campo para experimental-o; acharam-n'õ respingão e pouco obediente ao freio; atirava por terra seu cavalleiro, não podia supportar a voz de nenhum dos picadores de Philippe, empinava-se com todos. Philippe, descontente, dá ordem para que o reconduzam, como animal selvagem e indomavel. Alexandre, que estava presente, lastima: "Que cavallo perdem, por falta de geito e inaptidão em se servirem delle!" Philippe nada disse a principio, mas ouvindo Alexandre insistir em semelhante apreciação, pareceu aborrecido. "Tu censuras os mais velhos do que tu, como si tivesses mais conhecimento e soubesses guiar melhor um cavallo" — "Mas, sim, retrucou Alexandre. Eu o dirigirei com maior habilidade do que qualquer delles". — "E si não souberes servir-te delle, qual será a pena de tua presumpção?" — "Oh, por Jupiter! exclama Alexandre, eu pagarei o preço do cavallo". Acharam graça, mas foi fixada a quantia a pagar. Alexandre dirige-se para o cavallo, toma a redea e o dispõe com a cara voltada contra o sol, tendo observado sem duvida que era a vista da propria sombra, cahindo á sua frente e pondo-se em movimento deante delle, que o espantava. Por isso, durante alguns instantes, Alexandre o afaga e o acaricia, mantendo-se perto do animal, que vê cheio de ardor e de fogo; depois atira tranquillamente seu manto ao sólo, pula com rapidez, monta com ousadia, puxa brandamente a redea e levanta o freio, mas sem bater, sem irritar o animal. Em seguida, quando elle vê que o

cavallo desistiu de suas ameaças e que apenas queria lançar-se a galope, affrouxa as redeas, lança-o na pista, fala-lhe com voz rude, aperta-o com os calcanhares. Philippe e sua comitiva assustam-se e conservam-se em silencio; mas quando Alexandre volta sem embaraço, orgulhoso e alegre, todos os assistentes soltam gritos de triumpho e o pae, chorando de contente, segundo dizem, beija a testa de seu filho que acaba de desmontar: "O' meu filho, diz elle, procura um reino de tua estatura: a Macedonia é pequena para conter-te!"

Estas phrases caracterizam bem a admiração que Alexandre já causava e que, pelas provas crescentes de bom senso e do desejo de celebrar-se, cada vez mais merecia. Do primeiro cita-se o caso delle haver inquirido com tanta minucia e ponderação sobre as condições do Imperio Persa aos embaixadores deste que elles cotaram a reputada habilidade de Philippe como nada sendo ante a vivacidade e argucia de seu joven filho. Da segunda dá testemunha o que dizia aos companheiros de sua idade ao ter noticia de cada novo feito de Philippe: "Meus caros, meu pae conquistará tudo: não me deixará uma só obra grandiosa e brilhante a emprehender convosco".

A gloria a que aspirava era a de grandes conquistas, a do desenvolvimento de seu reino, a da disseminação da cultura grega, e não a do gozo, a do fausto, da riqueza, porque, assás sobrio e simples, se sujeitava a todas as privações, dando nisso exemplo aos seus soldados.

Como se sabe, aos vinte annos resolve atirar-se

á conquista do Imperio Persa. Distribue as suas riquezas pelos amigos e, quando um destes lhe objecta que cousa alguma guardára para si proprio, responde com aquella assombrosa confiança que tinha em si: "Reservo para mim a esperança!" Uma vez na Asia, vae successivamente abatendo o poderio dos persas, em Granico, em Issus, e, finalmente, em Arbelles, onde rue de vez o reino de Dario III. Na estupenda marcha atravez deste, corta certa vez desertos por onde a agua escasseava. Atormentado com todo o seu exercito pela sêde, depara com uns poucos macedonios a conduzirem agua em ôdres. Vendo Alexandre a arder em sêde, offerecem-lhe elles uma pouca de agua num capacete. Quando Alexandre ia leval-o aos labios soffregos, lembra-se de seus soldados e, olhando em torno, os vê tão avidos daquella agua quanto elle. Restitue o capacete, sem beber, dizendo: "Si eu beber, toda esta gente perderá a coragem!" Esta sua recusa foi effectivamente quanto bastou para communicar novo alento á tropa, que esqueceu a fadiga e a sêde.

Quando, logo depois de haver subido ao throno, a Grecia, tendo-o por uma creança, se revoltou, a cidade de Thebas foi tomada e destruida. Uma thebana illustre, Timocléa, viu a sua casa saqueada e arrazada e até mesmo maltratado o seu proprio corpo pelo chefe do bando de soldados. Havendo este ultimo inquirido si ella possuia prata e ouro escondidos, respondeu-lhe que de facto occultára suas riquezas num poço, por occasião da tomada da cidade. Vae mostrar-lh'o e, quando o soldado se inclina para o

espiar, ella o lança dentro do poço e atira-lhe por cima muitas pedras, conseguindo matal-o. E' conduzida presa perante Alexandre, ao qual se apresenta sem espanto e sem temor. Interrogada, informa-o com altivez que seu irmão havia sabido fazer-se matar combatendo contra Philippe; em favor da liberdade dos gregos. Alexandre, sempre admirador da nobreza de character, ordena que a deixem livre com seus filhos.

E' bem sabido que de igual sorte, ou melhor, até com grande magnanimidade, tratou o rei indiano Porus, a quem havia vencido após tenacissima resistencia. Quando indagou deste como queria que o trattasse, respondeu Porus: "Como rei!" E como Alexandre perguntasse si nada mais queria, limitou-se a acrescentar: "Tudo está comprehendido nas palavras: Como rei!" Arroubado pela inamolgavel altivez desse vencido illustre, Alexandre não se limitou a restituir-lhe o reino, mas foi até a augmentar-lh'o, fazendo de Porus um amigo.

Um de seus favoritos, vendo-o certo dia perdoar um condemnado á pena ultima, ousou objectar-lhe: "Em vosso lugar não teria usado de clemencia para com esse criminoso". — "Pois exactamente por não estar eu no vosso, replicou-lhe logo Alexandre, eu lhe concedi o perdão. Vós ignoraes, sem duvida, que, para uma bella alma, a clemencia tem mais doçura do que a vingança!"

Si não attentarmos á época, a phrase de Alexandre pôde parecer sem nobreza, visto como hoje, quanto muitos ainda o sintam, ninguem mais admitte

que se deva ter prazer na vingança. Outro tanto, todavia, não se dava por aquelles tempos, em que *a vingança era tida como o prazer dos deuses*.

Na batalha de Issus cahiram-lhe em poder a mãe, a mulher e as filhas de Dario, ás quaes tratou sempre com as mais respeitosas deferencias e honras. Nem sequer lhe passou pela mente a idéa de, por meio dellas, impôr condições a Dario. Queria vencer a este pela sua propria superioridade, como o logrou fazer na batalha de Arbelles. Conta-se que seus officiaes o aconselhavam a travar a batalha durante a noite, para evitar que o seu exercito corresse o risco de atemorizar-se ao enfrentar com as infindaveis hostes persás e porque assim elle poderia lançar a confusão entre estas ultimas. Com aquella soberba grandeza de alma, Alexandre retrucou: "Eu não roubo a victoria". Dormiu tranquillamente; no dia immediato, o Imperio Persa era seu e Dario fugia, para logo depois ser morto, mas não por sua ordem, tanto assim que lhe prestou todas as honras funebres, que lhe eram devidas como rei da Persia.

Nem era de esperar menor nobreza de quem tivera Aristoteles por mestre e elegera a Iliada de Homero como seu livro predilecto, a ponto de dormir com elle sob o travesseiro. Dos thesouros de Dario trouxeram-lhe um cofresinho considerado como um dos objectos mais preciosos do mundo. Comprazeu-se o Rei Macedonio em inquirir dos amigos qual o mais digno destino que poderia ser dado ao mesmo. Varias foram as respostas, após as quaes

elle declarou: "Pois a meu ver um só — o de encerrar a Iliada!"

"Na idade de trinta e tres annos, diz o eminente historiador francez Bossuet, no meio dos mais vastos designios que um homem jamais ousou conceber, e com as mais justas esperanças de um feliz successo, elle morreu, sem ter tido o ensejo de estabelecer solidamente sua situação e seus intentos politicos, deixando um irmão imbecil e um filho em tenra idade, incapazes de sustentar tão grande peso."

Preoccupado em promover a fusão dos gregos com os povos orientaes, elle procurára dar o exemplo, casando-se com uma filha do proprio Dario. Em seus ultimos dias, assás tormentosos para a sua côrte, perseguido por uma febre que apanhára em Babylonia, não vendo ninguem que o substituisse, quando indagaram a quem deixaria o seu annel de commando, respondeu apenas: "Ao mais digno!"

A historia confirmou-lhe o cognome de Magno, mas é bem de ver que não o fez pela assombrosa expedição apenas, pela conquista fulminante, pela digna, comquanto grande ambição de gloria que sempre manifestou tão intensamente, porém pelos designios, pela maneira generosa e clemente por que procedia para com os vencidos, pela sua segurança de vistas, pelos progressos que ia determinando em sua rapida passagem, pelos serviços immensos que a disseminação da cultura grega prèstou á Humanidade.

## Romanos

Pelo centro da bacia do Mediterraneo avança estreita e longa península, a Italia, completada ao sul por uma grande ilha, a Sicilia. Esta e o sul da península bem cedo se pontearam de colonias gregas e cartaginezas, as quaes por ahi foram disseminando as suas respectivas civilizações. Para o centro e ao norte, as populações, bem mais atrasadas, subdividiam-se em innumerous pequenos povos independentes, cada qual com seu territorio, sua cidade e seu governo. Entre estes estados, contava-se o romano, cuja cidade, Roma, se achava no Lacio, ás margens do Tibre, quasi sobre a costa occidental. Queria a lenda que ella houvesse sido fundada, em 754 A. C., por dois irmãos, Romulo e Remo, descendentes de um troiano fugitivo, Enéas.

Cerca de cinco séculos A. C., esse minuscuro povo, que já dilatára seus dominios com a sujeição dos estados mais vizinhos, começa a destacar-se pelo maior sentimento de união, pela sua superior energia e inquebrantavel firmeza e, especialmente, pelo objectivo continuo, adoptado por todos os seus habitantes, de promover a successiva expansão dos seus dominios. Fôra elle até então um reino, cujo rei partilhava o poder com uma assembléa constituida por descendentes dos primitivos fundadores. Mas, nessa época,

foi substituida a fórma monarchica pela republicana aristocratica. O poder passou, então, para o Senado, o qual, cinco seculos após, quasi em nossa era, se vê



Soldados romanos

despojado delle, com a implantação de uma dictadura, levantada pelo povo ou pelo exercito, na qual toda a autoridade ficou concentrada nas mãos do Imperador.

Com a republica, Roma põe-se accentuadamente a extender o seu dominio, a pouco e pouco, sujeitando todos os povos que a cercavam. Ao iniciar-se a era christã, achavam-se annexados ao Imperio Romano todos os paizes civilizados.

Comtudo, já não procederam os romanos como os imperios orientaes; concediam aos povos conquistados certa liberdade, os quaes, dest'arte, se tornavam

seus amigos. Succedia até que, sob o dominio romano, desfructavam, em via de regra, maior tranquillidade e mais ampla liberdade do que independentes como se achavam antes, pois lhes era dispensado tratamento menos oppressivo e tyrannico do que pelos seus proprios governos. Quer por isto, quer por darem os romanos preferencia aos meios pacificos, a conquista romana, segundo um grande philosopho, "custou menos sangue e oppressão do que as mortiferas e estereis guerras gregas". Consentiram que os povos vencidos conservassem seus habitos, suas leis, sua lingua e sua religião. Eram, porém, por tal fórma superiores aos povos conquistados, que estes, espontaneamente, quando tendo uma certa identidade com os latinos, se iam, a pouco e pouco, infiltrando da civilização romana.

Nem poderia ser de outra fórma quando constatamos que todô romano punha a sua Patria acima da Familia. Além de respeitador da lei, devotava-se realmente pela direcção do paiz; todos souberam, de fórma admiravel, regular a sua conducta pessoal de conformidade com os interesses do engrandecimento da Patria. Mais do que em qualquer outro povo, desenvolveu-se a veneração, sem servilismo, e, sem indisciplina, prezou-se o merito verdadeiro. Longe de sua terra, onde quer que fosse, em meio de população muito diversa, o romano tinha seus olhos voltados para a cidade das Sete Collinas: ahi estava o seu pensamento, ahi gozava as melhores emoções e via suas esperanças, para ella trabalhava e pensava, só por ella sentia.

Nos paizes orientaes antigos, a maior parte da

população era escrava ou jazia num grau de vassallagem bem proximo da escravização, a ponto da colaboração politica individual ser quasi nulla. Entre os romanos não havia vassallos; havia cidadãos, gozando de liberdade assás consideravel, mas de que se utilizavam principalmente em serviço da communiidade. Eram, pois, levados a prezar mais a virtude do que entre os gregos, que deram exaggerado valor á intelligencia.



Hospedaria romana

A mulher já era ouvida e tratada como a companheira do homem; partindo para longinquoas e demoradas expedições, este lhe confiava inteiramente o

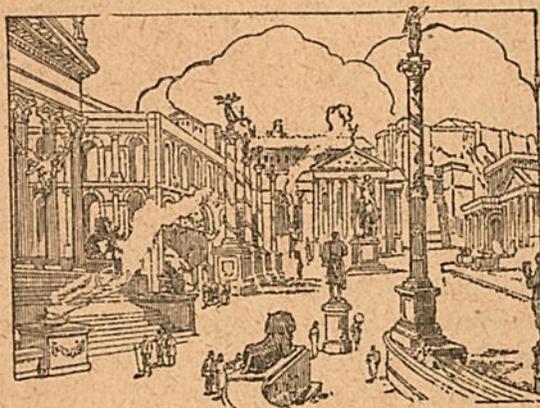
lar, os haveres, a educação dos filhos e a direcção dos escravos. A Grecia começára a adopção da monogamia, isto é, do homem casar-se com uma só mulher; Roma systematizou e generalizou pelo Occidente essa instituição. O chefe da familia continuava a ter, sobre todos os membros desta, um dominio absoluto, porém já menos tyrannico do que nas civilizações anteriores.

Os prisioneiros de guerra eram escravizados; entretanto, á custa do proprio trabalho podiam tornar-se homens livres, quando pela sua boa conducta e serviços não eram libertados pelos proprios senhores. Eram mais bem tratados e empregados nos mais variados mysterios, como operarios, artistas, medicos, professores, etc. A elles coube o desenvolvimento industrial em Roma, o qual attingiu nivel assás notavel. Isso o attestam as casas e palacios romanos, muito mais bem construidos e confortaveis do que os gregos, e bem assim os variadissimos objectos de uso diario, dos quaes ainda hoje existem alguns.

Entretinham largo e activissimo commercio com todas as regiões do immenso imperio, por onde rasgaram, em todas as direcções, esplendidas estradas, a cuja construcção se dedicava frequentemente o proprio exercito. Dotaram todas as provincias com pontes, aqueductos, fontes e banhos publicos, theatros e circos. Por toda parte a que attingiram, espalharam admiraveis monumentos, menos artisticos do que os gregos, é verdade, mas, em geral, de destino mais util e de construcção mais difficil e tão grandiosos quanto os orientaes.

Comquanto pouco se fale de sua navegação, é fóra de duvida que esta se aperfeçoou sensivelmente.

Implantaram uma ordem regular em todo o paiz, pois tinham administradores para tudo — funciona-



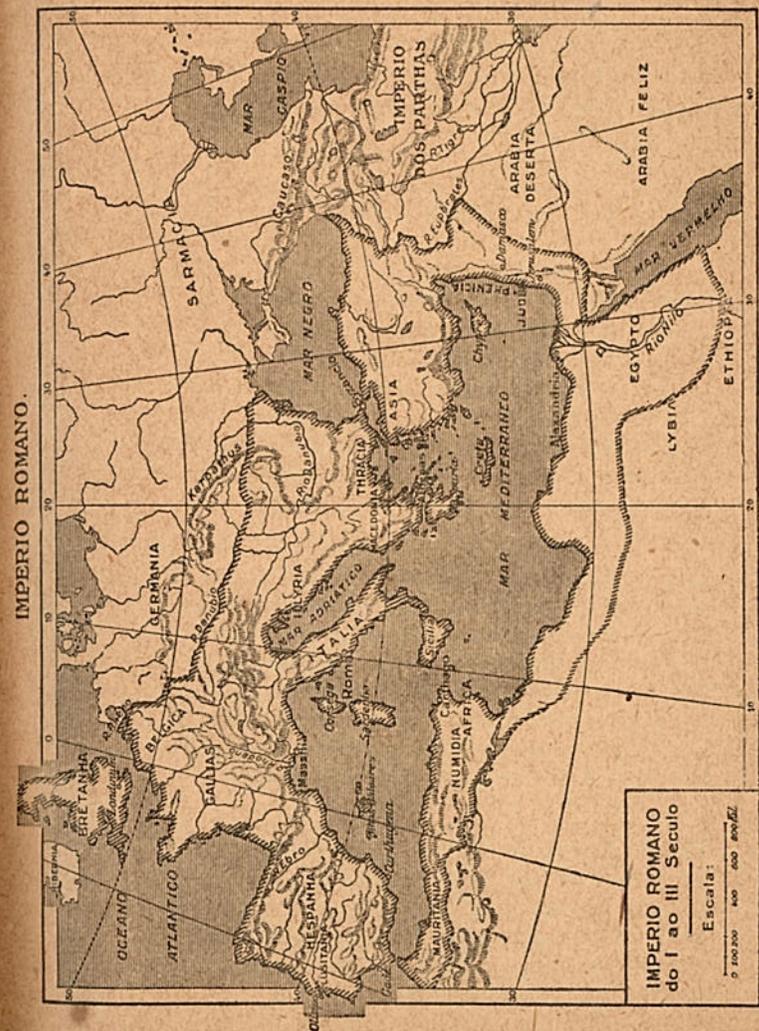
Forum romano

rios, eleitos ou nomeados, cada um tendo a seu cargo um serviço publico pelo qual era responsavel, perante o povo ou perante o governo. Os que governavam já não podiam fazer tudo quanto queriam, ainda mesmo quando, como os imperadores, enfeixavam em suas mãos um vasto poder; é o que demonstra a circumstancia de serem por vezes assassinados ou depostos. Estabeleceram-se leis, que se applicavam a todos, e instituiu-se um systema judiciario, que constituia uma especie de moral publica, independente de crenças sobrenaturaes. Seu direito famoso serviu de fonte para todas as organizações posteriores do occidente

européu. Os impostos, isto é, quantias pagas por todos para os serviços publicos, foram regularmente instituidos desde então. Mais tarde, todos os outros povos tomaram os romanos por modelo, quer quanto ao governo e ás leis, quer quanto á maneira de arrecadar e de applicar os dinheiros publicos.

Acreditavam, como os gregos, em muitos deuses, mais ou menos os mesmos, e iam até aceitando as divindades dos povos vencidos. Tinham, todavia, estabelecido para os deuses uma hierarchia, uma subordinação, como a que observavam em sua propria vida publica. Pareciam tel-os como mais poderosos do que os gregos e eram mais religiosos do que estes, comquanto suppuzessem a intervenção dos deuses menos frequente. Seu culto subordinava-se a meticoloso ritual, posto em pratica por sacerdotes especiaes em bellos templos.

Não escravizando os povos que iam annexando, concedendo-lhes paulatinamente as mesmas vantagens de que gozavam os cidadãos romanos e formando com elles um povo só, o Imperio estabeleceu a *paz romana*. As guerras feitas foram essencialmente destinadas a manter a paz, foram necessarias e beneficas para a Humanidade; é que, por aquelles tempos, os homens ainda eram como as creanças de certa idade: muito turbulentos. Roma exerceu, para com os povos civilizados de então, o papel de um pae para com os filhos pequenos. Acostumou os homens á ordem com liberdade, desenvolveu o amor á Patria e o respeito pela Familia. A ella deve a civilização occidental os maiores beneficios.



No V seculo depois de Christo, com a quêda de Roma em poder dos Barbaros, que haviam invadido o Imperio Romano do Occidente, este se extingue, por ter ficado dividido em innumeradas nações.

### Tempestade

Co' o conto do bastão, assim falando,  
A um lado fere a cavernosa serra,  
E da prisão escura arrebatando  
Soltos os ventos saem varrendo a terra:  
Em esquadrão horrisono bramando  
Se arrojam sobre o mar com dura guerra,  
Unidos o Euro, o Noto, Africo horrendo,  
Vastas ondas nas praias revolvendo.

Com gritos nisto a gente o céu feria,  
E os ventos pela enxarcia assoviavam.  
Dos olhos dos troianos foge o dia,  
E os polos de improvisos se enlutavam:  
Nos raios de Vulcano o fogo ardia,  
E co' os feros trovões os céos bramavam;  
Em tanta confusão, e sombra escura,  
Presente a morte a todos se afigura.

Vendo Enéas os mares procellosos,  
De temor se foi logo congelando,  
E erguendo as mãos aos astros luminosos  
Taes cousas diz, seus fados lamentando:  
"O' tres, e quatro vezes venturosos,  
Os que morrer puderam pelejando,  
A' vista de seus paes, junto dos altos  
Muros de Troia em marciaes assaltos.

"O' Tydides dos dânaos o mais forte,  
Que eu dos campos troianos escapasse,  
E me impedisse a minha iniqua sorte,  
Que tua dextra esta alma derramasse!  
Onde Achilles ao forte Heitor deu morte,  
E o grão Sarpédon jaz, onde igualasse,  
Esforçados varões, que do Simoente  
Entre as armas envolve a grão corrente!"

Isto dizendo undisona procella,  
Dos aquilonios sôpros impellida,  
Em pedaços lhe fez a inchada vela,  
Que abaixo vem da antenna dividida;  
Levantam-se ondas mil a cada estrella,  
Quebram-se os remos, pende a nau, rendida,  
De agua um monte o costado então batendo  
Pelo rôto convez o vae bebendo.

Uns sobre as altas nuvens os subiam  
As ondas de Neptuno furibundo,  
Outros a vêr parece que desciam  
As intimas entranhas do profundo:  
Os mares com o estrepito ferviam  
E movendo as areias do mais fundo,  
Mostravam bem ter já os sonoros ventos  
Abalado da terra os fundamentos.

Em umas rochas onde o mar rebenta  
(Cobertas delle então) a que o piloto  
Italo chama altares, atormenta  
Tres naus horrivelmente o irado Noto:  
Tres, lastimosa cousa, a turbulenta  
Furia do Euro, com grande terramoto,  
Sobre as Syrtes arroja, onde as rodeia  
Co' um grande marachão de undante areia.

Deixando o pio Enéas assombrado,  
 De seus olhos um grande mar defronte,  
 Pela pópa a nau fere, em que embarcado  
 Ia co'os lycios o fiel Oronte:  
 Cae o piloto ao mar precipitado,  
 E na mesma paragem, de agua um monte,  
 Tres vezes a submerge, e furibundo  
 Um remoinho a mette no profundo.

Raros no vasto mar se veem nadando;  
 As viris armas, taboas e riqueza  
 Troiana entregue ás ondas, fluctuando  
 Traz dos medonhos ventos a braveza:  
 Já vence a tempestade sibilando  
 Da nau de Ilionéo a fortaleza,  
 Vence a do forte Achates, e arrogante  
 A do grandevo Alethes, a de Abante.

Todas tomando vão por cada lado  
 A agua inimiga, abertas as juntas;  
 Infinita descendo do enlutado  
 Pólo, e subindo immensa a essas alturas:  
 Sentiu Neptuno então o mar turbado,  
 Ouviu da tempestade as forças duras,  
 E acudindo indignado á furia horrivel,  
 Sobre o mar a cabeça ergue aprazivel.

VIRGILIO, *Eneida*.

(Traducção de João Franco Barreto.)

## Junio Bruto e Regulo

A Roma coube, na historia do progresso humano, a gloriosissima missão de preparar os homens a sentirem-se verdadeiramente irmãos atravez de divergências ainda assás pronunciadas. Os gregos haviam dado, e ainda iam dando provas, especialmente os seus typos mais eminentes, de entranhado amor á cidade natal. Mas, infelizmente, salvo em momentos de temoroso perigo externo, como nas guerras medas, jamais se haviam elevado á concepção e ao sentimento de uma patria extensa, unida e forte, como succedeu sempre aos romanos.

Pois bem, para que sua celebre cidade, que a lenda pretende haver sido fundada por dois descendentes de deuses, Romulo e Remo, abandonados ao nascer e miraculosamente aleitados por uma loba, pudesse desempenhar a missão de fundir muitos povos em um só, entre os quaes iria por esta fórma diffundindo, não tão sómente a sua civilização mais adeantada, como ainda, mais tarde, os resultados da cultura scientifica e esthetica gregas, de que os romanos vieram a ser admiradores, foi-lhes preciso ir conquistando, com admiravel e segura tenacidade, e principio lentamente,

Vencendo em redor os povos vizinhos,

segundo o verso de Dante, e depois com vertiginosa rapidez, como succedeu com as Gallias, todo o mundo civilizado da antiguidade.

Tal foi o papel reservado a Roma: incorporar paizes, que viviam em guerras constantes, num vastissimo imperio, cujas tendencias, cujos ideaes, cuja organização, levassem ao estabelecimento de um regimen que viesse a permittir o exercicio pacifico da actividade. Ora, á vista da turbulencia das populações convizinhas, os romanos, que já aspiravam esse regimen de paz, como o demonstravam preferindo sempre resolver os casos por vias pacificas, foram compellidos a iniciar a conquista.

Para o successo desta, foi mistér um profundo sentimento de cohesão, uma disciplina e um habito de obediencia, uma abnegação em favor da collectividade, numa palavra, um sentimento de patria, que até então não existira em tão larga escala. Enganar-se-iam os meninos, si julgassem que esse sentimento só se revelava nos homens insignes que galgaram a immortalidade: não, onde quer que fosse, tinha o romano, por mais obscuro, esse sentimento de que, ainda que cuidando dos proprios interesses individuaes, o seu dever maximo era bem exercer as suas funcções publicas, era devotar-se e sacrificar-se pela sua patria, cujo centro era Roma.

Assim como a Grecia ficou sendo a constellação do saber, pelo brilhantismo com que fomentou a sciencia, a poesia, a pintura, o theatro, a eloquencia, assim tambem Roma se notabilizou como um sol admiravel das mais acrisoladas virtudes patrioticas.

A principio Roma foi governada por um Rei e por um Senado, com pouca intervenção da plebe. Entre seus reis houvera alguns de grande dignidade; mas, o setimo, Tarquinio, o Soberbo, exercia o poder tão despoticamente que se tornára odioso, não só ao povo romano, representado pelo Senado, como á plebe. Um grave attentado commettido por Sexto, filho de Tarquinio, levou Junio Bruto a pôr-se á frente de uma revolta, em virtude da qual Tarquinio foi expulso e implantada a republica. Junio Bruto e Collatino foram eleitos consules. Mas, os partidarios de Tarquinio não desistiram de reempossal-o na realza, apesar da mascula energia com que Junio Bruto se oppunha a todas as tentativas. Os emissarios do rei desthronado procuraram e conseguiram seduzir com promessas e subornar com dinheiro varios cidadãos, entre os quaes se acharam os dois filhos do proprio Bruto. Estes pensavam escapar, com a victoria da conspiração, ao que elles pretendiam ser dureza de seu pae, mas que era apenas inflexibilidade para com os maus.

Descoberta a trama, foram presos os conspiradores, em cujo numero se confavam os sobrinhos de Collatino e os dois filhos de Junio Bruto. Por occasião do julgamento, alguns romanos, em attenção a Bruto,



Junio Bruto

opinam pelo exilio dos conjurados. Collatino chora, porém Bruto, depois de perguntar tres vezes a seus filhos porque não se defendiam da accusação, manda que os executem e assiste, com a mais apparente impassibilidade, á morte de ambos.

Diz Bossuet: “Estremecemos ainda ao deparar na Historia a triste firmeza do consul Bruto, quando fez morrer a seus olhós os dois filhos que se tinham deixado arrastar ás surdas tentativas que os Tarquinios faziam em Roma para restabelecer nesta o seu dominio. Quanto foi reforçado o amor da liberdade num povo que via este consul severo immolar sua propria familia á liberdade!”

Alguns terão esta conducta como feroz, mas com razão, na opinião de Plutarcho “estão os Romanos persuadidos de que Romulo teve menos a fazer fundando Roma do que Bruto para reconquistar e firmar a liberdade de sua Patria”.

Fazendo tombar as cabeças de seus proprios filhos, comprimindo inteiramente a ternura, que por certo havia de dedicar-lhes, pondo sua patria acima das mais intensas e doces affeições pela familia, Bruto demonstrou aos futuros cidadãos romanos que, num conflicto entre a Familia e a Patria, são os interesses da ultima que devem prevalecer. Sacrificou os filhos, como se sacrificaria a si proprio, legando um exemplo de abnegação, jamais ultrapassado, porém extremamente fértil, como o prova, entre os innumerados de que está cheia a esplendorosa historia romana, o de Regulo, por occasião das *guerras pu-*

*nicas*, guerras com os Carthaginezes, descendentes dos phenicios, que em latim eram chamados Poeni.

Quando, senhora da Italia, quiz Roma conquistar a Sicilia, Carthago, cidade africana de incontestavel poderio maritimo e essencialmente commercial, soccorreu uma das cidades da ilha, Syracuse. A lucta se declarou, então, entre Roma e Carthago, pois aspiravam ambas ao dominio exclusivo do mundo.

Na primeira das tres guerras punicas, após uma victoria naval, os romanos pretenderam assenhorear-se de Carthago e foram sitiada. Mas, enfraquecido o seu exercito, por ter sido chamada uma parte das tropas, viram-se os romanos, commandados pelo consul Regulo, derrotados, cahindo mesmo este prisioneiro.

E' então que se passa o bellissimo exemplo de abnegação dado por este digno consul, após cinco annos de terrivel escravidão, e assim narrado pela brilhante penna de Chateaubriand:

“A fortuna voltou a ser favoravel aos romanos. Carthago pediu uma segunda vez a paz: ella enviou embaixadores á Italia. Regulo os acompanhou. Os carthaginezes lhe fizeram dar a palavra de que voltaria a retomar suas cadeias, caso as negociações não tivessem feliz exito: esperavam que elle advogasse com calor uma paz, que devia restituil-o á sua Patria.

“Regulo, ao chegar ás portas de Roma, recusou entrar na cidade. Havia uma antiga lei que prohibia a todo estrangeiro introduzir no Senado os embaixadores de um povo inimigo. Regulo, considerando-se

como um enviado dos carthaginezes, fez reviver nesta occasião o antigo uso; os senadores viram-se, pois, na contingencia de se reunirem fóra dos muros da cidade. Regulo communicou-lhes que elle vinha, da parte de seus senhores, pedir ao povo romano a paz ou a troca dos prisioneiros.

“Os embaixadores de Carthago, depois de haverem exposto o objectivo de sua missão, retiraram-se. Regulo quiz seguil-os, mas os senadores pediram-lhe que ficasse para a deliberação.

“Instado para dar seu parecer, elle apresentou fortemente todas as razões que Roma tinha para continuar a guerra contra Carthago. Os senadores, admirando sua firmeza, desejavam salvar um tal cidadão; o summo pontifice sustentava que era possível desligal-o dos juramentos que elle havia prestado.

“O illustre captivo disse, então, com uma voz que assombrou a assembléa: “Segui os conselhos que eu vos dei e esquecei Regulo. Não ficarei em Roma, após ter sido escravo de Carthago; não attrahirei sobre vós a colera dos deuses. Eu prometti aos inimigos retornar ás mãos delles, si vós rejeitasseis a paz; manterei meu juramento. Não conseguimos enganar a Jupiter com vãs expiações: o sangue dos touros e das ovelhas não pode apagar uma mentira, o sacrilegio será punido mais cedo ou mais tarde. Não ignoro a sorte que me aguarda; mas um crime mancharia minha alma, a dor não despedaçará sinão meu corpo. Aliás não ha males sinão para aquelle que os sabe soffrer; si estes ultrapassam as forças da na-

tureza, a morte nos liberta delles. Padres conscriptos, cessae de lastimar-me; dispuz de mim e nada me poderá fazer mudar de sentimento. Torno a Carthago; cumpro o meu dever e deixo que os deuses cumpram os seus.”

“Regulo levou a sua magnanimidade ao cumulo; afim de attenuar o interesse que se tomava por sua vida e para desembaraçar-se de uma paixão inutil, declarou aos senadores que os Carthaginezes lhe haviam feito beber veneno, antes de sahir da prisão. “Assim, ajunctou elle, vós não perdeis de mim senão uns instantes, que não valem a pena de ser comprados por um perjurio”. Levantou-se e afastou-se de Roma, sem proferir uma palavra a mais, tendo os olhos prégados ao sólo e repellindo sua esposa e seus filhos, ou porque receiasse enternecer-se com a despedida, ou porque, como escravo carthaginez, elle se julgasse indigno de uma maçtrona romana. Acabou seus dias em terriveis supplicios, si é que o silencio de Polybio e de Diodoro não neutralizam a narração dos historiadores latinos. Regulo foi exemplo memoravel de quanto podem sobre uma alma corajosa a religião do juramento e o amor da patria.”

### Camillo

Entre os generaes insignes da Republica Romana, pôde ser apontado como lhe havendo prestado os maiores serviços, Furius Camillo. Foi representante da classe aristocratica, com a qual a plebe já se achava em lucta, ao tempo de sua vida (de 446 a 365

A. C.), para que fosse adoptado o systema electivo, em vez da escolha pelo nascimento, que até então prevalecera. No entanto, Camillo, por ser de facto patriota, soube sempre transigir e unir-se aos seus adversarios, quando se cogitava do interesse geral.

De quanto elle idolatrava sua patria dá testemunho a invocação que se lhe attribue por occasião da tomada de Véies e a sua conducta, depois de ser forçado a exilar-se e haver pronunciado uma memoravel imprecação contra essa propria patria.

Ao norte do Lacio, havia um outro paiz, a Etruria, cuja cidade principal era Véies. Os romanos, que aspiravam a um dominio incontrastavel, pelo qual não se lhes pôde irrogar censura, em vista da época em que viveram, entraram em guerra com os etruscos, e, depois de dez longos annos de cerco, sob o commando de Camillo, conseguem entrar em Véies. Sobre este facto narra Plutarcho: “A cidade foi tomada de assalto. Entretanto, no momento em que os romanos se carregam com immenso saque, Camillo, que a tudo assiste do alto da cidadella, não pôde reter as lagrimas: os que o cercam o felicitam; então, elle, com as mãos erguidas para o céo, faz ouvir esta prece: “Jupiter altissimo, e vós, deuses, que vêdes as boas e as más acções dos homens, vós sabeis que nós os romanos não tomámos as armas contra a justiça, mas por necessidade, e que nós investimos contra uma cidade de homens cruéis e desprezadores das leis. Si, todavia, alguma adversidade nos deve fazer expiar, por uma vingança dos fados, nossa prosperidade presente, eu vos supplico, não acabrunheis nem Roma,

nem seu exercito: fazei-a recahir apenas sobre mim, com o menor rigor”.

Notae bem quanto altruismo havia nesta bella invocação, ainda mesmo que se attenda á expressão *com o menor rigor*, pois que, para aquellas épocas, as punições attribuidas aos deuses eram sempre terribes. Não admira, portanto, que, isento de crime como se julgava, visasse, com a ultima phrase, não a eximir-se da punição, porém, tão somente attenuar-a.

Esta victoria levou Camillo a uma situação preponderante durante algum tempo. Mais tarde veio, contudo, a ter desagradaveis consequencias para elle proprio. Hoje, que se podem apreciar melhor esses factos, chega-se a verificar que as accusações assacadas contra elle, que então pareciam muito fundadas, revelam apenas a sua superioridade. Em primeiro lugar, houve nas manobras, que elle oppoz para que a população de Roma não se dividisse por esta e pela cidade de Véies, a primeira origem da má vontade do povo para com elle; posteriormente ainda o accusaram de não haver obrigado o exercito a dar o dizimo do saque, para ser cumprido um voto, que elle proprio fizera durante o sitio daquela praça. Parece que Camillo se preocupou mais em não affligir os homens do que em satisfazer os deuses.

Decorridos annos, impondo-se a escolha de um general que alliasse a autoridade, o prestigio e a experiencia, o povo nomea Camillo commandante do exercito que devia sitiar Phaleria, cidade fortificada e muito bem preparada para a guerra. Durante este cerco, e dando causa a que elle acabe, desenrola-se o

facto seguinte, cuja narração extrahimos da biographia de Camillo, por Plutarcho.

“Os phalerienses se incommodaram tão pouco com o cerco e depositavam tal confiança na força de suas muralhas e fortificações, que, exceptuadas as sentinellas collocadas sobre aquellas, todos os outros habitantes andavam sem armas pela cidade e seus filhos iam á escola, de onde, conduzidos pelo mestre, sabiam para passear fóra dos muros e ahi fazer exercicios. Os phalerienses, como os gregos, fazem educar seus filhos por um mestre commum, para que elles se acostumem a ser nutridos e a viver junctos. Este mestre-escola formára o projecto de forçar os phalerienses a capitular, entregando os filhos destes aos romanos. Todos os dias elle conduzia as creanças sob as muralhas, afastando-se a principio muito pouco da cidade e reconduzindo-as a esta findos os exercicios. Insensivelmente elle as ia levando para longe, afim de habitual-as a não ter medo, como si tudo estivesse perfeitamente tranquillo. Emfim, estando o bando completo, vae propositalmente ás avancadas do exercito romano, entrega-lhes seus discipulos e pede-lhes que o conduzam com as creanças ante Camillo. Communica a este que elle é o mestre-escola dos phalerienses; sacrificou, diz elle, o seu dever ao prazer de obsequiar Camillo e, por isso, vem entregar-lhe a cidade, pondo os filhos dos habitantes desta nas mãos de Camillo. A acção enunciada por taes palavras parece execravel a Camillo; observa aos que o cercam que a guerra é cousa bem má e que acarreta injustiças e violencias; no emtanto, entre

as pessoas dignas, ha leis para a guerra; é preciso que o empenho de obter a victoria não chegue a ponto de não repellir os serviços dos individuos criminosos e impios. E' por seu proprio valor que um grande general exerce o commando e não apoiando-se sobre a maldade dos outros. Ao mesmo tempo, ordena aos lictores que rasguem as vestes daquelle homem, que lhe atem as mãos ás costas e que entreguem varas e correias aos meninos para castigarem o trahidor e o reconduzirem á cidade.”

“Nesse interim, os phalerienses haviam descoberto a trahição do mestre-escola; toda a cidade, como era natural, estava mergulhada na desolação por tão grande desgraça. Homens e mulheres de distincção se dirigiam, desvairados, para as muralhas e as portas, quando viram as creanças voltarem, reconduzindo seu professor amarrado e batendo-lhe com varas, ao mesmo tempo que chamavam Camillo seu deus, seu salvador e seu pae; de tal fórma que, não sómente os paes das creanças, mas todos os outros cidadãos, testemunhas desta scena, ficam penetrados de admiração pelo general e do desejo de se entregarem á sua justiça. Reunem-se em assembléa e enviam-lhe deputados para se renderem, em pessoas e bens. Camillo manda os deputados a Roma. Admittidos no Senado, dizem que os romanos, preferindo a justiça á victoria, lhes ensinaram a preferir a derrota á liberdade, e, da mesma maneira por que se creem inferiores em poder, se confessam vencidos em virtude. O Senado os faz voltar perante Camillo, cujo julgamento e decisão se entregam, e o qual se contenta de exigir

uma contribuição dos phalerienses; depois de concluir com estes um tratado de amizade, regressa Camillo á sua patria.”

Tão bello rasgo foi de consequencias desastrosas para Camillo, porquanto a soldadesca não lhe perdoou o ver-se ludibriada nos lucros do saque, a que era sujeita toda a cidade após a rendição. Esta animosidade fez surgir a accusação de que elle desviára pequena parte do saque na guerra contra Véies; o povo exigiu o seu julgamento e a condemnação parecia certa. O grande general solicita o apoio de seus amigos, para que impeçam o proseguimento de increpações que poderão levar a justiça a esmagal-o. Esses amigos se mostram apenas dispostos a satisfazer a multa a que elle fôr condemnado; Camillo, não se conforma e, encolerizado, toma a deliberação de exilar-se de sua patria. E, então, depois de abraçar sua esposa e seu filho, sae de casa e encaminha-se em silencio para as portas da cidade. Ahi, a curtir a magua da injustiça de seus compatriotas, “voltando-se, com as mãos dirigidas para o Capitolio, roga aos deuses que, si não é a justiça, mas o odio e a inveja do povo que o expellem vergonhosamente de sua patria, os romanos tenham de arrepender-se por isso e que o mundo inteiro ainda os veja recorrer a elle e deplorar a perda de Camillo.”

O que é facto é que, decorrido apenas um anno, Roma veiu a carecer dos serviços do filho, para com o qual procedera tão ingratamente. Ouvi ainda a deliciosa ingenuidade com que o antigo escriptor acima citado se exprime: “Não ha um romano que não

creia que a justiça divina seguiu de perto o voto de Camillo e que a injustiça de que fôra victima foi punida com um castigo que não veiu a ser agradável ao proprio Camillo, mas cruel, famoso e memoravel; tanto a vingança celeste pesou sobre Roma, tanto o terror, o perigo e a vergonha cahiram como que a proposito sobre ella, já por effeito do acaso, já por obra de um deus que não abandona a virtude paga com a ingratidão”.

Os gaulezes, commandados por Brenno, invadem a Italia, tomam Roma, saqueiam-n'a, lançam-lhe fogo e sitiam o Capitolio. Foi nesta terrivel conjunctura que os romanos fizeram chamar Camillo de seu exilio, o qual, segundo narrações que aliás não merecem inteiro credito, expulsa rapidamente os gaulezes. Seja, porém, como fôr, é então que elle consegue prestar um dos seus mais relevantes serviços. Roma fôra incendiada e estava quasi destruida. Os plebeus insistiam por abandonar suas ruinas fumegantes, afim de irem estabelecer-se na cidade vaga de Véies para a qual já por varias vezes se haviam voltado suas vistas. Mas o insigne general, apesar de todos os riscos de incorrer ainda uma vez na impopularidade, appella de novo e insistentemente para o patriotismo, afim de que se não realize essa deserção vergonhosa e impia do sólo sagrado em que aquelle povo já conquistára tantas glorias, e consegue fazer prevalecer a sua opinião conservadora. E a cidade, qual nova Phenix, renasceu das suas proprias cinzas com um vigor sobrehumano. Por isso, foi elle considerado como o “*Segundo fundador de Roma*”.

A sua influencia e o seu poder tornaram-se então sem precedentes. Todavia, foram invariavelmente postos, sempre com a maior moderação, ao serviço do bem, do de seus concidadãos e até dos povos vizinhos, como o demonstram muitos outros bellos actos de sua vida.

Mau grado haver fallecido octogenario, levado por uma mortifera peste que assolou Roma, diz ainda Plutarcho, "esta perda causou aos romanos mais intenso pesar do que a morte de todos quantos aquelle flagello arrebatou".

### Equidade entre os Romanos

Roma conquistou o mundo mais com as eminentes qualidades de character de seus filhos e do generoso proceder colectivo, do que mesmo com o valor de seus exercitos. Victoria ganha só pela força é meia victoria apenas; toda conquista, mesmo nos tempos remotos, só conduzia á incorporação real quando ella se completava pela rendição das consciencias perante a superioridade do vencedor.

Com a queda do ultimo de seus sete primitivos reis, Roma se transformou numa oligarchia exercida pelo Senado, que, até as proximidades do Imperio, raramente se achou abaixo de sua missão. Por isto viu-se o povo romano adquirir tal prestigio que não raro os povos vizinhos o solicitavam para arbitro em suas contendas.

Entre duas cidades do Lacio, Ardéa e Aricia, re-

bentou, no V seculo A. C., uma guerra, por causa de terrenos que ambas reivindicavam para si; por fim, cansadas de combater, entregaram-se ao juizo dos romanos, que discutiram o caso numa assembléa publica. Esta, desmentindo a natural generosidade e ludibriando seus vizinhos, declarou ter descoberto que as terras em litigio não pertenciam nem a uma, nem a outra daquellas duas cidades, mas sim a Roma, e annexou-as ao seu proprio territorio. Envidou o Senado, baldadamente, grandes e sinceros esforços para inspirar mais nobres disposições ao povo, que, entretanto, não soffrendo a ambição de engrandecer-se, lavrou a sentença. Provocou esta tão viva indignação por parte dos Ardéenses, cujos direitos pareciam melhor justificados, que elles deliberaram empunhar as armas para se vingarem de tal exproliação.

O Senado, medindo bem a gravidade do caso, não pelo temor da força de tão pequena população, sinão pelo maior temor de ver naufragar a reputação de equidade gozada pelos romanos, e procedendo com patriotismo, o qual conduz sempre a aspirar a um nobre conceito para a terra em que nascemos, não julgou abaixar-se, declarando publicamente aos habitantes de Ardéa que, tanto quanto esta, se sentia ferido pela injustiça do povo romano; que, quanto não pudesse annullar a decisão do ultimo, pedia-lhes que, si quizessem confiar no Senado, cedo este lhes tiraria qualquer motivo de queixa e resentimento. Os habitantes de Ardéa fiaram-se na palavra do Senado e não tiveram de arrepender-se; havendo,

pouco após, surgido grave difficuldade, em virtude da qual sua cidade poderia arruinar-se completamente, foram-lhes prestados, por ordem do Senado, tão promptos soccorros que elles se julgaram de todo compensados da expoliação e só pensavam em manifestar seu reconhecimento. Comtudo, o sentimento de equidade era tão profundo naquella respeitavel assembléa dos notaveis romanos, que ella só se deu por satisfeita quando lhes fez restituir as terras que a assembléa popular adjudicára.

Assim vencia, na maioria dos casos, com elevação e generosidade, o governo romano. O exemplo ia medrando, segundo provam innumerados e soberbos rasgos, dentre os quaes destacaremos o de Fabricio, general de austera integridade, enviado em 285 A. C. contra Pyrrho, rei do Epiro. Com este sustentava Roma, no sul da propria Italia, penosa guerra em que lhe não haviam cabido até então as glorias da victoria.

Pyrrho lançou mão de todos os recursos para captar a amizade dos romanos, mórmente quando um seu embaixador, ao regressar de Roma, lhe narrou qual a superioridade desta e lhe declarou que "o Senado romano parecia uma assembléa de reis".

Sabendo que Fabricio era um homem de bem e excellente general, mas de extrema pobreza, offereceu-lhe o lugar de seu amigo, primeiro general e mais a quarta parte de seu reino. Conta Plutarcho que Fabricio respondeu calmamente: "Não, Príncipe; isto redundaria em desvantagem vossa. Quantos agora vos honram e admiram, uma vez que se vissem sob minha

direcção, não quereriam mais ser governados por vós, mas sim por mim".

No emtanto, não era a jactancia que o fazia falar: era o sentimento da superioridade, não só pessoal, como, principalmente, resultante das normas e dos habitos da organização politica de sua patria.

Pyrrho não se melindrou e dizem até que testemunhou, perante amigos, a mais profunda admiração pela grandeza de character de Fabricio, a ponto de lhe confiar todos os prisioneiros romanos que tinha em seu poder, para que elles pudessem ir abraçar seus parentes e assistir a uma festa religiosa. O Senado, não menos digno do que Fabricio, decretou a pena de morte para os prisioneiros que não regressassem ao campo de Pyrrho.

Pouco depois, achando-se Fabricio em campanha contra Pyrrho, recebeu uma carta do medico do rei, compromettendo-se a envenenar este, si lhe déssem uma recompensa por haver promovido a terminação da guerra sem perigo. Fabricio, indignado por tão negra perfidia e tendo visto seus sentimentos partilhados pelo seu collega de consulado, escreveu immediatamente a Pyrrho, nos termos seguintes: "Caio Fabricio e Quinto Emilio, consules dos Romanos, ao rei Pyrrho, salve! Vós não pareceis feliz na escolha de vossos amigos, nem de vossos inimigos. Reconhecereis, ao ler a carta que nos foi escripta e que ora vos enviamos com esta, que fazeis a guerra a homens leaes e justos e que vos fiaes em homens injustos e desleaes. Não é para agradar-vos que vos transmittimos este aviso, mas para que vossas des-

graças não recaiam calumniosamente sobre nós e para que se não venha a suppôr que havemos terminado pela traição uma guerra que não teríamos podido ganhar por nosso valor”.

Conta-se que, ao recobel-a, o rei do Epiro exclamou: “Por esta carta reconheço Fabricio; seria mais facil desviar o sol do seu curso do que arrancar este romano da senda da justiça e da virtude!”

Puniu Pyrrho seu medico com a pena ultima e, em testemunho de gratidão, restituiu, sem resgate, todos os prisioneiros romanos. Fabricio, não aceitando recompensa por não ter querido ser cúmplice de um crime, poz em liberdade igual numero de prisioneiros provenientes do campo de Pyrrho.

A conducta de Fabricio é tanto mais digna de ser exaltada, quanto elle reconhecia o valor das tropas de seu adversario, na Italia, demonstrado na batalha travada logo após, porque a victoria, um tanto indecisa, pendeu mais para o ultimo, comquanto este, ao receber felicitações, houvesse, por causa de suas grandes perdas, declarado lealmente: “Si ganharmos nova victoria sobre os romanos, estaremos irremissivelmente perdidos”.

### Eponina

Prestando um dos mais assignalados serviços ao Occidente, Julio Cesar, o incomparavel general e estadista romano, havia logrado, após dez annos de uma actividade ininterrupta, por seu proprio punho narrada, subjugar inteiramente as Gallias; em

50 A. C., a França toda estava de facto incorporada ao Imperio Romano, pois foi de prompto assimilando a cultura, as instituições e até a lingua de seus vencedores.

Decorrido pouco mais de seculo, menciona a Historia a tentativa de um gaulez para subtrahir sua patria a esse jugo. Dizia-se elle descendente, por uma de suas avós, do proprio Julio Cesar, e, por isso, juntou ao seu nome — Sabino — o de Julio. Rico e ambicioso, chefe dos Eduos, povo do centro das Gallias, sublevou parte dos gaulezes contra a autoridade de Vespasiano, na mesma occasião em que tentativa analoga era feita pelos Germanos e pelos Batavos.

A principio foi feliz e tentou, então, fazer-se proclamar Cesar ou Imperador; isto lhe alienou a dedicação de varias populações, que perceberam, por certo, que estavam apenas sacrificando-se para substituirem um senhor por outro. Sabino foi derrotado pelas legiões romanas e viu-se na contingencia de salvar a cabeça da inflexivel punição de Vespasiano. Lançou mão de um arдил: reuniu seus escravos, distribuiu-lhes seus haveres segundo os meritos, despediu-os, declarando-lhes que ia suicidar-se. Ateou fogo ao proprio palacio, que ardeu completamente, e em cujo incendio se capacitaram todos haver elle deparado a morte que se quizera dar.

Eponina, sua esposa, que estava ausente, ao saber de taes desgraças, sentiu tão profunda dôr, que, não se conformando com a perda de seu marido, deliberou não sobreviver a elle e se recusou a tomar qualquer especie de alimento.

Sabino, porém, escapára secretamente do palacio para refugiar-se num amplo subterraneo, cuja existencia só elle conhecia; e, vindo a saber, por um dos dois únicos escravos que tomára por confidentes e em cuja fidelidade podia descancar, do sincero desespero e da terrivel resolução de sua esposa, enviou-lhe um delles para tiral-a de seu engano e para chamal-a de novo á vida.

Com que alegria não teria sido acolhido por tão fiel e amorosa esposa o mensageiro da verdade! De quanto essa alegria devia ter sido intensa, pura e digna, poderá julgar-se pelo que se seguiu.

Manifestando o maior desejo e pressa de abraçar o esposo querido, porém, cercando-se das mais meticolosas cautelas, foi vel-o na noite seguinte. E, então, depois das effusões de duas almas que se queriam, combinaram os meios indispensaveis para que se pudessem ver com segurança mutua.

Sua affeição profunda a compellia a encerrar-se na mesma gruta em que estava o ser idolatrado a quem ligára indissolavelmente o seu destino; a esquecer o mundo, a familia e as amizades; a renunciar á luz do dia e a desistir do conforto e dos prazeres da sociedade de que haviam gozado, para partilhar inteiramente com elle, da vida de animaes perseguidos por impiedosos caçadores, cuja vigilancia não se afastasse da toca a que se houvessem acolhido as inermes presas; mas, si assim procedesse e desapparecesse de subito, não só daria lugar a pesquisas, cujo resultado seria a fatal perdição de seu marido, como ficaria

impedida de prover melhor á vida delle e até de ajudal-o mais tarde, si houvesse ensejo.

Tiveram, portanto, de conformar-se com prudentes entrevistas; mas, nem uma unica vez, fosse qual fosse o tempo, chovesse, cortasse o vento glacial a pelle, nevasse, desabasse a tempestade em furia, nada poderia demorar ou impedir Eponina de ir vel-o á hora aprazada. Quasi dez annos se transcorreram para ella, sob a luz do sol, como viuva desolada e, na realidade, torturada pela anciedade de ver chegar a hora em que iria encontrar, nas sombras de um subterraneo, a vida, a alegria e a affeição. Ahi lhe nasceram dois gemeos, ahi lhes ensinaram a balbuciar as primeiras palavras, ahi os crearam. A terna affeição de Eponina encheu a vida de Sabino, resignado em vel-a consagrada exclusivamente apenas á esposa e aos filhos.

A maior frequencia dessas viagens e as ausencias mais prolongadas despertaram suspeitas e um dia Sabino viu dar-se em seu asylo a irrupção de soldados, que haviam espreitado Eponina e que o prenderam. A traição se estendeu até ella, que com os dois gemeos tambem foi conduzida a Roma. Ahi, Eponina rojou-se aos pés de Vespasiano, com seus filhos, que havia tão pouco conheciam a luz do Sol, e implorou-lhe o perdão para o marido, tentando movel-o á clemencia, com suas lagrimas e tocantes expressões. Dizem que todos os espectadores desta scena se commoveram e que o proprio Vespasiano, apesar de sua rispidez, esteve a ponto de ceder. Mas, a politica romana, si era clemente para com os que se sujeitavam,

mostrava-se inexoravel com os que se rebellavam. Sabino foi condemnado á morte.

Vendo baldadas todas as tentativas para salvá-o, dilacerada pela dôr, não querendo sobreviver-lhe, Eponina, lançou á face do Imperador a sua fria crueldade, invectivou-o e, por isso, foi condemnada á mesma sorte que o marido.

Hoje, teriamos que a conducta mais digna seria a de uma inconsolavel resignação, seria a de guardar fervorosamente a memoria de seu marido, a de ensinar áquelles dois pobres rebentos, que haviam aberto os olhos num subterraneo, a prezar a virtude e a servir sua patria melhor do que o pae; outros porém, eram os tempos e, por isso, Eponina ficará sempre, pela sua terna dedicação e pela virtuosa conducta, um dos mais formosos exemplos de amor conjugal desinteressado, santo e inalteravel.

### Os combates de gladiadores

Quem, distrahidamente, não se põe, de quando em vez, a estraçalhar um palito, a picar papel, a fustigar as folhas de uma arvore com a bengala? Não ha mesmo pessoas que tudo desejam destruir? Não ha creanças que espatifam os seus brinquedos, *para verem o que está dentro*, dizem ellas? Em todos esses multiplos casos estamos agindo inconscientemente sob a influencia de um dos mais fortes instinctos egoistas da alma humana—o de destruição, em virtude do qual temos de nascença uma pronunciada tenden-

cia para quebrar, cortar, maltratar, estragar, ás vezes mesmo inutilizar os objectos, exercer a maledicencia, luctar, guerrear.

E' elle que impelle o selvagem de hoje, como o fez aos homens primitivos, primeiro ás luctas pessoais, depois ás luctas entre as tribus. Mais tarde, no inicio da civilização, instituiram-se as guerras, que vieram permittir ao homem um largo e systematico exercicio dessa tendencia, quer sob a fórmula de expedições para conquistas, quer mesmo de simples incursões pelos paizes vizinhos. Estas vieram revelar que o homem pouco civilizado não se contentava apenas em destruir para construir, arrancando, por exemplo, o bloco informe, para com elle levantar edificios ou fazer estatuas, ou escavando o solo e rasgando canaes para a irrigação e para a navegação: não se satisfazia em derrubar apenas a arvore frondosa e secular, para com o seu cerne construir a casa e fabricar os moveis. Como os carniceiros — tigres, leões, pantheras e onças, que, mesmo sem fome, estraçalham presas inermes — os homens, ainda quando já não podiam buscar o pretexto de reduzir outros povos, allegando que estes lhes perturbavam a vida ou os haviam offendido, associavam-se para, em guerras injustificaveis, darem pasto ao seu ainda intenso instincto destruidor.

Com o transcorrer dos tempos, essa bellicosidade foi sendo regulada, foi-se tornando menos forte. As guerras iam sendo mais motivadas pela ambição de dilatar dominios, de conter vizinhos incommodos ou até mesmo de estabelecer um regimen mais paci-

fico, como aconteceu com Roma, do que mesmo para saciar a sede de destruição. Por isso, taes guerras, como as defensivas, que se prolongaram pela Idade Média, vieram a exercer uma função benéfica para o progresso geral da Humanidade.

Roma empreendeu innumeradas guerras, porém, toda vez que lhe era facultado recorrer a meios pacíficos, desistia da lucta armada. Até quasi o principio da era christã, os romanos, por uma ou por outra fórma, se haviam preocupado em estender seu dominio, incorporando sob a sua autoridade o maior imperio jamais visto até então. Tornou-se indispensavel, a partir desse momento, obter a organização do imperio, formação de natureza civil, pelos meios e pela fórma, ainda que eventualmente desempenhada por generaes. Aos exercitos coube então uma função mais passiva, essencialmente a de conter, quasi pela simples presença, qualquer velleidade de revolta ou de resistencia. Assim, quantos sentiam em si, com grande intensidade, o instincto destruidor, já não iam mais podendo social-o tão frequentemente nas guerras.

Tal é a razão pela qual, pouco antes de surgir o Christianismo, se desenvolveu entre os romanos, principalmente em sua capital, o mais barbaro dos espectaculos até hoje conhecidos — o dos combates de gladiadores. Caracterizaram elles, de fórma eminentemente triste, quanto a maldade, o desejo de destruição, era ainda forte e rudimentar o surto da bondade. Porque, as horriveis perseguições aos christãos poderiam encontrar justificativa no odio oriundo da

divergencia de religião, a qual julgavam attrahir a colera dos Deuses, e na circumstancia de se subtrahirem elles a varios dos deveres que os romanos pagãos reputavam essenciaes. Nada disto, porém, se poderia allegar em favor dos combates de gladiadores: espectáculo de crueldade fria, de indifferença pela sorte de homens, cuja vida era inutilmente sacrificada ao diabolico prazer de ver o sangue jorrar.

Davam-se em amphitheatros, especies de circos descobertos, com archibancadas, alguns tão colossaes, que recebiam até cem mil espectadores. Serviam para varias sortes de combates: entre feras e homens, e, finalmente, entre homens, que, por se armarem em geral do *gladio*, especie de espada de dois gumes, tomaram a designação geral de *gladiadores*.

Todas as populações do imperio, sem distincção de classes, apreciavam essas cárnificinas e accorriam pressurosas ao circo, no qual até as mulheres eram admittidas. Todavia, era a plebe a mais avida desses selvagens espectaculos. Desgraçadamente os imperadores precisavam apoiar seu poder na populaça, nas massas mais infimas da plebe, para contrabalançarem os restos de influencia dos patricios, os quaes constituíam então o que se chamava o povo romano. Só isto explica o monstruoso interesse com que sustentaram, fomentaram e até organizaram em larguissima escala os combates de gladiadores. A paixão por elles foi tal, que em certas epochas a plebe infrene condensava a sua aspiração suprema na grosseirissima formula: "*Panem et circenses!*", isto é, *panem*, pão alimento, e *circenses*, jógos de circo, divertimentos!

Pouco importa argumentarem que as vidas desses homens, cuja profissão era considerada infamante, pouco valor deveriam ter, pois eram elles recrutados dentre os condemnados á morte, prisioneiros de guerra, escravos e barbaros. Estes ultimos, comquanto homens livres, ambicionavam ostentar a sua força e a sua agilidade, ainda mesmo a preço da vida, que encaravam aliás com o mais profundo desprezo.

## II

Em escolas especialmente instituidas, sujeitavam-se os gladiadores a continuos exercicios de lucta e a uma alimentação apropriada. Alguns ricos mantinham o seu bando de gladiadores, constituido por escravos ou mesmo por homens livres. Encontravam-se até verdadeiros emprezarios para a educação de gladiadores.

Combatiam por varias fórmãs, a pé, a cavallo e em carros, ora aos pares, ora em bandos. Alguns, denominados *bestiarios*, especializavam-se em luctar com as feras. Em geral os gladiadores mediam-se com armas diferentes. Outros, os *retiarios*, usavam como arma um tridente e como meio de defesa uma rêde, com a qual procuravam envolver o adversario, afim de paralyzar-lhe os movimentos.

Os circos, profusamente engalanados, enchiam-se de uma multidão ebria de sangue, anciosa de fruir delicias num local onde havia sempre duas portas oppostas, ambas igualmente tristes: a *porta sanitaria*, por onde penetravam na arena os sãos, os comba-

tentes, e a *porta mortuaria*, atravez da qual eram arrastados para fóra os cadaveres dos que ahi haviam visto a luz do dia pela derradeira vez, quasi sempre sob as estrugidoras ovações feitas ao mais feliz.

A indifferença e a falta de piedade, levadas ao auge, permittiam ainda que um homem, trajado de Deus Mercurio, com um ferro em braza, viesse verificar as mortes, para ali mesmo serem acabados os feridos incuraveis.

Não era a agilidade, não era a força, não era a habilidade de combater, não eram essas qualidades isoladas ou combinadas que attrahiam as turbas daquellas epocas: era apenas o instincto de destruição, a sêde de sangue, pois de outras vezes os circos escancáravam suas portas para combates entre animaes ferozes e até, oh maior horror! para que os espectadores se deleitassem em vel-as, esfaimadas e brutas, dilacerarem os miseros e indefesos condemnados á pena ultima. Mais tarde, em virtude de christãos serem tidos como criminosos ou alcançados pelas leis, viram-se ahi lançados, em varias perseguições, homens e mulheres, velhos e moços, e até innocentes creancinhas, como repasto ás feras!

Até mesmo imperadores, como Vespasiano e Trajano, aos quaes a Humanidade deve inestimaveis serviços, têm contra si essa lamentabilissima conducta. Um delles, Marco-Aurelio, imperador philosopho, quasi se impopularizou por não querer dar attenção a taes jogos, aos quaes, entretanto, temia não comparecer, mas onde, para demonstrar o seu asco, chegava a ponto de conceder audiencias.

Antes de ser iniciado o combate, os gladiadores, formados, vinham saudar o imperador, deante de cuja tribuna, exclamavam: "*Ave, Caesar Imperator! morituri te salutant!*" isto é, Salve, Cesar imperador, os que vão morrer te saúdam!

Emquanto as luctas se travavam, a turba, o circo todo, em sua immensidade, palpitava com as peripécias do combate, até que um dos contendores, ou um dos bandos, era vencido. No combate singular, o gladiador victorioso assentava o pé sobre o peito do



Gladiadores

adversario, enquanto este aguardava do imperador o acto de clemencia com que lhe podia fazer graça da vida. Si, depois de consultar com a vista o voto da maioria, abaixava o imperador o seu dedo pollegar, o vencedor cravava um punhal no pescoço do vencido. Tal era, em sua cruel selvageria, o quadro habitual desses espectaculos, que hoje nos fazem estremecer de horror. Hoje, sonhados, seriam pesadelos pavorosos. No entanto, o povo daquella epoca ria, gargalhava, deleitava-se, quando não dava para vociferar, bramir temeroso e ameaçador, si seus predilectos não eram favorecidos pela sorte.

Ora, exactamente quando os combates de gladia-

dores pareciam enraizar-se de fôrma definitiva e normal nos usos daquella nobre nação, surgiram individuos, muitos dos quaes foram mandados para os circos e ahi sacrificados nessas abominaveis carnagens, que iam curando de infiltrar seus semelhantes do dulcissimo sentimento de piedade e de fraternidade. O catholicismo, prégando que todos os homens são irmãos, que o amor é que ha de mais bello na natureza moral, como o fazia ver o excelso São Paulo, fatalmente iria determinando a eliminação da crueldade.

Comtudo, ainda por largos quatro seculos, até o fim do IV, se repetiram essas scenas execrandas. E' que continuava a existir uma turba, a parte mais infima, pela educação ou pela inferioridade real da propria natureza, que continuava a comprazer-se em ver derramar sangue.

Um dia, porém, pelo anno 400, desenrolou-se no Colyseu um facto, que, parecendo demonstrar que taes espectaculos não podiam ser extinctos, veiu, no entanto, pôr-lhes termo.

Conta-se que um eremita christão, cujo nome exacto se ignora, Alimacho segundo uns, Telemaco segundo outros, resolveu tentar impedil-os. Bem sabia elle que tal intento lhe custaria talvez a vida. Muito mais, porém, o amargurava o soffrimento de lembrar-se quantas vidas iam sendo ceifadas sem nobreza e sem vantagem, e ainda mais que endurecimento de coração ia determinando o spectaculo de tão refinada maldade e quanta perda de almas! Privando-se de tudo, trocando os prazeres da vida commum pela

vida isolada dos ermos ou dos desertos, penitenciando-se, ciliciando-se, elle prestava serviço relativamente pouco relevante, pois ensinava apenas a menosprezar a vida, a pensar tão somente em Deus e na vida futura. Era uma fórmula menos util do que a de evitar que milhares e milhares de almas se tornassem ainda peiores com o habito do spectaculo systematico da crueldade.

De onde veiu, não se sabe tambem. Com essa idéa fixa, o eremita atravessou metade do Imperio e foi ter á Cidade Eterna. Ahi teve logo annuncio de que ia realizar-se uma das habituaes carnificinas. O circo encheu-se e, entre a multidão, lá penetrou Alimacho, cheio de fé e de ardor, nutrindo a esperança de que, si o vissem, com a sua cabeça coberta pelas cans, evocar o nome de Deus Omnimisericordioso, a piedade dos assistentes seria despertada e elles se envergonhariam de vir applaudir aquelles massacres voluntarios. Ao dar-se inicio ao combate, que ia ser de vida e de morte, salta elle para a arena e, interpondo-se entre os dois combatentes, supplica-lhes que não vertam em balde um sangue innocente. Mal a turba percebe que aquelle ancião forasteiro pretende nada menos, nada mais, do que obstar o seu spectaculo favorito, irrompe em terrivel clamor, rugindo em imprecações, a bradar: "Fóra! fóra!" O velho não recua, mas os gladiadores o atiram brutalmente de um lado, para darem começo ao combate. A firme deliberação que o trouxera dos confins do Imperio fal-o voltar de novo para pôr-se de permeio e prohibir-lhes que se utilizem de suas armas um contra o outro.

A populaça, irritada pela audacia do eremita, sequiosa de sangue, brada impiedosa: "Morra!" A autoridade, que presidia ao spectaculo, sempre receiosa dos excessos da plebe, annuiu. Sacrificado pelas proprias espadas que elle queria suspender, teve ainda o anachoreta o cadaver espezinhado irreverentemente e apenas atirado para um lado, emquanto o spectaculo se iniciava em meio da satisfacção e alegria daquella turba, cujo coração tinha nesse momento mais de feras do que de homens.

"Baldado sacrificio!" "Perdeu o seu martyrio!" "Que tola tentativa!" teriam talvez pensado e dito muitos dos espectadores, pois parecia que o proprio martyr nada conseguira!

Como se enganavam! Não, o pouco sangue que então jorrou, de seu corpo talvez emmagrecido pelos jejuns, salpicou moralmente as melhores das almas presentes. Todas ellas, uma a uma, pela calada da noite, quando o instincto de destruição já não estava excitado e se adormecera, sentiram por certo que aquelles salpicos não desapareceriam mais e que, na realidade, era preciso, como tão energicamente soubera implorar o anachoreta, impedir que se persistisse no infrene exercicio da maldade. O proprio povo se horrorizou de tanta crueldade, porque, desde esse anno, não mais se abriram os circos para os combates dos gladiadores. Succumbindó ás mãos destes, Alimacho os vencera, extinguindo-lhes de vez a nefanda profissão. O dia de sua morte fôra a vespera de sua victoria, pois, em 402, Honorio abolia definitivamente os combates de gladiadores.

E para aquellas almas que se iam convertendo ao catholicismo, que sonhavam com a bemaventurança do céo, como devia ser admirado o triumpho de Alimacho!

Comtudo, transcorridos quinze seculos, apesar de todos os progressos da Humanidade, ainda aguardamos o complemento da victoria do anachoreta christão para a suppressão de espectaculos em que apenas a falta de piedade sufficiente pode determinar prazer, taes como as touradas da Hespanha, as rinhas e os brutaes jógos de box. Sobram-n'os, para o exercicio e mesmo a exhibição de nossa força physica, meios innocentes e uteis: não nos é licito lhes junctarmos a maldade!

### Salvação de Lygia

(Lendo o *Quo Vadis*)

Ruidoso, a gargarhar, o bruto e baixo povo  
Encheu de todo o circo, em cuja immensa arena  
Com ancia vae buscar as sensações de um novo,  
Annunciado prazer: uma estupenda scena,  
Que o vil Imperador á multidão deseja  
Em honra offerecer. Das almas pouco nobres  
Delirante applaudir naquelle dia almeja,  
Pois ás feras mandou lançar mais de mil pobres  
E innocentes christãos.

Estes, na arena vasta,  
Abraçados á cruz, numa oração ardente,  
Inda imploram a Deus por Nero que devasta  
Seu rebanho fiel com furias de um demente!  
As feras são brutaes! As carnes em pedaços,  
Dos corpos semi-nús dos miseros christãos,

Palpitam pelo circo, emquanto de outros paços  
Mais feras vão surgindo a rôgo dos pagãos!  
A turba exulta e grita ante o quadro feroz  
E, ao ver jorrar o sangue, um sangue nobre e puro,  
Abre os labios boçaes e ri dos bons heróes  
P'ra os quaes a terra é lôdo immensamente impuro!  
E' temeroso o chão da arena rugidora,  
Onde a vida se extingue em lancinante grita!  
Aqui rola a cabeça a uma alma sonhadora,  
Ali um braço solto, um corpo que se agita.  
Ante a scena de horror que se desdobra então  
Levantam-se febris mil sensações extranhas!  
Mais longe, terna mãe comprime ao coração  
O pequenino ser que trouxe nas entranhas;  
Esplendida, feróz, tetricamente forte,  
Asquerosa panthera arranca-lh'o do collo  
E o estraçalha sem dó na mais terrível morte,  
Emquanto a mãe se abate inerme sobre o sólo!  
Ouviu-se de repente um fremito no espaço...  
Vagaroso, pujante, avança enorme touro,  
Trazendo ao dorso unida em resistente laço  
Nua virgem, de coma a desfazer-se em ouro.  
Bradaalguem nesse instante: "Um milagre, meu Deus,  
Para a misera Lygia, a tua ovelha pura!  
Dae-me forças brutaes: fazei que os braços meus  
Não deixem profanar dos anjos a feitura!"  
A martyr é princeza; escravo é o defensor.  
Mas Ursus só vê nesta a cara irmã de crença,  
Que o fez amar a Christo, o seu commum Senhor,  
Tão doce que perdôa a mais cruel offensa.  
Quasi doudo, de dôr, da dôr mais lancinante,  
O athletico christão, de fórmias colossaes,  
Num impeto se lança ao seu rival possante  
E aos córnos põe-lhe as mãos em força sem rivaes.  
Embalde a fera tenta em um supremo arranco  
Livrar-se ao ferreo braço audaz desse colosso:  
No sólo enterra os pés, encolhe o vasto flanco.

Mas Ursus a subjuga e force-lhe o pescoço.  
 Empolga a turba toda um tal silencio mudo,  
 Que uma penna a tombar então pudera ouvir-se.  
 Emtanto, o Imperador, naquelle instante agudo,  
 Guarda um sorriso mau: espera divertir-se  
 Quando o touro fizer em postas sanguinosas  
 O corpo esculptural que a lucta martyriza.  
 Já devora com a vista as carnes unctuosas  
 Do formoso lavor que a dôr mais diviniza.  
 Dir-se-ia que o Deus novo, o Deus clemente e forte,  
 Ouvindo lá dos céos o procere christão,  
 Qual um blóco o tornou para affrontar a morte,  
 Que o touro a espumejar ali quer dar-lhe em vão.  
 Do hercules sem par as veias se entumecem;  
 Emquanto vê-se a fera aos poucos ir cedendo  
 Sob a força estupenda. Ambos então parecem  
 Seres de bronze ou de aço, em grupo combatendo.  
 Crispando as rudes mãos, em contracção ingente,  
 Com derradeiro arranco o quebra pela espinha,  
 Emquanto boccas mil, num delirar fremente,  
 Concedem logo a vida a quem tal força tinha.  
 Nero, o monstro cruel que Roma vê reinar,  
 Como affronta abjecta ao seu passado altivo,  
 Que quer sangue a correr, sente-se intimidar  
 Ante o ruido geral. Seu rosto vingativo,  
 Indeciso, nojento, acobardado, horrivel,  
 Revela pelo olhar, embaciado e duro,  
 Que seu peito feroz jamais foi susceptivel  
 De um movimento nobre, um sentimento puro.  
 Mas, vendo a multidão, que clama e se enovela  
 Como as vagas rebéis de um tenebroso mar,  
 Que se levanta aos céos em horrida procella,  
 Batendo a nivea praia em doudo ribombar,  
 Temendo ver ruir o throno que envilece,  
 Levanta o pollegar, contrariado e fero,  
 Por quem o povo mostra assim tanto interesse.  
 Rancoroso sorri, pois faz-se inda mais Nero;

Si áquelles dois perdôa, a outros manda a guarda,  
 Pregar, com oleo ao corpo, aos braços de uma cruz,  
 Em seus bellos jardins: que em rubras chammas arda  
 A carne dos heroes que morrem por Jesus!

FRANCISCO VIANNA.

## Monotheismo occidental — O Catholicismo

Duas das manifestações geraes da alma, a intelligencia e o character, a primeira entre os gregos e o segundo entre os romanos, haviam merecido uma espontanea cultura especial; para o progresso da Humanidade, fazia-se mistér uma nova phase particularmente consagrada á cultura do sentimento, ao desenvolvimento da moralidade, o que não era, porém, compativel com a crença na pluralidade dos deuses, que dominava então o mundo occidental. Era o que já se sentia intensamente, por todo o Imperio, quando, com Julio Cesar, se operou a transformação da republica em dictadura. Todos aspiravam por uma regeneração moral. A parte mais culta dos occidentaes, por um lado, já não admittia muitos entes sobrenaturaes, porém, um só e perfeito, e, por outro, procurava simultaneamente regras para organizar a vida de fórma que os instinctos egoistas prevalecessem menos e se desenvolvessem os bons.

Ora, desde remota antiguidade, emquanto a maioria dos povos ainda se achava mergulhada no polytheismo, a Judéa cultivava a crença em um só deus, Jehovah, omnipotente e omnisciente.

Em seu seio havia surgido uma série de homens notáveis, os prophetas, impregnados de ardente sentimento do bem e do mal e que pregavam “que Deus não encontrava prazer algum nos holocaustos e festas, mas que se alegrava á vista da justiça e da misericordia e que detestava os oppressores dos pobres e dos fracos”. Sempre opprimidos, os judeus cada vez mais se apegaram á fé em um só deus e afagaram a esperança de que um redemptor divino viria um dia libertar sua nação. Muitos foram os que ousaram apresentar-se como Messias, porém os judeus não quiseram reconhecê-los como taes.

Pelo seculo de Augusto, primeiro de nossa era, o Imperio Romano, que sentia premente necessidade de reformar os usos, costumes e crenças, afim de satisfazer os impulsos nobres da alma humana, tendo pela expansão attingido o oriente, incorporára a Judéa, quando ahi surgiu Jesus de Nazareth, que se annunciou como filho de Deus e salvador de seu paiz. Bem sabem todos que os judeus, não lhe reconhecendo taes predicados, que até hoje persistem em negar, o fizeram crucificar. E' em torno de Jesus que se costuma fazer fundar milagrosamente o Christianismo, cujo Mestre, depois de haver prégado, praticado milagres, soffrido pelos homens, sido crucificado, resuscita, ascende aos céus e faz-se adorar como Deus. Seus discipulos, os apóstolos, prégam-lhe a doutrina, que se diffunde por todo o mundo occidental. Dos discipulos indirectos, o mais eminente foi o inegalavel S. Paulo, que de facto organizou a religião, não apenas para o povo judeu, mas com um character uni-

versal, isto é, catholico, para todo o orbe, tomando Christo como redemptor de toda a especie humana.

O christianismo foi-se infiltrando lentamente, a principio pelas classes mais humildes, ás quaes elle vinha, qual balsamo consolador, acenar com um Deus, que, além de tudo saber e tudo poder, trazia como caracteristico fundamental a omnimisericordia, isto é, uma bondade infinita. Lá nos céos viam os proselytos da nova religião quem se compadecesse de suas dôres e lhes promettesse uma outra vida, menos imperfeita, menos dolorosa, mais equitativa, mais justa, numa palavra, mais feliz. Essa esperança inabalavel e a explicação mais satisfactoria, que a crença em um só Deus dava de todos os phenomenos, permittiram ao christianismo, apesar de crudelissimas perseguições em massa, alastrar-se por todo o Imperio, a começar do oriente. De nada valeram o odio, o desprezo, a exclusão das funcções, as perseguições mais abjectas e as systematicas carnificinas; é que a nova doutrina correspondia á inadiavel necessidade para a Humanidade e, por isso, os proprios martyrios eram desejados. Foram-lhe precisos cerca de tres seculos para, em 311, victoriosa, ser reconhecida, pelo Imperador Constantino, como religião official do povo romano.

Dirigia-se ella ás consciencias, promettendo a cada crente, que se conduzisse com dignidade e abnegação na Terra, amando e servindo o seu proximo, o reino do Céu, onde gozaria a bemaventurança indestructivel, e lançando, pelo contrario, nas profundezas do Inferno, em perpetua damnção e innenarraveis supplicios, quantos semeassem em sua vida terrena o mal, a des-

ordem, o luto, o extermínio. Foram assim levados a refrear os maus instinctos — a gula, a tendencia para a destruição, a inveja, a cobiça, o orgulho, a vaidade, por um lado, e, por outro, a curar de augmentar o altruismo, muito especialmente a bondade para com os inferiores, a que os christãos chamavam *caridade*. Si esta sempre existiu, só o christianismo logrou, fazendo todos os homens se amarem como irmãos, tornal-a em suavissima virtude.

Foi sob o influxo desse sentimento de fraternidade que, durante a Idade Media, os escravos passaram para a situação de servos; nesta, já podiam realmente ter familia, da qual não era permittido separal-os, e mesmo certos direitos á propriedade das terras concedidas aos seus antepassados; mais tarde se viram os servos inteiramente libertados.

Com taes disposições para o bem, concorreu o Catholicismo para que todos os paizes convertidos se limitassem essencialmente ás guerras defensivas ou ás de conquista para a defesa. Essa transformação da guerra muito ajudou a desenvolver o amor universal.

E' bem verdade que, pela doutrina, o fiel devia consagrar-se inteiramente a viver para Deus, o que, a principio, levou á vida de isolamento. Um Deus perfeito só poderia, porém, desejar no Paraizo os que tentassem approximar-se de sua perfeição, diminuindo a intensidade de seu egoismo e tambem melhorando as virtudes espontaneas, então attribuidas á graça divina.

Assim, o Catholicismo determinou immensos progressos moraes; aperfeçoou e purificou a existencia domestica, pois, permanecendo por mais longo

tempo no lar, o homem aprendeu a prezar mais, pela dignidade superior, pela meiguice, pela pureza, a mulher, como mãe, esposa, filha e irmã; as mulheres, em consequencia, foram sendo gradualmente emancipadas, isto é, libertadas do gráo de sujeição para com o homem, em que sempre tinham vivido, mesmo em Roma; adoptou-se o casamento indissolvel; o orgulho e a vaidade foram considerados imperfeições, que era preciso combater; prérgou-se a humildade; prohibiu-se o suicidio; desenvolveu-se, com o culto dos santos, cuja natureza humana não permittia assimilal-os aos deuses antigos, uma veneração mais digna; permittiu-se que as relações entre os paes e os filhos fossem melhor reguladas.

Si para tudo isto foi imprescindivel, em não pequena escala, o regimen politico coexistente, o feudalismo, que dominou fundamentalmente a Idade Media, não é menos verdade que o clero catholico soube, então, preencher com dignidade a sua alta missão. Padres, frades, bispos e papas, todos se esforçaram, com dedicação e sabedoria, para que a paz e a felicidade reinassem sobre a Terra, afim de que todos pudessem merecer o reino dos Céos.

Quando o Catholicismo se instituiu, os polytheistas eram os detentores do poder. Não podendo mandar, contentaram-se os pregadores do Evangelho com dar conselhos; assim surgiu *a força sobre a consciencia*, independente de coacção material, isto é, *o poder espiritual*, que se dirige, pela persuasão ou pela demonstração, á alma de cada um, em contraposição ao *poder temporal*, do que póde agir materialmente, sobre o

corpo e a propriedade. O clero teve, pois, de instruir-se e tambem de instruir os crentes. Durante toda a Idade Media, a instrucção concentrou-se principalmente nos conventos e nas igrejas. Todavia cumpre notar que ao clero não convinha que tal instrucção ultrapassasse certos limites, pois, do contrario, ella viria crear, como succedeu ulteriormente, insuperaveis obstaculos á propria doutrina.

A principio, os padres procuraram obter a maior instrucção e eram pobres; depois, comquanto de instrucção superior á do vulgo, enriqueceram-se com immensos donativos e legados; em epoca posterior, nem sempre tiveram grande cultura, mas começaram a ter poder temporal, isto é, transformaram-se os bispos em senhores ou principes, imitando o Papa, que, de chefe apenas espiritual, passára tambem a principe italiano, com um dominio territorial proprio.

Seja como fôr, durante a Idade Media, do V ao XIII seculo, o Papa gozou de tão poderosa força moral em toda a Europa civilizada que, por vezes, obrigou reis a abandonarem os proprios thronos.

Graças ás ordens monasticas, realizou-se a conversão dos pagãos que restavam pelos campos e a das populações polytheistas da Inglaterra e da Allemanha. O Imperio Romano do Oriente tambem se converteu ao christianismo, mas este se alterou e, mais tarde, veiu ahi a tomar uma fórmula á parte, que constituiu a chamada Igreja Orthodoxa.

O Occidente todo soffreu tão prolongada e benefica influencia por parte do Catholicismo que os serviços deste jámais poderão ser assás rememorados.

## Idéa de Deus

### I

A' voz de Jehovah infindos mundos .  
Se formaram do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia.  
E a noite foi creada.

Luziu no espaço a lua! Sobre a terra  
Rouqueja o mar raivoso,  
E as espheras nos céos ergueram hymnos  
Ao Deus prodigioso.

Hymno de amor á criação que sôa  
Eternal, incessante,  
Da noite no remanso, no ruído  
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,  
O que é para o Senhor:  
Eterno, immenso, que lhe importa a sanha,  
Do tempo roedor!

Como um raio de luz, percorre o espaço,  
E tudo nota e vê —  
O argueiro, os mundos, o universo, o justo,  
E o homem que não crê.

E elle que pode anniquilar os mundos,  
Tão forte como elle é,  
E vê e passa, e não castiga o crime,  
O impio sem fé!

Porém, quando corrupto um povo inteiro  
O nome seu maldiz,  
Quando só vive da vingança e roubos,  
Julgando-se feliz;

Ai da perversa, da nação maldicta,  
Cheia de ingratição,  
Que ha de ella mesma sujeitar seu collo  
A' justa punição!

Ou já terrivel peste expande as azas,  
Bem lenta a esvoçar;  
Vae de uns a outros, dos festins conviva,  
Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accessa,  
Espalha a confusão;  
E a esposa, e a filha, do terror oppressa,  
Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,  
Vomita o fel raivoso;  
— Milhões de insectos vis que um pé gigante  
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce  
Esperançoso e crente,  
Como do podre e carunchoso tronco  
Hastea forte e virente.

## II

Oh! como é grande o Senhor Deus que os mundos  
Equilibra nos ares;  
Que vae do abysmo aos céos, que susta as iras  
Do pelago fremente;  
A cujo sôpro a machina estrellada  
Vacilla nos seus eixos;  
A cujo aceno os cherubins se movem  
Humildes, respeitosos;

Cujo poder, que é sem igual, excede  
A hyperbole arrojada!  
Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,  
O Senhor dos prodigios.

## III

Elle mandou que o céu fosse principio,  
E razão da existencia,  
Que fosse a luz dos homens — olho eterno  
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,  
Refizesse o vigor  
Da terra hiante, do animal cançado  
Em praino abraçador.

Mandou que a briza sussurrasse amiga,  
Roubando o aroma á flor;  
Que os rochedos tivessem longa vida,  
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deus que manda  
Um sonho ao desgraçado,  
Que vive agro viver entre miserias,  
De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere  
Na sua providencia;  
Que o justo durma, descansado e forte  
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,  
Que trema de morrer;  
Emquanto lá nos céos, o que foi morto,  
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege  
 A machina estrellada;  
 Que ao triste dá prazer, descanso e vida  
 A' mente atribulada!

GONÇALVES DIAS.

### Santo Ambrosio

Uma das mais eminentes figuras do catholicismo, na epoca em que este começou a consolidar-se no Occidente, foi innegavelmente Santo Ambrosio, considerado, com São Gregorio Magno, Santo Athanasio e São Jeronymo, como um dos quatro grandes paes da Igreja Latina.

Filho de um prefeito romano das Gallias, fez-se em Roma advogado distincto e veiu logo a receber o governo consular da Provincia de Milão. Dotado de nobilissima alma e penetrado pelas idéas do christianismo, administrou, abrandando as leis romanas, não como proconsul, mas já verdadeiramente como si fôra bispo, tal a equidade e a doçura evangelica com que procedia. Isto explica as curiosas circumstancias em que foi aclamado bispo de Milão, quando nem sequer havia sido baptizado.

No começo do christianismo, irromperam varias dissidencias perigosas quanto á doutrina e que motivaram longas dissensões e mesmo luctas encarniçadas. A cidade de Milão, por occasião da morte do bispo que precedeu a Ambrosio, estava dividida em facções e a eleição ameaçava ensanguental-a.

Ambrosio resolveu intervir e, com a sua habitual mansuetude, exhortava a multidão a que tivesse calma. Eis sinão quando um menino, porém, sem duvida alguma uma creança que já percebera quanto Ambrosio enfeixava todas as condições e virtudes para um pastor de almas, o interrompeu, gritando: "Ambrosio, Bispo!" Tão adequada e feliz fôra a lembrança, que o povo, reconhecendo isto, repetiu delirantemente o grito. Ambrosio resistiu com tenacidade, mas, por fim, ante a insistencia do povo, viu-se constangido a aceitar o arduo encargo do episcopado. Ordenou-se em poucos dias e foi logo depois sagrado bispo de Milão. Doou, então, todos os seus bens á Igreja e aos pobres e mergulhou-se com fervor no estudo das questões sagradas, afim de poder desempenhar com dignidade, na tempestuosissima epoca em que vivia (de 340 a 397), aquella elevada investidura. Soube fazel-o de fôrma tão brilhante, tão energica e tão superior, que adquiriu, por consenso universal, immensa e reconhecida autoridade espiritual. Tão acatado era, que os principes o honravam a miúdo com a função de embaixador nos casos mais delicados; e a causa dessa confiança estava em que, segundo um biographo contemporaneo, "por temer a Deus, jámais temera dizer a verdade aos reis".

E' mesmo á sua energica attitude perante estes, na defeza do catholicismo triumphante contra as tendencias invasoras das heresias, que os reis iam adoptando por conveniencias pessoaes ou por ignorancia, que seu vulto cresceu. Recusou certa vez ceder a Justina uma unica igreja, por professar esta regente do

Imperio a heresia do arianismo. Recebendo ordem de deixar Milão, sob ameaça de morte, não obedeceu e, sustentado pelo povo, encerrou-se em sua cathedral, como numa fortaleza, cercado de seus fiéis, aos quaes, para incutir animo, fez entoar hymnos, como até então só se praticára na Igreja do Oriente. Seu fervor e sua coragem eram taes, que os officiaes mandados contra elle se converteram e passaram a defendel-o.

Mas, dessa ardorosa columna da nova fé, ha um outro bello factó. Subira ao throno imperial Theodosio que, fazendo-se christão catholico e tomando energica attitude contra os hereticos e os pagãos, implantou definitivamente a religião que abraçára. Ambrosio foi o seu grande conselheiro: traduzia por este toda a sua admiração em laconica formula — “Só ha um bispo: é Ambrosio”. Pois bem, esse prelado a quem elle, o Imperador, rendia as mais eminentes homenagens, não hesitou em censural-o e punil-o publicamente com a mais energica firmeza. Após uma sedição em Thessalonica, cedendo ao resentimento, Theodosio fez passar pelas armas sete mil pessoas. Ao saber dessa crudelissima execução em massa, Ambrosio escreveu-lhe uma carta verberando *este attentado sem exemplo na Historia* e declarando que *na communhão de Ambrosio não havia absolução para o crime que Theodosio praticára e, ainda, que na presença deste não ousaria offerecer o sacrificio divino da missa.*

Apesar desta carta, o Imperador apresentou-se á

igreja, acompanhado por toda a cõrte; Ambrosio interdictou a entrada ao senhor do mundo romano. Este, depois de tentar justificar-se, arrependeu-se de sua crueldade, e submetteu-se: impoz-lhe Ambrosio penitencias que se prolongaram por oito mezes, findas as quaes, ainda exigiu uma penitencia publica, para consentir-lhe a entrada na igreja.

Theodosio revelou-se assás nobre para continuar a soffrer um incontestavel ascendente da parte do eminentissimo prelado. Este memoravel exemplo concorreu, pela Idade Media toda, para que os reis christãos respeitassem e ouvissem o clero, que representava então uma força realmente superior a delles, pois que se dirigia ás consciencias.

### Saladino e S. Luiz

Quando S. Paulo instituiu o catholicismo, julgou que este se propagaria por todos os povos. No emtanto, assim não aconteceu com os arabes e os povos do norte da Africa, que continuaram idólatras, e com os dos antigos imperios orientaes, que conservaram o polytheismo anterior. Para esses povos, que já não haviam assimilado a civilização romana, era precisa uma religião monotheica, mais simples, conio a que, no VII seculo de nossa era, foi pregada aos arabes de Mecca por Mahomet. Admittia elle um só Deus, muitos principios e sentimentos dos judeus e dos christãos, o Paraizo e o Inferno, mas prégou a guerra santa, isto é, a que tinha por fim obrigar todos os povos a

converter-se ao Islamismo, como foi chamada a nova religião, e, aos que não a acceitassem, ao pagamento de um tributo. Não tentou também separar o poder espiritual do poder temporal. Como o ultimo e o maior dos prophetas, Mahomet enfeixava todos os poderes; era chefe da religião, era rei e general.

Mahomet morreu em 632; em 711, depois de haverem conquistado e convertido a Syria, o Egypto, a Persia, o Turkestão, o norte da India e da Africa, os arabes subjugaram a Hespanha e lançaram-se sobre o sul da França, de onde algum tempo depois os expulsou Carlos Magno.

Em contacto com os persas e os gregos, civilizaram-se, tomaram gosto pela sciencia e pela literatura e fundaram as melhores escolas de seu tempo, em Bagdad, Damasco e Cordova.

Mahomet considerou Abrahão, Moysés e Jesus, como prophetas predecessores de sua religião; por esse motivo, consagraram sempre os islamitas real veneração ao Santo Sepulcro de Jerusalém, conquistada com a Palestina.

A religião musulmana, exactamente por ser inferior em moralidade e bem mais simples, obteve entre esses povos atrazados uma rapida expansão, que ameaçou seriamente a Europa.

Ora, no seculo XI os christãos do Occidente entenderam de organizar expedições contra os mahometanos de Jerusalém, afim de se apossarem da séde do tumulo de Christo. Essas expedições chamaram-se Cruzadas e duraram largos annos.

Com a primeira Godofredo de Bulhões creou o Reino Latino de Jerusalém. Não se conformaram os musulmanos e trataram de reaver o Santo Sepulcro.

No seculo XII vemos, então, surgir a bella figura de Saladino, sultão do Egypto, que expulsou depois os christãos de Jerusalém. Apesar dessa guerra permittir até o extermínio dos não musulmanos, que não se submettessem, elle soube sempre demonstrar, mesmo para com estes, a sua generosidade.



Saladino

Após a batalha de Tiberiade, elle entrou em Jerusalém. Segundo as regras de guerra, todos os soldados inimigos, por terem sido vencidos, tornaram-se prisioneiros de seus exercitos. A partir de meados do seculo XVII, as nações civilizadas adoptaram o systema de libertar os prisioneiros após a conclusão da guerra. Não era, todavia, o que se praticava na Idade Média. Os inimigos pertenciam aos que os haviam aprisionado e só recuperavam a liberdade mediante pagamento de uma quantia, denominada *resgate*, que era arbitrada segundo a posição social do prisioneiro de guerra. Pois bem, na tomada de Jerusalém, as esposas, mães e filhas dos christãos vencidos foram lançar-se aos pés de Saladino, implorando-lhe que lhes restituisse seus maridos, filhos e paes. O grande sultão musulmano, com magnanimidade tanto mais admiravel quanto, como dissemos

atrás, a guerra santa considerava todos quantos não se convertessem, ou não se sujeitassem, como dignos de exterminio, mandou libertal-os, pagando elle proprio ao seu exercito, ao qual cabia o producto de resgate, o valor deste.

Mas, não foi apenas de generosidade que Saladino deu brilhantes provas. Votava á justiça verdadeiro preito, como o demonstrou num processo em que se achava envolvido um seu sobrinho. Citado em juizo, este ultimo, presumindo-se talvez acima das leis, em razão de seu parentesco com o poderoso sultão, recusava-se a comparecer. Informado de tal conducta, Saladino expediu ordens aos seus guardas para prenderem o sobrinho e o conduzirem perante o tribunal, como um criminoso, si elle continuasse a oppor a menor demora que fosse ao cumprimento da intimação.

A confiança no espirito de equidade e de justiça em Saladino era tão arraigada entre seus vassallos, que um negociante, por se julgar lesado pelo proprio Saladino no que considerava seus direitos, depoz, perante o cadí de Jerusalém, uma queixa contra o soberano. O cadí, magistrado com funcções civis e religiosas, admirou-se da audacia do negociante vassallo pretender pleitear contra seu soberano e foi indagar deste que proceder devia adoptar em tal emergencia. Dizem que Saladino lhe respondeu apenas: "O que fór justo".

Em consequencia, Saladino foi citado perante o tribunal, ao qual compareceu, advogando elle proprio, em pessoa, a sua causa.

Saladino, longe de irritar-se contra o negociante, foi levado, pelo seu espirito de equidade, a apreciar altamente o gesto daquelle, gesto que lhe patenteava o gráo de confiança que depositava o pleiteante na integridade de seu soberano. E, em reconhecimento dessa confiança, mandou-lhe Saladino uma recompensa magnifica.

Em campo opposto, de um dos mais ferventes christãos que têm existido, de S. Luiz, nono rei deste nome em França, deparamos, meio seculo após, a manifestação de igual amor á justiça.

Deste rei, mais celebrado como santo, por ter ainda tentado recuperar para os christãos o Santo Sepulcro, relata-se factó semelhante, no qual era parte interessada o seu irmão Carlos. Por questões de terras, achava-se Carlos de Anjou em demanda com um simples cavalleiro, seu vassallo. Os juizes de Anjou decidiram a questão a favor do principe; o cavalleiro, porém, não se conformando com a sentença, por se julgar com a razão, appellou para o Tribunal do rei. O irmão de S. Luiz, muito irritado, mandou lançal-o numa prisão. Logo que S. Luiz veiu a saber da conducta de seu irmão, fel-o vir á sua presença. "Naturalmente, observou elle, vós vos julgaes acima das leis, por serdes meu irmão. Restitui immediatamente vosso vassallo á liberdade; e que elle venha defender, perante os juizes reaes, os seus direitos".

Apesar de Carlos haver obedecido, não encontrava o cavalleiro quem, por temor de Carlos, se arriscasse

a defendel-o. Mas, sabedor ainda desta circumstancia, aquelle virtuoso rei designou-lhe um defensor. Escrupulosamente estudado o pleito, veiu elle a ser decidido em favor do cavalleiro, que reentrou na posse de seus bens, sendo Carlos condemnado ao pagamento das custas.



S. Luiz distribuindo justiça ao povo

Quer no musulmano Saladino, quer no christão S. Luiz, vemos o culto da justiça tão sincero e inabalavel, que não foram capazes de alteral-o, nem o interesse e orgulho pessoaes, nem os mais chegados laços de parentesco. Por isso, deixaram ambos uma aureola extraordinaria em seus reinos, comquanto o segundo seja de facto bem superior ao primeiro.

### São Francisco de Sales

Uma das figuras mais doces, de fervoroso devotamento por seus semelhantes, quaesquer que elles fossem, sempre transbordante de caridade, é incontestavelmente a de São Francisco de Sales.

Era filho de paes nobres, tendo nascido na Saboia em 1576. Renunciou a todas as perspectivas do que se chamava uma vida brilhante e commoda, para dedicar-se á religião, ao exercicio da bondade para com todos, para com tudo e em todos os momentos de sua existencia. Bem cedo se celebrouzou como prégador e, por fim, foi elevado a bispo de Genebra. Quizeram fazel-o cardeal, mas elle, em sua modestia, recusou a honra.



S. Francisco de Sales

Foi exemplo acabado de indulgencia e de uma caridade activa. Da paciencia se poderia dizer que era sem limites e, entretanto, por nascimento, por superioridade real, pelas altas funcções que foi exercendo successivamente na Igreja, poderia julgar-se no direito de não tolerar umas tantas cousas. Seu merecimento, sob este aspecto, foi tanto maior quanto elle era naturalmente de temperamento vivo e violento. Sua bondade e as preciosas prescripções da religião, de que se tornára fervoroso sacerdote, levaram-n'o a procurar dominar-se, a vencer seus impulsos naturaes. Por isso, quanto mais encolerizado se sentia, tanto mais se esforçava por falar e agir com brandura.

Veiu por esse motivo a ser um dos admiraveis exemplos de que, sem sermos guerreiros, podemos sustentar, dentro de nós proprios, luctas em que temos necessidade de maior coragem e firmeza do que nas

batalhas de sangue. As victorias de São Francisco de Sales foram completas.

Em Genebra, estando elle como bispo, viu-se forçado a recusar a um gentilhomem qualquer cousa pouco razoavel. Não se conformou o nobre e, excessivamente irritado, resolveu desferrar-se, promovendo verdadeiro escandalo deante da residencia do virtuoso bispo; acompanhado de seus creados e até de sua matilha de cães, com ordens aos primeiros e excitando os ultimos, produziu ahi formidavel alarido. S. Francisco de Sales não se deixou irritar e tanto se conteve que não disse uma só palavra. Julgando que este procedimento resultasse de grande desprezo por sua pessoa, o gentilhomem, enfurecido, entra pela casa a dentro até os aposentos do prelado e atira-lhe á face pesados insultos. S. Francisco de Sales encara-o, mas conserva-se impassivel, o que faz o nobre, sem resultado algum, encolerizar-se mais; por fim, o ultimo retirou-se. Entre as varias pessoas que haviam testemunhado esta scena, achava-se o irmão de S. Francisco que se manifestou contra tal paciencia, indagando: "Não fostes sensivel a tantos ultrages? Será possível que expressões tão injuriosas vos tenham deixado impassivel? Porque, ao menos, não falastes?"

— Quereis que eu vos fale sinceramente? perguntou-lhe o santo. Não sómente nesta occasião, como em muitas outras, sinto a colera refferer em meu peito; mas, com o auxilio do céo, prefiro morrer a praticar qualquer acto que possa desagradar a Deus. Eu e minha lingua fizemos um pacto. Nós nos promettemos que em semelhantes circumstancias, emquanto

eu sentisse meu coração presa da emoção, minha lingua não diria uma palavra".

E' ainda delle o facto que se segue, no qual se evidencia quanto era grande a sua paciencia, porém, ainda mais admiravel a sua indulgencia.

Teve elle um creado que se entregava por vezes á embriaguez. Um dia este excedeu-se e só regressou ao palacio alta noite, quando as portas estavam fechadas. Vendo S. Francisco de Sales que não attendiam aos reiterados batidos, levantou-se elle proprio e foi abrir a porta ao pobre creado, que mal se sustinha nas pernas. Compadecido, o bispo o leva ao quarto e chega até a ajudal-o a despir-se e a metter-se no leito, após o que ainda foi orar por elle.

No dia immediato, comquanto não se pudesse lembrar de quem lhe prestára esses serviços, evitava o creado encarar seu patrão, que, pelo contrario, tentava achar um meio de dirigir-lhe a palavra, o que acabou por conseguir com toda a ineffavel brandura de que era capaz. "Parece que estivestes hontem um tanto doente? Não achaes?" O creado comprehendeu tudo de relance, como si um raio houvesse projectado luz sobre a scena da vespera, e cahiu de joelhos a pedir-lhe perdão. Toda a bondade de S. Francisco de Sales impellia-o a perdoar, porém, nunca a deixar de dar conselhos salutaros. Por isso, sempre com a sua imperturbavel brandura, observou: "Sim, perdô-vos, mas desejo que attenteis no triste estado em que ficades; podem succeder-vos mil accidentes, podeis cahir, podem desprezar-vos; arruinaes vossa alma, offendeis a Deus e causaes escandalo; e, si tiverdes a

desgraça de morrer em tal estado, que será de vós, como ireis apresentar-vos deante de Deus?!”

Commovido até as lagrimas e realmente compenetrado de dôr, prometteu-lhe o creado que não beberia mais uma gotta de vinho. São Francisco de Sales, porém, apesar de toda a sua virtude, apesar de santo, apesar de não ter vícios, sabendo bem quanto estes escravizam a natureza humana,olveu com piedade ainda maior: “Não, Deus não pede tanto de vós; mas o que eu vos ordeno é que bebais vosso vinho misturado com igual quantidade de agua. Tratae antes de tudo de reconciliar-vos com Deus, de confessar-vos e de viver como bom christão”.

O creado seguiu os conselhos do amavel santo e nunca mais se apartou d'elle, servindo-o com o maior zelo possivel.

Innumeros são os rasgos de inexaurivel dedicação de S. Francisco de Sales, que procurou cumprir os seus deveres episcopaes tomando por modelo uma outra figura de bondade — a de São Carlos Borromeu. Quando não tinha mais o que dar, despojava-se até de parte da roupa que trazia, para revestir um pobre andrajoso ou que curtia frio. Ia ás mais longinquas choupanas, em logares de accesso penosissimo, pois a Saboia é muito montanhosa, e nellas fazia o coração dos pobres camponezes abrir-se com franqueza ante o d'elle, sempre cheio de uma balsamica bondade e de uma caridade activa, pois que não se limitava a chorar e lastimar as dores, mas se esforçava com mascula energia em dar remedio a tudo quanto era possivel. Certa vez.

após formidavel avalanche, que havia esmagado em seu trajecto casas, homens e rebanhos, vieram narrar-lhe a triste situação a que haviam ficado reduzidos os habitantes e pediram-lhe que lhes mandasse um dos seus vigarios geraes. São Francisco de Sales quiz no momento ir ao lugar; objectaram-lhe que o caminho era quasi impraticavel para elle. “Pois si vós conseguistes vir, eu tambem, que sou vosso pae, lá poderei ir”. E lá foi elle, atravez de todos os obstaculos, levar o seu auxilio material, empenhar a sua intervenção perante o governo do rei e amenizar as dores com a sua eloquencia.

Ganhou, certa vez, contra varios habitantes de sua diocèse, um processo importante, que elle se vira na contingencia de promover para defender interesses da Igreja, os quaes entendeu de seu dever não descurar. Mas, deante da insistencia de seu intendente, que opinava por que elle exigisse das partes contrarias o pagamento integral das custas, disse elle: “Deus me livre de proceder de tal fórma para com quem quer que seja e muito particularmente para com meus diocesanos”. E, como o intendente objectasse que seria desistir de quantia de consideravel valor: “Então, vós não contaes o valor dos corações que este processo fez talvez meus inimigos? Elles para mim valem mais do que tudo”. E no mesmo instante fez a desistencia de todas as custas.

Eis como elle sabia ganhar realmente os corações de quantos o cercavam.

## A nau Cathrineta

Lá vem a nau Cathrineta  
Que tem muito que contar!  
Ouvide agora, senhores,  
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia  
Que iam na volta do mar,  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar.

Deitaram sola de molho  
Para o outro dia jantar;  
Mas a sola era tão rija,  
Que a não puderam tragar.

Deitaram sortes á ventura  
Qual se havia de matar;  
Logo foi cahir a sorte  
No capitão general.

— “Sóbe, sóbe, marujinho,  
Áquelle mastro real,  
Vê se vês terras de Hespanha,  
As praias de Portugal.”

— “Não vejo terras de Hespanha,  
Nem praias de Portugal;  
Vejo sete espadas nuas  
Que estão para te matar.”

— “Acimá, acima, gageiro,  
Acima, ao tope real!  
Olha se enxergas Hespanha,  
Areias de Portugal.”

— “Alviçaras, capitão,

Meu capitão general!  
Já vejo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.  
Mas enxergo tres meninas  
Debaixo de um laranjal:  
Uma sentada a coser,  
Outra na roca a fiar,  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.”

— “Todas tres são minhas filhas,  
Oh! quem m’as dera abraçar!  
A mais formosa de todas  
Comtigo a hei de casar.”

— “A vossa filha não quero,  
Que vos custou a criar.”

— “Dar-te-hei tanto dinheiro  
Que o não possas contar.”

— “Não quero o vosso dinheiro,  
Pois vos custou a ganhar.”

— “Dou-te o meu cavallo branco,  
Que nunca houve outro igual.”

— “Guardae o vosso cavallo,  
Que vos custou a ensinar.”

— “Dar-te-hei a nau Cathrineta,  
Para nella navegar.”

— “Não quero a nau Cathrineta,  
Que a não sei navegar.”

— “Que queres tu, meu gageiro,  
Que alviçaras te hei de dar?”

— “Capitão, quero a tua alma  
Para commigo a levar.”

— “Renego de ti, demonio!

Que me estavas a tentar!  
A minha alma é só de Deus;  
O corpo dou eu ao mar.”

Tomou-o um anjo nos braços,  
 Não n'ó deixou afogar.  
 Deu um estouro o demonio,  
 Acalmaram vento e mar;  
 E á noite a nau Cathrineta.  
 Estava em terra a vagar.

ALMEIDA GARRET.

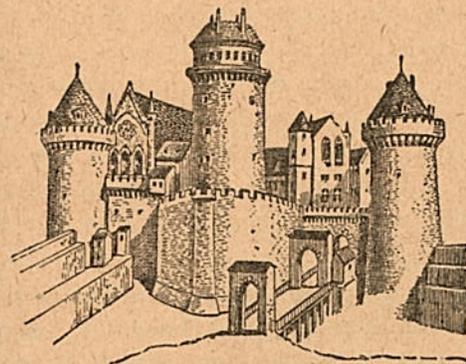
### Idade Media

A Idade Media abrange o período que vae do V ao XIV seculo e se distingue por ter sido dominado pelo catholicismo e pelo regimen feudal. Já vimos o que foi e o que fez o catholicismo. O regimen feudal consistiu na decomposição do Occidente em innumeros Estados independentes uns dos outros, divididos por seu turno em feudos, ou propriedades de que o senhor, ou barão, era simultaneamente governador e juiz, isto é, onde de facto exercia a administração e a justiça.

No IV seculo, mesmo antes das invasões dos barbaros, já o Imperio Romano manifestava a tendencia para o estabelecimento desse regimen, pois ia sendo gradativamente parcellado. Com as invasões dos barbaros que vinham do Oriente, principalmente sobre a Allemanha, as populações desta iam penetrando no Imperio, primeiro de fórmula pacifica e lenta, depois em irrupções devastadoras e usurpações violentas. Por fim, desapareceu o Imperio, decomposto numa infinidade de pequenos reinos, sob chefes ou reis barbaros. Mas, em vez de imporem estes, como vencedores, os seus habitos, costumes, crenças, leis e organizações, viram-se, pelo contrario, dobrados á in-

fluencia da civilização romana, já porque as populações locais não emigraram, já porque a instrução maior dos vencidos, em particular do clero, foi permitindo o ascendente daquella, comquanto assás alterada.

A autoridade dos reis foi sendo gradualmente menos extensa e mais restringida, enquanto os senhores, cujas residencias, ou castellos, eram especies



Um castello

de fortalezas e que possuíam aldeias e cidades, iam adquirindo um poder crescente. Comtudo, houve uma epoca, em que, sob a ameaça das invasões arabes ao Sul e de nova invasão por parte da Germania, só evitavel com a submissão desta, veiu a ser indispensavel a formação de um grande Imperio, o que se deu no VIII seculo, sob o governo de Carlos Magno. Morto este, seu imperio desagregou-se.

Então o regimen feudal se estabeleceu em toda a sua plenitude.

Aos senhores, cujos feudos, ou dominios, se tor-

naram hereditarios, deviam os vassallos obediencia e encargos, em troca da protecção que lhes era dispensada por aquelles. Como o direito de successão cabia aos primogenitos, os outros filhos faziam-se em geral cavalleiros, ora a serviço do ultimo ou mesmo de extranhos, ora independentes. A cavallaria generalizou-se, como instituição, com regras a que todos os cavalleiros obedeciam, mesmo que não formassem ordens. Esses nobres, sem terras ou dominios, tinham como principal virtude a lealdade, isto é, a de ser dedicado e sincero, ainda mesmo que, para manterem seus compromissos e não faltarem á verdade, tivesse de arrostar com a perda das proprias almas. A elles deveu a Humanidade a noção da honra e, em grande parte, nessa epoca, a protecção dos fracos e opprimidos.

A Idade Media pode ser dividida em tres phases: a 1.<sup>a</sup>, comprehende os V, VI e VII seculos, nos quaes se installou o catholicismo na porção do mundo occidental civilizada pelos romanos; a 2.<sup>a</sup>, do VIII ao X, abrange o periodo da conversão das populações polytheistas da Inglaterra e da Allemanha; a 3.<sup>a</sup>, por fim, do XI ao XIII, em que dominou realmente o regimen feudal, adoptado geralmente por povos ligados apenas pela identidade de usos, organização, vida e sobretudo de religião, cujo chefe visivel, o Papa, era por todos reconhecido e acatado.

As crenças e o regimen politico concorreram para que o homem se tornasse não só melhor em seus sentimentos, como até em suas maneiras. Os costumes de polidez foram devidos em grande parte, nos castellos

e mais tarde nas côrtes, ao influxo crescente da mulher.

As cruzadas, por um lado, desenvolveram um sentimento de fraternidade mais geral entre os europeus e, por outro, pelo contacto com os musulmanos, nos quaes se patenteavam tambem bellas qualidades, concorreram para a tolerancia e respeito para com a especie humana em geral.

O contacto, primeiro na Hespanha e depois durante as cruzadas, com os arabes, então mais adeantados intellectualmente e depositarios das conquistas scientificas da Antiguidade, muito aproveitou aos primeiros.

Já para o fim da Idade Media, observamos a transformação das escolas das Igrejas em universidades, nas quaes Aristoteles era estudado, commentado, discutido, mas sempre consagrado como Principe dos Philosophos. As investigações de historia natural, as de medicina e de chimica começaram a merecer especial carinho. As linguas modernas, o francez, o italiano, o hespanhol e mesmo o inglez, foram elaboradas, e, para o fim, já foram surgindo notaveis produções literarias. A musica e a poesia aperfeiçoaram-se, particularmente para as necessidades do culto, e a architectura produziu admiraveis cathedraes, verdadeiros museus de arte.

A industria, apesar de perturbada pelas luctas, ia sendo incrementada lentamente e o commercio, graças ás cidades italianas e allemãs, entre as quaes citaremos Genova, Veneza, Hamburgo, Lubeck, tomou consideravel e systematica extensão.

### Lealdade de Egas Moniz

Não passa muito tempo, quando o forte  
Príncipe em Guimarães está cercado  
De infinito poder; que desta sorte  
Foi refazer-se o imigo magoado:  
Mas, com se offerecer á dura morte  
O fiel Egas, amo foi livrado;  
Que de outra arte pudera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.

Mas o leal vassallo, conhecendo  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vae ao Castelhana, promettendo  
Que elle faria dar-lhe obediencia.  
Levanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa e consciencia  
De Egas Moniz: mas não consente o peito  
Do moço illustre a outro ser sujeito.

Chegado tinha o prazo promettido,  
Em que o rei castelhano já aguardava,  
Que o principe a seu mando submettido  
Lhe dêsse a obediencia, que esperava:  
Vendo Egas, que ficava fementido,  
O que d'elle Castella não cuidava,  
Determina de dar a doce vida  
A troco da palavra mal cumprida:

E com seus filhos, e mulher se parte,  
A alevantar com elles a fiança,  
Descalços e despídos, de tal arte,  
Que mais move a piedade, que a vingança.

Si pretendes, Rei alto, de vingar-te  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis aqui venho offerecido  
A te pagar co'a vida o promettido.

Vês aqui trago as vidas innocentes  
Dos filhos sem peccado, e da consorte;  
Si a peitos generosos, e excellentes  
Dos fracos satisfaz a fera morte.  
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,  
Nellas sós experimenta toda sorte  
De tormentos, de mortes pelo estylo  
Da Scinis, e do touro de Perillo.

Qual deante do algoz o condemnado,  
Que já na vida a morte tem bebido,  
Põe no cepo a garganta, e já entregado  
Espera pelo golpe tão temido;  
Tal deante do principe indignado  
Egas estava a tudo offerecido;  
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,  
Mais poude em fim, que a ira, a piedade.

LUIZ DE CAMÕES, *Lusiadas*.

### A duqueza da Baviera

Em meados do seculo XII rebentou uma guerra  
entre Lothario III, Imperador da Allemanha, e Con-  
rado, que mais tarde veiu a ser seu successor, mas  
a quem Lothario queria então despojar de parte dos  
direitos reaes. Nessa lucta, Guelfo, duque de Ba-  
viera, que se havia casado com a filha de Lothario,  
viu-se sitiado no castello de Weinsberg por aquelle  
principe.

Ahi se defendeu valorosamente, mas foi, por fim, obrigado a render-se á discreção.

O parlamentar, que elle enviou para proceder á capitulação, foi tratado não só com a maior urbanidade, como até com brandura, por Conrado; prometteu este, empenhando sua palavra de honra, que o duque poderia passar aavez do exercito imperial, sem ser molestado.

A lucta era no momento muito acirrada e, em virtude disto, Conrado não podia ter disposições benevolentes para com o genro daquelle a quem estava então combatendo com todo o ardor. Por outro lado, accrescia a circumstancia especial de Conrado estar sciente de apreciações ultrajantes, que o duque de Baviera externára a seu respeito.

Estas ponderações todas acudiram ao espirito da duqueza de Baviera e a levaram a suspeitar do acolhimento gentil dispensado ao parlamentar de seu esposo, a julgal-o fingido e a recear que o compromisso não fosse mantido.

Pensou, consequentemente, em obter um compromisso mais seguro do que aquelle. Mandou ella propria um gentilhomem pedir a Conrado um salvo-conducto, tanto para ella, como para quantas damas de qualidade se achassem no Castello, afim de que pudessem sahir, atravessar livremente as tropas d'elle e ser conduzidas a lugar seguro, com o que cada uma pudesse carregar.

Conrado achou perfeitamente razoavel quanto lhe pedia a Duqueza, tanto mais quanto nem sempre a propriedade particular dos objectos era assás respei-

tada. Por isso, concedeu-lhe o que pedia: salvo-conducto para seguirem, *cada uma com o que ella propria pudesse carregar.*

A sahida realizou-se na presença de Conrado e de todo o exercito. Qual não foi a surpresa geral, quando, abaixadas as pontes levadiças do Castello, surgiram as mulheres que se achavam neste! A duqueza, as baronezas e quantas damas da aristocracia cujos maridos haviam tomado o partido de Lothario e offendido Conrado, carregavam, com inaudito esforço, os respectivos maridos sobre os hombros.

Só nesse momento Conrado comprehendeu o ardil contido no pedido que lhe havia sido formulado e ao qual accedera, julgando que a permissão teria sido desejada para garantia de objectos preciosos, como joias, ouro, prata.

Mas, não se encolerizou e nem se julgou illaqueado na bôa fé com que concedera o salvo-conducto a cada uma daquellas animosas creaturas, que não haviam hesitado em tombar inutilizadas pela fadiga ou mesmo expirar em consequencia de tão grande esforço physico, afim de protegerem melhor áquelles que consideravam como o seu verdadeiro thesouro, o que de mais precioso possuíam — os seus proprios maridos.

Surprehendido por tão inesperado quadro, revelador de quanta ternura é capaz o coração feminino, sentiu-se por tal fórma commovido que se lhe encheram os olhos de lagrimas.

Obrigou-as a parar e, fazendo-as descer o precioso fardo, que traziam ás costas, cumulou-as de sinceros e calorosos louvores. Depois de offerecer-

lhes um jantar, celebrou com esses seus inimigos da vespera e vencidos um accordo sincero e leal.

Eis como as mulheres dos vencidos do Castello de Weinsberg, apenas pela demonstração de seu intenso amor conjugal, influíram poderosamente sobre as consequencias daquella capitulação.

### A' Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descanças desta longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro,  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existencia appetecida,  
E num recanto poz um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, si tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de vida formulados  
São pensamentos idos e vividos.

MACHADO DE ASSIS.

### Os seis burguezes de Calais

O regimen feudal, que havia prestado grandes serviços, acabou por se tornar um entrave para o progresso geral; as classes oriundas dos antigos servos e as populações das cidades, cujos representantes mais elevados pela riqueza constituíam então a burguezia, careciam de maior liberdade. Os senhores feudaes, porém, que já não cumpriam bem os seus deveres de protecção, aferravam-se ás vantagens e aos beneficios de sua situação.

A burguezia, que arrancára algumas vantagens, e o povo puzeram-se a auxiliar a realeza, cuja força quasi se perdera, mas que, a pouco e pouco, ia sendo restaurada, o que só podia ser levado a effeito com o anniquilamento do poder feudal.

No seculo XIV, as luctas da realeza contra os senhores feudaes, destes entre si, dos pretendentes que se julgavam expoliados contra os ultimos, e, até mesmo, de umas cidades contra outras, permittiram que, apoiado em elementos da propria França, pretendesse Eduardo III, rei de Inglaterra, o throno daquella, a cuja successão se presumia com direito, em virtude de um casamento entre membros das duas casas reaes.

Assim surgiu a guerra que, iniciada em 1337, só veiu a terminar, graças ao sublime influxo patriotico de Joanna d'Arc, em 1453, e que, pela sua duração, tomou na historia o nome de *Guerra dos Cem Annos*.

No inicio desta, após a victoria de Crecy, sobre Philippe IV, rei de França, investiu Eduardo III contra Calais, que, apesar de bloqueada por mar e de não poder receber socorros por terra, defendeu-se, sob o commando de seu governador, João de Vienna, tenaz e vigorosamente, durante onze longos mezes. Por fim, exgottados pela fome e pela fadiga dessa tremendisima resistencia, os bravos calésenses tiveram de render-se.

Irritadissimo por esse prolongado assedio, Eduardo queria a principio exterminar-os todos; mas, cedendo aos pedidos de seus cavalleiros, fez-lhes graça da vida, com a condição de que seis dos mais notaveis burguezes viessem, em camisa, com o baraço ao pescoço, para serem enforcados, apresentar-lhe publicamente excusas e trazer-lhe as chaves da cidade.

O governador, tendo ouvido do rei estas condições, regressou a Calais.

Ouçamos a descripção deste episodio, feita pelo grande chronista Froissart:

“O Senhor João de Vienna voltou á cidade, mandando logo repicar os sinos, para chamar toda a população á Praça do Mercado.

Ahi accorreram todos, homens, mulheres e creanças, e o Senhor João de Vienna repetiu-lhes as palavras que lhe haviam sido ditas da parte do rei inglez; rogou-lhes que se entendessem a respeito e que lhe respondessem quanto antes.

Ainda não acabara de falar e já irrompiam em torno d'elle gritos e prantos, tão dolorosos e tão sentidos em seu desespero, pela fraqueza que a voz de todos

estes seres famintos trahia, que os corações mais empedernidos se teriam commovido.

O Senhor João de Vienna chorava com o pobre povo que elle defendia e protegia havia tanto tempo, quando se levantou o Senhor Eustachio de Saint Pierre, o mais rico e um dos mais honrados burguezes de Calais, que disse:

— Senhor, seria grande lastima deixar tantas pessoas, que aqui estão, succumbir pela fome ou por qualquer outra fórmula, quando isto pode ser evitado. Eu me entregarei de bom grado, de pés nus e de baraço ao pescoço, á vontade do rei da Inglaterra.

Novo grito se ouviu, desta vez grito de admiração e de reconhecimento, e varios homens e mulheres foram rojar-se aos pés do Senhor Eustachio, para lhe agradecerem.

Depois d'elle, levantou-se o Senhor João d'Aire, tão rico e considerado quanto seu predecessor e que tinha em sua casa duas filhas a quem muito amava: — Eu farei companhia ao Senhor Eustachio, disse elle.

Jacques e Pedro de Wissant eram primos irmãos e ambos parentes do Senhor Eustachio e do Senhor João. Propuzeram-se, como estes, a salvar Calais. Dois outros opulentos burguezes da cidade seguiram o exemplo dos primeiros.

Despiram-se de seus fatos na Praça do Mercado e depois, voltando-se para o governador, disseram: — Estamos promptos.

O Senhor João de Vienna mal podia suster-se, tão fraco estava; montou numa pequena hacaéa, que

ainda restava na cidade e dirigiu-se para a porta desta, seguido pelos seis burguezes. Os homens e as mulheres os acompanhavam, chorando e torcendo as mãos.

O governador fez abrir a porta e disse ao Senhor Gautier de Mauny, enviado do rei da Inglaterra, que o aguardava: — “Senhor, como commandante de Calais e com o consentimento do pobre povo da cidade, eu vos entrego os seis burguezes mais notaveis, que, pela fortuna e pelo nascimento, ha na cidade de Calais; elles levam as chaves da cidade e do castello. Eu vos imploro, gentil Senhor, que intercedaes perante o rei da Inglaterra em favor destes homens, afim de que elles não sejam enforcados”. — “Não sei qual será a vontade do rei meu Senhor, tornou o Senhor Gautier. porém, farei quanto estiver em meu poder”.

Dizendo isto, levou-os até a residencia do rei da Inglaterra, que sahiu della para a praça fronteira, em companhia da rainha Philippa de Hainaut e de seus barões.

Os fidalgos inglezes e, sobretudo, o Senhor Gautier, imploraram, em balde, o perdão para os seis devotados calésenses; Eduardo permaneceu inflexivel e disse: “Mandem vir o carrasco”.

Então, a rainha Philippa lançou-se a chorar aos pés do rei seu marido: “Ah, Senhor; eu vos peço, em nome do filho de Santa Maria e por amor de mim: tende piedade dos seis homens que aqui estão”.

Ainda assim o rei permanecia calado, olhando sua esposa prosternada deante d'elle e debulhada em lagrimas. Elle a amava muito e não queria contristal-a; por isso, extendendo-lhe a mão para levanta-

tal-a: “Ah, Senhora, disse elle, eu prefereria que estivesseis alhures e não aqui; mas, pois que m'o pedis, eu vol-os dou, ainda que a contragosto. São vossos; fazei delles o que quizerdes”.



Os seis burguezes de Calais

A bôa senhora ergueu-se depressa e exclamou: “Senhor, muito obrigada!” Ella, então, levou comsigo, á sua propria residencia, os seis burguezes, que tinham visto a morte de tão perto e, fazendo trajal-os e dando-lhes de jantar, os enviou áquella cidade de Calais, que tão bem haviam sabido defender.”

A grandeza do devotamento, em nada inferior á dos mais excelsos patriotas romanos, não pode ser mais realçada do que pela linguagem simples e sincera de Froissart. Talvez a matrona romana assistisse impassivel ou resignada á punição ou vingança; os corações femininos da epoca medieval, dia a dia, mi-

nuto a minuto, batendo em peitos de rainha ou nos de camponezas, iam vencendo seus maridos e tornando-os menos cruéis. E assim se explica porque para o fim dessas eras mais se invocava Nossa Senhora do que mesmo Deus.

## Joanna d'Arc

O nome de Joanna d'Arc recorda, a quem quer que haja estudado, mesmo ligeiramente, a historia de França, a mais pungente situação deste paiz na *Guerra dos Cem Annos* e uma das mais sublimes e commoventes dedicações de que a Historia faz menção.



Joanna d'Arc

Joanna d'Arc, no primeiro quartel do seculo XV, o rei, Carlos VII, era um fraco, um descuidado e um des-

Por uma questão de descendencia, os reis da Inglaterra pretendiam ter adquirido direito ao throno de França e, por isso, se haviam apoderado, não só de innumerous portos francezes, como de vastissimas regiões, em cuja invasão e conquista fôram sobremaneira favorecidos pelas facções que parcellavam então esse formoso paiz, sendo que algumas dellas o haviam trahido, reconhecendo o rei da Inglaterra como soberano legitimo. Quando surgiu

fructador da vida. Os inglezes tinham vindo, de conquista em conquista, até as portas de Orléans, então uma das mais importantes cidades da França. O destino desta nação, isto é, a perda de sua independencia, estava por um tris.

Pois bem, lá dos confins da França, de remota aldeia que seus feitos vieram a tornar universalmente conhecida, sae uma joven camponeza, ignorante mas inspirada, para, com o seu coração, a sua coragem, o seu heroismo, a sua clarividencia instinctiva, reanimar entre os homens de sua patria, alguns alquebrados pela interminavel lucta, a resistencia. Queimaram-n'a viva, é verdade, numa fogueira, os inimigos de sua patria. Mas os exemplos que ella legou em dois annos, o ardor que communicou a uma parte da França, a qual ficou por assim dizer impregnada pelos infinitos atomos em que se volatilizou o seu corpo — a sua carne pura, forte e santa — concorreram para que dentro em breve fossem os inglezes definitivamente expulsos da França e os filhos desta adquirissem um sentimento mais nitido, mais consciente e indispensavel de que elles formavam, na realidade, uma nacionalidade unica, que carecia unir-se num só corpo politico, numa só nação. Assim, “a incomparavel heroína, que se dedicou preciosamente á independencia da França”, segundo a caracteriza Augusto Comte, foi indirectamente um dos mais poderosos factores da sua unificação, tão inflexivelmente consolidada pelo grande Luiz XI, filho e successor do ingrato rei a quem ella tão opportunamente soccorrera. Parece que foi reconhecendo isto que Luiz XI se esforçou por que a Igreja

a canonizasse. Era, todavia, cedo de mais para que o Papado pudesse comprehender a anomalia excepcional de uma mulher guerreira, a qual aliás se ufanava de nunca haver utilizado sua espada em combate. Ella fôra um symbolo para levantar o vigor da nacionalidade franceza, soffredora, ameaçada de cahir sob o jugo estrangeiro; fôra um symbolo admiravel, arrebatador, pela sua juventude, pela sua formosura, pelo seu enthusiasmo, pela sua fé e pela sua pureza, de tudo quanto deviam ter presente os patriotas: — o conjunto de lares onde se preparavam as gerações futuras da patria, então conspurcada. O seu martyrio não podia deixar de fomentar desde logo um ardor maior para a resistencia e para a expulsão dos invasores. O facto é que desde esse momento a sorte se mostrou adversa aos inglezes, que por fim só conseguiram conservar Calais.

Eis o que Michelet nos diz della, em sua “Historia de França”:

“Eu entrei um dia em casa de um homem que viveu muito, muito trabalhou e tambem muito soffreu. Tinha em mãos um livro qua acabára de fechar e parecia mergulhado num sonho; vi, não sem surpresa, que seus olhos estavam marejados de lagrimas. Emfim, voltando a si, disse: “Pois ella morreu!”—Quem? indaguei. — A pobre Joanna d’Arc!”

Tal é a força desta historia, tal a sua tyrannia sobre o coração, seu poder para arrancar as lagrimas! Bem ou mal narrada, seja o leitor joven ou velho, seja elle, quanto o possa, firme pela experiencia, endurecido pela vida, ella o fará chorar. Homens, não

coreis por isso e não occulteis que sois homens. E’ que aqui a causa é bella. Nenhum luto recente, nenhuma desgraça pessoal póde ter maior direito de commover as almas boas e dignas.

A verdade, a fé e a patria têm tido seus martyres e em multidão. Os heróes tiveram as suas dedicações, os santos a sua paixão. O mundo os admirou e a Igreja orou. Mas agora o facto é outro. Não ha canonização, nem culto, nem altar. Não ha quem ore, mas todos choram.

Tal é a historia:

“Uma creança de doze annos, uma menina ainda nova, confundindo a voz de seu coração com a voz do céo, concebe a idéa extranha, improvavel, absurda, si quizerem, de executar o feito que os homens não podem mais realizar, o de salvar seu paiz. Rumina incessantemente esta idéa durante seis annos, sem confial-a a ninguem: nada diz á sua propria mãe, nada a confessor algum. Sem o menor apoio de padres ou de parentes, ella caminha todo este tempo com Deus, na solidão de seu grande designio. Aguarda completar dezoito annos e, então, immutavel, ella o executa mau grado as objecções dos seus e mau grado as de todo o mundo. Atravessa a França devastada e deserta, os caminhos infestados pelos salteadores; ella se impõe á côrte de Carlos VII; lança-se na guerra e, nos acampamentos que jamais vira, nos combates, nada a espanta; ella se atira intrepida no meio das espadas. Ferida sempre, desanimada nunca, ella restitue a confiança aos soldados, arrasta todo o povo, que se torna soldado qual ella, e ninguem mais ousa ter medo de

cousa alguma. Tudo está salvo. A pobre rapariga, com sua carne pura e santa, com seu corpo delicado e tenro, embotou o ferro, quebrou a espada inimiga, cobriu com seu seio o seio da França.

A recompensa, eil-a. Entregue por traição, ultrajada pelos barbaros, tentada pelos phariseus, que experimentaram embalde perdel-a por suas proprias palavras, ella resiste a tudo neste derradeiro combate, ella se revela superior a si propria e explode em palavras sublimes, que farão chorar eternamente... Abandonada por seu rei e pelo povo, aos quaes salvára, volta, pelo cruel caminho das chammas, ao seio de Deus. Mas ella funda sobre o cadafalso o direito da consciencia, a autoridade da voz interior.

Nenhum dos idéaes que o homem havia tido se aproximou desta realidade certissima.

Não se tratava então de um doutor, de um sabio experimentado pela vida, de um martyr escudado na força de suas doutrinas, que por ellas acceita a morte. E' uma moça, uma creança quasi, que tem como força apenas a de seu coração.

O sacrificio não foi sómente acceito e soffrido; a morte não foi passiva. Foi um devotamento querido, premeditado, ruminado por longos annos; uma morte activa, heroica e perseverante, de ferida em ferida, sem que o ferro jamais a desanimasse, até a apavorante fogueira.

Sua sublime ignorancia emfim, que fez calar toda a sciencia em sua derradeira prova e tornou mudos os doutores, foi um rasgo unico deante do qual tudo o mais desaparece. Aqui os verdadeiros sabios e os co-

nhecedores do coração não dirão como Moysés: "Deus passou... Eu o vi pelas costas". Elles dirão: "Eil-o aqui... Este clarão é o olhar de Deus".

Quando lhe perguntaram, a esta rapariga joven e simples, que nada mais fizera do que costurar e fiar para sua mãe, como ella deliberára, sob sua responsabilidade, fazer-se de homem, apesar dos mandamentos da Igreja, como fizera o esforço (ella, tão timida e tão cheia de pudor) de dirigir-se aos soldados, de conduzil-os, de commandal-os, de reprehendel-os, de forçal-os a combater... ella não disse sinão uma palavra: "A piedade (\*) que havia no reino de França".

Rememoremos sempre, francezes, que a patria, entre nós, nasceu do coração de uma mulher, de sua ternura e de suas lagrimas, do sangue que ella deu por nós."

Taes são as eloquentes e sentidas phrases, com que Michelet resume, numa apologia de marmorista emérito da palavra, que vale a mais bella das estatuas, a figura doce e sublime da hoje quasi padroeira da França. São ainda delle as que se seguem sobre a infancia de Joanna d'Arc, em sua aldeia natal, Donremy:

"Emquanto as outras creanças iam com o pae trabalhar nos campos ou guardar os rebanhos, a mãe conservava Joanna ao pé de si, occupando-a em cozer e fiar. Não aprendeu nem a ler, nem a escrever; mas ouviu de sua mãe quanto esta sabia sobre as cousas santas. Joanna recebeu sua religião, não como uma lição, uma cerimonia, mas na fórmula popular e ingenua de uma bella historia de serão, como a fé simples

(\*) Sentimentos pios, de devoção.

de uma mãe... O que nós recebemos assim com o sangue e o leite, fica como uma cousa viva e a propria vida...

Sua aldeia distava dois passos das grandes florestas dos Vosges. Da porta da casa de seus paes, ella via o velho bosque de carvalhos. As fadas vagavam por estes bosques, ellas apreciavam especialmente uma fonte, perto de certa faia, que denominavam a arvore das fadas ou das damas. As creanças pequenas penduravam nella grinaldas e ahi cantavam. Estas damas antigas e donas das florestas não podiam mais, dizia-se, reunir-se na fonte: ellas haviam sido excluidas dahi pelos seus peccados. Entretanto, a Igreja temia sempre as velhas divindades locais: o cura, para expulsal-as, ia todos os annos celebrar uma missa juncto á fonte.

Joanna nasceu no meio dessas lendas, dessas fantasias populares. Mas o paiz offerecia, ao lado dellas, uma outra poesia, esta selvagem, atroz, muito real, a poesia da guerra... A guerra! esta palavra só diz todas as emoções; não é que se tenha todos os dias o assalto, o saque, mas, sim, a expectativa, o rebato, o despertar em sobresalto e, lá ao longe, na planicie, o vermelho sombrio do incendio.

Joanna teve a sua parte nestas romanescas aventuras. Viu chegar os pobres fugitivos; ella ajudou, a bôa rapariga, a recebê-los; ella lhes cedia o seu leito e ia deitar-se no celleiro. Seus proprios paes foram tambem obrigados a fugir uma vez. Depois, quando a onda dos bandidos se foi, a familia regressou e achou a aldeia saqueada, a casa devastada e a igreja incen-

diada. Ella soube assim o que era a guerra, comprehendeu este estado anti-christão: sentiu-se tomada de horror por este reino de Satan, no qual todo homem morria em peccado mortal.

Ella inquiriu de si propria si Deus permittiria isto sempre, si elle não poria um termo a estas miserias, si não enviariam um libertador, como o havia feito tantas vezes pelos Judeus, um Gedeão, uma Judith."

Ao historiador actual é facil comprehender que, atravez das ficções, estava a realidade da elevação dos sentimentos propriamente humanos da "Donzella de Orléans", como foi cognominada. Havia crescido en-golfada no meio dos horrores da guerra, sentira sua alma confranger-se ante as agruras da patria, presenciára as miserias do povo: o sentimento ardente, alliado a uma intelligencia lucida e a uma grande capacidade de acção, fez quasi tudo. Si as concepções da epoca levaram-n'a ás visões, pelas quaes julgava receber ordens do céo, e concorreram para o heroismo de seu martyrio, foi sua natureza peregrinamente altruista que lhe deu a audacia de dirigir os homens.

Aos 18 annos, envervou uma armadura, com vestes masculinas, conseguiu persuadir alguns capitães de sua missão, foi ter ao rei, de quem, por sua confiança em si, por sua candura e pela sagacidade de que deu provas, obteve o commando de uma tropa de cavallaria. Obriga os inglezes a levantar o cerco de Orléans, e, de feito em feito, de victoria em victoria, toma Reims, onde faz sagrar a Carlos VII, como rei legitimo. A França emociona-se, enthusiasma-se, crê na missão divina da Virgem de Donremy e une-se patriótica-

mente. Mas, ferida esta deante de Paris, trahida, e depois cruelmente abandonada, é vendida aos inglezes, que, auxiliados pela Igreja e até por innumerous francezes que se não pejaram de perseguil-a, soffre um longuissimo martyrio moral de inquirições ardi-losas, até que, por fim, a condemnam a morrer queimada viva.

Assim foi. Sua missão, porém, estava cumprida; com dois annos apenas de acção na vida publica, “a maior martyr do povo, de que a historia faz menção”, ia facilitar a expulsão do estrangeiro invasor e a unificação de todos os elementos da nacionalidade franceza, preparando o povo, que se deveria tornar cada vez mais no phanal a quem competia guiar os demais paizes occidentaes na senda do progresso. E’ que Joanna d’Arc encarnára “tudo quanto havia de sublime na religião catholica, tudo quanto havia de heroico na raça franceza, tudo quanto havia de dedicação na alma da mulher”.

Transcorrem os tempos e cada vez mais elevada é a apreciação de sua admiravel natureza moral. Ella propria acreditou que por Deus lhe fôra confiado o encargo de salvar sua patria. Foi sincera. A explicação que ella deu de seu ardor e de sua audacia, vasou-se inteiramente naquella extraordinaria resposta:

“A piedade que existia no reino de França.”

Era um sentimento humano, natural, espontaneamente gerado numa natureza nobre, sem artificios e sem mysterios, que a fizera sentir e impregnar-se da necessidade urgente de pôr um paradeiro á absorpção de sua terra. Comtudo, era tão forte este sentimento,

eram tão intensas essas emoções, assemelharam-se-lhe tão grandiosos os seus planos para a natureza mesquinha que ella se attribuia a si propria, que só poude explical-os por uma inspiração divina. Eis como surgiram em seu cerebro, já propenso por suas crenças a semelhantes hypotheses, e povoado de seres sobrenaturaes, as visões dos anjos e santos que lhe ordenavam que fosse salvar a França. Tudo quanto narrava era para ella a expressão da mais pura realidade. Foi verdadeira. Mas o clero catholico, que já não queria mais admittir taes milagres, ajudou os inglezes a queimarem-n’a como herege, como feiticeira.

Assim, para admittir tudo quanto se deu, nem se faz mistér a crença na missão divina, nem suppô-la uma impostora. Sentiu segundo a epoca, excitada pelo ardente patriotismo de que foi dotada. Mais tarde, seria por certo como Danton, que, sem outros motivos e explicações do que os puramente humanos, chegava a não hesitar em *sacrificar a sua propria memoria*, quando se tratasse de salvar sua Patria, essa mesma gloriosa França.

### Bayardo

Houve na Idade Media uma instituição, a da Cavallaria, que, apesar de um ou outro inconveniente, prestou assignalados beneficios á Humanidade, concorrendo para que os homens viessem a desenvolver os sentimentos de honra, de dignidade, de generosidade, de respeito á fé jurada, de acatamento pela mulher e de apoio aos entes mais fracos, como ainda hoje o

demonstra o significado da palavra *cavalheirismo*. Os cavalleiros foram nobres guerreiros, que combatiam a cavallo, com lança ou espada, revestidos em geral de armadura, e que frequentemente vagavam por diversas regiões, protegendo os fracos, mulheres, viúvas, orphãos e velhos, contra a injustiça de seus oppressores. Outras vezes se aggregavam aos exercitos e nelles serviam, ora como simples soldados, ora como capitães.

Mas, fosse onde fosse, o cavalleiro, além de se ligar por juramento ao serviço de Deus, devia ser sempre sincero e leal, isto é, nunca faltar á verdade e á palavra dada, ainda que não jurada.



Bayardo

Bayardo foi innegavelmente o typo mais perfeito, mais nobre e mais puro da cavallaria franceza e um dos ultimos representantes dessa instituição, que as armas de fogo tanto contribuíram para extinguir. Viveu já no limiar dos tempos modernos, tendo condensado admiravelmente as virtudes cavalheirescas, a ponto de ser pintado pelos historiadores como dotado de todas as qualidades nobres e sem um vicio sequer. De seu tempo mesmo já era cognominado *le chevalier sans peur et sans reproche*, isto é, sem temor e sem macula, e foi considerado, pela intemerata bravura, pela pureza, pela generosidade e pela lealdade, merecedor de ser solicitado pelo seu proprio soberano, Francisco, I, para que elle o armasse cavalleiro.

Sempre praticou a soberba maxima *Cumprí vosso dever, succeda o que succeder*, legando bellissimos exemplos de sua grandeza. Seu escudeiro, assignando-se o *Leal servidor* de Bayardo, traçou-lhe a biographia, da qual destacaremos por deante dois admiraveis rasgos, o de sua conducta para com uma senhora na tomada de Brescia, na Italia, e o de sua morte; occorrida em consequencia de um tiro de arcabuz, pouco depois de introduzidas as armas de fogo.

Convem assignalar que, comquanto sendo reconhecido em vida por quantos o cercavam como tendo prestado innumerados e relevantissimos serviços ao seu rei, decidindo ás vezes da sorte das batalhas, praticando feitos assombrosos, como o da defeza da ponte de Garigliano, em que fez frente sosinho a duzentos hespanhóes, jamais os relembrou, nem por vaidade, nem para obter qualquer recompensa ou cargo que fosse. "A's nossas acções, dizia elle, compete falar por nós e pedir recompensas: é mais bello merecel-as do que tel-as, do que tel-as sem merecel-as".

Sua generosidade corria parellas com sua modestia e sua intrepidez, como se passará a ver pela narrativa seguinte, do seu leal escudeiro.

"Bayardo foi ferido na tomada de Brescia e transportado para a residencia mais proxima. Era a casa de um riquissimo gentilhomen: apenas a esposa deste e suas duas filhas a occupavam. Ella installou Bayardo no mais bello quarto e o cercou dos cuidados que exigia o seu estado. Em compensação, Bayardo livrou a casa do saque.

O Bom Cavalleiro, *sans peur et sans reproche*,

esteve doente durante um mez ou cinco semanas, sem poder abandonar o leito, o que em extremo o aborrecia, porque todo o dia elle tinha noticias do campo dos francezes. Logo que se achou sufficientemente restabelecido, despediu-se de suas hospedeiras.

Na manhã em que o Bom Cavalleiro devia partir, a senhora, acompanhada por um creado que levava um pequeno cofre de aço, entrou no quarto d'elle. Poz-se de joelhos, supplicando-lhe que acceitasse um presente, como testemunho da gratidão que ella e as filhas lhe tributavam, por tel-as protegido contra a soldadesca.

Tomando então o cofresinho que o creado carregava, ella o abriu deante do Bom Cavalleiro, que o viu cheio de bellos ducados. O gentil senhor, que jamais fizera caso de dinheiro, poz-se a rir e perguntou:

— Senhora, quantos ducados ha neste cofre?

A pobre mulher receiou que elle se houvesse agastado, por achal-os pouco numerosos.

— Senhor, ha apenas dois mil e quinhentos ducados; mas, si não ficardes satisfeito, poderemos arranjar bem mais.

Então elle replicou:

— Por minha fé, senhora, ainda mesmo que me desseis cem mil escudos, vós não me farieis tanto bem quanto com o bom acolhimento que aqui tive e a bella companhia que me fizestes e vos garanto que, em qualquer parte que eu me ache, vós tereis em mim um gentilhomem ás vossas ordens. Não quero os vossos ducados; eu vol-os agradeço; retomai-os. Em toda a minha vida tenho preferido as pessoas dignas aos

escudos e crêde bem que parto tão contente, como si esta cidade estivesse á vossa disposição e vós m'a houvesseis dado.

A boa senhora ficou espantada por ver recusada sua lembrança; tornou a cahir de joelhos; mas o Bom Cavalleiro não consentiu que ella permanecesse em tal postura; desde que se viu levantada, disse:

— Meu senhor, eu me sentirei perpetuamente a mais infeliz das mulheres do mundo, si vós não acceitardes o pequeno presente que vos faço.

Quando Bayardo a viu tão firme, solicitou que ella mandasse chamar as duas filhas, ás quaes disse:

— Senhoritas, desejo agradecer-vos a excellente companhia que vós me proporcionastes e pela qual me sinto muito obrigado. Vós sabeis que os homens de guerra não possuem cousas bellas para presentear as damas; por minha parte, muito sinto não estar bem provido dellas para vol-as dar, como eu me julgo no dever. Ora, vossa mãe acaba de dar-me os dois mil e quinhentos ducados que vós vêdes sobre esta meza; dou-vos mil ducados a cada uma, como ajuda para casar-vos.

E elle despediu-se das duas jovens e da senhora.”

Eis como, segundo a narrativa de seu camarada, com a maior gentileza, com um tocante cavalheirismo, numa epoca em que a ambição nos dominava mais completamente, para que ficasse justificada a acceitação daquella dadia, soube Bayardo fugir ao sincero desejo, que a senhora nutria, de dar-lhe uma prova material de seu reconhecimento.

E' ainda do Leal Servidor a narrativa da morte deste intrepido cavalleiro.

“Combatia-se desde a madrugada; podiam ser 10 horas da manhã. Bayardo acabava de repellir os hespanhões com uma dessas cargas furiosas, a que tão a miudo recorria; elle retornava ao grosso de suas tropas, quando uma pedra, lançada por arcabuz, o feriu nos rins e lhe quebrou a espinha dorsal. Gritou: — Ai, Jesus! e depois accrescentou: — Oh, meu Deus, estou morto!

Tomou a espada pelo punho, alçou-a em fórma de cruz, abaixou-a e pronunciou bem alto as palavras de David: “Tende piedade de mim, Senhor, de accordo com a vossa grande misericordia”.

Empallideceu, como si fosse perder os sentidos, e quasi cahiu do cavallo; porém, teve energia para segurar-se ao arção da sella, e assim permaneceu, até que seu mordomo, Jacques Joffrey, veiu ajudal-o a apear-se. — Encostae-me contra esta arvore, disse elle ao joven gentilhomem, e collocae-me de maneira que eu tenha o rosto voltado para os inimigos. Nunca lhes mostrei as costas; não quero começar a fazel-o ao morrer, porque estou irremissivelmente perdido.

Vendo Joffrey cahir em pranto: — Jacques, meu amigo, tornoti elle docemente, deixa teu pesar: é da vontade de Deus levar-me deste mundo. Por sua graça, nelle permaneci por muito tempo e ahi recebi bens e honras superiores aos que mereci. Eu te peço, meu amigo, não me deixes tirar deste lugar, porque, quando me mexo, sinto todas as dores que é possível soffrer, fóra a morte, a qual em breve me arrebatará!

Voltou-se então para o Senhor d'Alegre e com elle entreteve-se alguns instantes, dando-lhe a conhecer suas ultimas vontades.

Neste momento reappareceram os hespanhões. Um capitão queria fazer cruzar a lança a cinco ou seis de seus homens e conduzir o Bom Cavalleiro, pensando poder salyal-o. Mas o ferido, que conhecia bem seu estado, rogou-lhe que o deixasse um pouco pensar em sua consciencia; tiral-o de onde estava não serviria sinão para abreviar-lhe a vida.

Os hespanhões approximavam-se.

— Senhores, disse Bayardo, eu vos supplico, ide-vos, pois do contrario cahireis nas mãos dos inimigos e isto não vos traria proveito algum, porque eu estou perdido. Adeus, meus bons senhores e amigos, eu vos recommendo a minha pobre alma. Peço-vos, além disto, Senhor d'Alegre, que saudeis por mim ao rei, nosso Senhor; dissei-lhe quanto lastimo não haver podido servil-o por mais tempo e como eu tinha grande desejo de fazel-o. Saudae tambem a todos os principes da casa real, todos os cavalleiros meus camaradas e em geral a todos os gentishomens do muito honrado reino de França.

D'Alegre afastou-se debulhado em lagrimas; foi mistér uma ordem formal de Bayardo, para que seus creados e homens d'armas consentissem em separar-se delle. Foram junctar-se ao exercito em marcha e, neste, a todos os capitães, soldados de cavallaria e de infantaria, elles exprimiam o seu desespero.

Os proprios hespanhões, soldados e gentishomens, ao saberem que Bayardo havia sido ferido mortai-

mente, testemunhavam uma real afflicção. Elle sempre os tratára com humanidade e cortezia; sempre se mostrára conciliante no resgate dos prisioneiros.

Apenas o ferido se achou só com Jacques Joffrey, o qual por preço algum quiz retirar-se, o marquez de Pescara, chegando a cavallo, reconheceu o Bom Cavalleiro; apeou-se e disse: — Prouvesse a Deus, valeroso Senhor de Bayardo, que meu sangue corresse e que, sem morrer, eu me privasse de carne durante dois annos, mas que eu vos tivesse em bôa saude, como meu prisioneiro. Porque, pelo tratamento que eu haveria de dispensar-vos, saberieis quanto honro o alto valor que possuis; desde que conheci as armas, nunca tive noticia de cavalleiro que em quaesquer virtudes se tenha approximado de vós. Eu deveria gostar de ver-vos como ora vos encontro, sabendo bem que em suas guerras o Imperador meu Senhor (referia-se a Carlos V, Imperador da Austria e a da Hespanha), não tinha maior e mais duro inimigo. Entretanto, quando considero a enorme perda que soffre hoje toda a cavallaria, nunca me venha Deus em auxilio, si não é verdade que eu desejaria dar a metade do que possuo para que tal não succedesse. Mas, pois que para a morte não ha remedio, peço Aquelle que nos creou a todos, segundo a sua imagem, que leve vossa alma para juncto delle.

O Marquez queria mandar transportar Bayardo para qualquer habitação vizinha. — Não, pediu Bayardo, deixae-me sobre o proprio campo em que combati, afim de que nelle morra como homem de guerra e como sempre desejei.

Offereceram-lhe os cuidados dos cirurgiões; pediu um padre e com este se confessou piedosamente.

Tendo feito estender um toldo acima do ferido, que foi deitado sobre um leito de campanha, o generoso hespanhol o deixou sob a guarda de dois de seus gentishomens e se poz novamente á frente de seus cavalleiros, exclamando: — A França não sabe tudo quanto perdeu hoje com este Bom Cavalleiro!

A' proporção que o exercito hespanhol passava, correndo em perseguição dos nossos, “não houve um só homem digno” que não se detivesse para ver e saudar o glorioso moribundo.

Carlos de Bourbon tambem veiu.

— Oh, Capitão Bayardo, disse-lhe, approximando-se do seu antigo irmão d'armas, vós a quem tanto amei pela vossa grande intrepidez e lealdade, como tenho piedade de ver-vos neste estado!

— Ah, por Deus, Senhor, não tenhaes piedade de mim, mas antes de vós mesmo, que combateis contra a fé jurada e contra vosso rei. Porque eu, eu morro por minha fé e por meu rei!

Entretanto, a vida abandonava Bayardo. Reconcentrando-se e já desligado da terra, elle dirigia ao céu uma fervorosa prece, que concluiu assim: “Senhor, julgae-me segundo a tua grande misericordia e não segundo o rigor de tua justiça!”.

A voz sumiu-se-lhe dos labios: tinha expirado.

Assim se extinguiu o Cavalleiro sem medo e sem macula, a 30 de Abril de 1524, pelas seis horas da tarde. Contava quarenta e oito annos de idade.”

Nesta singela narrativa de seu escudeiro, sente-se

hem que alma generosa, nobre e modesta era o grande Cavalleiro. O seu interesse pelos que o cercam, aconselhando-os a que se retirem, para não cahirem nas mãos dos inimigos, a sua bella resposta ao contrastar a sua lealdade com a do condestavel Carlos de Bourbon, que trahira seu rei e sua patria, achando-o mais carecedor de piedade do que elle ali extendido, ferido e moribundo, e, finalmente, a sua prece, na qual se vê que, perante o Deus que lá via nas alturas, nem poderiam ser levados em linha de conta para a salvação de sua alma os seus serviços á França e aos seus semelhantes, revelam uma natureza verdadeira, sinceramente generosa, nobre e modesta.

As circumstancias da epoca, cheia de luctas, o haviam feito guerreiro; mas dentro d'elle havia a alma de um santo.

### Os Doze de Inglaterra

No tempo que do reino a redea leve  
João, filho de Pedro, moderava,  
Depois que socegado e livre o teve  
Do vizinho poder, que o molestava,  
Lá na grande Inglaterra, que da neve  
Boreal sempre abunda, semeava  
A fera Erinnyes dura e má cizania  
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,  
E nobres cortezãos, acaso um dia  
Se levantou discordia em ira accesa;  
Ou foi opinião, ou foi porfia:

Os cortezãos, a quem tão pouco pesa  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem que provarão, que honras e famas  
Em taes damas não ha para ser damas.

E que si houver alguém com lança e espada,  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raso ou estacada,  
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.  
A feminil fraqueza, pouço usada,  
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua  
De forças naturaes convenientes,  
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes  
No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes, nem fervidos amantes,  
A sustentar as damas, como devem:  
Com lagrimas formosas e bastantes  
A fazer, que em soccorro os deuses levem  
De todo o Céu, com rostos de alabastro,  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Inglez potente, e militára  
Co'os Portuguezes já contra Castella,  
Onde as forças magnanimas provára  
Dos companheiros e benigna estrella;  
Não menos nesta terra exp'riméntára  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha viu, que tanto o peito doma,  
Do forte Rei, que por mulher a toma.

Este, que soccorrer-lhé não queria  
Por não causar discordias intestinas,  
Lhe diz: "Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras Iberinas,

Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas,  
Que elles sós poderiam, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E si, aggravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas discretas e polidas  
De vosso agravo os façam sabedores;  
Tambem por vossa parte encarecidas,  
Com palavras d'affagos e d'amores,  
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,  
Que ali tereis soccorro e forte esteio."

Desta arte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomeia doze fortes:  
E porque cada dama um tenha certo,  
Lhe manda que sobre elles lancem sortes,  
Que ellas só doze são; e descoberto  
Qual a qual tem cahido das consortes,  
Cada uma escreve ao seu por varios modos,  
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro;  
Toda a côrte alvoroça a novidade:  
Quizera o Rei sublime ser primeiro,  
Mas não lh'o soffre a regia magestade.  
Qualquer dos cortezãos aventureiro  
Deseja ser, com fervida vontade;  
E só fica por hemaventurado  
Quem já vem pelo Duque nomeado.

Lá na leal cidade, donde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do governo.

Apercebem-se os doze em tempo breve  
D'armas e roupas, de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras e primores,  
Cavallos e concertos de mil côres.

Chega-se o prazo e dia assignalado  
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,  
Que pelo Rei já tinham segurado;  
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes;  
Já as damas têm por si, fulgente e armado  
O Mavorte feroz dos Portuguezes;  
Vestem-se ellas de cores e de sedas,  
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado  
Magriço, que não vinha, com tristeza  
Se veste, por não ter quem nomeado  
Seja seu cavalleiro nesta empreza;  
Bem que os onze apregoam, que acabado  
Será o negocio assi na côrte Ingleza,  
Que as damas vencedoras se conheçam,  
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

Já num sublime e publico theatro  
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte.  
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,  
Bem como a cada qual coubera em sorte.  
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,  
De força, esforço e d'animo mais forte,  
Outros doze sahir como os Inglezes  
No campo, contra os onze Portuguezes.

Mastigam os cavalloos escumando  
Os aureos freios com feroz semblante!  
Estava o Sol nas armas rutilando,  
Como em cristal ou rigido diamante;

Mas enxerga-se num e noutro bando  
Partido desigual e dissonante,  
Dos onze contra os doze, quando a gente  
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia  
A causa principal do reboliço:  
Eis entra um cavalleiro, que trazia  
Armas, cavallo, ao bellico serviço;  
Ao Rei e ás damas fala, e logo se ia  
Para os onze, que este era o grão Magriço;  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta certo nos perigos.

A dama, como ouviu que este era aquelle  
Que vinha a defender seu nome e fama,  
Se alegra, e veste ali do animal de Helle,  
Que a gente bruta mais que virtude ama.  
Já dão signal, e o som da tuba impelle  
Os bellicosos animos, que inflamma;  
Picam d'esporas, largam redeas logo,  
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrépito parece,  
Que faz que o chão debaixo todo treme;  
O coração no peito, que estremece  
De quem os olha, se alvoroça e teme.  
Qual do cavallo voa, que não desce,  
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,  
Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

Algum d'ali tomou perpetuo somno,  
E fez da vida ao fim breve intervallo;  
Correndo algum cavallo vae sem dono  
E noutra parte o dono sem cavallo.

Cae a soberba ingleza do seu throno,  
Que dois ou tres já fóra vão do vallo:  
Os que de espada vem fazer batalha  
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
E' desses gastadores, que sabemos,  
Maus do tempo, como fabulas sonhadas,  
Basta por fim do caso, que entendemos,  
Que com finezas altas e afamadas,  
Co'os nossos fica a palma da victoria  
E as damas vencedoras e com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas e alegria;  
Cozinheiros occupa e caçadores,  
Das damas a formosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora e cada dia,  
Emquanto se detem em Inglaterra,  
Até tornar á doce e cara terra.

LUIZ DE CAMÕES, *Lusiadas*.

## Renascença, Reforma, Grandes invenções e Grandes descobrimentos

A phase inicial da Idade Moderna assignala-se por tres grandes grupos de factos: o 1.º é a Renascença, em virtude da qual, desde o seculo XIV, foi retomado o estudo das sciencias e principalmente das letras gregas e latinas, quer pudessem ellas pôr-se de accordo com a religião catholica, quer não; o 2.º, em não pequena parte como consequencia do primeiro, mas sobretudo por motivos de ordem politica e moral, é a Reforma, isto é, o de modificações profundas na doutrina, na conducta e no culto do Christianismo, por parte dos que foram em geral denominados protestantes, modificações estas que já se vinham preparando havia dois seculos, porém, cuja explosão se deu violentamente no seculo XVI; o 3.º foi o movimento devido ás grandes invenções e aos grandes descobrimentos maritimos.

De facto, foram tres grandes revoluções: a da Renascença affectava a intelligencia, a da Reforma os sentimentos e a dos Grandes descobrimentos e invenções a actividade.

Já no seculo XIII se ia manifestando, mesmo entre o clero, uma incredulidade que o dispunha a estudar com prazer as obras da antiguidade classica. Como durante a Idade Media, a preocupação com o sentimento fôra absorvente, o progresso da sciencia e das letras havia sido aparentemente insignificante e suas produções literarias não eram comparaveis ás

legadas pelos artistas e sabios gregos e mesmo romanos. A approximação com os arabes tinha feito as obras greco-romanas mais conhecidas, especialmente quando, cahindo Constantinopla em poder dos turcos ottomanos, viram-se os eruditos daquela cidade obrigados a espalhar-se pela Europa.

Então, quantos se sentiam com tendencias intellectuaes transformaram-se em cultores e imitadores da sciencia e da arte antigas: eis por que razão foi esta epoca denominada *Renascença*.

A invenção da arte typographica e a do papel facilitaram prodigiosamente a propagação dos livros e, a principio, na França e na Italia, e depois nos outros paizes, vemos surgir uma incomparavel floração artistica.

Na sciencia, que teria o seu melhor desenvolvimento um pouco mais tarde, surgem Copernico, que lança as bases da astronomia moderna, e um Erasmo; na poesia, Dante, Ariosto, Camões; na esculptura, pintura e architectura, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Ticiano, Alberto Durer e outros. Os principes empenhavam-se em proteger os sabios e artistas e até mesmo papas houve que pareciam ter a cultura artistica como preocupação dominante, qual succedeu com Julio II e Leão X.

O estudo da antiguidade, que fazia ver que o mundo progredia, e a decadencia propria ao catholicismo, cujas explicações já não podiam ser postas de accordo com a experiencia já adquirida pela Humanidade e cujo clero se corrompera, como aliás toda a sociedade, motivaram as tentativas, como as de Luthero, Calvino,

Zwinglio, de retornar ao que elles julgavam os principios da fé primitiva, para elles consignados nos Evangelhos. Recusaram, então, obediencia ás modificações que a Igreja Catholica fôra introduzindo, taes como o poder do Papa, a confissão, o culto dos santos, o purgatorio, o celibato dos padres, etc.

Quasi todos os paizes do norte da Europa, a Allemanha, a Scandinavia, os Paizes Baixos e a Inglaterra, abraçaram o protestantismo, comquanto divididos em varias seitas, conforme era natural que succedesse. Com effeito, a interpretação individual da Biblia, livro muitas vezes obscuro e escripto para uma civilização muito mais atrasada, e a necessidade, em que se achavam os protestantes, de obterem o apoio dos principes locaes, explicam o facto de não terem elles podido oppôr uma religião unica ao catholicismo, porém, sim, muitas seitas.

A Reforma foi necessaria, para desafogar, mesmo nos paizes que permaneceram catholicos e que organizaram a contra-reforma, o mundo occidental da oppressão da Igreja. Este grande serviço da Reforma não nos deve impedir de reconhecer que o protestantismo foi uma retrogradação e não um progresso, quer intellectual, quer mesmo moral.

As grandes invenções foram a da imprensa, isto é, a da possibilidade da tiragem de innumerous exemplares de uma obra, pela adopção de typos moveis, facéis de obter, em virtude da liga para isso inventada por Gutenberg; a do papel, de fabricação relativamente facil e que barateou muitissimo o custo dos livros, o que permittiu uma rapida expansão da instrucção; a

da polvora, que transformou os armamentos, ante os quaes se abateram as muralhas dos castellos feudaes e que concorreu para a formação dos grandes exercitos permanentes; finalmente, a da bussola, que, pela propriedade de dar o meridiano approximado, tornou possivel a orientação nas rôtas de alto mar.

As relações com o Oriente, difficeis e irregulares por terra, já em virtude das regiões a atravessar, já pelos embaraços e perigos oppostos pelos arabes, forçaram os hespanhóes e portuguezes a se lançarem nos grandes empreendimentos maritimos. Bartholomeu



A parte clara representa o mundo conhecido antes da descoberta da America.

Dias, Colombo, Vasco da Gama e Fernando de Magalhães, foram os mais gloriosos pioneiros para o conhecimento integral do globo. Graças, principalmente, ao grande genovez Colombo, desvendou-se um novo mundo, de novas raças e com productos, cuja vantagem determinou a colonização moderna.

Então a Europa poude ver que os homens, com-

quanto irmãos, apresentavam simultaneamente diversos graus de desenvolvimento: na Europa eram civilizados, na Asia e no norte da Africa ainda eram barbaros, emquanto na America não tinham sequer abandonado o estado de selvagens.

Infelizmente, porém, os Occidentaes ainda não comprehendiam bem a fraternidade, não estavam ainda com os seus sentimentos assás apurados. Compellidos por desenfreada cobiça, ao verem que os selvagens americanos não se prestavam ao trabalho regular, em virtude de seu grande atrazo, foram arrancar os pobres negros africanos e os transportaram, como escravos, para os serviços da agricultura nas plagas americanas.

Os descobrimentos enriqueceram muito os europeus, especialmente os hespanhóes e os portuguezes, e vieram intensificar e aperfeiçoar o commercio e a industria.

### Vozes d'Africa

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes?  
Em que mundo, em que estrella tu te escondes,  
Embuçado nos céos?  
Ha dois mil annos te mandei meu grito  
Que embalde desde então corre o infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia,  
Do deserto na rubra penedia,  
Infinito galé!...  
Por abutre — me dêste o sol ardente!  
E a terra de Suez foi a corrente  
Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do beduino  
Sob a vergasta tomba resupino,  
E morre no areal!  
Minha garupa sangra — a dôr poreja,  
Quando o chicote do *simoun* dardeja  
O teu braço eternal!

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...  
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas  
Dos harens do sultão...  
Ou no dorso dos brancos elephantes  
Embala-se coberta de brilhantes  
Nas plagas do Indostão!

Por tenda — têm os cimos do Hymalaya...  
O Ganges amoroso beija a praia,  
Coberta de coraes...  
A brisa de Mysora o céu inflamma;  
E ella dorme nos templos do Deus Brahma,  
— Pagodes colossaes...

Europa — é sempre a Europa, a gloriosa!...  
A mulher deslumbrante e caprichosa,  
Rainha e cortezã!  
Artista — corta o marmor de Carrara;  
Poetiza — tange os hymnos de Ferrara,  
No glorioso afan!...

.....

Mas, eu, Senhor!... Eu triste, abandonada,  
Em meio dos desertos, esgarrada,  
Perdida, marchou em vão!  
Si choro... bebe o pranto a areia ardente!  
Talvez... para que meu pranto, ó Deus clemente,  
Não descubras no chão!

E nem tenho uma sombra na floresta  
 Para cobrir-me, nem um templo resta  
     No solo abraçador...  
 Quando subo as pyramides do Egypto,  
 Embalde aos quatro céos, chorando, grito:  
     “Abriga-me, Senhor!”

Como o propheta em cinza a fronte envolve,  
 Velo a cabeça no areal que volve  
     O sirôco feroz...  
 Quando eu passo no Sahara amortalhada,  
 Ai! dizem: “Lá vae Africa embuçada  
     No seu branco alboroz...”

Não vêem que o deserto é meu sudario,  
 Que o silencio campêa solitario  
     Por sobre o peito meu!  
 Lá, no sólo onde o cardo apenas medra,  
 Boceja a Esphyngue colossal de pedra,  
     Fitando o morno céo...

De Thebas nas columnas derrocadas,  
 As cegonhas espiam debruçadas,  
     O horizonte sem fim...  
 Onde branqueja a caravana errante  
 E o camello monotono, arquejante,  
     Que desce de Ephraim...

Não basta ainda de dôr, ó Deus terrível?!...  
 E', pois, teu peito eterno, inexaurível  
     De vingança e rancor?  
 E o que é que fiz, Senhor?! Que torvo crime  
 Eu commetti jamais, que assim me opprime  
     Teu gladio vingador?!

Foi depois do diluvio... um viandante negro,  
 Sombrio, pallido, arquejante,  
     Descia do Ararat...  
 Eu disse ao peregrino, fulminado:  
 “Cham, serás meu esposo bem amado,  
     Serei tua Eloá...”

Desde esse dia o vento da desgraça  
 Por meus cabellos ululando passa  
     O anathema cruel;  
 As tribus erram do areal nas vagas  
 E o nomada faminto corta as plagas,  
     No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...  
 Vi meu povo seguir — judeu maldicto —  
     Trilho de perdição...  
 Depois vi minha prole desgraçada  
 Pelas garras d'Europa — arrebatada,  
     — Amestrado falcão!...

Christo! Embalde morreste sobre o monte...  
 Teu sangue não lavou da minha fronte  
     A mancha original!  
 Ainda hoje são, por fado adverso,  
 Meus filhos — alimaria do universo...  
     Eu — pasto universal!

Hoje em meu sangue a America se nutre;  
 — Condor que transformara-se em abutre,  
     Ave da escravidão!  
 Ella junctou-se ás mais... Irmã trahidora!  
 Qual de José os vis irmãos, outr'ora,  
     Venderam seu irmão!....

Basta, Senhor! De teu potente braço  
 Rola através dos astros e do espaço  
     Perdão p'ra os crimes meus!  
 Ha dois mil annos eu soluço um grito...  
 Escuta o brado meu lá do infinito,  
     Meu Deus! Senhor, meu Deus!

CASTRO ALVES.

### Bernardo de Palissy

Ha objectos que são hoje communissimos, cuja fabricação já está por tal fórma generalizada e até tão facil, que não nos podem fazer suspeitar quanta pesquisa, quanta tentativa frustrada e desanimadora, quanta tenacidade a sua descoberta ou a sua obtenção custou á Humanidade. Tal é o que succede com a louça. No emtanto, desde os quebradiços, deterioraveis, grosseiros e desgraciosos modelos inventados pelos homens primitivos, de que temos em parte exemplo na ceramica de nossos indigenas e de que temos desenterrado innumerados vasos de epochas remotissimas, até os especimens de porcellana finissima e artisticamente ornamentados das aperfei-



Palissy

coadas fabricas europeas e orientaes, que formidaveis esforços não foram despendidos em tentativas, pesquisas e experiencias! E, não sómente sob o aspecto da utilidade, da perfeita adaptação a certos fins mate-

riaes, mas tambem sob o do proporcionamento do gozo espirital de repousar a vista sobre o bello, tudo foi difficil, comquanto muitos dos pertinazes investigadores tenham ficado afogados na massa geral dos bemfeitores anonymos da especie humana. Tal, comtudo, não aconteceu com Bernardo de Palissy, um dos mais memorados exemplos de quanto vale uma intelligencia aguda a serviço de inquebrantavel perseverança.

Para que se possa medir o valor de suas descobertas basta imaginar por um momento a suppressão da *louça esmaltada* em nossa vida diaria e, para não citar sinão uma unica vantagem, lembraremos a que decorre do seu emprego na fabricação das vasilhas quaesquer — o asseio. Dir-se-á que o vidro e os metaes poderiam substituil-a com vantagem. Não ha tal; um supporta mal as variações bruscas de temperatura, os outros têm o defeito de ser muito bons conductores de calor e facilmente oxydaveis.

Bernardo de Palissy nasceu em 1510 e com seu paè apprendeu a pintar sobre vidro. Viajou, desde os 18 annos, por grande parte da França, pelos Paizes Baixos e parece que pela Allemanha.

Muito intelligente, valendo-se um pouco de geometria apprendida á propria custa, para applicar á sua arte, poudeser-se agrimensor. Com a pintura sobre vidro e as medições de terras, ia-se mantendo, quando, aos trinta annos mais ou menos, deparou com uma bella taça esmaltada de proveniencia desconhecida. Curioso, como era, empenhou-se em descobrir o segredo da composição do esmalte, que só estava então

conhecido por alguns italianos, cujos productos artisticos alcançavam preços excepcionalmente elevados.

Pois durante 16 annos, atravez de difficuldades de toda ordem, consumindo em suas pesquisas quanto dinheiro podia ir reunindo, dinheiro ganho em outros trabalhos, e apesar de sua esposa lhe não haver dado a precisa tranquillidade domestica, por causa do temperamento irritadiço de que era dotada, Bernardo de Palissy não abandonou um instante o problema que se propuzera a resolver.

Tendo abraçado o protestantismo, viu-se perseguido; intelligente e audacioso em suas apreciações, foi reputado elemento perigoso. Nada, porém, o fez desanimar, pois, si era verdadeiramente um homem superior pela intelligencia, ainda mais sobressahia pelo character, especialmente na coragem e na perseverança. Suas economias, como até mesmo o dinheiro que lhe era indispensavel para a subsistencia, escoavam-se em suas variadas e multiplas experiencias; tomou emprestadas successivamente varias quantias e, por fim, não podendo mais obter dinheiro, lançou ao fogo, nos fornos em que fazia as suas provas, todos os seus trastes, chegando até, segundo dizem, a arrancar para tal fim taboas do soalho de sua casa. Por fim, não dizem as historias si nesse momento em que revelava tão prodigiosa perseverança, poude ter a satisfacção de ver os seus esforços coroados de exito, de descobrir os meios de fabricacção do esmalte.

Aos cincoenta e poucos annos, seu merito começou a ser assás reconhecido, tendo encontrado quem o protegesse dos ataques então desencadeados contra seus

correligionarios. Ainda assim, foi preso em Bordéus e encarcerado, até que um decreto do Rei o restituiu á liberdade. Em 1565, elle se estabeleceu em Paris, onde ficou conhecido como "Mestre Bernardo", gozando então da protecção da rainha Catharina de Medicis, que tão implacavel se mostrou com os protestantes e que contra estes instigou, em 1572, a perseguição do dia São Bartholomeu. Ella mesma o encarregou de ornamentar uma nova gruta do celebre Jardim das Tulherias. A perseguição acima referida fel-o fugir de Paris, para onde regressou poucos annos depois.

E então, elle, que não era apenas um operario, mas na verdade um cientista, professa, em lições publicas, o seu modo de explicar e encarar certos phenomenos naturaes. Mais tarde, numa obra intitulada "Discursos admiraveis da natureza, das aguas, das fontes, da terra", enfeixa, revelando-se escriptor capaz e original, as suas notaveis explicações.

Nessa epoca não se podiam admittir outra sciencia, outros conhecimentos, do que os hauridos nos livros da antiguidade greco-romana. A observação da natureza, a constatação da verdade atravez do proprio mundo, ia apenas, na Europa Occidental, sendo reiniciada.

Com a sua intelligencia e a sua prodigiosa actividade, Bernardo de Palissy, viajando, rasgando o sólo, perscrutando a natureza das terras, quando as media, comprehendeu melhor do que seus contemporaneos certos phenomenos geologicos.

"Da vivacidade do lagarto, de seu amor pelas arvores e de suas viagens nas regiões pedregosas, diz um

seu biographo, Henrique Morley, Palissy inspirou-se directamente na observação da mãe commum. Desde a infancia, revelára-se infatigavel observador da natureza. Trabalhando em relevo, segundo processos approximados de seu grande predecessor Luca della Robbia, modelou travessas, pratos, que elle denominou suas *rusticas figulinas* (louça esmaltada e ornamentada com baixos relevos), ornou-as com peixes, serpentes, rãs, conchas, hervas, bagas e folhas de fetos, copiados segundo os fosseis da bacia geologica de Paris, com tanta fidelidade que é possivel identificar as especies respectivas. Mesmo aos olhos dos sabios, estas petrificações pareciam simples caprichos da natureza.”

Fabricava tal louça, não apenas o oleiro, mas o investigador scientifico, convencido de que estava reproduzindo em seus artefactos seres que haviam existido na realidade em epocas immemoriaes.

Um seculo mais tarde, Fontenelle, o reputado autor dos *Elogios dos sabios*, dizia delle:

“Fôra reservado a um fabricante de louças, a um oleiro, sem conhecimento de letras gregas e latinas, ter a audacia de declarar em Paris, e á face dos doutores, que as conchas fosseis eram conchas depositadas outr’ora pelo mar no ponto em que eram encontradas e que os animaes haviam moldado na pedra as suas differentes fórmas, e de desafiar assim toda a escola de Aristoteles a que atacasse suas provas.”

Toda esta vida de actividade, de indomavel energia na pesquisa da verdade e na aquisição de um progresso industrial, foi extinguir-se entre as tetricas mu-

ralhas dessa prisão, que, exactamente dois seculos depois, assignalava com sua queda o inicio da conquista das liberdades politicas para o mundo occidental — a Bastilha. E ainda então, apesar de muito entrado em annos, Bernardo de Palissy se revelou perseverante em suas opiniões, pois foi novamente lançado ao carcere, por se haver negado a abjurar sua fé protestante.

Taes são as provas de que em “Mestre Bernardo” não se tem apenas o nome de descobridor a quem a sorte favoreceu um dia com uma descoberta fortuita. Não; intelligente, resolveu arrancar esse segredo, convicto de que lhe era possivel achal-o, investigou e, por fim, venceu. Aliás, raramente as grandes descobertas são feitas por acaso. Nem todos, porém, carecem, como no caso do mais celebre *oleiro*, da energica perseverança de que elle, em tudo, deu sempre as mais soberbas demonstrações.

As creanças, nas suas pequenas difficuldades, nos seus estudos, nos trabalhos caseiros, na apprendizagem dos officios, etc., devem lembrar-se sempre de Bernardo de Palissy. E, com relação a seus sentimentos, convem saber que todas as almas precisam tambem de seu esmalte, para resistirem aos embaraços da vida: o *esmalte* para as almas consiste numa composição que vae resultando do apuro continuo, por pequenos aperfeiçoamentos obtidos dia a dia, em boa parte á custa de nossos proprios esforços, de tudo quanto ellas têm de nobre e elevado. A Humanidade se tornaria bem feliz, si cada um de nós pudesse ser,

para a propria alma, tão perseverante e energico, como Bernardo de Palissy soube ser em sua descoberta.

### Energica conducta de uma senhora

A coragem sempre foi considerada como um dos caracteres fundamentaes da natureza masculina. Entretanto, toda vez que ha um sentimento intenso de interesse que a domine, a mulher demonstra da fórma a mais incontrastavel que sabe tel-a tão bem quanto o homem. Qual a mulher, por exemplo, que no momento de perigo para um filho receia isto ou aquillo, não se lança, intemerata e ardorosa, em sua defesa?

Habitualmente, porém, nota-se na mulher, nos casos mais communs, uma deficiencia de iniciativa, que nem resulta da ausencia da coragem, nem da falta de dedicação ou de desejo de ajudar. O que lhe falta principalmente é a capacidade de acção, de iniciativa, a qual póde, no emtanto, ser desenvolvida mediante educação conveniente. Tornar a sua apreciação do que a cerca mais rapida, acostumar-a a tomar deliberações mais promptas e mais calmas, cultivar-lhe melhor a intelligencia, de maneira a permittir-lhe lançar mão de mais completos e variados meios de acção, augmentar-lhe mesmo a energia physica e a agudeza dos sentidos, taes são as fórmas pelas quaes poderemos tornar a mulher habitualmente mais corajosa, mais decidida, mais energica, afim de que a miudo não venha a ser victima de sua incapacidade de acção.

Os casos vulgares acima citados e varios excepçoes, entre os quaes vamos narrar um, provam que, assim como os homens podem tornar-se mais bondosos, mais accessiveis á piedade, sem em cousa alguma se diminuirem no caracter, tambem o sexo feminino póde adquirir, ou melhor, desenvolver a coragem, a energia, a perseverança, sem perder a sua encantadora aureola de bondade e de ternura.

Um dos mais notaveis exemplos de energia, de acção prompta e segura, foi o dado pela Condessa de Schwartzburgo, em meados do seculo XVI. Nessa epoca era imperador da Austria Carlos V, que tambem reinava sobre a Hespanha: Como já vimos em outras paginas, as lutas entre protestantes e catholicos, tanto por motivos de dissidencia de credo, como por questões politicas, dividiam e ensanguentavam a Europa.

Comquanto Carlos V fosse sinceramente catholico e reputasse a unidade religiosa indispensavel, a sua razão principal para combater os sectarios de Luthero estava talvez mais na circumstancia de favorecerem estes a independencia dos principes e das cidades do Imperio Austriaco, enfraquecendo assim a autoridade do Imperador. Viveu, por isso, em guerras continuas, pretendendo esmagar o movimento protestante, para o que se utilizou, mesmo na Austria e na Allemanha, principalmente de tropas hespanholas, então reputadas das melhores e mais aguerridas da Europa.

Em 1547, Carlos V, com seu exercito sob o commando do Duque d'Alba, que mais tarde tanto se havia de celebrizar pelo pulso de ferro, cruel e des-

potico, que fez pesar sobre os protestantes da Hollanda, acabava de derrotar os protestantes allemães em Muhlberg. O Duque d'Alba, após a victoria, procedia á retirada de parte do exercito de Carlos V, atravez de uma provincia de Saxe, tendo, então, de passar pelo condado de Schwartzburgo-Rudolstadt.

A simples passagem de tropas determinava consequencias gravissimas para a vida de todo o paiz, quasi como si este se mergulhasse de facto na guerra, fosse o theatro desta, pois eram exercidas todas as especies de abusos, de violencias, de roubos, de attentados e de vexames. Nessa epoca, e em especial nesse caso, em que, além de serem as tropas estrangeiras, quasi mercenarias, ainda havia o odio religioso, justifica-se sobremaneira a garantia de que se quiz cercar a condessa de Schwartzburgo, tratando de conseguir, por parte do soberano, a promessa de que seus camponezes seriam respeitadas, em vida, honra e haveres.

Por seu lado, ella se comprometteu a fornecer ás tropas imperiaes, que transitassem por seu condado, todos os viveres e recursos de que carecessem, mediante um preço razoavel.

Experiente e cautelosa, combinou que os entregaria proximo de uma ponte sobre o rio Saale, pela qual deviam passar as forças. Esta ponte se achava a pequena distancia do castello de sua residencia. Para que os soldados não se deixassem arrastar pela tentação do saque, ao verem o castello, deliberou a prudente Condessa mandar demolil-a e substituil-a por outra a maior distancia.

Emquanto isto se dava, muitos habitantes das po-

voações circumvizinhas fizeram-se transportar para o castello, com o assentimento de sua proprietaria e como era aliás muito commum, levando os haveres a que tinham maior apreço ou eram de maior valor. Victimias frequentes da sanha das tropas, apesar de saberem da promessa de Carlos V, receavam, e com sobejas razões, não vel-a cumprida por elle proprio ou não respeitada pelos seus generaes. Os reis raramente ficavam desconceituados, mau grado o proverbio — *Palavra de rei não volta atraz* — por não cumprirem as promessas desta especie: ou descobriam meios de sophismal-as, ou attribuiam o não cumprimento a um mal entendido, a esquecimento, á desordem do momento, etc.

Em geral era habito mandar solicitar aos castellos que os commandantes e officiaes superiores fossem recebidos como hospedes, já para refeições, já para pousada. O Duque d'Alba, ao approximar-se do castello de Rudolstadt, mandou pedir á Condessa que os recebesse á sua mesa, elle e mais o Principe de Brunswick com seus dois filhos, ao todo quatro pessoas apenas.

Mandou a Condessa de Schwartzburgo declarar-lhe que se esforçaria por dar-lhe digna acolhida e, aproveitando o ensejo, lembrou-lhe a garantia do Imperador Carlos V, para que elle novamente a transmitisse ás forças sob o seu commando. E assim julgou ella estar á salvaguarda de ver sacrificados os pobres camponezes dos arredores.

Quando o Duque d'Alba e seus tres camaradas chegaram, ella os recebeu com a maior bôa vontade. Mal,

porém, se haviam sentado á mesa, é chamada por uma pessoa que lhe queria falar em particular e a quem foi attender fóra do salão. Era um portador que lhe vinha narrar todas aquellas miserias, violencias, assaltos e principalmente roubo de gado, que, mesmo em paiz amigo ou no proprio, perpetravam as tropas e que se estavam permitindo as forças do Duque d'Alba contra as aldeias do seu condado.

A maioria das mulheres não teria a audacia dessa energica senhora. Não só a bondade para com aquelles que se achavam sob sua protecção, como tambem a indignação que lhe causou a falta de cumprimento da fé promettida, inspiraram-lhe um decisivo golpe de força. Determinou em primeiro lugar que fossem fechadas todas as portas do castello. Chamou depois a quantos homens ahi se tinham abrigado e os seus creados e distribuiu-lhes armas, ordenando-lhes que se collocassem atraz das portas do salão, promptos a lhe prestarem obediencia.

Depois, com a mais absoluta calma, retorna resolutamente á sala e em termos vehementes exprobra aos seus convivas o pouco caso que haviam feito da palavra dada por seu soberano, como o estava demonstrando a péssima conducta das tropas.

Não estivesse ali presente o mais cruel e despotico dos generaes hespanhóes! Responderam-lhe os quatro, com ar motejador e pouco cavalheiro, que os usos da guerra eram aquelles mesmos e que, por onde passassem os exercitos, sempre se verificariam aquelles pequenos inconvenientes, ás pequenas catastrophes daquelle genero.

Julgaram com tal resposta e tal pouco caso desarmar os argumentos da Condessa e, por ser ella uma fraca mulher, atemorizal-a, mas ella retrucou-lhes altivamente: — “E’ o que vamos ver já. Ou será feita justiça aos pobres aldeãos, ou, eu juro por Deus, o sangue dos chefes pagará o preço do gado roubado!”.

A um signal seu, todos os homens que fizera armar, invadiram a sala e postaram-se por traz das cadeiras dos convivas.

O resultado não se fez esperar. O Duque d'Alba empallideceu e comprehendeu, deante de uma alma tão decidida, sua grave situação; não lhe restava outro remedio sinão submeter-se e mandar respeitar integralmente a promessa do seu soberano. Viu-se, pois, na contingencia de enviar urgentissima ordem escripta ás forças para que restituíssem o gado roubado e para que não commettessem identicas violencias.

Todavia a cautelosa Condessa só os deixou livres de partir, após haver adquirido a certeza de que as ordens do Duque não haviam sido burladas.

Esta conducta caracteriza bem quanto a Condessa de Schwartzburgo soube ter character. Teve coragem, pois não se atemorizou, nem no momento, nem das consequencias graves que lhe poderiam advir do odio de um general que acabava de ganhar tão relevante e grande victoria; teve prudencia, não só removendo a ponte, como principalmente, por não ter ido impensadamente, comquanto indignada, despejar toda a sua colera á face de seus hospedes, quando veiu a saber do procedimento das tropas; teve firmeza, por-

que executou completamente, chegando a retel-os como refens, quanto havia deliberado.

Em identica conjunctura bem poucos homens se revelariam capazes de agir com tão mascula energia. O recurso a esta permittiu á Condessa proteger efficaçmente os camponeses de suas terras. Soube ser energicamente bondosa.

### Henrique IV

No seculo XVI, accentuaram-se na Europa as luctas devidas ás divergencias de credos religiosos, pois uns se haviam conservado catholicos, emquanto outros haviam abraçado o protestantismo. Nem todos os protestantes adoptavam os mesmos principios, mas todos estavam de accordo em não se subordinarem mais á autoridade do Papa.

A religião catholica, de que este era o chefe espirital, havia prestado, durante seculos, os mais relevantes serviços ao mundo occidental. Este, porém, havia progredido, intellectual, moral e praticamente, em particular nos ultimos seculos e, por um lado, muitos espiritos já se não conformavam com as explicações e os principios basicos da doutrina catholica, emquanto que, por outro, se escandilizavam, por verem, que não só os fieis, como até o proprio clero, já não apresentavam mais o grau de pureza e de virtude por ella preconizada. Estes defeitos, *esta corrupção*, como se dizia naquella epoca, eram bem maiores e de consequencias bem mais difficeis de supportar nos paizes do Norte da Europa do que nos do Sul. Além disso, os

papas eram quasi sempre italianos e pretendiam não apenas dirigir as consciencias, mas até dominar as forças e as riquezas desses paizes.

Os progressos scientificos concorreram em larga escala para fomentar muitas divergencias no modo de encarar a vida e de explicar os phenomenos do mundo. A Igreja prégava que a Terra estava parada e que o Sol girava em torno della; os sabios affirmavam que era o contrario que se dava.

A disciplina, que a Igreja desejava manter, levou-a naturalmente a certa pressão, a tentar impedir essa liberdade de consciencia. Foi principalmente no dominio das consequencias propriamente religiosas que estas luctas se acirraram. Começaram por discutir e negar certas instituições catholicas, como o celibato dos padres, o purgatorio, o culto dos santos, etc. Como o Novo Testamento — a parte da Biblia que os catholicos haviam tomado como livro basico de sua religião — não cogitava de taes instituições, alguns espiritos se rebellaram contra ellas e muitos outros os acompanharam. Foram os *protestantes*.

Este movimento foi necessario á Humanidade, porquanto esta carecia de individuos que, com plena liberdade de consciencia, pudessem examinar todas as questões. Apesar das violentissimas luctas, das interminaveis discussões, os protestantes prestaram o serviço de iniciar e de favorecer ao principio esta livre apreciação.

De um lado e de outro, julgava-se que a melhor fórma de combater o erro supposto no adversario era perseguil-o, anniquilal-o. Comtudo, a pouco e pouco,

foram surgindo homens superiores, mais clarividentes, que, conservando apenas a crença em Deus, não faziam exaggerada questão de que fosse elle adorado desta ou daquella fórma, em summa, que haviam comprehendido exigir o progresso humano que cada um adoptasse as opiniões que reputasse melhores, numa palavra, que a todos fosse concedida liberdade de consciencia.

As perseguições tinham chegado ao apogeu em França, quando surgiu Henrique de Navarra, mais tarde Henrique IV, que fôra protestante. Elle comprehendeu, melhor do que ninguém, a situação e resolveu dirigir a França, com mão segura, para que a paz se restabelecesse. No dia de S. Bartholomeu, escapára ao massacre, abjurando a sua fé de huguenote. Tendo vindo a tornar-se successor de Henrique III, no throno de França, só conseguiu entrar na posse



Henrique IV

deste depois de longa e porfiadissima lucta, a qual só começou a ter fim na batalha de Ivry. Nesta, todos os francezes que lhe eram adversos, tinham o auxilio de um exercito hespanhol, mandado por Philippe II. Dirigindo-se ás suas tropas, em ardente allocução, Henrique IV, pronunciou então as celebres phrases: "Si perderdes de vista vossas bandeiras, segui meu pennacho branco; vós o vereis sempre no caminho da honra e da victoria!"

Nessa batalha, em que temeraria carga, por elle pessoalmente dada, lhe trouxe a victoria, Henrique IV accorria, por toda a parte, a gritar: "Poupae os francezes, mas exterminae os estrangeiros!".

Vencida esta batalha, restava-lhe ainda ir tomar conta de Paris, baluarte dos que não queriam acceital-o como rei: parte dá aristocracia e os catholicos intolerantes. Vae sitial-a, mas este cerco se prolonga. Vendo que os parisienses haviam exgottado todos os seus mantimentos e que iam morrer de fome, ordena que suas tropas deixem passar as provisões, dizendo: "E' preciso não transformar Paris num cemiterio; eu não quero reinar sobre mortos".

Nem era de esperar outra conducta de quem soubera manifestar sempre uma grande clemencia e que repetia a miudo: "Hei de tratar tão bem os meus inimigos que elles se tornarão meus amigos".

Os successivos actos de bondade e algumas transigencias em questão religiosa, fizeram que elle fosse por fim acceito. Dentro em pouco, uma das suas mais bellas medidas em prol da tranquillidade da França foi o edito de Nantes, pelo qual elle concedia sufficiente liberdade de consciencia.

De sua clemencia dá testemunho um factio que occorreu entre elle e um capitão francez que, tendo estado a serviço do rei da Hespanha, se passára para o delle, apenas com o intuito de encontrar oportunidade para assassinal-o. Esta premeditada trahição veiu ao conhecimento de Henrique IV. Caçando numa floresta, viram-se os dois completamente sós. O capitão foi-se approximando de Henrique IV que, com

a maior impassibilidade e confiança em si, lhe disse: "Apeae, capitão! Quero ver si vosso cavallo é tão bom quanto o dizeis!" O capitão obedece. O rei monta sobre o cavallo do official e tira do arçãõ duas pistolas carregadas. "Fui informado, continuou Henrique, de que tencionaes matar-me. Poderia matar-vos eu mesmo, si o quizesse". Mas, em vez de fazel-o, descarrega as pistolas para o ar.

Essa natureza generosa, ousada, um tanto aventureira, alliaa a taes qualidades muita bonhomia, muita simplicidade. Em seu interior era então de uma encantadora singelleza, como o attesta o conhecido caso da posição em que o embaixador hespanhol o foi achar em certa visita. Ao entrar, dá com o rei, de gatinhas, com um dos seus filhinhos montado ás costas, para o qual fazia de cavallo. Vendo-o no salão, Henrique IV, sem levantar-se, indagou, com adoravel simplicidade: "Tendés filhos, Sr. Embaixador? — Tenho, Magestade. — Neste caso, tornou o rei, posso acabar de fazer a volta da sala".

No emtanto, Henrique IV foi um dos mais soberbos exemplos de quanto póde um character firme, pois, principalmente por haver tomado Sully para ministro, sustentando-o contra desabridos ataques, restaurou e desenvolveu os recursos da França. Seu grande Ministro deu um consideravel impulso á agricultura e á creação, mas já não tinha enthusiasmo pela industria e pelo commercio, como succedia com seu soberano. Da industria foi Henrique IV o verdadeiro fundador, especialmente pela protecção dispensada á da seda.

Sully, que sobreviveu a Henrique IV, victimado pelo punhal de um fanatico louco, foi um notavel administrador, um tanto altivo e exigente, mas que sabia ser imparcial, mesmo quando directamente atacado. Confiando na rectidão de Henrique IV, um official, a quem o poderoso ministro queria privar de seu cargo, resolveu representar contra elle ao proprio rei, a quem mandou sollicitar audiencia. Um mero acaso levou o official a encontrar-se com Sully, ao qual jamais havia visto e que tomou apenas como um dos grandes da côrte. Entabolando conversação com elle, disse o capitão o que o trazia a Paris, queixando-se acerbamente da injustiça de Sully, que o queria perder, chegando até a pedir protecção contra o primeiro ministro. A exposição feita pelo official demonstrou ao ultimo que os inimigos daquelle o haviam illudido. Pois o grande ministro e camarada de Henrique IV, esquecendo todas as pouco agradaveis apreciações que a seu respeito externára o capitão, sem o menor resentimento, foi obter do rei a conservação do official em seu cargo.

### Perseguições religiosas

Durante muitos seculos, na Idade Media, quasi todos os povos do mundo civilizado occidental, isto é, a França, a Italia, a Hespanha, parte da Inglaterra actual e da Allemanha, adoptaram o catholicismo e subordinaram-se á autoridade e aos conselhos do Papa, mantendo essencialmente a mesma religião. Com os tempos, porém, mais accentuadamente no XVI

seculo, começaram a surgir divergencias, revoltas do pensamento contra a Igreja, nas quaes se clamava por uma reforma desta, já sob o ponto de vista da doutrina, já sob o ponto de vista da organização e da vida dos fiéis e até dos proprios membros da Igreja.

Na França, na Inglaterra e particularmente na Allemanha foram propostas varias modificações. Nos dois ultimos paizes taes modificações se generalizaram, mas na França a população se subdividiu em dois grupos: o dos catholicos e o dos *protestantes*, designação geral na qual foram incluídos quantos não acceitavam mais o catholicismo, ainda que por motivos diversos.

Não se conhecia ainda a *tolerancia religiosa*, isto é, não se evoluira assás para ter-se a virtude de respeitar e de conceder liberdade de opiniões ou de crenças. Entendia-se, por isso, que todos os infiéis, que quantos estavam, segundo a opinião da maioria, em erro, herejes, divergentes, etc., deviam ser perseguidos, punidos, exilados, exterminados mesmo.

O odio religioso lavrou fundo entre individuos, familias, povos, nações, e as scenas mais cruéis foram presenciadas, animadas e até exigidas contra aquelles que divergiam da maioria. Na França os protestantes eram perseguidos; na Allemanha e na Inglaterra as victimas eram principalmente os que haviam permanecido catholicos ou que divergiam menos destes. As maiores torturas foram infligidas e contam-se por milhares aquelles que pereceram queimados em fogueiras.

Si surgia uma ou outra voz contra o fanatismo,

como a do chanceller de Francisco II, L'Hopital, que verberava a perseguição, affirmando que o *punhal nada valia contra o espirito*, e que a heresia só poderia ser subjugada pelo exemplo da virtude, da caridade e de um culto regular e respeitoso, a maioria julgava que era preferivel exterminar os herejes quaesquer. Um papa, Pio V, chegava a dizer: "Não poupeis os inimigos de Deus, porque elles nunca pouparam Deus. Assim como só ha um sol e um só rei, da mesma fórma deve haver uma só religião". Isto do lado dos catholicos. Do outro, Luthero e Calvino, dois dos mais ardentes iniciadores das doutrinas protestantes, revelavam a mesma implacabilidade de exterminio, "por serem as seitas uma inspiração do diabo", declarava o primeiro.



L'Hopital

Este odio por divergencias religiosas, alliado a motivos politicos, deu lugar á terrivel vindicta de catholicos contra os protestantes — a de São Bartholomeu, a 24 de Agosto de 1572. Por ordem do rei de França, Carlos IX, instigado por sua mãe, Catharina de Medicis, foi autorizado o morticínio de todos os protestantes, homens, mulheres e creanças. Ficou combinado que de uma das Igrejas de Paris fosse dado pelos sinos o signal para inicio do massacre.

Pois bem, nessa epoca, nesse momento, no meio dessa desordem favoravel ao surto de todos os senti-

mentos indignos, principalmente dos de vingança, depara-se-nos um exemplo de verdadeira e pura generosidade por parte de um habitante de Quercy, Vessins, para com um seu figadal inimigo, Resnier. Pro-



Massacre dos protestantes no dia de S. Bartholomeu

fundo odio, que vinha sendo mantido e alimentado hereditariamente, afastava os dois homens e o facto de ser o primeiro catholico e o segundo protestante ainda servia para mais exacerbar aquelle odio, já aggravado pela guerra civil.

Achavam-se ambos em Paris, em Agosto de 1572.

Vessins poderia vingar-se definitivamente de seu inimigo, matando-o com autorizada impunidade ou, pelo menos, poderia deixar apenas que Resnier fosse uma das innumeraveis victimas votadas á morte pelo fanatismo religioso e a perseguição politica.

Tal, porém, não foi a sua conducta; mal soube da ordem expedida pelo rei, armou-se e foi a cavallo,

seguido de varios homens armados, em busca de Resnier. Este, que já fôra avisado do destino que aguardava os protestantes, encontrava-se a rezar. Ao ver surgir seu inimigo, não tentou sequer reagir e entregou-se-lhe. Com immensa surpresa sua, Vessins fel-o montar num cavallo que trouxera e o conduziu, atravez de todos os perigos, em longuissima jornada, a Quercy.

A esposa e os filhos de Resnier quizeram recom-pensar Vessins por sua generosissima conducta; porém, este, após presentear seu inimigo com o cavallo que servira para a sua fuga, retirou-se com o melhor dos presentes de que podemos gozar: o da consciencia satisfeita pela pratica de um acto de elevado altruismo.

Neste rasgo tem-se a documentação da mais pura generosidade, pois nem sequer Resnier poderia, sob pena de tornar-se suspeito, ufanar-se de ter sido generoso. Não foi, portanto, a vaidade, mas um sentimento de bondade, de equidade e de tolerancia, que o impeliu a arriscar-se, para salvar o inimigo injustamente perseguido.

Cômquanto as perseguições religiosas ainda tivessem continuado, alguns annos mais tarde, um dos notaveis reis de França, Henrique IV, permittiu aos protestantes a liberdade de consciencia.

No emtanto, mesmo por occasião do nefando crime do dia de S. Bartholomeu, houve varios exemplos de que muitos catholicos já tinham a bondade sufficientemente desenvolvida para se rebellarem, com bellissima coragem e com firmeza, contra essas provas de

intolerancia religiosa. Desses citaremos os dados pelo Visconde d'Orte e por Montmorin.

O primeiro, que era commandante de Bayonna, ao receber ordem para o massacre dos protestantes da cidade, deu a Carlos IX a seguinte resposta:

“Senhor, transmitti a ordem de Vossa Magestade aos fieis habitantes e aos soldados: não encontrei entre uns e outros sinão bons cidadãos e militares valerosos, mas nem um só carrasco: eis porque elles e eu supplicamos humildemente a Vossa Magestade que empregue nossos braços e nossas vidas em cousas possiveis; por mais arriscadas que ellas sejam, nós derramaremos por vós a ultima gotta de nosso sangue.”

Um pouco de attenção nos revela quanto esta resposta foi nobre e altiva. Pedia elle que os empregasse em *cousas possiveis*. Porque possiveis? Porque para uma alma nobre era impossivel o uso da força contra a vida de innocentes, cujo crime unico consistia em divergirem em suas idéas das dos outros.

A de Montmorin, governador da Provincia de Auvernia, não é menos modelar:

“Senhor, dizia elle, eu recebi uma ordem, com a chancellia de Vossa Magestade, para fazer morrer todos os protestantes que se acham em minha provincia. Respeito muito Vossa Magestade para não reputar falsa esta ordem; e si, não permitta Deus que tal se dê, a ordem partiu realmente de vós, eu vos respeito tambem muito para obedecer-vos.”

A digna submissão é a base de todo o aperfeiçoamento, sentenciou o maior philosopho do seculo XIX, Augusto Comte. Mas é a *digna* submissão e não a

obediencia cega, a que se não rebella contra as ordens iniquas, que attentam contra a virtude, contra a bondade.

Estas duas admiraveis respostas traduzem de maneira a mais nitida e a mais concludente que todas as almas dignas não só deixam de cumprir as ordens injustas e más, como até se permitem chamar a attenção de seus superiores sobre seus crimes e erros. Convem que se note que o rei tinha, então, um poder quasi discrecionario sobre os seus vassallos.

## Idade Moderna

Costuma-se tomar para inicio da Idade Moderna a queda de Constantinopla em poder dos turcos otomanos, em 1453. De facto, porém, o movimento que caracteriza a Idade Moderna começou no seculo XIV, pois então já são manifestos os signaes de decomposição das duas grandes forças que regeram a Idade Media — o catholicismo e o feudalismo. O primeiro começa a ser solapado por innumeradas e variadas heresias e o segundo vae perdendo terreno pela tendencia do poder real de absorver toda a autoridade dos barões. Por isso, já devemos considerar o seculo XIV e todo o XV como pertencentes á Idade Moderna.

O caracteristico fundamental desta consiste no colossal desenvolvimento da sciencia e da industria.

Os gregos haviam abordado todos os conhecimentos, mas de facto tinham desenvolvido apenas duas sciencias: a Mathematica, e isso mesmo quanto ao

calculo numerico e á geometria preliminar, e a Astronomia. Depois, durante a Idade Media, haviam sido accumulados conhecimentos esparsos de toda ordem, mas, não só insufficientes, como sem coordenação. Para muitos phenomenos, suppunha-se que não havia leis e que elles se realizavam segundo a vontade de Deus, ou, pelo menos, que, por milagres, podiam ser alterados.

O movimento scientifico começou pela constituição final da Mathematica e da Astronomia. Na primeira, foram creadas a algebra, a geometria analytica, o calculo infinitesimal e o integral, e a mecanica. Com Galileo, que, apesar de toda a perseguição da Igreja, fez conhecido o duplo movimento da Terra, destruindo, portanto, a doutrina antiga, acceita por aquella, de que o Sol se movia em torno da Terra; com Kepler, que descobriu as leis dos movimentos do systema planetario; com Newton, que achou a lei da gravitação, e com mais alguns outros sabios, a bella sciencia do céo veiu a servir de modelo para as sciencias que se iam constituir.

A Physica, cujos conhecimentos andavam divididos entre a astronomia, a mathematica e a chimica, graças principalmente a Galileo, Descartes, Newton, Volta, Galvani, explora quasi todos os phenomenos communs á materia dos corpos quaesquer.

A Chimica, com essa admiravel cabeça que a Revolução Franceza apagou, Lavoisier, adquire os fóros de sciencia e começa a lançar as bases do estupendo desenvolvimento industrial da Idade Contemporanea.

O estudo da vida, a Biologia, com Linneu, Harvey e Bichat, toma também lugar na classificação das sciencias e explica a organização e o funcionamento das plantas e dos animaes, trazendo a sua indispensavel e preciosissima collaboração para a conservação e o restabelecimento da saúde e proporcionando ainda á industria e á agricultura vastos recursos para facilitar a manutenção da vida.

Assim, das sete sciencias indispensaveis para a explicação dos phenomenos fundamentaes, apenas duas, a Sociologia e a Moral, ficavam por constituir. Comtudo, innumerous pensadores, dentre os quaes destacaremos Descartes e Bacon, como fundadores da philosophia moderna, e Condorcet, iam concorrendo para estabelecer-se a convicção de que não sómente os phenomenos mais simples estavam sujeitos a regras invariaveis, as quaes a ser algum é dado alterar, mas também os que se passam dentro e entre os povos e até na nossa consciencia. Preparava-se assim o campo para a constituição das duas ultimas sciencias.

Com estas modificações no modo de conceber e explicar o mundo e com a disseminação dos conhecimentos pela imprensa, profundas transformações se foram operando. Acaba-se de vez com o preconceito de que quem quer que fosse pudesse ter o direito de valer-se de sua situação no poder para servir-se delle em proveito exclusivamente pessoal. Por isso, a principio, os senhores viram-se substituidos inteiramente pelos reis, que conseguiram então formar grandes nacionalidades, como a França, a Hespanha, a Inglaterra e a Austria. Mas, como os reis não comprehen-

deram sufficientemente a sua função e tenderam para explorar, em proveito individual e dos membros de suas côrtes, os paizes que deviam dirigir, em todos elles começou a manifestar-se uma tendencia revolucionaria, para obtenção de maior liberdade e melhor governo, o que determinou não só a revolução ingleza de 1648, como a grande revolução franceza de 1789.

A justiça, que concorreu para restringir o poder dos reis, foi organizada de forma mais completa e o povo, por meio dos parlamentos, ia, a pouco e pouco, intervindo na direcção politica. Os impostos se tornaram permanentes, mas já se ia exigindo uma applicação mais equitativa em beneficio geral.

Si os exercitos se desenvolveram e se tornaram permanentes, as guerras de facto iam sendo menos frequentes e, comquanto visassem ainda conquistas, serviam mais para apoiar a industria e o commercio. Estes passaram a ser a preocupação dominante da politica, sinão ainda como fim, pelo menos como meio de obter recursos para o custeio dos exercitos; os paizes manifestavam a tendencia para uma actividade pacifica, razão pela qual os governos lançaram mão do recrutamento forçado.

Surge tambem, como meio habitual de coerção, a policia, que veiu permittir uma manutenção da ordem bem superior á dos povos antigos.

Dentro em breve, os reis, obrigados a attender aos innumerados problemas, cuja direcção tinham concentrado em suas mãos, systematizaram a instituição dos ministros, para os quaes transferiam de facto a autoridade, chegando-se até a admittir que o rei reina,

mas não governa. A diplomacia, cujo fim principal era manter a paz ou prevenir a guerra, generalizou-se.

A colonização das vastas regiões descobertas absorve a principio Portugal e a Hespanha e depois a Hollanda e a Inglaterra. Das duas primeiras são enviados principalmente os individuos indisciplinaveis, ao passo que as colonias das segundas vão sendo organizadas com os perseguidos religiosos e politicos que abandonavam suas respectivas patrias. Umas e outras vieram, na America, a constituir-se em verdadeiros paizes, com todas as características de suas metropoles, das quaes, ao fechar-se o seculo XVIII, já anceiavam por tornar-se independentes, como o conseguiu então a America do Norte.

Com a liberdade de consciencia, os povos civilizados adoptaram a doutrina da soberania do povo e da igualdade social, isto é, de que á propria massa dos filhos de uma nação compete decidir de seus destinos e de que a lei deve ser uma para todos os individuos.

Os governos, porém, eram retrogradados, tendiam a conservar as antigas fórmulas e os fins com que dirigiam os paizes. Por um lado, a destruição das crenças anteriores e da organização da sociedade para a guerra e, de outro, a formação das sciencias e da industria moderna, cavavam um abysmo profundo entre os que se apegavam ao regimen antigo e as classes burguezas e populares. Esse antagonismo determinou a revolução franceza, com que se fecha a chamada Idade Moderna e se abre a Contemporanea.

Os homens de sciencia, os philosophos, os pensadores, os economistas, os literatos criticavam a organização existente e reclamavam uma outra, mais adequada aos costumes e ás tendencias da nova sociedade. Com os tratados, os romances, as peças de theatro, as cartas, por fim, com os jornaes, iam destruindo a sociedade antiga e lançando as bases para a sua reorganização. O publico, cada vez mais instruido, atirava-se soffregos ás novas idéas, rapidamente disseminadas.

## Turenne

Entre os generaes que maior fama adquiriram nos tempos modernos, figura Turenne, como dos primeiros em aptidão, a qual, no entanto, não justificaria o apparecimento de seu nome aqui, pois nenhum dos guerreiros modernos deve merecer consagração por feitos militares, a não ser em defesas: já estava inaugurada a phase em que devia prevalecer o desenvolvimento da sciencia e da industria.



Turenne

Todavia, nem todos estavam na situação de apreciar e na de evitar taes guerras. Julgavam, em consequencia, prestar relevante serviço ao seu paiz, extendendo criminosamente os dominios deste, como o fez o grande Luiz XIV na segunda phase do seu reinado.

Turenne foi de natural bondosissimo, de que nunca se apartou e de que nos legou multiplas provas. Nem mesmo de suas victorias tirava a menor vaidade. Após uma das mais brilhantes, resumiu, num bilhete a sua esposa, o annuncio da mesma sob a modestissima fórma: “Os inimigos cahiram sobre nós; foram batidos, louvado seja Deus. Fatiguei-me um tanto durante o dia: dou-vos *boa-noite* e vou deitar-me”.

Nem uma unica palavra de vaidade ou de orgulho, sobre a sua habilidade, a sua bravura, as suas manobras. Diz um de seus panegyristas: “Quem, tendo praticado taes feitos, os contou com mais commedimento? Si obtinha alguma vantagem, não era porque elle tivesse sido mais habil, porém, porque o inimigo se enganára; ao dar conta de uma batalha, nada esquecia, a não ser que fôra elle que a ganhára; ao ouvi-lo esquecer algum desses feitos, que o tornarão celebre, dir-se-ia que fôra simples espectador e chegava-se a ficar na duvida si era elle quem se enganava ou si a fama; ao voltar dessas gloriosas campanhas, que farão seu nome immortal, fugia das acclamações populares, corava de suas victorias e quasi não ousava apparecer na côrte, porque era forçado, por deferencia, a ouvir pacientemente os louvores que o rei não deixava de prodigalizar-lhe”.

Não só a modestia, mas a brandura e a moderação lhe grangearam sympathia em todas as classes, como o prova um incidente passado com elle em occasião em que, mais uma vez, patenteava essas duas qualidades. Em tal epoca, todos os nobres, como elle, que era visconde, se revelavam ciosissimos e intolerantes

na exigencia do respeito ás prerogativas a que se reputavam com direito pela riqueza ou pela linhagem. Ora, certo dia, sua carruagem teve de parar numa das ruas de Paris, ficando tambem detida uma outra que vinha atraz da delle. Nesta ia um fidalgo que, fervendo de raiva, veiu ameaçar com a bengala o cocheiro de Turenne, com o qual se poz a esbravejar. O grande general assiste impassivel á scena, quando nota que um negociante sae de sua loja, armado de páo, a gritar: — “Ora esta! pois estão a maltratar a gente do Sr. de Turenne!”

Mal ouviu este nome, temeu o nobre as consequencias de sua insolencia e, por isso, dirigiu-se á portinhola da carruagem de Turenne, para pedir-lhe perdão, suppondo-o grandemente irritado. “Effectivamente, Senhor, respondeu-lhe Turenne a sorrir, vejo que sois muito entendido em castigar meus empregados; quando estes fizerem tolices, o que lhes succede frequentemente, eu vol-os enviarei”.

Da maior simplicidade no trajar e pouco vantajado na physionomia, foi victima de enganos interessantes, tal qual o que lhe succedeu num spectaculo a que assistia, sentado á frente de um camarote. Entraram dois fidalgos do pretendido mundo elegante e, cotando-o pelo exterior, propuzeram-lhe que lhes cedesse o lugar da frente. Não quiz Turenne levar sua complacencia tão longe e ficou tranquillamente onde estava. Um dos moços teve a inqualificavel audacia de empurrar o chapéo e as luvas de Turenne sobre a platéa. Com as mais respeitosas provas de deferencia,

um dos espectadores veiu entregar-lh'os, declinando-lhe o nome. Os moços, confundidos, quizeram retirar-se, quando Turenne os reteve: “Ficae, propoz com brandura; arranjan-do-nos, haverá lugar para todos nós”.

A que extremos de bondade e de correcção levava elle sua conducta, prova-o o curioso caso seguinte:

Ao passar de carruagem fóra das fortificações de Paris, foi uma noite assaltado por uma quadrilha de ladrões. Querendo Turenne salvar um annel de grande estimação, prometeu-lhes cem luizes de ouro, quantia muitissimo superior ao valor do annel, si elles consentissem em deixal-o em seu poder. Ora, no dia immediato um dos assaltantes teve a ousadia de approximar-se de Turenne, no momento cercado de grande companhia, e, ao ouvido, pedir-lhe o cumprimento da promessa. O marechal mandou dar-lhe o dinheiro e ainda deixou escoar-se tempo bastante para que se afastasse. Contou, então, sua aventura, accrescentando: “A promessa de um homem honrado é inviolavel; jamais deve faltar á sua palavra, embora a tenha dado a velhacos”.

No feudalismo, só eram nobres os descendentes dos senhores; hoje, são nobres quantos sabem ter, em suas relações para com os outros individuos quaesquer, as normas de conducta de um Turenne, ainda mesmo que vivam ou tenham nascido na mais singella das choupanas; a nobreza do sangue desappareceu, ficando apenas a da alma.

## Fidelidade de um nobre inglez

No seculo XVII a Inglaterra foi terrivelmente assolada por perturbações politicas e religiosas, que dividiram o paiz. A principio declarou-se a lucta entre o rei e o Parlamento; este foi ganhando influencia e força, mas, por fim, tambem se scindiu, indo o poder cahir nas mãos de Cromwell.

Este, depois de ordenar a execução do rei Carlos I, acabou por dissolver o Parlamento e proclamar a Republica, da qual foi feito dictador, sob a designação de Lord Protector. Revelou-se neste posto o maior homem de estado da Inglaterra, de cuja prosperidade foi incontestavel propulsor.

Pouco antes de dar-se a execução de Carlos I, que jogava com os partidos de sua côrte e pretendia vencel-os, oppondo-os uns aos outros, para depois "mandar enforcar a todos", como escrevia á rainha, as tropas partidarias do Parlamento, commandadas por Lord Fairfax, foram sitiadas Colchester, defendida por Lord Capel, com forças realistas.

A pertinacia, a audacia, a temeridade, a energia indomavel na defesa do que cada qual julgava o seu direito ou o seu dever, politico ou religioso, attingiram por esses tempos as raias do incrível e foram, não o apanagio deste ou daquelle, mas de todos; como que a porfia todos os inglezes se sacrificaram por suas idéas ou seus sentimentos. Ainda assim, figura o cerco de Colchester entre os memoraveis exemplos de

obstinação: mau grado os assaltos incessantes, a carencia do indispensavel e a fome, seus defensores intentavam repetidas, bruscas e temerarias sortidas contra os sitiados.

Lord Fairfax, quer por desejar terminar o cerco, quer para forçar Lord Capel, cuja virtude e fidelidade ao rei eram conhecidas, a passar para o partido do Parlamento, mandou raptar do collegio um filho daquelle, de 16 annos apenas.

Tudo ignorava Lord Capel, quando Fairfax lhe solicitou uma tregua de algumas horas para uma entrevista.

Em sitio igualmente distante da praça e do campo, encontraram-se sob uma tenda os dois generaes. Fairfax offereceu a Lord Capel, em nome do Parlamento, as mais tentadoras dignidades e recompensas, si elle abandonasse a causa de Carlos I e entregasse Colchester. Cheio de honra e de lealdade, Lord Capel fremiu de indignação; declarou sua firme deliberação de permanecer, até o seu ultimo alento, fiel ao rei e ao seu juramento e levantou-se. Não ouvira uma unica razão que pudesse fazel-o mudar de opinião ou sentimentos e, portanto, de proceder; dispoz-se, por isso, a retirar-se.

— Si não pude persuadir-vos—disse Fairfax, retendo-o— falará agora quem terá sobre vós maior poder do que o meu. Vêde esta creança: vossa resposta decidirá de sua vida.

Lord Capel viu entrar seu filho, preso por soldados, um dos quaes lhe apoiava; sobre o peito descoberto, a ponta do punhal.

Havia dois annos que se não viam, pae e filho; olharam-se enternecidamente, sem poderem satisfazer o natural impulso de se abraçarem.

— Dizei a vosso pae que me entregue a cidade immediatamente, pois do contrario, eu o juro, morrereis á vista delle, ordenou Lord Fairfax, com ferocidade.

— Com que direito tendes a barbaridade de ameaçar a vida de uma creança que nada fez?

— Meu pae, respondeu então o menino, este homem não me arrancará uma palavra siquer, contraria aos sentimentos que me tendes inspirado. Mate-me elle, si o quizer; morrerei digno de meu pae!

Emquanto Fairfax estremecia de furor, ao constatar sua impotencia deante dessas soberbas almas, Capel accentuava ainda mais a firme e dolorosa resolução de sacrificar o proprio filho, ajuntando:

— O' meu filho, bem sabes quanto te amo; mas eu te deshonoraria, deshonorando-me, si por ti eu trahisse meu rei e meu juramento. Tua vida está nas mãos deste homem; comtudo, ninguem deverá lastimar tua sorte, si, ainda em tão tenra idade, tiveres a honra de morrer por teu rei. Adeus!

E, com surprehendente estoicismo, após um derradeiro e pungentissimo olhar, retirou-se para a cidade.

Fairfax, impedido por seus officiaes, intensamente commovidos e arroubados pela grandeza do inimigo, não pode executar seu feroz juramento, "pois, como lhe disseram aquelles, a Inglaterra toda os amaldiçoaria". Mais tarde, arrependido da abominavel acção que estivera a ponto de commetter, entregou o rapaz á sua mãe.

A cidade, faminta, rendeu-se algum tempo depois; Lord Capel e os officiaes mais graduados da guarnição foram executados.

Por certo, porém, mau grado a irreparavel perda, seu filho, que tal nobreza revelára em tão verdes annos, chorou sua morte, mas não sua vergonha.

## Luiz XIV e Affonso IV

Para que o povo, oriundo das classes que haviam passado pela servidão, pudesse ir adquirindo, além da libertação, a liberdade politica, foi indispensavel, em primeiro lugar, a suppressão do regimen feudal, o que se foi dando durante os dois primeiros seculos da Idade Moderna, e, em segundo, a formação das grandes nacionalidades, dirigidas por um forte poder central. Só este poude, concentrando a direcção de todos os negocios publicos, arrancados das mãos dos antigos nobres, que se transformaram em satellites do rei e que constituiram a còrté deste, attender ás mais prementes necessidades do povo.

A lucta entre os reis e os antigos barões foi terrivel. Na França exigiu inexoraveis e incessantes esforços de Luiz XI, Henrique IV, Richelieu e Mazarino. Quando surgiu Luiz XIV, os nobres estavam vencidos



Luiz XIV

e conformados com o brilho das pompas da côrte e dos títulos nobiliarchicos quasi despidos de qualquer parcella de autoridade ou poder directo. O monarcha, pelo contrario, vira seu poder attingir ao apogeu, comquanto sua autoridade se exercesse muito menos arbitrariamente do que a dos senhores: a organização consultava melhor os interesses do povo, as leis o garantiam mais completamente, não obstante serem ainda a miudo violadas, e já se gozava de maior independencia politica e religiosa. Por outro lado, a distribuição da justiça, a percepção dos impostos e a organização administrativa eram mais uniformes, o que redundava em maior estabilidade.

Luiz XIV, graças aos excellentes ministros de que soube valer-se na primeira phase de seu reinado, deu vigoroso impulso a todos os ramos da actividade na França e tambem concorreu, pela protecção que dispensava aos homens de letras e artistas, para que se produzissem grandes obras estheticas. O brilho das letras nessa epoca foi enorme e, por estar a elle inteiramente associado, a historia com razão denominou o seculo XVII *seculo de Luiz XIV*.

Como monarcha, teve sempre a concepção de que tudo lhe competia resolver, a ponto de lhe ser attribuida a celebre phrase *O Estado sou eu*. Infelizmente, na segunda phase do seu reinado, commetteu gravissimos erros politicos, utilizando-se desse formidavel poder para opprimir já seu proprio paiz, fazendo renascer a perseguição aos protestantes, já os povos vizinhos, o que forçou a Europa a colligar-se contra elle.

Pois, com esse monarcha autoritario, o seu chanceller Voysin não hesitou em incorrer em desagrado irreparavel, tendo a coragem de contrariar-o e censural-o acremente.

Protectores poderosos, illudindo talvez Luiz XIV com informações pouco fidedignas, haviam conseguido deste, a força de instantes pedidos, a promessa de concessão da graça a um scelerado da peor especie, condemnado á pena ultima. Quando o monarcha participou a Voysin que havia promettido o perdão e lhe ordenou que fosse buscar os sinetes reaes, para appôl-os á carta, o chanceller lhe rogou instantemente que não concedesse impunidade a um homem culpado de innominavel crime.

— Vossa Magestade, em consciencia, não o póde fazer.

— Ide buscar-me as chancellas, insistiu o rei, com voz severa e autoritaria.

Voysin obedeceu e viu em sua presença ser authenticada com as chancellas a carta real de perdão.

— Bem, agora podeis levar as chancellas, disse Luiz XIV.

— Não, Magestade, eu não as levarei mais: ellas estão maculadas.

Só então, ante a ousada observação contida nestas palavras, foi que esse monarcha, cujo poder fazia a Europa estremecer, começou a reflectir, sem manifestar-se encolerizado. Por fim, lançou a carta de perdão ao fogo.

— Agora, sim, lhe disse o chanceller, que com

tanta altivez pugnara pela justiça; posso tornar a levar as chancellas, pois o fogo purificou tudo.

Com igual desassombro, comquanto já não tivesse de tratar com quem dispuzesse de tão dilatado poder, procedeu um dos ministros de Affonso IV, o Bravo, que occupou o throno de Portugal no seculo XIV.

Affonso IV entregava-se com exaggerado ardor aos prazeres da caça, no que era encorajado pela bajulação dos favoritos. Apesar de sua presença ser requerida em Lisbôa, malbaratava em tão futeis divertimentos precioso tempo para a direcção dos negocios do reino.

Ao regressar de uma caçada, entrou, com a impetuosidade dos jovens caçadores, no salão em que se achavam reunidos em sessão os seus conselheiros e poz-se a narrar-lhes as peripecias dos ultimos dias venatorios.

Quando elle se calou, um dos mais respeitaveis conselheiros, pelos muitos annos e pelos reaes serviços, se levantou:

“Permitti, Senhor, que eu vos fale com franqueza. Quando um simples particular se occupa de seus prazeres, em vez de cuidar de seus negocios, elle prejudica seus interesses; quando um rei desleixa os negocios publicos, para procurar divertimentos vãos, elle causa não raro a ruina de um povo inteiro. Nós não nos reunimos aqui para escutar as proezas de caçadas. Nós vos conjuramos a que consagreis, d’ora avante, a maior parte do vosso tempo ao cumprimento dos deveres que Deus vos impoz. A caça, bem como outras

diversões, só pode ter direito aos momentos perdidos.”

Para se aquilatar quanta altivez exigia esta corajosissima admoestação, convem lembrar que Affonso IV foi, desde muito joven, excessivamente violento, autoritario e audacioso, a ponto de se haver revoltado contra o proprio pae, por suspeitar que este ia preferir-lhe um seu irmão sem direitos ao throno.

Empallideceu de colera no primeiro momento, mas dominando-se, teve a sensatez e a sabedoria de reconhecer quanto merecia a censura.

— Tendes razão, tornou ao Conselheiro. Agradeço-vos o judicioso conselho. Lembrae-vos de que, a datar de hoje, não serei mais Affonso, o Caçador, porém, Affonso, rei de Portugal.

Effectivamente, o ardoroso caçador se tornou no infatigavel monarcha de quem disse Camões:

*Ficou-lhe o filho pouco obediente,  
Quarto Affonso, mas forte e excellente.*

### O resgate do marsehez

Num domingo, um joven, chamado Roberto, aguardava em seu bote, no porto de Marselha, algum passeiante, quando se apresentou um desconhecido para dar um giro sobre as aguas. Gozava este do delicioso frescor e dos encantos de uma bella tarde e transmitiu suas sensações ao remador. Revelou-lhe Roberto tão apurada educação em suas respostas que o pas-

seiante extranhou que elle se conformasse em exercer aquella profissão.

— Effectivamente, respondeu-lhe o moço, não a exerço sinão aos domingos e dias de festa para guardar mais alguma cousa.

— Oh!, já avaro em vossa idade! Isto desdoura vossa mocidade e diminue o interesse que me estaveis inspirando por vossa physionomia!

— Ah, senhor! Si soubesseis a razão por que desejo junctar algum dinheiro, não augmentarieis meu desgosto com o de attribuir-me character tão baixo!

— Eu formei um juizo temerario, mas vós não vos explicastes. Prosigamos nosso passeio; contar-me-eis vossa historia, pois me despertaes todo o interesse.

O moço narrou-lhe então com sinceridade que seu unico desgosto era ter o pae escravo em Tetuan, em Marrocos. Negociante, este emprehendera uma viagem, na qual empenhára todos os seus haveres, com carregamento para Smyrna, onde pretendia vendel-o e comprar, então, outras mercadorias. Seu navio fôra, porém, atacado por corsarios, que o leváram, com toda a equipagem, para Tetuan. Exigiam-lhe 6.000 francos de resgate.

Elle, Roberto, abandonou os estudos e fez-se aprendiz de joalheiro. Trabalhava, com sua mãe e duas irmãs, noite e dia, reduzindo ao minimo imprescindível as despesas respectivas. Ainda assim, pouco conseguiam guardar e, por isso, elle aproveitava os dias sem trabalho para fazer passear os estrangeiros á cidade. Tinha querido a principio substituir o pae,

tomando-lhe os ferros da escravidão; quando estava prompto a executar esse projecto, a mãe, tendo sido informada por um extranho, mostrou-lhe que elle era tão chimerico quanto inexequivel.

Terminada a narração, inquiriu o passeiante, com minucia, si elle recebia noticias do pae, em que lugar se achava este, como se chamava e qual o seu senhor. O moço, prestando-lhe todas as informações sobre seu pae, que tambem se chamava Roberto, accrescentou:

— Sei que meu desventurado pae está sendo tratado com brandura e que os serviços a que está sujeito não são superiores ás suas forças. Comtudo, está afastado de sua esposa querida e de tres filhos a que ama com ternura.

— Vossa desventura me commove; no emtanto, ousou augurar-vos que vossos sentimentos hão de merecer melhor sorte e desejo sinceramente que isto se dê. Agora permitti que eu goze tranquillamente alguns momentos.

Ao cahir da noite, ordenou ao moço que remasse para terra e, ao saltar, deixou-lhe precipitadamente entre as mãos uma bolsa, na qual Roberto encontrou depois 26 luizes de ouro.

Decorreram-se os dias sem que Roberto pudesse descobrir o generoso doador, a quem confiára com tanto prazer e ingenuidade todos os seus intentos. A' sua mãe contára elle quanta sympathia lhe inspirára o desconhecido.

Seis semanas depois, seu pae, volvendo a Marselha,

foi encontrar a familia ainda a trabalhar pelo seu resgate. Depois dos mais doces transportes de alegria e de surpresa, não poude o rapaz explicar a libertação de seu pae, que contou que lhe haviam pago o resgate, todas as despezas de viagem e ainda dado 50 luizes. A esposa do negociante suppoz que tudo houvesse sido arranjado pelo filho e que este quizera fazer-lhe uma surpresa. Mas, ante a negativa insistente do rapaz, o negociante teve a suspeita de que elle se conduzira mal e obtivera o dinheiro por qualquer acto indigno.

— Sê sincero, meu filho: eu preferiria morrer a saber que não foste honesto.

O joven lembrou-se, então, do desconhecido e attribuiu-lhe a intervenção em favor do pae que tanto pranteavam.

O negociante Roberto conseguiu em quatro annos, graças a amigos devotados e á sua actividade, refazer a fortuna. A felicidade de todos seria completa, si pudessem descobrir o generoso bemfeitor, ao qual devia o chefe da familia a sua libertação.

Certo domingo, pela manhã, o moço deparou com o desconhecido numa das ruas de maior transito. “O meu salvador!” foram as unicas palavras que lhe poude dizer, dirigindo-se para aquelle; tão intensa fôra a commoção que cahiu sem sentidos.

Muitas pessoas acercaram-se de ambos; o desconhecido procurou soccorrel-o e, ao ver o moço voltar a si, perguntou-lhe qual a causa daquella commoção.

— Então, Senhor, podereis vós ignoral-a? Já esqueceste a familia de Roberto, á qual restituistes a vida, resgatando-o?

— Mas, meu caro, porque suppondes que fui eu e não outra pessoa? Provavelmente quem vos serviu não quer ser conhecido e vós vos enganaes com alguma semelhança puramente accidental.

E, desligando-se com brandura do moço, conseguiu desaparecer por entre a multidão que os cercava.

Pois bem, só após a morte desse generoso e modesto desconhecido para Marselha, se veiu a saber de seu nome, pelo acaso de terem achado um recibo entre seus papeis: era nada mais, nada menos do que o famoso pensador e escriptor francez, Montesquieu, que, de quando em quando, ia a Marselha visitar sua irmã.



Montesquieu

## Idade contemporanea

Vimos que a tendencia das sociedades modernas era estabelecer um regimen baseado na sciencia e na industria. Mas, quer uma, quer outra, viam-se tenazmente entravadas pelas idéas e pelas organizações antigas, a que se aferravam principalmente o clero e a nobreza.

Com a Revolução Franceza, que se inicia em 1789 pela tomada da Bastilha, a monarchia perde inteira-

mente o seu poder, os nobres e o clero os seus privilegios, ao passo que o povo vae obtendo, com a declaração dos direitos do homem e do cidadão, a liberdade e tambem a igualdade perante a lei. Esse sopro de liberdade alastrou-se pela Europa e, dentro em breve, comquanto não imitem a França, proclamando a republica, todos os paizes exigem que suas monarchias se sujeitem á forma constitucional representativa. O poder real fica tão restringido que se eleva a principio que o *rei reina, mas não governa*. Os representantes da nação são eleitos por suffragio universal e os governos são obrigados a dar conta da gestão dos negocios publicos. Para maior garantia na distribuição da justiça, são instituidos os codigos e expedidas leis para regularem todas as relações individuaes e publicas. Avoluma-se o numero de tratados, convenções e arbitragens, o que denuncia a tendencia para dirimirem-se os conflictos, que possam surgir ou os já declarados, entre os paizes, por meios pacificos. O direito internacional, que procura regular as relações dos povos, na guerra e na paz, vae sendo espontaneamente mais respeitado e desenvolvido.

A civilização, sob todas as suas fórmulas, graças aos variados e extensissimos meios de communicação, de transporte com as estradas de ferro, os navios a vapor, os automoveis, e os aeroplanos, e de transmissão com os correios, telegraphos e telephones, toma um caracter universal e os espiritos mais adeantados já vão concebendo que todos os povos devem formar um todo, a Humanidade, a cujos supremos interesses é necessario attender. Reconhecem todos que, si nos re-

gimens anteriores, prevaleceram a força e os costumes nacionaes, na epoca contemporanea, como para o futuro, o que deve prevalecer são os principios da moral, isto é, regras invariaveis, consultantes da verdade e da bondade, para que a paz se mantenha e se satisfaça a aspiração universal de progresso.

As colonias americanas separam-se de suas metropoles e adoptam quasi geralmente a fórmula republicana. Supprime-se nellas a nefanda escravidão dos negros.

Comtudo, quer por ambições commerciaes, quer pelo peso das tradições e dos conflictos antigos, os povos occidentaes se mantêm no estado de paz armada, a que os levaram os graves erros commettidos pela França sob Napoleão Bonaparte e o atrazo politico dos dirigentes dos outros povos occidentaes. O serviço militar obrigatorio e o regimen de paz armada prejudicam sobremaneira o pleno desenvolvimento da industria moderna e cream um ambiente de desconfianças, temores e perigos, que geraram varias guerras, das quaes a maior e a mais grave foi a terrivel conflagração actual, ora em via de terminação.

No meio da desordem resultante dos embaraços que ainda são creados pelos ultimos vestigios e pelos preconceitos da organização antiga, a industria evolue prodigiosamente, creando a *riqueza*, comquanto a sua distribuição insufficiente engendre o pauperismo e a miseria. Os bons sentimentos, que, apesar da anarchia, têm augmentado, tornam os individuos contemporaneos mais accessiveis á caridade e dahi uma porção de instituições, como os hospitaes, os hospicios,

as assistencias clinicas, os asylos, as crèches, os jardins de infancia, a Cruz Vermelha, etc., que visam attenuar as consequencias de ainda não haverem prevalecido os elementos da nova organização.

O que caracteriza a Idade Contemporanea é o reconhecimento unanime de que a preocupação de todas as instituições deve ser a de attender aos interesses geraes do povo e não mais a esta ou áquella classe.

Comtudo, falta-nos ainda reconhecermos: 1º, que, para a felicidade de cada um, é indispensavel curarmos principalmente do bem da sociedade em geral; 2º, que a instrucção, não apenas a primaria, mas tambem a encyclopedica ou secundaria e a professional, deve ser proporcionada a todos; 3º, que a riqueza, obtida sempre por collaboração social, precisa ser tambem socialmente applicada, isto é, em beneficio da collectividade.

Quando obtivermos isto, não só os individuos se unirão melhor, como as nações, sem suppressão das patrias, collaborarão mais perfeitamente para a felicidade de toda a Humanidade. As tendencias não são para isolar os paizes uns dos outros, mas para que elles, ainda que administrativamente independentes, cada vez mais se sintam ligados pelos laços da mais estreita solidariedade. E' claro que para isto precisarão ainda os Occidentaes transformar tambem a tendencia de explorarem em seu proveito as nações mais atrasadas, a que já vão levando os beneficios da civilização, em desejo real de as fazer progredir, numa palavra, que, quaes novos missionarios, se esqueçam de si, para cuidar dos outros.

## A fome no Ceará

Lança o olhar em torno;  
Arde a terra abrazada  
Debaixo da candente abobada de um forno.  
Já não chora sobre ella orvalho a madrugada;  
Seccaram-se de todo as lagrimas das fontes;

E na fulva aridez asperrima dos montes,  
Entre as scintillações narcoticas da luz,  
As arvores antigas  
Levantam para o ar — athleticas mendigas,  
Phantasmas espectraes, os grandes braços nús.

Na deserta amplidão dos campos luminosos  
Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.  
As avés caem já, sem se suster nas azas.  
E, exaurindo-lhe a força enorme que ella encerra,  
O sol applica á terra  
Um caustico de brazas.

O incendio destruidor a galopar com furia,  
Como um Attila, arrasta a tunica purpurea  
Nos bosques seculares;  
E, Laocoontes senis, os troncos viridentes  
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes  
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.

O sol bebeu de um tragó as limpidas correntes;  
E os seus leitos sem agua e sem hervagens frescas,  
Co'as bordas solitarias,  
Têm o aspecto cruel de vallas gigantescas  
Onde podem caber muitos milhões de párias.

E entre todo este horror existe um povo exangue,  
 Filho do nosso sangue,  
 Um povo nosso irmão,  
 Que nas ancias da fome, em contorsões hediondas,  
 Nos estende através das supplicas das ondas  
 Com o ultimo grito a descarnada mão.

E por sobre esta immensa, atroz calamidade,  
 Sobre a fome, o exterminio, a viuvez, a orphandade,  
 Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,  
 Pairam sinistramente em bandos agoireiros  
 Os abutres, que são as covas e os coveiros  
 Dos que nem terra têm para dormir, Senhor!

E sabei — monstruoso, horrivel pesadelo!  
 Sabe, que ahí — meu Deus, confranzo-me ao dizel-o!  
 Vêem-se os mortos nús lambidos pelos cães,  
 E os abutres crueis com as garras de lanças,  
 Rasgando, devorando os corpos das creanças  
 Nas entranhas das mães!

## II

Quando inda ha pouco o vendaval batia  
 Dos grandes montes nos robustos flancos;  
 E as núvens, como enormes ursos brancos,  
 Em tropel pela abobada sombria  
 Dos canhões dos titans, aos solavancos,  
 Arrastavam a rouca artilharia;

Quando os rios, indomitos, escuros,  
 Iam como ladrões saltando os muros  
 Para roubar ao camponez o pão;  
 E cruzando-se os raios flammejantes  
 Abriam como esplendidos montantes  
 De meio a meio a funda escuridão;

Quando os ventos asperrimos freneticos,  
 Como Cyclopes doidos, epilepticos,  
 Com raivas convulsivas  
 Persequiam, bramindo, ás chicotadas,  
 Das retumbantes ondas explosivas  
 As tropegas manadas;

Quando entre os gritos roucos da procella,  
 A fome — a loba — escancarava a guela  
 Uivando ás nossas portas;  
 E andavam sobre as aguas deshumanas  
 Com os despojos tristes das choupanas  
 Berços vazios de creanças mortas;

Oh! nesse instante, ao ver o povo exanime,  
 Pulsou da Patria o coração unanime,  
 Um coração de mãe piedosa e boa...  
 E das immensas lagrimas choradas  
 Muitissimas então foram guardadas  
 Entre as joias da c'róa.

Mas é certo tambem que além dos mares  
 Alguem ouviu, alguem, cortando os ares  
 Essa terrivel dôr;  
 E esse alguem é quem hoje, é quem agora  
 Morto de fome a soluçar implora  
 Mais do que o nosso atxilio — o nosso amor.

Vamos! abri os corações, abri-os!  
 Transborde a caridade como os rios  
 Transbordaram dos leitos em janeiro!  
 Nem póde haver de certo mão avara  
 Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,  
 Que a esmola negue a quem lh'a deu primeiro.

A miseria é um horrivel sorvedouro;  
 Vamos! enchei-o com punhados de ouro,  
 Mostrando assim aos olhos das nações  
 Que é impossivel já hoje (isto consola)  
 Morrer de fome alguem, pedindo esmola  
 Na mesma lingua em que a pediu Camões!

GUERRA JUNQUEIRO.

### Jorge Washington

Após os grandes descobrimentos, os paizes europeus procuraram usufruir a maior somma possivel de lucros das vastissimas regiões de que se haviam apoderado. Foi com este objectivo que se formaram, especialmente na America, as colonias hespanholas, portuguezas e inglezas. E' que no Novo Continente os povos se achavam ainda inteiramente selvagens, com excepção de dois, os Aztecas, no Mexico, e os Incas, no Perú. Aos europeus foi, por isso, assás facil se apossarem completamente das terras e ahi se estabelecerem, infelizmente, já escurraçando para o interior das mesmas os indigenas, já exterminando-os com uma crueldade que nos horroriza. A conquista do Mexico e do Perú, onde florescia civilizações que já haviam attingido a um grau consideravel de cultura e de organização, são paginas ignobeis, devidas á ambição dos colonizadores hespanhóes.

Em via de regra, os colonos europeus, quasi sempre aventureiros, individuos mal cotados, ou perseguidos politicos e religiosos, estabeleciam-se pelas regiões costeiras, como senhores dos habitantes primitivos, e dahi iam, a pouco e pouco, penetrando pelo

interior. Com o augmento natural da população e com a vinda de novas levas, essas colonias, pelo fim do seculo XVIII, formavam paizes, cujos recursos eram, entretanto, quasi exclusivamente drenados para as respectivas metropoles, já por meio de exaggerados impostos, já por serem os postos e cargos rendosos reservados aos filhos da propria metropole. Ora, as nações, com mais forte razão do que os individuos, precisam, quando attingem a um certo grau de desenvolvimento, ter uma direcção propria, autonoma, independente, e que vise essencialmente os seus interesses especiaes. Assim como nós, os individuos já adultos e com um determinado grau de experiencia e de cultura, não podemos, por melhores que sejam os nossos progenitores, continuar a ser dirigidos por estes, tambem cada colonia, ainda mesmo que a metropole tivesse conseguido governal-a com o maior altruismo, é levada, por uma lei natural que rege os povos, a desligar-se da mãe-patria e a formar uma nação, com governo seu, constituído por seus proprios filhos, independente daquella. Infelizmente, porém, o que de ha muito já se praticava nas relações da Familia, isto é, o consentimento voluntario na independencia dos filhos adultos, não fôra ainda acceito pelas nações para as suas colonias, e mesmo não o acceitam até hoje algumas. O sentimento da independencia nacional era negado aos filhos das colonias, os quaes, no emtanto, o tinham intenso, apesar de sua origem commum de elementos homogeneos da metropole. Esta, por seu turno, aggravava ainda mais este aneio de independencia, pois cuidava muitis-

simo mais de si do que da felicidade, da prosperidade e do bem-estar de suas colonias, a não ser naquillo que redundasse em accrescimento dos lucros que dellas auferia.

As idéas nobres e adeantadas, devidas á rapida evolução moderna nos paizes do Occidente Europeu, transplantavam-se, mal nascidas mesmo, para as almas dos colonos da America. Muitas modificações politicas se haviam dado na Europa, após a Idade Media, pelas quaes se ia verificando que cada vez mais os governos deviam ser instituidos para os povos e não estes para serem explorados por aquelles. Estas idéas fervilhavam no cerebro de todos e disseminavam-se pelo mundo civilizado, atravez dos escriptos dos mais eminentes philosophos do seculo XVIII.

Os elementos que constituíam as colonias americanas, quer inglezas, quer ibericas, eram, sob o ponto de vista da cultura moral e intellectual, os mesmos da Europa. Diferenças encontraríamos, accentuadissimas, entre os europeus e seus proximos vizinhos orientaes (russos, turcos, arabes, persas, etc.), que se conservavam alheios ao movimento do Occidente. Mas, no fundo, as crenças, as idéas politicas, de um colono americano, filho da America, por uma ou mesmo por muitas gerações, eram essencialmente identicas, pelo menos como aspirações, ás dos europeus.

Eis como o seculo XVIII se encerrava para os povos do continente colombiano, com uma dupla ancia: ancia de independencia nacional, de separação de suas respectivas metropoles, a qual lhes era peculiar, e ancia de maior somma de liberdades politicas e

civis, a qual tambem existia na Europa, mais accentuadamente na França, onde em breve ia determinar a grande revolução iniciada com a tomada da Bastilha, em 1789. Basta que se attente ao pequeno lapso de tempo em que todas as colonias americanas conseguiram libertar-se do jugo de suas mães-patrias, para se ver que o sentimento era geralmente uniforme. Coube aos Estados Unidos da America do Norte, auxiliados pela França, a gloria de iniciar essa marcha triumphal da independencia, levando a sua a effeito em poucos annos. O maior desenvolvimento daquella colonia ingleza explica a precedencia, mas é innegavel que ella encontrou para acceleral-a tres admiraveis orgams: Washington, Jefferson e Franklin.

Jorge Washington, o typo que os americanos do Norte consideram o seu maior vulto, o patriarcha de sua Independencia, foi na verdade um homem cuja vida é uma serie ininterrupta de ensinamentos preciosos. Energico, de extrema ponderação, intelli-



Jorge Washington

gente e de assignaladissimo desinteresse, logrou dirigir como piloto habilissimo, atravez de escolhos inauditos, dois delicados capitulos da formação de sua patria: a consecução da independencia e a organização politica da mesma em nação, cujos destinos regeu por oito annos successivos

Poucos homens conseguiram inspirar a seus cidadãos tão absoluta confiança e tão elevado conceito quanto Jorge Washington. Dizem que, logo após o seu desaparecimento do ról dos vivos, foi classificado geralmente "o primeiro na guerra, o primeiro na paz, o primeiro no coração dos seus compatriotas".

Bem estudada, porém, a sua acção, vê-se que elle não foi propriamente um grande cabo de guerra, um genio militar, comquanto se tivesse notabilizado como commandante de incontestavel aptidão organizadora e como emerito disciplinador. Nas conjuncturas as mais graves, e a sorte lh'as fez conhecer mais que a ninguem, seu animo não se abalava, não temia responsabilidades, manifestava sempre a mais heroica firmeza. Foi muitissimas vezes batido e viu-se a braços com repetidos abandonos de soldados contractados e, por isso, em profundos embaraços. Por fim, auxiliado pelos francezes, á frente dos quaes se achava La Fayette, pelos francezes contra os quaes combatera em defeza da metropole, Washington, então encarregado de dirigir a guerra da independencia, vence os inglezes em Cornwallis e obriga-os a capitular. Estava concluida a libertação das treze colonias que se haviam declarado independentes em 4 de Julho de 1786 e que então se confederaram, com a forma republicana, sob a denominação de Estados Unidos da America do Norte.

Apesar do excelso serviço que elle havia acabado de prestar ao seu berço natal, sufficiente para assegurar-lhe immorredoura gloria, ainda que elle cerrasse nesse momento a sua carreira, Washington co-

meça então a phase mais bella de sua vida publica. E' a partir dahi que se revela com plena inteireza toda a elevação de sua alma, todo o seu admiravel desprendimento pessoal, toda a sua admiravel ponderação e clarividencia, virtudes que lhe grangearam em seu paiz ardente adoração e a mais merecida veneração, e, no universo, uma fama immortal.

A fórma de governo que então parecia ter a tendencia de generalizar-se por todos os paizes civilizados era a monarchia. Washington soubera, com a sua simplicidade, com a sua bondade, incutir em todos os officiaes uma profunda veneração e especialmente uma dedicação quasi illimitada. O Congresso queria licencial-os e isto os discontentára sobremaneira, levando-os a ponto de pensarem na adopção da fórma monarchica, com Washington como rei. Pois foi com sincero sentimento de horror que essa alma, naturalmente honesta, repelliu a proposta, conseguindo, pela força de persuasão, posta a serviço de ardoroso civismo, que seus officiaes veteranos se submettessem ás decisões do Congresso, do qual obteve todas as quantias necessarias para o pagamento do soldo das tropas. Mas não parou ahí a demonstração de seu desinteresse, pois não quiz acceitar a menor retribuição por seus serviços, a não ser o reembolso das despezas que fizera, renunciando, então, o cargo de general em chefe e retirando-se á vida privada, para as suas propriedades agricolas.

D'ahi, após pouco tempo, foram novamente tiral-o os seus compatriotas, para unanimemente o elegerem presidente da Convenção que devia redigir a Consti-

tuição desse grande paiz, uma das mais sabias e liberaes da epoca. Approvada a Constituição, no anno immediato, apontado pelo consenso geral como o homem talhado para o cargo, foi elevado, sem discrepancia de um voto sequer, a primeiro presidente da novel Republica.

Mais do que nas guerras, o seu espirito organizador e ordeiro, a sua calma inalteravel e a rectidão de seus intentos, lhe permittiram nos quatro primeiros annos desenvolver uma prodigiosa actividade para crear, para instituir realmente um governo, uma administração efficaz e segura, orientados com tanta sabedoria que justificaram plenamente a sua reeleição, a que não pode fugir.

Mas, quando, decorridos esses oito annos, por verem que admiravel estadista haviam tido a felicidade de encontrar, pretenderam os Americanos constringel-o a uma segunda reeleição, elle, não desejando deixar estabelecido um precedente que reputava mau, recusou-a com a maior firmeza e recolheu-se novamente á vida de familia, onde por pouco destructou a tranquillidade, pois morreu passados apenas dois annos.

Em seu testamento recommendou que, por morte de sua viuva, fossem libertados os seus escravos. Hoje parecer-nos-á pouco: mas, para aquella epoca, mau grado a escravidão negra ter sido o maior crime dos tempos modernos, já era prova evidente de que elle tinha comprehensão dos males dessa nefanda aberração, que tanto concorreu para rebaixar o nivel moral das colonias europeas e que devia, meio seculo

mais tarde, originar em sua patria a lucta fraticida, conhecida sob o nome de guerra de Secessão, em que se immortalizou Abrahão Lincoln.

Desde menino Washington se fez notar pelas virtudes que mais tarde o caracterizaram e que já eram peculiares a sua mãe. Esta enviuvou quando Washington, o mais velho de seus cinco irmãos, contava apenas 11 annos de idade. Ficou com abastados haveres que ella mesma administrou, demonstrando sempre raras qualidades de iniciativa, de economia, de ordem e de firmeza, sem que para isso descuidasse da educação de seus filhos. E' certo que della recebeu elle no sangue aquelle formoso equilibrio de alma e a firmeza de character, como testemunham alguns factos de sua infancia; é fóra de duvida, porém, que aquelle exemplo contínuo, que ella lhe ia dando, dia a dia, da organização perfeita de seu lar, de vigilancia na administração, de uma doce ternura alliada á firmeza, acabou de aperfeiçoar a obra que já sahira bella de seu seio. Como diz Smiles, "inquestionavelmente as mulheres, formando o character da raça humana, exercem poder muito maior do que votando para membros do parlamento ou legislando".

Quando Washington ainda tinha seu pae, muito creança, fez-lhe um amigo da familia presente de uma machadinha. Sabem todos quanto as creanças gostam de experimentar as ferramentas, especialmente as que servem para destruir. Sobeja-lhes em tendencia para a destruição o que lhes falta de reflexão e de experiencia para conhecerem que só se deve destruir para construir. Washington foi como todas as

creanças e lançou-se alegremente pelo jardim a dar talhos, a torto e a direito, pelas arvores. Entre ellas foi victima de suas primeiras experiencias, com uma formidavel machadada, uma laranjeira, que era a arvore predilecta de seu pae. Este quiz conhecer o autor de acto tão selvagem e interrogou, em balde, a todas as pessoas de sua casa. Mandou chamar, então, seu filho Jorge: "Jorge, sabes quem foi o culpado? Quero punil-o de tal fórma que não se sinta jamais tentado a repetir". Mau grado o terror que o invadiu, o menino não hesitou: "Papae, eu não posso mentir: fui eu quem cortou a arvore com a machadinha. Castigae-me".

Mas o pae, ao ouvir esta corajosa e sincera confissão, sentiu-se bem longe de punil-o. Compreendeu todo o valor desse gesto de seu filho e exclamou: "Vem, filho caro, a meus braços! Fizeste muitissimo mal em mutilar uma arvore que eu plantei e que tanto aprecio. Entretanto, como me confessaste a verdade, eu te perdôo. Tua franqueza vale para mim muito mais do que mil arvores, embora dessem ellas flores de prata e fructos de ouro. Apenas desejo que a aventura da laranjeira te recorde sempre que é preciso sermos, custe o que custar, verdadeiros e sinceros".

Desta sua coragem, de falar sempre com sinceridade, quaesquer que fossem os riscos, deu elle, logo depois, nova prova, ainda menino, mas já tendo perdido o pae. Washington foi sempre, desde os mais verdes annos, apaixonado pelos exercicios phisicos, mesmo violentos, provando assim que podemos con-

ciliar a agilidade e a força com a intelligencia e a bondade. Era robusto de corpo, alto e agil. Gostava extremamente de montar. Certa tarde, dirigiu-se Jorge, com alguns outros companheiros, para um pasto onde se achava um bello poldro alazão, pertencente á sua mãe. Apesar de ser um animal tão indocil, que ninguem conseguia subjugar, os meninos ajudaram Washington a pegal-o e a por-lhe o freio. Agil como era, Jorge encarapitou-se num instante sobre o alazão. O animal poz-se a corcovear e a empinar-se, esforçando-se por lançar em terra o seu pequeno cavalleiro, que se mantinha galhardamente. Num esforço supremo, o potro dá um pulo tão violento, que lhe determina a ruptura de um vaso sanguineo, em virtude da qual cae, para não mais se levantar, pois dentro em pouco tinha morrido. O pequeno Washington ficou verdadeiramente consternado pelo que acabava de succeder e pelo pesar que ia causar á sua mãe, pois não ignorava que valor dava ella a esse poldro, que era um bello animal. Comtudo, ainda uma vez não se apartou das suas normas de sinceridade; mesmo em taes circumstancias, foi procural-a logo para narrar-lhe o succedido, com a mais estricta fidelidade, sem buscar attenuantes para si. Sua mãe zangou-se, mas ficou prezando cada vez mais seu filho, por ver que elle era dotado de uma alma corajosa, recta e sincera em quaesquer casos.

São pequenos factos, é verdade; mas são factos passados em tenra idade, que já revelam uma natureza grande, ajudada por paes que sabiam ler atravez dos erros de seu filho, quanto havia de nobre nelle

e que concorriam, com seu exemplo e suas apreciações justas, para fazel-o aquillo que elle foi — um modelo digno da mais ardente admiração e de imitação.

## Danton

Ao encerrar-se o seculo XVIII, a França, mentora incontestemente da moderna civilização, sentia necessidade inadiavel de modificar toda a sua organização politica, para que as aspirações de seu povo, que eram aliás as de todos os do Occidente, pudessem ser satisfeitas. Mas o poder achava-se nas mãos de elementos que não comprehendiam que a sociedade moderna, pelo seu adeantamento scientifico e industrial, não comportava mais que algumas castas pudessem continuar a exploral-a em beneficio proprio. Por mais instantes e insistentes que fossem os reclamos, esses elementos, grupados em torno de um monarcha incapaz como era Luiz XVI, não davam a menor satisfação ás tendencias modernas; pelo contrario, pretendiam cortar cerce o que consideravam espirito de pura rebellião.

Não houve, então, outra sahida do que o recurso á violencia, á revolução. A parte opprimida da sociedade, que era toda a massa popular, depois de haver successivamente implorado, procurado obter as concessões razoaveis, por meio de composições com a côrte, que por todas as fórmulas tentava illudil-a e ludibrial-a, entrou na phase de reacções materiaes, como a tomada da Bastilha, depois na de modificações radi-

caes, como a suppressão dos privilegios, como a declaração dos direitos do homem e do cidadão, como a suppressão da realza e, finalmente, a proclamação da Republica, a execução de Luiz XVI, que a mereceu por suas culposissimas intrigas, e a organização da França sob novos moldes.

Erros gravissimos foram, então, commettidos, entre elles a furia sanguinaria, devida, não só a irritações profundissimas geradas pela conducta dos elementos atrazados, como tambem a idéas erradas e instinctos perversos de alguns individuos que preponderaram na direcção dessas massas, taes como os infames carneiros da especie humana, que se chamaram Robespierre, Saint-Just e outros.

Durante algum tempo, andou-lhes tambem associado o nome do extraordinario Danton. No emtanto, foi a este, como aos companheiros que dirigiu e com os quaes fundára o Club dos *Cordeliers*, que a França e, portanto, a Humanidade, deve as principaes conquistas politicas do estupendo cataclysmo social que se chama a Revolução Franceza de 89. Hoje, porém, o seu vulto resurge, graças ao estudo mais consciencioso e profundo dos factos dessa época, primeiro, como audacioso e desinteressado conductor das massas nas explosões revolucionarias e, depois, como organizador da defesa e da manutenção da ordem.



Danton

De Danton, disse Condorcet, o eminente philosofo da Revolução: "Dei-lhe meu voto para ministro da Justiça... não me arrependo... agia com o povo e pelo povo, dirigindo-o... Danton possui uma qualidade, que nunca têm os homens communs: não odeia, e não teme nem as luzes, nem os talentos, nem a virtude!"

Não explodira ainda a Revolução; em 1787, tendo-se candidatado ao cargo de advogado nos Conselhos do rei, formularam-lhe perigosissima these, da qual dizia elle mais tarde: propuzeram-me que *caminhasse sobre navalhas*. Já revelou, então, com audacia e independencia, suas opiniões em favor do povo; si, apesar disso, obteve o cargo, parece o facto ter sido devido á circumstancia de estarem muitos dos juizes esquecidos da lingua latina, na qual devia ser e foi feita a dissertação.

Um de seus clientes, elevado no anno immediato á posição de ministro da Justiça, convidou-o para secretario. Danton propoz-lhe que uma nova organização politica fosse adoptada pelo governo, de cima para baixo, afim de dar uma orientação republicana á administração. O plano não foi approved e, quando, mais tarde, insiste seu amigo para que elle aceite o cargo, Danton recusa-o e lhe declara estar-se em vespas de uma revolução, "que se desencadearia como uma avalanche".

Desde essa época, até a sua decapitação, quasi que a vida da Revolução, no que ella teve de digno, ardente e perduravel, foi influenciada por Danton ou teve este a seu lado. Danton é "o fulminante tribuno

das multidões do *Palais Royal*", onde se reúnem todos os adeptos da Revolução; Danton toma parte no assalto á Bastilha, com Camillo Desmoulins; Danton é a alma do Club dos *Cordeliers* e collabora, pelas idéas, com Desmoulins, nos entusiasticos artigos deste; Danton incita o povo parisiense a marchar sobre Versalhes, para pôr um paradeiro ás intrigas da rainha Maria Antonieta; Danton fazia parte das lojas maçonicas, que já pediam os direitos do homem; Danton é o irreductivel adversario da conservação do poder real; Danton, membro da Convenção, propõe as medidas mais republicanas; Danton, como ministro da Justiça, fazendo repercutir por todos os recantos da França o seu verbo patriótico e ardente, organiza, contra a temerosa colligação da Europa inteira, a defeza da França, salva esta e a Revolução; Danton, finalmente, por ser despido de ambições, descuidando-se de annullar o poder que lhe ia minando a influencia, depois de haver prestado extraordinarios serviços, cae, aos 35 annos apenas, immolado pelo proprio Tribunal que elle instituiu para salvar sua patria e que Robespierre e seus assecclas haviam transformado então em meio da mais sanguinaria e abjecta tyrannia.

Quando a França se viu ameaçada em todas as fronteiras pelas testas coroadas europeas, Danton, com a sua immensa popularidade, levantou o animo de seus concidadãos, em extraordinario discurso, terminado pela celebre phrase: "Para salvar a França, é-nos precisa audacia, mais audacia e sempre audacia". E, de facto, graças a sua incomparavel audacia

e aos seus talentos, os exercitos inimigos, cujo fim era extinguir o fôco daquelle sôpro de liberdade humana, foram destroçados pelas forças revolucionarias, levantadas de um dia para outro.

Manifestaram-se na Assembléa, em certo momento, dissensões profundas, que se fazia mistér acabar. Pois bem, este homem, que soube ser durante cinco annos “o principal motor e o regulador da revolução”, foi quem primeiro se propoz, com generosidade, a deixal-a immediatamente.

Si desenvolveu implacavel energia contra os realistas inimigos da França, logo que viu passado o perigo da Republica sossobrar, quiz pôr termo ás medidas de violencia e fazer reinar a indulgencia. Isto, que não convinha aos exploradores e mediocres, e a sua grandeza intellectual e moral, que absorvia toda a admiração e que constituia um embaraço, geraram surdissima conspiração contra seu partido. Avisado desta trama, declarou que “antes cem vezes guilhotinado do que guilhotinador”, e, aconselhado a fugir, perguntou: — “Partir! Poder-se-á, por ventura, carregar a patria na sola dos sapatos?” Partir seria para elle desertar do posto de dever, uma vez que “nutria inextinguivel amor por essa massa laboriosa e pobre, de que a dignidade, a consolação, a felicidade eram o objectivo de sua actividade”.

Sêu ardente patriotismo, assignalado pela mais energica acção, está bem retratado em duas de suas admiraveis phrases: “Eu abraçaria meu inimigo pela patria, á qual daria meu proprio corpo a devorar!” e sobretudo, “Pereça minha memoria, comtanto que

a Patria se salve!” Para um homem com seus serviços, a sua superioridade, não é esta phrase a traducção do mais inconcebivel assomo de amor á patria, á qual devotava realmente o corpo e a alma?

Por isso mesmo, esse eminente revolucionario, o unico verdadeiro estadista da Revolução, podia, bem como seus companheiros, vergastar, com desprezo e audacia pouco communs, os juizes do Tribunal revolucionario, que se sujeitavam ao mais cynico simulacro de processo, e, sem immodestia, responder, quando lhe perguntaram pelo nome, idade e residencia: “Eu sou Danton, assás conhecido na Revolução; tenho 35 annos. Minha residencia será logo no *nada* e meu nome viverá no Pantheon da Historia”. E podia ainda pedir ao carrasco, no momento em que ia ser guilhotinado: “Mostrae minha cabeça ao povo, pois que ella vale a pena”.

Na verdade, apesar de physionomicamente feia, foi uma das mais bellas cabeças de que a Humanidade pode orgulhar-se.

Diz Mignet: “Danton mantinha a cabeça erecta e passeava um olhar tranquillo e altivo em torno de si. Ao pé do cadafalso, enterneceu-se por instantes: “Oh, minha querida! exclamou elle, oh, minha esposa, não te verei jamais!” Depois, interrompendo-se de subito: “Danton, nada de fraquezas!” Assim morreram os tardios, mas ultimos defensores da humanidade, da moderação; os ultimos que quizeram a paz entre os vencedores da Revolução, a misericordia para os vencidos”.

## Danton

*(Na inauguração de um busto de Danton.)*

Sob as fundas ruínas seculares  
Das convulsões sociaes, que a Humanidade  
Soffreu, ao subir ás regiões solares,  
Quando em busca da luz e da verdade,  
Corria as terras e explorava os mares,  
Defendendo a justiça e a liberdade,  
Muitos heróes e santos altanados  
Ficaram algum tempo sepultados.

Foi por isso, Danton, que tu — o justo  
Patriota, o pae e filho affectuoso,  
O popular tribuno, o chefe augusto,  
O amigo sem igual, o digno esposo,  
Viste enovelar teu heroico busto  
O labeu negregado e deshonoroso,  
E sentiste na frente soberana  
O peso eril da ingratição humana.

Vem se alando, porém, a grande Aurora,  
E tudo que na treva estava occulto,  
Glorias e genios, que no cahos de outr'ora,  
Jaziam num esquecimento estulto,  
Mais visível se vae tornando agora,  
Destaca-se melhor, cresce de vulto:  
— Tal acontece após noite sombria  
Quando vem a raiar no oriente o dia.

Irrompera o social Simoun: ao norte,  
A éste, ao sul, em Paris — acerbas fragoas  
Bramiam com imprecações de morte,  
Num côro de ais e coleras e magoas!...  
Qual a força que as leis humanas córte?...  
Quem suster pôde o preamar das aguas,  
Que sobem, mais e mais, continuamente,  
Ao chegar a hora natural da enchente?!

Ah! tu que eras do povo a unica espr'ança  
E a extrema salvação da paz! Tu que eras  
O mais ardente defensor da França,  
Infamado cahiste entre as pantheras,  
Soltando um voto audaz de confiança  
No porvir ao qual todo o amor tu deras,  
Para que elle hoje apague a atroz mentira,  
Que dé opprobio e de lepra te cobrira.

Irrisão! Quando em pleno azul te erguias,  
Bem como a aguia real o sol buscando,  
Espedaçou-te as azas luzidias  
O golpe horrendo, perfido, execrando,  
Que te ennoitou subitamente os dias,  
Mas que ora vão de novo clareando  
Para que o nome ao lodo mais se enterre  
Do sanguinario e vil Robespierre!

Faz-se justiça emfim! Da guilhotina  
Vens agora emergindo inclitamente,  
Para ante a luz da universal doutrina  
Viver no coração de cada crente,  
Qual astro da constellação divina  
De fieis servidores do Grande Ente,  
Obtendo assim a gloria ideal, superna,  
De entrar no pantheon da Vida Eterna.

Foste feliz, artista!... Este devia  
 Ser o olhar que por nós se illuminava;  
 Esta a bocca que a orientação trazia  
 Aos motins onde a turba esbravejava;  
 Esta a cabeça que por nós sentia;  
 Esta a cabeça que por nós pensava;  
 Este o Danton, heróe da liberdade,  
 Que tudo fez por bem da Humanidade.

JOÃO MONTENEGRO CORNEIRO.

### Desinteresse dos sabios

Não foram apenas os santos, os politicos, os generaes, que se distinguiram pela bondade. Em geral, ha certa tendencia de suppor os sabios um tanto indifferentes á situação e ás desgraças das sociedades em que vivem. De facto os grandes sabios, philosophos e poetas mais trabalham pelo Porvir do que pelo Presente. Infeliz da Humanidade, si não houvesse tambem alguns corações sollicitos que, attendendo á continuidade das gerações e alheando-se relativamente de sua epoca, não transbordassem de devotamento e de carinho por problemas que aos seus contemporaneos nada parecem vaier, mas que, na realidade, vão ser de influencia capital na vida dos individuos e das nações, creando-lhes a tranquillidade, a saude, a prosperidade e a alegria! Todos, quasi sem excepção, foram typos eminentes pelas qualidades affectivas, porque "os grandes pensamentos vêm do coração". Trabalharam quasi sempre por gerações que não conheciam, com afincio e desinteresse de que incidentemente iam revelando toda a grandeza.

As naturezas mais grosseiras e as menos cultas, aquellas que só pensam *no pão nosso de cada dia*, não comprehendendo a mira elevada que os sabios visam, attribuem, por vezes, a despreocupaçao e o desinteresse directos destes pela sua propria situação, quanto á commodidade, ao gozo, á riqueza, a uma incapacidade pratica para obter taes vantagens.

Ficou celebre a prova em contrario, fornecida por Thales, um dos maiores philosophos da Antiguidade. "Declamando Thales", conta Montaigne, "contra o grande trabalho a que os homens se entregavam para enriquecerem-se, alguém lhe objectou que elle era como a raposa, que desprezava o que não podia alcançar. Por motivo deste gracejo, Thales tomou a peito mostrar-lhe o contrario, e, depois de haver, nessa occasião, desenvolvido com muito proveito todos os recursos de seu espirito, estabeleceu uma casa de negocio, auferindo num só anno tão avultados lucros que os mais experimentados nesse ramo de commercio mal poderiam, com sua grande pratica, obter durante toda a vida".

Assim, si é innegavel que, abandonando a vida pratica pela theorica, o sabio acaba por perder em parte a aptidão de acção directa, não é isto devido á incapacidade intrinseca: é principalmente porque não se tornou experiente e porque não quer.

Ora, no caso dos scientistas, cujas descobertas conduzem quasi sempre a applicações praticas de grande utilidade ou a productos industriaes de largo consumo, o exemplo de seu desinteresse é ainda mais concludente.

Lavoisier, o grande fundador da chimica, foi dos maiores pensadores pela vastidão de sua cultura, a ponto de Lagrange exclamar, ao saber que elle acabára de ser guilhotinado, victima da Revolução Franceza: "Fizeram



Lavoisier

rolar em segundos uma cabeça que a Humanidade leva seculos para produzir!" Pois bem, ainda moço, mas já sabio feito e reputado, foi nomeado um dos arrecadadores geraes dos impostos. Pensaram seus collegas de igual cargo que lhe faltaria a capacidade pratica para bem exercel-o. Ora, não só o des-

empenhou da maneira a mais meticulosa e com proveito, como não descurou um momento siquer das immorredouras pesquisas que em tão grande beneficio redundaram para a Humanidade. Nem siquer se poderá dizer que a ambição o movia ou a pratica anterior da vida o ajudára; fôra creado na opulencia, entregue tão sómente a estudos scientificos, e continuava a possuir avultada fortuna que lhe legára o pae. Si ainda mais enriqueceu, sempre o fez propondo e applicando medidas, que melhoraram a situação das classes pobres.

Davy, um dos notaveis chimicos inglezes do seculo XIX, com a applicação da decomposição dos saes pela electricidade e a descoberta dos metaes, como o potassio, o sodio, o calcíio, o magnesio e outros, poderia, procurando applical-as a fins industriaes, vir a ser archimillionario. Não se deixou tentar. Seria, por

ventura, por não medir todo o alcance que poderiam ter? Que o não foi, prova-o á saciedade a fórma por que procedeu com a invenção de sua *lampada de segurança* para os mineiros. Depois de aturadas investigações, construiu uma lampada que, tendo a chamma envolvida por tela metallica, não determinava a explosão do grizú, perigoso gaz que se desprende de algumas minas de carvão de pedra. Não quiz tirar privilegio de invenção e entregou seu precioso invento á livre fabricação. Poderia com ella encerrar o cyclo de suas descobertas, caso fosse apenas ambicioso de fama e de lucros, pois essa lampada seria sufficiente para jamais consentir que seu nome cahisse no olvido da Posteridade e para assegurar-lhe incalculavel fortuna. A um amigo, que lhe lembrava quanto ella poderia render, respondeu: "Nunca tal me veiu á idéa; com meus esforços tive por unico objectivo prestar serviços a meu proximo. Disponho de recursos para satisfazer minhas ambições. Maior fortuna talvez me distrahisse de minhas occupações predilectas. Nem me engrandeceria o nome, nem me augmentaria a felicidade. Poderia atrelar, sem duvida, quatro cavallos a meu carro; mas que proveito me traria si dissessem que *sir Humphrey Davy* andava puxado a quatro?"

Mais modernamente vemos ainda o exemplo de seu discipulo Faraday, que só trabalhou pela sciencia e nunca para, com ella, fazer fortuna, e que tambem entregava ao publico todas as suas descobertas na Physica e na Chimica.

Como Faraday e Davy, muitos outros houve. Com-

tudo, ainda que não dispuzessemos de provas explicitas, bastaria um raciocinio elemental para demonstrar o desinteresse em taes casos. Com effeito, esses homens que comprehendiam melhor os phenomenos, que faziam descobertas e invenções, haviam de reconhecer fatalmente sua superioridade sobre a maioria de seus contemporaneos e que sua intelligencia lhes permittiria fazer mais, mesmo no dominio pratico, do que a de seus semelhantes. Logo, si não se desviaram de suas investigações, foi porque, pelo menos, não eram dotados de ambição de fortuna e mesmo de glorias faceis.

### As machinas

O' machinas febris! eu sinto a cada passo  
Nos silvos que soltaes, aquelle canto immenso,  
Que a nova geração nos labios traz suspenso  
Como a estancia viril de uma epopea d'aço!

Emquanto o velho mundo arfando de cansaço  
Prostrado cae na lucta, em fumo negro e denso  
Levanta-se a espiral desse moderno incenso  
Que offusca os deuses vãos, annuviando o espaço!

Vós sois as creações fulgentes, fabulosas,  
Que, vibrantes, crueis, de lavas sequiosas,  
Mordeis o pedestal da velha Magestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem  
Começam, num cadinho, a refundir o homem  
Fazendo resurgir mais larga a Humanidade!

GUILHERME DE AZEVEDO

### Abrahão Lincoln

Jefferson, que, com Washington e Franklin, foi um dos maiores factores da Independencia dos Estados Unidos, preocupou-se em extinguir a escravidão, pois propoz a emancipação dos negros do Estado de Virginia.

Os Estados do Norte, para os quaes convergiram primeiramente os immigrants europeus, tiveram sempre menor numero de escravos. Os do Sul, pelo contrario, menos povoados, de clima mais quente e de culturas mais penosas, entendiam indispensavel o trabalho servil. Desde a Independencia, os Estados do Norte impediram de facto a entrada de novos escravos e a Constituição de 1887 a prohibiu para todos elles a partir de 1808. Os Estados do Sul, porém, continuaram a permittir que, como contrabando, entrassem novas levas de negros escravizados.

Este antagonismo de sentimentos, entre os Nortistas e os Sulistas, provocou conflictos politicos delicados. Em 1848, contando a bôa causa um numero crescente de adeptos, foi creada uma sociedade de propaganda a favor da abolição. Denunciava ella ao publico os soffrimentos, as scenas degradantes, o excesso de trabalho, os maus tractos, de que era victima na America a infeliz raça negra. Entre os mais ardorosos paladinos desta cruzada humanitaria para a suppressão do maior crime da Idade Moderna, devemos destacar a

energica figura de Abrahão Lincoln. Este eminente americano provinha das mais modestas camadas sociaes. Lenhador, bateleiro no Mississipi, onde por certo teve ensejo de observar a vida dos escravos e de sentir-se revoltado com essa nefanda instituição, carpinteiro, empregado do correio, soldado, conseguiu, graças aos seus proprios tenacissimos esforços, estudar e fazer-se advogado.



Abrahão Lincoln

Animado por fervoroso culto pela justiça e pela equidade, manifestou-se desde cedo irreductível abolicionista e, a partir de 1848, reclamou a supressão da escravidão. Atirou-se, então, numa vigorosissima campanha abolicionista atravez de varios Estados da União.

Como candidato dos anti-escravistas, foi, em 1860, eleito presidente dos Estados Unidos. Mez e pouco depois, o estado escravista da Carolina do Sul declarou retirar-se da União e mandou chamar seus representantes no Congresso Federal. Seu exemplo foi seguido por mais 15 Estados do Sul, que formaram os Estados Confederados da America, dos quaes Jefferson Davis foi eleito presidente e Richmond escolhida para capital.

Quando Lincoln assumiu o governo, rebentou a guerra entre o Norte e o Sul, guerra civil conhecida sob a denominação de Guerra de Secessão, isto é, de separação, porque os Estados do Sul queriam desli-

gar-se da União, para conservarem a escravatura. Comquanto houvesse tentado, a principio, obter uma conciliação, acabou Lincoln por convencer-se de que era preciso enfrentar com indomavel energia uma lucta que, na verdade, se devia principalmente aos agricultores possuidores de escravos.

Os Estados do Norte contavam maior população, porém, as vantagens militares estavam do lado dos do Sul, aos quaes couberam as primeiras victorias.

Lavrou implacavel a guerra civil, ceifando innumeras vidas e ameaçando anniquilar aquella prospera nação. Por fim, Lincoln, numa proclamação, declarou, na qualidade de Presidente dos Estados Unidos e de generalissimo de suas forças de terra e mar, que, a partir de 1º de Janeiro de 1863, *seriam livres todos os individuos ainda escravos em cada um dos Estados confederados*.

Proseguiu a guerra, quando, em 1864, foi Lincoln reeleito. Em Abril de 1865, com a rendição de Richmond, acabava-se a lucta. Cinco dias depois, um actor, fanatico apologista da escravidão, assassina Lincoln no theatro, em meio da propria familia.

Assim se extinguiu, sem poder colher os louros de sua benemerita victoria e sem ter ensejo de praticar a larga moderação de que era capaz e que pretendia usar para cicatrizar as feridas dessa mortifera guerra, o homem a cuja energia, tenacidade e apóstolado pela redempção, devia principalmente a America do Norte lavar-se dessa mancha.

Mau grado seus incontestaveis triumphos, revelou-se sempre de modestia pouco vulgar. Quando seus

amigos, orgulhosos por sua elevação, lhe chamavam o *libertador dos negros*, o *grande homem*, elle respondia: "Dae-me, meus amigos, um outro nome que será mais justo, eu o creio, e que me commoverá mais; dissei que eu quiz ser *um bom filho*. Eis a fonte de quanto pude praticar de bem. Tive a melhor, a mais nobre das mães; tratei de não ser para ella uma causa de tristeza, porém, sempre de consolação. Tudo o que sou, tudo o que eu queria ser, é a ella que o devo".

Que admiravel homenagem envolvem estas modestas palavras!

Um autor de dictionario biographico mandou pedir-lhe os dados sobre a sua personalidade. Lincoln deu-os por esta fórma:

"Nascido a 12 de Fevereiro de 1809, no condado de Hardin, Kentucky. Educação: incompleta. Profissão: advogado. Foi capitão de voluntarios na guerra do Falcão Negro. Chefe do correio numa agencia secundaria. Quatro vezes membro da Legislatura do Estado de Illinois. Foi tambem deputado ao Congresso Americano — *Abrahão Lincoln*."

## O navio negreiro

### I

'Stamos em pleno mar!... Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta;  
E as vagas após elle correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas d'ouro...  
O mar em troca accende as ardentias,  
— Constellações do liquido thesouro!...

'Stamos em pleno mar!... Dous infinitos  
Ali se estreitam num abraço insano...  
Azues, dourados, placidos, sublimes!...  
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas  
Ao quente arfar das virações marinhas,  
Veleiro brigue corre á flor dos mares,  
Como roçam na vaga as andorinhas!

Donde vem? onde vae? Das náos errantes  
Quem sabe o rumo, si é tão grande o espaço!  
Neste Sahara os corséis o pó levantam,  
Galopam, vôam, e não deixam traço!

Bem feliz quem ali póde nest'hora  
Sentir deste painel a magestade!...  
Em baixo o mar... em cima o firmamento...  
E no mar e no céu — a immensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a briza!  
Que musica suave ao longe sôa!  
Meu Deus! como é sublime um canto ardente  
Pelas vagas sem fim boiando á tôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,  
Tostados pelo sol dos quatro mundos!  
Creanças que a procella acalentára  
No berço destes pélagos profundos!

Esperae!... Esperae!... Deixae que eu beba  
 Esta selvagem, livre poesia;  
 Orchestra — é o mar, que ruge pela prôa,  
 E o vento que nas cordas assobia!...

.....

Porque foges assim, barco ligeiro?  
 Porque foges do pávido poeta?  
 Oh! quem me dera acompanhar a esteira  
 Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano!  
 Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,  
 Sacode as pennas, Leviathan do espaço!...  
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas azas!...

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano!  
 Desce mais... inda mais... não póde olhar humano  
 Como o teu mergulhar no brigue voador!  
 Mas que vejo eu ahí?!... que quadro de amarguras!...  
 Que funereo cantar!... que tétricas figuras!...  
 Que scena infame e vil, meu Deus! meu Deus, que horror!

## III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,  
 Que das luzernas avermelha o brilho,  
 Em sangue a se banhar!...  
 Tinir de ferros, estalar de açoute...  
 Legiões de homens negros como a noite,  
 Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás tetas  
 Magras creanças, cujas boccas pretas  
 Rega o sangue das mães:  
 Outras, moças, mas nuas e espantadas,  
 No turbilhão de espectros arrastadas,  
 Em ancias e maguas vãs!

E ri-se a orchestra ironica e estridente...  
 E da ronda phantastica a serpente  
 Faz doudas espiraes...  
 Si o velho arqueja... si no chão resvala,  
 Ouvem-se gritos, o chicote estala.  
 E voam mais e mais!...

Presas nos élos de uma só cadeia,  
 A multidão faminta cambaleia,  
 E chora e dansa ali!  
 Um de raiva delira, outro enlouquece,  
 Outro, que de martyrios embrutece,  
 Cantando, geme e ri!...

No entanto o capitão manda a manobra,  
 E após, fitando o céo, que se desdobra  
 Tão puro sobre o mar,  
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
 "Vibrae riço o chicote, marinheiros,  
 Fazei-os mais dansar!..."

E ri-se a orchestra ironica, estridente!...  
 E da ronda phantastica a serpente  
 Faz doudas espiraes...  
 Qual num sonho dantesco, as sombras voam!...  
 Gritos, ais, maldições, preces resoam!  
 E ri-se Satanaz!

## IV

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus,  
 Si é mentira... si é verdade  
 Tanto horror perante os céos?!  
 O' mar, porque não apagas  
 Com a esponja de tuas vagas  
 De teu manto este borrão?  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolae das immensidades!  
 Varrei os mares, tufão!...

Que importa do nauta o berço,  
 Donde é filho, qual seu lar?  
 Ama a cadencia do verso  
 Que lhe ensina o velho mar.  
 Cantae! que a morte é divina!  
 Resvala o brigue á bolina  
 Como golphinho veloz.  
 Presa ao mastro da mezena  
 Saudosa bandeira acena  
 A's vagas que deixa após!

Do hespanhol as cantilenas,  
 Requebradas de langor,  
 Lembram as moças morenas,  
 As andaluzas em flor!  
 Da Italia o filho indolente  
 Canta Veneza dormente,  
 — Terra de amor e traição,  
 Ou do golfo no regaço  
 Relembra os versos de Tasso  
 Junto ás lavas do vulcão!

O inglez — marinheiro frio,  
 Que ao nascer no mar se achou,  
 (Porque a Inglaterra é um navio,  
 Que Deus na mancha ancorou),  
 Rijo entôa patrias glorias,  
 Lembrando, orgulhoso, historias  
 De Nelson e de Aboukir...  
 O francez — predestinado —  
 Canta os louros do passado  
 E os loureiros do porvir!...

Os marinheiros hellenos,  
 Que a vaga Ionia creou,  
 Bellos piratas morenos  
 Do mar — que Ulysses cortou;  
 Homens — que Phidias talhára,  
 Vão cantando em noute clara  
 Versos — que Homero gemeu!...  
 Nautas de todas as plagas,  
 Vós sabeis achar nas vagas  
 As melodias do céu!...

Quem são estes desgraçados  
 Que não encontram em vós  
 Mais que o rir calmo da turba,  
 Que excita a furia do algoz?  
 Quem são? Si a estrella se cala,  
 Si a vaga oppressa resvala,  
 Como um cumplice fugaz,  
 Perante a noite confusa...  
 Dize-o, tu, severa Musa,  
 Musa liberrima, — audaz!...

São os filhos do deserto  
 Onde a terra espósa a luz,  
 Onde vive em campo aberto  
 A tribu dos homens nús.  
 São os guerreiros ousados

Que com os tigres mosqueados  
 Combatem na solidão!...  
 Hontem simples, fortes, bravos...  
 Hoje miseros escravos  
 Sem ar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas,  
 Como Agar o foi também,  
 Que sedentas, alquebradas,  
 De longe... bem longe vêm!  
 Trazendo, com tibios passos,  
 Filhos e algemas nos braços.  
 Na alma — lagrimas e fel!...  
 Como Agar, soffrendo tanto,  
 Que nem o leite do pranto  
 Tem que dar para Ismael!

Lá... nas areias infindas,  
 Das palmeiras no paiz,  
 Nasceram — creanças lindas,  
 Viveram — moças gentis!...  
 Passa um dia a caravana,  
 Quando a virgêm na cabana,  
 Scisma da noite nos véos...  
 Adeus, ó choça do monte,  
 Adeus, palmeiras da fonte,  
 Adeus, amores!... adeus!...

Depois o areal extenso.  
 Depois... o oceano de pó.  
 Depois — no horizonte immenso  
 Desertos... desertos só.  
 E a fome, o cansaço, a sêde,  
 Ai! quanto infeliz que cede,  
 E cae p'ra não mais se erguer,  
 Vaga um lugar na cadeia,  
 Mas o chacal sobre a areia  
 Acha um corpo que roer.

Hontem, a Serra-Leôa,  
 A guerra, a caça ao leão,  
 O somno dormido á tóa  
 Sob as tendas da amplidão!  
 Hoje... o porão negro, fundo,  
 Infecto, apertado, immundo,  
 Tendo a peste por jaguar...  
 E o somno sempre cortado  
 Pelo arranco de um finado,  
 E o baque de um corpo ao mar.

Hontem — plena liberdade,  
 A vontade por poder...  
 Hoje... cum'lo de maldade,  
 Nem são livres p'ra morrer...  
 Prende-os a mesma corrente  
 Ferrea, lugubre serpente,  
 Nas roscas da escravidão.  
 E assim zombando da morte,  
 Dança a lugubre cohorte  
 Ao som do açoute!... Irrisão...

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus,  
 Si é mentira... si é verdade  
 Tanto horror perante os céos?!...  
 O' mar, porque não apagas  
 Com a esponja de tuas vagas  
 De teu manto este borrão?  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolae das immensidades!  
 Varrei os mares, tufão!...

## V

Existe um povo que a bandeira empresta  
 P'ra cobrir tanta infamia e cobardia!...  
 E deixa-a transformar-se nessa festa  
 Em manto impuro de bacchante fria!...  
 Meus Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
 Que impudente na gávea tripudia?  
 Silencio, Musa... chora e chora tanto  
 Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

\*  
 \* \*

Auri-verde pendão de minha terra,  
 Que a briza do Brazil beija e balança,  
 Estandarte que á luz do sol encerra  
 As promessas divinas da esperança...  
 Tu que da liberdade após a guerra  
 Foste hasteado dos heróes na lança,  
 Antes te houvesse rôto na batalha  
 Que servires a um povo de mortalha!...

\*  
 \* \*

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
 Extingue nesta hora o brigue immundo  
 O trilho que Colombo abriu nas vagas  
 Como um iris no pélago profundo!  
 Mas é infamia de mais!... Da etherea plaga  
 Levantae-vos, heróes do Novo Mundo!...  
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

CASTRO ALVES.

## Tiradentes, José Bonifacio e Benjamin Constant

Comquanto nossa Patria haja entrado muito tardiamente para o gremio das nações civilizadas, não podendo apresentar em sua evolução os casos historicos que fazem refulgir os corações peregrinos, as deslumbrantes intelligencias e os caracteres inquebrantaveis, com tanta profusão quanto nas velhas nações europeas, seria quasi um crime não dizer algo aqui sobre seus filhos mais eminentes. Colonia mal poyoadá, com pequenos nucleos de população separados por consideraveis distancias, com o Atlantico de permeio entre ella e o fóco da civilização occidental, com climas que afugentavam os europeus de suas plagas, seu movimento no progresso não poderia deixar de ser mais vagaroso. Assim, o meio não era dos mais propicios, mesmo a eminentes naturezas moraes e intellectuaes, para manifestarem toda a sua grandeza. Que taes naturezas não nos faltaram, podemos e devemos vêr carinhosamente no estudo de nossa historia patria. Si a America do Norte se orgulha, com sobejas razões, de um Washington, um Franklin, um Jefferson, um Lincoln, com tão valiosas, pode o Brazil ufanar-se de typos, ainda que menos universalmente conhecidos, como Tiradentes, José Bonifacio, Benjamin Constant Botelho de Magalhães,

para não citarmos sinão os mais notaveis das epochas recentes.

Quem com maior grandeza demonstrou seu entranhado amor á Patria do que esses nossos tres concidadãos? Qual de maior e de mais puro civismo do que o lendario Martyr da Conjuração Mineira?

Este ultimo, oriundo das camadas populares, vivendo, sentindo e auscultando nestas toda a dolorosa situação e as vexatorias exigencias impostas pela metropole, vagando de uma a outra cidade nos mistéres das varias profissões que teve de abraçar, — Joaquim



Tiradentes

José da Silva Xavier, pouco illustrado, mas de bellos dotes intellectuaes, segundo o provou de multipas fórmulas, afagou o sonho audacioso de libertar esta terra, para a qual já era justo aspirar melhor futuro. E elle, o simples alferes de milicias, constitue-se a alma ardorosa do movimento que deveria tornar este sólo propriedade de seus proprios filhos, assegurando-lhes o

direito de viverem com dignidade. Ardente, devotado, convincente, nada poupou para que o sonho se transformasse em doce realidade. Trahido, quando suas esperanças pairavam pelas alturas, elle as viu tombar,

como aguia a que impiedoso caçador houvesse, com certa bala, partido uma das azas, e se desfazerem, como castellos de cartas, dentro das tetricas muralhas de um carcere.

Nos interrogatorios, innocentando os outros conjurados de toda a responsabilidade, acaba por chamar a si a culpa unica. E, quando, depois de interminaveis soffrimentos, a pena de morte de seus companheiros é commutada em outras menores, inexcedivel em sua generosidade, sublime em seu desapego pela existencia, arrebatador em sua santa resignação, elle se congratula com todos, elle os felicita, por ter sido elle proprio o unico reservado finalmente á pena capital. Onde, quando e como foi excedida ou simplesmente igualada tanta abnegação? Não possuísse nossa Historia outro exemplo e este bastaria para enche-la; não pudéssemos apontar aos nossos compatriotas sinão o nome de Tiradentes e este bastaria para relembrar as mais excelsas virtudes civicas e para impedir que o brasileiro não servisse sua terra por falta de estímulo!

Subindo ao cadafalso, com impavidez e calma, mas sem a menor preocupação de fazer valer perante os assistentes e a posterioridade o seu martyrio, deixou de viver entre os brasileiros uma existencia material, para ir viver perpetuamente dentro de seus corações, como hospede forçado, querido e venerado de todos elles, até mesmo daquelles que, sem conhecer-lhe a historia, apenas lhe ouviram o nome glorioso repetido com carinhoso respeito! Si Regulo aconselhou bellamente, si Joanna d'Arc enthusiasmo do-

cemente, si Danton agiu energicamente. — Tiradentes não valeu menos em seu martyrio: foi tão desinteressado quanto o primeiro, soffreu com tanta resignação quanto a segunda, foi tão ardente e tentou agir com tanta audacia quanto o ultimo!

Mas sua tentativa mallogrou-se, dirão alguns, perdeu-se, dirão outros. Não, não é verdade, não se perdeu. Martyr, passou a reinar dentro de nossos corações, fez mais almejada a liberdade. Heróes de 1817 e de 1824, propagandistas da Republica, patriotas de hoje, qual de nós, ao contemplar a palavra *liberdade*, não a vê inconscientemente substituída pelo nome de *Tiradentes*? Quem mais age do que o homem que se tornou um symbolo para uma nação?



José Bonifácio

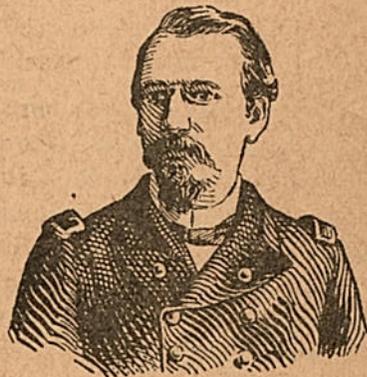
José Bonifácio, o sabio acatado e eminente, cuja vida se escoára na maior parte em Portugal, onde lhe iam satisfazendo todas as ambições, ao regressar á sua patria, sente-se inflamar pela Independencia desta e torna-se o organ central do movimento libertador, sem indagar se iria ou não comprometter a existencia. Quem mais idolatrou esta terra, quem melhor

compreendeu a necessidade de dirigir com elevação os seus destinos, já se preocupando com a emancipação da raça negra e com trazer racionalmente os indigenas á civilização?

Do ultimo, de Benjamin Constant, o Fundador da Republica, cognome a que tem direito, como propagandista e final coordenador do movimento que a trouxe, que mais bello exemplo do que esse de trocar a tranquillidade de uma situação garantida, contra os azares de uma transformação politica, em cuja tentativa jogava a cabeça e para a qual não o impellia a ambição?

Delle citaremos dois rasgos que caracterizam bem sua altivez e sua grandeza d'alma.

Em 1878, foi convidado para ensinar aos netos de D. Pedro II. Logo ás primeiras aulas, verificou que os discipulos se julgavam superiores a seu mestre. Um dia Benjamin os censurou na presença do Imperador. Este apoiou Benjamin, mas a Imperatriz procurou desculpar os principes. Benjamin Constant retirou-se, dizendo:— “Si precisarem de mim, mandem chamar-me, que para a aula não volto mais”. E levou sua altivez a nunca procurar pelos honorarios.



Benjamin Constant

Proclamada a Republica, foi elle feito ministro, ficando como presidente do Governo Provisorio o Marechal Deodoro, o braço influente no exercito, que o ajudára no movimento de 15 de Novembro.

Num discurso, em favor da eleição de Deodoro á presidencia da Republica, conta o proprio Benjamin Constant o seguinte: “Apesar dessa e de outras demonstrações de lealdade, com que me ufano de ter sempre procedido, o general Deodoro, dando ouvidos a uma miseravel camarilha, que não conheço, não hesitou em accusar-me de trahidor em presença de meus collegas de ministerio, — a mim, talvez o seu melhor amigo, — fazendo-se echo de calumnias. *Não quero saber quem teceu taes intrigas, porque receio que se accordem em minha alma os meus peiores instinctos e que não bastem para conter a minha indignação os estimulos mais nobres de nossa natureza*”.

“Posso garantir-vos que respondi com a mais completa altivez ao insulto recebido e soube manter em tão critico momento immaculada a minha dignidade.”

Demittiu-se immediatamente; mas, havendo-se arrependido o Marechal Deodoro, chegando mesmo a pedir-lhe perdão, ante a insistencia deste, resolveu Benjamin Constant continuar no ministerio, de onde sahiu, pouco depois, para morrer.

Si ainda não vos tivesse de dizer mais algumas palavras, a maioria das quaes sobre o symbolo sagrado de nossa Patria, por elle acceito com enthusiasmo, e sobre o Porvir, aqui seria fêchado o livro, com o pedido, a quantas creanças brasileiras o tenham lido, de que estudem carinhosamente os bellos actos da vida de Tiradentes, de José Bonifacio, de Benjamin Constant e de outros nossos grandes compatriotas, os quaes, comquanto não maiores do que os typos emi-

nentes de que tratámos, mais de perto nos dizem respeito, mais nos falam á alma, para que vejais que os brasileiros acompanham dignamente a Humanidade, procurando fomentar a grandeza moral, para o progresso e a ordem neste amantissimo recanto do Orbe.

### Allocução á Bandeira

*(Pronunciada pelo autor deste livro, como orador official, na festa da Prefeitura do Districto Federal, a 19 de Novembro de 1918.)*

Snrs. Presidente da Republica e Ministros de Estado; Snr. Prefeito; Snrs. Membros do Conselho Municipal; Minhas Senhoras e Meus Senhores; Creanças.

Pouco mais de anno transcorreu após ter o Brazil assumido uma attitude perfeitamente definida na conflagração universal; pouco mais de um anno, senhores, e, no emtanto, quanto tem vivido, quanto tem soffrido, quanto tem visto, quanto tem sido agitada a Humanidade inteira durante a rapida quèda desse minusculo atomo na ampulheta da eternidade!

Nessa época, a borrasca que se armára em 1914, avultou, cresceu desmesuradamente, ascendeu quasi ao infinito e de lá se despenhou, infrene, barbara, temerosa, qual ascensor monumental, que, animado de subito por alma satanica, se despenhasse sobre os misereros operarios que cá de baixo lhe haviam concer-

tado o motor, para que elle pudesse continuar a galgar os pinaculos de onde se iam descortinando horizontes cada vez mais longinquos e formosos!

Attonitos, sem fé, muitos foram os assistentes que julgaram tudo perdido, que estremeceram transidos de pavor, por pensarem que teriam de ver os defensores da ordem e do progresso, da paz e da virtude, transformarem-se em pasta sanguinosa e informe! Mas, oh milagre, para estes desconhecedores das leis de evolução humana! Não houve um operario siquer que estremecesse, que olhasse supplice, que implorasse compaixão, que desertasse de seu posto de dever, que temesse ser esmagado pela molle immensa e bruta! Não! Pequenos embora, mas confiantes e bravos, congraçaram-se na mais perfeita das convergencias que até hoje se viu; enrijaram os braços, formando com elles uma palissada colossal que aparou a quéda; dobraram-n'os com o choque formidando, mas distendendo-os instantanea e violentamente, com arremesso ingente, rebentaram-lhe as correntes e projectaram de novo no espaço essa machina infernal, que, ao tombar sobre o solo, se espatifou como uma fragilissima peça de vidro!

E, assim, fragorosamente, acaba de ruir a machina germanica: está ganha a victoria!

O céu, não mais obumbrado por essa nuvem negra, audaciosa e insolente, começa a mostrar-nos algumas nesgas azues; os ventos, depois de terem ido de encontro ás inabalaveis muralhas da civilização, ricochetaram e varrem agora os proprios antros de onde

se haviam lançado para devastarem o mundo. Pelas outras regiões, a tempestade se vai fazendo zephyro, ao pranto vai succedendo a alegria, despe-se o luto pela gala, olvidam-se as miserias para se cantarem as glorias! Vai raiando no horizonte a dulcissima e promissora aurora da Paz!

E nesse carro triumphal da nova aurora, tu, ó Pallio sagrado, tambem mereces um lugar, porque, com altivez e dignidade, quando a molle immensa mais ameaçava tudo esmagar, teus filhos correram a offerecer seus braços em defesa da paz e da bondade. Pudeste, felizmente ainda a tempo, demonstrar ao mundo que o povo brasileiro sabia de facto traduzir a tua soberba divisa!

Tua magica belleza acaba de crescer: demonstreste que és veramente um symbolo de paz, porque correste a defendel-a; um symbolo de ordem, porque ajudaste a mantel-a; um symbolo de progresso, porque foste alistar-te entre as nações verdadeiramente progressistas para o bem!

No anno passado, commemorando esta data, disse eu: "Oxalá pudesse o nosso pavilhão, no dia de hoje, evocar-nos tão sómente, com o seu verde, a poesia de nossa natureza "perpetuamente em festa", com o seu amarello o ouro, que sob as mais variadas fórmias se contém em nosso sólo, com o seu azul e as suas estrelas as noites tranquillias e diaphanas em que a vista se embevece na belleza do céu e em que a alma medita, sem uma só nuvem que a conturbe, no dia radiante e risonho com que nos aguarda a aurora seguinte!

Oxalá, Pavilhão adorado e esplendoroso, que hoje completas os teus 28 annos, só te desfraldasses para a alegria, para a tranquillidade, para a ventura, para a confiança! Oxalá não nos viesses trazer á mente o luto, o desassocego, a desventura! Todavia, ha uma cousa que se não alterou: ha um sentimento que continúa a provocar como dantes, talvez mesmo ainda mais intensamente nos peitos que te adoram, te veneram e te idolatram: é a confiança indestructivel que tu inspiras nos gloriosissimos destinos desta terra abençoada, a confiança na belleza do seu futuro! Parece-nos que esse futuro se approxima com rapidez espantosa; parece-nos que nossas fibras se tonificam, a nossa energia cresce, a nossa coragem se avigora, a nossa tenacidade se retempera, ante o perigo de a vermos sossobrar, minada pela ambição, pela maldade e pela insolencia de ave de rapina, com que cubicavam apagar de teu azul constellado dous ou tres astros amantissimos!

Não, Bandeira sacrosanta, Bandeira indestructivel, Bandeira eterna do Povo Brasileiro; as estrellas do teu céu não são de ouropel, não representam apenas as que fulguram com brilho sempiterno no esplendoroso céu do Brazil; não, ellas são os diamantes engastados no teu aureo solo, essa famosa peça inteiriça de José Bonifacio. Unidas na mesma esphera, ellas representam a solidariedade de todos os elementos administrativos da nacionalidade brasileira; ellas nos significam a independencia e o concurso daquelles elementos, cujos laços politicos e administrativos se irão affrouxando por certo, sem que todavia diminuam

os laços da fraternidade a mais intensa, da collaboração a mais estreita, para que o nome de *brazileiro*, mais e mais avulte, não nas pugnas da morte e da destruição, da maldade e do odio, porém nas porfias do esforço progressivo de um digno viver e de um trabalho não menos nobre, sob a égide do Amor e a nórma da Ordem e Progresso!

Ao aceitar o maravilhoso symbolo, que, com tanta felicidade soubera idear essa extraordinaria cabeça de escól que se chama Teixeira Mendes, o Fundador da Republica dotava nossa Patria com o privilegio de ter, além do mais esthetico de todos os pavilhões, um symbolo que é tambem a expressão philosophica de nosso passado, de nosso presente e de nosso futuro! Illuminado pela radiações inegalaveis, insubstituiveis e sublimes da doutrina de Augusto Comte, elle estava mais apto do que ninguem para bem aquilatar o papel que nos tem cabido, modesto por certo, em virtude da época em que surgimos na arena da evolução humana, porém nobre, elevado, cada vez mais precioso na collaboração geral do progredir pacifico. Profundo conhecedor da continuidade humana, conservou tudo quanto pudesse, fomentando a veneração, recordar a formação de nossa nacionalidade e fosse susceptivel de estabelecer a concordia, a convergencia e o amor dos Brasileiros em torno dos obreiros gloriosos de nosso Torção natal!

De tal fórma soube respeitar essa continuidade para com o trapo adorado e sublime, admiravelmente ideado pelo Patriarcha da Independencia, que, si o milagre da resurreição fosse possivel, qualquer de

nossos avós, ao levantar a lage de sua campa, vendo a nova bandeira a farfalhar um tanto distante, exclamaria logo: "Esta é a minha Bandeira!" Assim o labaro que ahi está é fundamentalmente o mesmo que adoraram aquelles que hoje só existem em nossa memoria pelas obras dignas que nos legaram; que os soldados do Imperio defenderam nos campos de batalha e que oscularam em seu derradeiro alento ou para a qual volveram o embaciado olhar de moribundo, porque elle era o pallio sagrado e protector, sob o qual continuariam a abrigar-se a mãe, a esposa, as filhas e as irmãs distantes e afflictas !

Quantas e quão profundas considerações podem ser feitas sobre esse labaro augusto! Permitti-me, senhores, que vos diga apenas duas palavras, que me parecem opportunas, sobre a diviza *Ordem e Progresso*, que já hoje todos amam e adoram, que já hoje se acha profundamente radicada em nossos corações, que, melhor do que qualquer outro symbolo desenhado, nos formula, com a precisão da linguagem articulada, o fim supremo do aperfeiçoamento evolutivo da especie humana, obtido com o sacrificio minimo de cada presente. Esta divisa, senhores, contém em suas 15 letras uma infinidade de condições, de bondades, de excellencias, de virtudes.

Para que a ordem se estabeleça e se mantenha, é necessaria a convergencia de esforços, a união. Não ha união onde falta um objectivo commum e este só pode existir quando o egoismo, reduzindo ao minimo as suas exigencias perturbadoras, permite ao altruismo, em largos haustos, assumir a direcção geral, fa-

zendo preponderar o apego, a veneração e a bondade. Assim, a Ordem assenta sobre o Amor, que é, como o fazia ver o excelso S. Paulo, a maior de todas as virtudes theologaes. Haja antes de tudo amor, amor para com a Familia, amor para com a Patria, amor para com a Humanidade. Eis a primeira e mais bella condição, que está implicitamente contida no simples vocabulo *Ordem*.

Sem conhecermos as nossas tradições e os arduos trilhos palmilhados pelos nossos maiores, sem estarmos a par de suas dores, de seus martyrios, de suas conquistas em pról do engrandecimento moral, intellectual e pratico desta parcella da Humanidade, de suas tentativas, mallogradas hoje para serem realizadas amanhã; sem conhecermos as suas alegrias, as suas esperanças, as suas illusões risonhas e as suas amargas decepções; sem nos identificarmos, pelo espirito e pelo coração, com o nosso passado, sem lhe vivermos a vida, nós hoje não palpitemos em commum, nós não teremos um preciosissimo factor, um laço indissolúvel para o estabelecimento da *Ordem*.

Sem estudarmos as suas opiniões, sem constatar-mos os seus erros, sem verificarmos com tolerancia as suas paixões e extravios consequentes, sem annotarmos com cuidado os seus successos, numa palavra, sem robustecermos o nosso intellecto com a observação arguta, imparcial e profunda do nosso passado, nós não lograremos curar convenientemente dos problemas da época actual, nós não conservaremos a *Ordem*.

Sem nos termos enfronhado em todas as tendencias da sociedade contemporanea, sem termos esquadrinhado, sob a luz da sciencia e as impulsões do altruismo, a situação do nosso meio, quanto ao povo e quanto ao paiz; sem analysarmos e sem comprehendemos em toda a sua plenitude as influencias reciprocas das nações modernas civilizadas umas sobre as outras, nós não poderemos atinar com o sentido geral de nossa propria evolução, de fôrma a tentar supprimir ou attenuar o mais possivel os factores de attritos, os germens de anarchia, — nós não teremos *Ordem*.

Desconhecido o objectivo geral, ignoradas as condições essenciaes que deverão prevalecer no porvir, como tambem nos encaminharmos convergentemente para um estado, cujas características primaciaes não se acham para nós desvendadas? Cahir-se-hia no vago, no inconsistente, na divergencia de esforços, no conflicto de opiniões: não prevaleceria a *Ordem*.

O preenchimento da ordem exige, pois, um largo e profundo conhecimento de nosso passado, de nosso presente e até de nosso futuro; requer a subordinação da Família á Patria e da Patria á Humanidade. Si cada Família pretendesse resolver a sua situação como si as outras familias não existissem, isto é, sem tomar em consideração a Patria, esta se sentiria profundamente perturbada em sua evolução normal e, um pouco mais cedo ou mais tarde, a reacção determinaria a sujeição da Família á Patria. Da mesma fôrma, si cada Patria curar exclusivamente de seus proventos egoistas collectivos, abstrahindo das outras

patrias, ou attentando contra ellas, hoje ou amanhã, a Humanidade reage e o equilibrio vem a restabelecer-se de fôrma relativa, com a sujeição da patria rebelde aos supremos interesses da Humanidade.

Eis porque a ordem pôde apenas ser mantida, para com a familia e para com a patria, quando não rompemos com o passado, quando nos solidarizamos com o presente, quando temos os olhos fitos nas gerações do porvir e quando não offendemos os interesses geraes da Humanidade, da qual, sociologicamente, nos devemos sempre considerar como um orgam de co-operação, em resumo, quando exercemos a intelligencia e a actividade sob a supremacia de um largo altruismo.

Eis quanto exige o vocabulo *Ordem*.

E o vocabulo *Progresso*, quando lhe está associada, como em nossa bandeira?

*Progresso* é o desenvolvimento da ordem, como a ordem é o progresso consolidado. *Progresso* é a evolução que leva o homem a considerar-se cada vez mais feliz, ou, pelo menos, a reconhecer que seus descendentes irão encontrar mais tranquillidade e mais alegria na existencia, mais prazeres sãos, mais conforto, menos rudes e penosos os trabalhos indispensaveis á manutenção da vida, menos numerosas e graves as molestias, mais attenuaveis as desgraças inevitaveis, resultantes das imperfeições do meio cosmologico.

*Progresso* é principalmente a gradativa elevação moral, obtida pela regularização e attenuação dos instinctos egoistas e pelo apuramento e desenvolvi-

mento do altruismo; é ainda a solidez, o atilamento e a coherencia na explicação e no conhecimento do mundo cosmologico e vital; é tambem o robustecimento da natureza physica do homem e a multiplicação de suas forças, intrinsecas e extrinsecas; *progresso*, por fim, ainda é o melhoramento, a facilidade e a barateza crescentes na obtenção dos productos industriaes e agricolas, de fórma que tudo isso permita que o prazer de viver, hoje tão escassamente sentido, só venha a ser, no futuro, de longe em longe perturbado.

Eis quanto significa o vocabulo *Progresso*.

Como vêdes, meus senhores, a ordem e o progresso são dois factores indispensaveis e connexos para a felicidade de qualquer patria. Mas sem *solidariedade*, isto é, sem laços de sympathia, de amor e de devotamento entre os contemporaneos, e sem *continuidade*, para com o passado, sem a veneração, que nos leva ao reconhecimento, á commemoração e á imitação das virtudes e dos serviços dos dignos antepassados, e para com o futuro, sem a bondade, que desperta a solicitude, mesmo para com as gerações porvindouras ainda não surgidas, não ha Ordem, não ha Progresso!

Assim, esta divisa é um lemma: ella consubstancia em si as bases, os objectivos e até os methodos que o povo, que a adopta, deve seguir.

De agora por deante, cabe-vos, cidadãos que me ouvis, a tarefa de demonstrar aos vossos filhos que, em se pondo ao lado dos Alliados, esse symbolo augusto não mentiu á sua legenda. Mostrae a "essas

nações da aurora" que o Brazil não fez guerra; que esta lhe foi imposta e que, si elle a acceitou, depois de todas as suas demonstrações para fazer ao caminho da razão a cruel inimiga da ordem e do progresso, foi porque elle precisava obedecer ás injuncções do lemma inscripto em sua bandeira, *fazendo a guerra á propria guerra*, para que nossa patria, como as demais, pudesse manter a ordem e fomentar o progresso.

Por isso, já dizia eu no anno passado:

"E agora, pavilhão de esperanças, eu, que sempre fui ardente pacifista, e que por isso mesmo corri em tua defesa, aos 17 annos, em 1893, que continúo a ser inabalavel pacifista e que serei cada vez mais pacifista, eu te saúdo e te beijo, eu mais te amo e te venero, porque, si te atirares em meio da metralha, si eu te vir salpicado de sangue, dos que me são mais caros, dos que quasi me são tudo, eu não te terei horror, eu não te incriminarei de teres falseado os sublimes ideaes da Humanidade!

Nessa joia finissima, em que os sentimentos da alma selvagem, mas humana, estão tão primorosamente descriptos e vividos, no "Y-Juca-Pyrama", quando o velho pae vê este demonstrar com indomita coragem que se esquivára á morte, não por cobardia, senão pelo muito amor que lhe tinha, cae em pranto copioso e diz:

*Corram livres as lagrimas que choro,  
Essas lagrimas, sim, que não deshonram!*

Assim tambem, luminoso symbolo da patria brasileira, si amanhã o sangue te salpicar, não laves es-

ses signaes: deixa que elles se ostentem, porque elles não te serão manchas, mas as provas irrefragaveis de tua dignidade, as demonstrações inequivocas de que és um symbolo de Ordem, de Progresso, de Amor e de Paz!

Oxalá, porém, não te seja imposto esse sacrificio! Possa a Allemanha immediatamente, com a realização mais proxima da transformação politica que lhe fará ruir o throno e pelo reconhecimento de suas faltas, retirar-se da lucta nefanda e indigna, para a qual a prepararam durante quarenta annos!

E que, dest'arte, já no anno vindouro presidas a uma festa tranquilla, por terem as nações entrado definitivamente num regimen de paz, cujos perturbadores, si ainda surgirem, possam ser logo contidos sem as effusões de sangue.

Salve, pendão de esperanza, salve, exclamamos nós, teus filhos, prosternados ante a grandeza dos ideaes que tu, com a tua esplendida belleza e com a tua ainda mais admiravel significação, és capaz de inspirar a um povo já espontaneamente nobre e que deseja ser grande na estatura moral, na elevação de seus filhos, como pioneiros devotados, imperterritos e valorosos nas pugnas da Ordem e do Progresso, não para sua patria apenas, mas tambem para a Humanidade inteira!"

Taes eram as expressões que eu te dirigia no anno passado!

Hoje, que vejo cumulados os meus votos e realizadas as minhas previsões; hoje, que farfalhas nova-

mente para presidir a uma festa venturosa, pois já estamos no limiar da paz, para a qual trouxeste o teu pequeno, porém sincero, ardente e moralmente valiosissimo concurso, mais te sentimos formosa e digna! Para a alma generosa e altiva da terra de Tiradentes seria acabrunhadora tristeza ver-te privada de figurar onde havia um tão grande dever a cumprir, — o da defesa do bem contra o mal, da ordem contra a desordem, do progresso contra a retrogradação!

Agora, creanças que me ouvistes, sabei que em geral só podemos servir á Humanidade através de nossa propria patria. Desenvolvi, portanto, cada vez mais, em vossos coraçõezinhos, o mais acendrado civismo, a dedicação a mais pura, intensa e energica, pela terra que vos viu nascer. Cultivae-lhe com carinho a memoria dos typos eminentes e preparaevos para estar sempre promptas a tudo sacrificar por aquella que tudo vos dá: quem não souber servir sua patria, não poderá pretender servir á Humanidade. No passado da nossa Terra encontrareis os mais acrisolados exemplos de civismo; mas, si preferirdes os actuaes, vereis cada bandeira alliada pejada de fulgurações divinas do patriotismo o mais ardente e o mais digno, porque seus filhos souberam pôr tudo quanto possuíam de energias, de vigor, de fortuna, de saude, a vida e até as familias, ao serviço incondicional de suas patrias, para que ellas não sossobrassem. Sabei em todos os momentos da vossa vida praticar outro tanto, para que o Brazil seja digno, feliz e prospero!

(Transcripto do *Jornal do Commercio* de 20 de Novembro de 1918.)

## A' Bandeira

Bemdicto sejas tu, ó Pallio Brasileiro,  
O' tecido gentil de um ideal supremo!  
Constellado pendão que encerras o Cruzeiro,  
Desta terra formosa o symb'lo sempiterno!

Tu convidas sómente ao gozo prazenteiro  
Do trabalho com paz; ao de um saber hem terno  
Que faça a vida amena e traga ao mundo inteiro,  
Com a suppressão do crime, um progredir eterno!

E's bandeira de amor: apontas a ventura!  
Sonhas com a gloria bella e não com a fama triste,  
Preferes o instrumento á brúta lança em riste!

Tu queres desfraldar-te, ufana, ardente, pura,  
Vencendo o espaço e o tempo a combater o mal,  
Para gloria maior da Terra de Cabral!

FRANCISCO VIANNA.

## O Porvir

Vamos, minhas caras creanças, dizer-vos as palavras finaes.

Na idade em que estaes, já sentis muito dos graves defeitos da vida domestica, da vida civica e mesmo da vida internacional. E, naturalmente, muitas vezes haveis formulado a pergunta: — Será isto sempre assim?

Pois bem, para responder a vossa pergunta, seria preciso abrir aqui um novo livro, quê talvez vos fosse inacessivel. Mas, em poucas palavras, eu pretendo mostrar-vos que uma das vossas mais bellas e invejadas condições — a de ter o coração cheio de esperanças — não deverá desapparecer, irá sendo, para cada nova geração que surge, menos alterada.

O homem isolado é como uma vara: facilmente se quebra. Os homens unidos pelos laços de uma indissolúvel fraternidade são o feixe de varas: difficilmente se poderá partil-os.

Começaram por viver quasi individualmente isolados; crearam depois a Familia e associaram as familias em Patrias; hoje as Patrias já se consideram como elementos integrantes da Humanidade. As almas nobres já aspiram a ver todos os povos do planeta attingirem o mesmo pé de igualdade, de ordem, de progresso e de felicidade. Precisamos collaborar com affinco, para que este voto se realize quanto antes, da mesma fórma por que na familia desejamos que to-

dos os seus membros participem das vantagens da instrucção, da bondade e da prosperidade. Porque não havemos de ajudar os nossos infelizes selvícolas (\*), como tambem aos da Oceania, a participarem das facilidades e dos prazeres da civilização? Porque, com amor e desinteressadamente, não havemos nós de promover para os povos do Oriente a passagem do estado de barbaros para o de civilizados?

Em lucta com as forças naturaes e com os seus proprios instinctos inferiores, o homem selvagem é fatalmente a victima; nós, com as descobertas da sciência e as invenções da industria, não annullamos as leis da natureza, mas subjugamos todas as suas forças, em beneficio da existencia da Humanidade.

Comquanto, sem precisarmos aliás de extraordinarias descobertas scientificas, possamos prever ainda vantajosissimas modificações e invenções industriaes, basta-nos dedicar maior amor aos outros, conter um pouco mais a nossa ambição e esclarecer melhor o nosso espirito, para, com os proprios e unicos recursos actuaes, organizarmos a vida, de fórma que esta venha a ser muitissimo mais facil e mais agradável.

Então, os nossos instinctos egoístas serão mais razoavelmente satisfeitos e os pendores nobres de nossa natureza moral poderão desenvolver-se sem embarços. Quando ha maior risco de nos transformarmos em ladrão: quando tudo nos falta ou quando de quasi

(\*) E' o que benemeritamente tem sabido fazer, no Brazil, o Coronel Rondon, na commissão de Protecção aos Indios.

nada precisamos? Quando corremos mais o perigo de enlouquecermos: quando a vida é equilibrada, hygienica, risonha e pura, ou quando a miseria nos persegue, a molestia nos atormente, a esperanza nos abandona?

Mas, para que a Terra, mesmo com as suas e as nossas imperfeições, venha a ser o nosso paraíso, alguns individuos precisam ceder do que julgam exclusivamente seu e muitos precisam receber; comtudo, *todos ganharão*. As mulheres e a massa popular masculina carecem de instrucção, que hoje mal se encontra nos elementos mais cultos; os proletarios precisam gozar das vantagens, que até agora só têm sido desfructadas por parte minima da sociedade. Porque ha de um pobre pedreiro ou canteiro trabalhar das 7 da manhã ás 5 da tarde, sob causticante sol, quando, com uma organização menos imperfeita, uma distribuição mais equitativa e uma applicação larga e systematica das machinas, poderia limitar-se a 6 horas de labor, que ficaria suspenso durante as horas mais penosas?

Um pouco mais de luzes e um pouco menos de egoismo bastariam para supprimir innumerous males e desgraças e dar á sociedade a tranquillidade e a ventura, atraz das quaes corre ha seculos!

Si a riqueza resulta de uma intima e intensa collaboração social, pois ninguem a pode crear sosinho, ella deve ser empregada em beneficio de todos os seus membros. Os ricos serão apenas os depositarios da fortuna, que lhes competirá gerir, não em proveito exclusivamente pessoal, mas no de todos. E' justo que um prestante factor dessa riqueza, um operario, já

velho ou minado pela molestia, se veja forçado a acabar de matar-se, para obter o alimento? E' natural que fiquem soffrendo a viuva ou os orphams, quando o marido ou o pae labutaram em favor da sociedade inteira? E' razoavel que de alguns nada se peça e de outros se exija o impossivel, em somma ou qualidade de trabalho e em privações e sacrificios?

Não, tudo isto precisa e tem de desaparecer. Para o Porvir, a sociedade, conservando, mas aperfeiçoando, quasi todas as instituições actuaes, salvo uma ou outra, poderá satisfazer ás necessidades de todos os seus membros.

O homem digno, illuminado pela sciencia e armado com os poderosos recursos da industria, produzindo muito mais do que consome, poderá manter a familia, sem que sua esposa haja de desertar o lar, para ajudal-o a ganhar o pão. Os filhos educados por ella, que será então dotada da necessaria cultura, ouvirão, de envolta com os dulcissimos carinhos maternos, as lições que vão hoje pedir nas escolas á solitudine dos mestres. A casa do operario será confortavel, hygienica, alegre e até bella, como ainda não o são hoje as residencias dos providos de recursos.

A superficie da Terra, modificada e adaptada para a agricultura e a industria, dar-nos-á, a tempo e em abundancia, tudo quanto carecermos, entoando com o ruído das machinas o hymno da paz e da ventura; os prodigiosos recursos da industria sanearão o globo e as molestias se reduzirão a um minimo hoje inconcebivel; os vehiculos, aperfeiçoados pela mecanica industrial, cortarão as terras, os mares e os ares, em

todos os sentidos; além do serviço do transporte seguro e barato, permittirão supprimir as distancias, de fórma que o homem possa fruir das vantagens e delicias da vida campestre, sem perder o contacto social; então, algumas cidades deixarão de ser tão monstruosamente populosas, mas serão assombrosamente superiores sob todos os aspectos.

Sendo-lhe possivel dividir, desde o das profissões mais grosseiras até o das mais elevadas, o seu tempo para o trabalho, o repouso e a satisfação das necessidades moraes, o homem poderá gozar de todos os prazeres sensatos. A arte, guiada pela moral e acompanhando a industria, produzirá então obras maravilhosas na pintura, na esculptura, na architectura e na poesia.

As nações terão territorios e populações bem menores, talvez como a Suissa e a Hollanda, afim de que seus governos, verdadeiramente republicanos, possam conhecer de facto, por inspecção directa, todo o paiz que administram. Para dirigil-as, serão sempre escolhidos os que maior competencia apresentarem, visto como os homens nunca poderão galgar os postos pela intriga, pela corrupção ou pela força.

Quando os individuos se capacitarem de que o dever maximo é antes de tudo ter o coração cheio de affeição pelos outros, não sómente as luctas individuais desaparecerão, como até as competições dos paizes, que passarão a collaborar uns com os outros, cada um conservando a sua independencia, para o bem de todos.

Esse Porvir, não sem algumas irreparáveis e insuportáveis desgraças individuais, porém sem odios e sem luctas, com policias, mas sem exercitos e marinhas de guerra, ha de chegar e está chegando, pois que as sociedades modernas já se não comparam com as antigas. Elle será a *era de ouro*, em que o homem se reconhecerá realmente o rei da natureza, não pela força physica, não pelo orgulho, pela vaidade, pela ambição, não pelo despotismo, mas pela amplitude de seu engenho, pela capacidade de sua acção, e, sobretudo, pelo inexaurível de sua bondade.

Toda a Humanidade trabalha para que tal epoca seja inaugurada. Vós tambem, minhas caras creanças, vós tambem já fazeis parte da Humanidade e, por isso, muito depende de vós que aquella era se inaugure quanto antes.

FIM

## INDICE

	PAGS.
PREFACIO . . . . .	v
I—AOS PEQUENOS LEITORES. . . . .	9
II—COMPARAÇÃO ENTRE A TERRA PRIMITIVA E A ACTUAL . . . . .	20
III—TEMPOS PREHISTORICOS—FETICHISMO . . . . .	24
<i>Y-Juca-Pyrama</i> (Gonçalves Dias). . . . .	30
<i>Canto do Piaga</i> . . . . .	44
IV—POLYTHEISMO . . . . .	47
Egypcios. . . . .	62
<i>A vida nos campos</i> (Camões). . . . .	65
Assyrios e Babylonios . . . . .	66
Medas e Persas . . . . .	69
Hebreus . . . . .	72
<i>Jacob</i> (Camões) . . . . .	76
Phenicios . . . . .	76
Gregos . . . . .	79
<i>Tempestade</i> (Homero), <i>Odysséa</i> . . . . .	88
Solon . . . . .	90
Socrates . . . . .	96
<i>Resignação do sabio</i> (Bocage) . . . . .	102
Themistocles . . . . .	103
Péricles . . . . .	108
Alexandre . . . . .	115
Romanos . . . . .	124
<i>Tempestade</i> (Virgilio), <i>Eneida</i> . . . . .	132
Junio Bruto e Regulo . . . . .	135
Camillo . . . . .	141
Equidade entre os romanos . . . . .	148
Eponina . . . . .	152
Os combates de gladiadores . . . . .	156
<i>Salvação de Lygia</i> (Francisco Vianna) . . . . .	166
V—MONOTHEISMO OCCIDENTAL — O CATHOLICISMO . . . . .	169
<i>Idéa de Deus</i> (Gonçalves Dias) . . . . .	175
Santo Ambrosio . . . . .	178

	PAGS.
Saladino e S. Luiz . . . . .	181
São Francisco de Sales . . . . .	186
<i>A nau Cathrineta</i> . . . . .	192
VI— IDADE MEDIA . . . . .	194
<i>Lealdade de Egas Moniz</i> (Camões), <i>Lusiadas</i> . . . . .	198
A duqueza de Baviera . . . . .	199
<i>A' Carolina</i> (Machado de Assis). . . . .	202
Os seis burguezes de Calais . . . . .	203
Joanna d'Arc . . . . .	208
Bayardo . . . . .	217
<i>Os doze de Inglaterra</i> (Camões), <i>Lusiadas</i> . . . . .	226
VII RENASCENÇA, REFORMA, GRANDES INVENÇÕES E GRANDES DESCOBRIMENTOS . . . . .	232
<i>Vozes d'Africa</i> (Castro Alves). . . . .	236
Bernardo de Palissy . . . . .	240
Energica conducta de uma senhora . . . . .	246
Henrique IV. . . . .	252
Perseguições religiosas . . . . .	257
VIII IDADE MODERNA . . . . .	263
Turenne . . . . .	268
Fidelidade de um nobre inglez . . . . .	272
Luiz XIV e Affonso IV. . . . .	275
O resgate do Marselhez . . . . .	279
IX IDADE CONTEMPORANEA . . . . .	283
<i>A fome no Ceará</i> (Guerra Junqueiro). . . . .	287
Jorge Washington . . . . .	290
Danton . . . . .	300
<i>A Danton</i> (Montenegro Cordeiro). . . . .	306
Desinteresse dos sabios . . . . .	308
<i>As machinas</i> (Guilherme de Azevedo). . . . .	312
Abrahão Lincoln . . . . .	313
<i>O navio negreiro</i> (Castro Alves). . . . .	316
Tiradentes, José Bonifacio e B. Constant. . . . .	325
Allocução á Bandeira . . . . .	331
<i>A' Bandeira</i> (Francisco Vianna). . . . .	344
X— O PORVIR . . . . .	345

EV  
70/4/7

